SANGUE CRUEL

CRÔNICAS DO QUATREFOIL - LIVRO 1

KATIE HAYOZ
OLIVIA WILDENSTEIN

SANGUE CRUEL

KATIE HAYOZ
OLIVIA WILDENSTEIN

TRADUÇÃO

ERIKA ROBLES

Copyright 2021 Olivia Wildenstein & Katie Hayoz

Título Original: SANGUE CRUEL

Preparação: Thátia Gonçalves

Revisão: Byanca Ismael

Capa: Olivia Wildenstein

Adaptação de capa: Manoela Wings

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e situações são produtos da imaginação do autor ou usados como ficção.

Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.

Todos os direitos desta edição reservados à:

DL BOOKS EDITORA

BOOKS

SANGUE CRUEL

GLOSSÁRIO_

Francês

allez-y – vai na frente

apéritif – uma bebida

berceau – berço

biensûr – com certeza

bienvenue – bem-vindo

bise – cumprimento costumeiro francês que consiste em dois beijos, um em cada bochecha

bom appétit – bom apetite

bonsoir – boa noite

bouchon em bois – rolha de madeira

bordel de merde – puta merda

chaton – gatinha

chérie – querida

chez moi – minha casa

chouchen – hidromel (especiaria bretã)

dieu merci – graças a deus

dieu sait pourquoi – só Deus sabe

dragon de merde – merda de dragão

enfoiré – filho da puta

fait chier – maldição
foutu – fodido
galette – crepe salgado
gare – estação de trem
guivre – wyvern – uma espécie de dragão de duas patas
horloger – relojoeiro
incroyable – incrível
j'en ai rien à branler – estou cagando e andando
Joyeux Noël – Feliz Natal
le mal – o mal
magie noire – magia negra
manoir – mansão
merci – obrigado
Monsieur Le Maire – Senhor Prefeito
mon dieu – meu Deus
oui – sim
mon amour – meu amor
non – não
pardon – desculpa
peste – pestilência
pouvoir – poder
Puit Fleuri – Poço Florido
putain – porra/caralho
putain de merde – puta merda
quartefeuille — quatrefoil – trevo de quatro folhas
salidou – caramelo salgado (especiaria bretã)
salut – ei
ta gueule – cala a boca
tabac – loja de conveniência
voilà – aí está

(Nosso) Bretão

arzoù-kaer – Belas Artes

diaoul – demônio

diwallers – guardiões

erenez e v'am – ate-se a mim

kelc'h – círculo

kelouenn – o pergaminho

groac'h – fada da água metamorfa

Istor Breou – História da Magia

dihuner – relógio

Saio do elevador privativo para encontrar a porta do meu loft recém reformado arreganhada.

Procuro alguma coisa no meu smoking que possa usar como arma, mas tudo o que encontro é um cordão de pérolas Taitianas, seis mil euros em notas e um Rolex Cosmograph Daytona. A Ópera de Marselha é um local lucrativo para bater carteiras. Xingando baixo, tiro um guarda-chuva do suporte perto da porta e avanço para o apartamento.

— Ora se não é o próprio Senhor Mary Poppins, meu delinquente favorito. — Bastian está sentado no sofá de couro devorando meu estoque de madeleines.

Jogo o guarda-chuva no balcão da cozinha e empurro seu tênis da mesa de centro cara.

— As portas tem essa coisa mágica chamada fechadura, maninho. Use-a.

Ele bufa.

— Ouvi seu carro, sabia que você estava subindo. O motor daquele negócio é *alto*. Estou surpreso que os vizinhos ainda não reclamaram.

Alto e lindo.

— Adoraria ver eles tentarem.

Bastian e eu nos conhecemos no meu terceiro lar temporário, sete anos atrás. Ele tinha quase onze anos e era um magricela que vivia com o nariz enfiado em um livro, com a pele um tom mais escuro que a minha e a alma dez vezes mais brilhante. Eu tinha treze anos e duas cabeças a mais de altura. Ficava na minha, e ele também. Mas aí nossos pais temporários acolheram dois cabeçudos abandonados com um punhadinho de massa cinzenta juntos. A diversão deles era bater a cabeça de Bastian dentro dos livros, gargalhando quando manchavam as páginas de sangue. No dia que os peguei no flagra, quebrei seus narizes. Durante o próximo ano, todas as vezes que faziam a vida de Bastian difícil, eu quebrava outras partes do corpo. Dedos dos pés. Dedos. Um braço. Por fim fui expulso da família. Levei Bastian comigo para o próximo lar infernal, já que fiquei com o coração mole para com o garoto.

A única coisa que talvez ame mais do que furto é aquele garoto. E madeleines.

— Vejo que você conseguiu algum dinheiro desde a última vez que visitei. — Bastian faz um gesto para a lareira customizada que passa pela parte de baixo da parede da sala, depois para o balcão de granito da cozinha, os bancos *le Corbusier*, e a mesa de centro Noguchi de vidro e bordo na qual estava com seus tênis imundos em cima há apenas um momento.

Algum é eufemismo.

Dou um sorriso ao admirar toda a beleza material que agora é minha.

— Vendi um Renoir perdido.

— Perdido ou roubado?

— Estava perdido no meio de uma bagunça de outras obras-primas. Uma pena. — Tiro o saco de madeleines de supermercado da sua mão.

Pode comer qualquer coisa no lugar, mas não elas. Essas são minhas.

Ao morder uma, olho um envelope grosso creme no sofá ao seu lado.

— O que é isso? — pergunto com a boca cheia. — Natal não é até amanhã.

— É, não é meu. Meu presente para você é minha visita. — Ele segura a carta para mim, é grande e quadrada e feita de papel de qualidade. — Estava sob a porta. Encontrei quando entrei.

— Huh.

Suas sobrancelhas grossas se juntam sobre as hastes de plástico preto dos seus óculos.

— Diz *Monsieur Rémy Roland*. Novo disfarce ilegal?

Pego o envelope da sua mão e engulo um bolo seco de madeleine. *Monsieur Rémy Roland conhecido como Slate Ardoin* está escrito em tinta azul escura com uma caligrafia elaborada.

— Que porra é essa*?*

Bastian murmura o tema de *Missão Impossível*.

— Rémy Roland conhecido como Slate Ardoin, sua missão, se escolher aceitar...

Meu olhar fuzilante o faz parar.

— Espera — a voz do Bastian quebra. — Roland é seu nome de nascença?

Ardoin é o sobrenome que me deram no sistema. Meu primeiro nome também é um presente do sistema, apesar que, quando se trata de nomes, Slate não é o mais fácil para uma língua francófona. Quem estava distribuindo apelidos aquele dia deve ter fumado mais baseado do que deveria.

Bastian sabe o passado da sua família de nascença – imigrantes algerianos que tiveram dificuldades na vida e pensaram que ele

estaria melhor com outra pessoa. Eu, eu sou um maldito fantasma. De acordo com o serviço social, surgi do nada.

Leio a caligrafia chique outra vez, então viro o envelope, passo o polegar pelo selo de cera azul marinho com um ornamental M maiúsculo enlaçado por um pequeno d curvo. *Pedante.* Quebro o lacre e puxo um monte de papéis. Uma chave escorrega e cai no tampo da mesa com um barulho alarmante. Por sorte, o vidro não lasca.

Leio a carta de apresentação enquanto Bastian pega a chave, uma carta escrita com a mesma caligrafia que marcou o endereço.

Monsieur Roland,

Meu nome é Professor Rainier de Morel. Sou o reitor da Universidade de Brume. Fundada em 1350 por quatro famílias locais, a universidade é rica em história e cultura.

Blá, blá, blá. Passo o olho pelas palavras até me prender em uma frase que faz meu sangue virar gelo.

Como um descendente das famílias fundadoras, você tem direito a uma bolsa completa, acomodação e alimentação inclusos. No envelope de materiais enviado, vai encontrar sua certidão de nascimento original. Antes de se tornar Slate Ardoin, você nasceu um Roland.

Nada em mim é macio, não meu corpo, não minha personalidade, ainda assim meus joelhos viram gelatina quando caio no sofá ao lado do Bastian.

— O quê? — Bastian pega a carta das minhas mãos, olhos se arregalando por trás das lentes retangulares.

Passo pelas páginas que estou segurando, e... *putain de merde*.

Ali está.

Minha certidão de nascimento.

Rémy Roland. Meu aniversário: 18 de novembro, e não 9 de outubro como a assistente social me disse. O nome dos meus pais: Eugenia e Oscar Roland.

É apenas um documento, um que não deveria fazer meu coração bater tão forte, mas pulsa contra a pele. Passo a certidão para Bastian.

Ele assobia e balança a cabeça.

— Você acha que é real? Se for, então vai precisar mudar sua identidade.

— Não vou mudar nada — rosno. — Meu nome é Ardoin. — Por que me associaria com pessoas que me jogaram fora como lixo do dia anterior?

— Mas você vai aceitar a bolsa de estudos, certo? Quero dizer, ouvi falar sobre essa faculdade. É prestigiosa. Tipo, no mesmo nível da Sorbonne.

— Não tenho nem o maldito ensino médio completo, Bastian.

Apesar de eu ter largado a escola depois do nono ano, Bastian gabaritou o exame final e entrou na faculdade um ano antes. O garoto poderia ser qualquer coisa. Um cientista espacial. Advogado. Neurocirurgião. Ao invés disso, está estudando para ser assistente social para ajudar as crianças como nós no sistema. Ao passo que

meu coração murchou e endureceu, o dele permaneceu puro e brilhante.

— Esse cara de Morel não parece se importar com diplomas. Você entra apenas com o nome de família.

— Meu nome de família é Ardoin.

— Slate, vamos lá... Ou deveria te chamar de Rémy?

Rosno, e Bastian ergue as mãos. Pego a carta de volta e continuo a ler:

Estava esperando pelo momento certo de lhe chamar de volta para seu local de nascimento e compartilhar um pouco da sua história familiar, já que seus pais não estão mais aqui para contar. Esse momento é agora. É vital que você venha para Brume, e logo. Por favor, não tente telefonar. Vou responder suas perguntas apenas pessoalmente.

Um dormitório de estudante foi disponibilizado, e você pode me encontrar no campus. As aulas começam dia 2 de janeiro. No testamento, seus pais deixaram dinheiro em uma conta no banco da universidade. Você vai poder utilizá-la para qualquer despesa extracurricular que possa ter.

Não posso falar como estou satisfeito em lhe receber...

Eu não fui despejado para fora do ninho.

Meu ninho foi pulverizado.

Meus pais estão *mortos*.

E esse babaca de Morel sabia o tempo todo.

Eu me levanto e rasgo a carta.

— O que diabos? — Bastian junta os pedaços como se fossem de uma nota de quinhentos euros.

Cada pedacinho de mim ferve de raiva.

— O que você quer dizer com *o que diabos*? Esse professor sabia que eu existia! Ele sabia que eu tinha uma história. Dinheiro. *Ele sabia meu nome*. E só me procurou *agora*? Onde ele estava com o dinheiro quando lutei com pombos para comer pão duro do lixo da padaria? Onde estava quando amassaram minha cara e passei dois anos sem os dentes da frente! Onde estava quando nós dois estávamos dormindo naquela fábrica abandonada com os malditos ratos só para ter um teto sobre nossas cabeças?

Bastian olha para os pedaços de papel nas mãos.

— Sim, dinheiro teria sido bom.

Mas não é nem o dinheiro que está me fazendo ver vermelho. Não exatamente. É essa sensação estúpida de alívio desenrolando o nó familiar na minha barriga. Eu sempre acreditei que ninguém me queria. Que talvez eu não posso ser amado. Mas meus pais não me abandonaram, eles morreram.

Mas meu alívio se transforma em amargura. Descobrir que esse homem sabia disso e nunca contou a ninguém – nem mesmo para o serviço social – me deixa com mais raiva do que ele ficar com meu dinheiro.

— Quem esse *enfoiré* pensa que é achando que pode entrar na minha vida depois de todo esse tempo e esperar que fique grato? E como ele sequer sabe onde moro?

Não vou de jeito nenhum para uma escola presunçosa em uma cidadezinha atrasada e fria lá na Bretanha. Fiz parte da infame escória da sociedade por tempo demais para sentar em uma sala de aula e ouvir vômito filosófico.

Bastian se levanta e vai para o balcão da cozinha. Coloca a chave em cima e abre uma gaveta, procurando até encontrar um rolo de durex.

— Sei que você não acha que merece um tipo de vida diferente...

— Acontece que amo minha vida. Olha para este lugar. — Faço um gesto para o loft espaçoso e sua vista livre do mar. — Além do mais, sou bom para caralho no que faço.

Bastian começa a juntar os pedaços da carta.

— Sim, você é bom nisso. E esse lugar é incrível. Mas bem no fundo, não acredito que é isso o que você realmente quer. E mais, você vive um dia de cada vez, sem saber quanto tem nos bolsos. E preciso te lembrar que seu ramo de trabalho é perigoso? Um deslize e está acabado.

Solto ar pelo canto da boca.

— Aqui está sua chance para fazer outra coisa. Algo além de apenas sobreviver. Quem sabe você pode até ser *feliz*.

— Feliz? — zombo. — Eu não lido com felicidade. Além disso, não faço parte da turma da faculdade. Não é meu estilo.

— Exceto...

Olho para a marina pelas janelas. De noite, o mar Mediterrâneo parece como uma língua preta lambendo a praia. Espero ele continuar. Quando não o faz, viro.

— Exceto o quê?

— Exceto que talvez *seja* seu estilo. Você nunca teve nem o mínimo de ideia das suas origens. E se você for descendente de uma longa linhagem de crânios alegres? Quero dizer, seus ancestrais fundaram uma *faculdade*. Você poderia ser realeza em Brume. Quem sabe? Mesmo que você não frequente as aulas, vá para coçar esse comichão que sempre teve.

Ele está falando sobre o comichão de ser *alguém*.

Bastian suspira e inclina a cabeça, zombando de mim.

— *Ou*, você poderia ir se vingar. Sangre o dinheiro desse cara. Durma com sua esposa. Seduza sua filha mais nova. Saqueie sua casa. Isso te faria feliz?

Ignoro o tom sarcástico do Bastian e dou um sorriso.

— Feliz é muito. Mas vingança seria... *agradável*.

Ele revira os olhos e volta para seu quebra-cabeças de papel.

Eu *poderia* fazer uma viagem curta, aprender sobre minha família com esse tal de Rainier, esvaziar meu fundo fiduciário.

Bastian me entrega a carta remendada e a chave.

— Vou com você.

— De jeito nenhum, maninho. — Se for comigo, vai me irritar para me matricular em algumas matérias. Vai querer fazer turismo. Transformar meu bate-e-volta em férias.

— Mas...

— Olha, ainda vou ficar aqui por mais uma semana. Pode me irritar o quanto quiser nesse tempo. No dia 31, vou para Bretanha – *sem você* – porque alguém precisa ficar para cuidar do Spike. — Spike é meu cacto, um agulha de Eva raro que tem quase um metro de altura e nesse momento está no meio da minha sala de estar cavernosa.

— Tudo bem. Contanto que você vá. Porque esta viagem, Slate. Tenho a sensação que vai mudar toda sua vida.

Um tremor desce pela minha coluna.

— Vamos rezar para que não.

CADENCE_

— Papa, vamos chegar atrasados. Está quase pronto? — Passo os olhos pelos cachos elegantes criados com a chapinha que Alma deu de presente no Natal passado e que acabei de tirar da caixa.

Para a infelicidade da minha melhor amiga, sou uma grande fã de manutenção mínima quando se trata do meu cabelo castanho quase liso. Mas tenho que admitir, ao observar meu reflexo no vidro protegendo o desenho de Gauguin, gosto do efeito.

— Desculpe, estava finalizando alguns detalhes para a festa de Ano Novo. — Os pneus da cadeira de rodas de Papa chiam contra o mármore branco do chão bem na hora que Alma chega.

— Olá, Rainier — minha melhor amiga cantarola, se inclinando para beijar as bochechas do meu pai, seus cachos comportados caindo em volta do rosto como um lençol de cobre.

— Seu casaco, Papa. — Seguro o cashmere grosso azul marinho.

Ele olha para mim ao passar os braços pelas mangas e sua testa enruga.

— Você está diferente, *ma* Cadence. Linda como sempre, mas diferente.

— É o cabelo. — Alma sorri. — Tenho duas palavras para você, Cadence. Mara. Vilhosa.

— Isso é uma palavra, na verdade.

— Não do jeito que falo.

Reviro os olhos.

— As luvas estão nos bolsos, Papa.

Ele as pega enquanto coloco as minhas. Brume tem duas estações: verão e inverno. Uma pena que não estão nem perto de serem iguais. Temos céus azuis e ar quente por dois meses – três, se tivermos sorte. O resto do ano somos engolidos por uma névoa de congelar os ossos que faz o ar parecer cortante e gelado.

A única pessoa na cidade inteira que parece não ser afetada pelas temperaturas frígidas é Alma. Não sei como ela ainda não teve nenhuma queimadura de frio nas pernas, já que seu armário consiste de minissaias e vestidos do tamanho de bonecas.

Como esta noite.

— Bonita saia. Bem natalina.

Ela espana a sua minissaia escarlate que combinou com meia calça translúcida de um tom mais escuro.

— Não é?

O telefone do meu pai toca enquanto saímos de casa. Ele atende e começa a conversar em respostas monossilábicas enigmáticas e baixas. Algumas vezes, acho que está tendo um caso, mas seria um caso se não tem esposa para trair?

Não tenho mãe desde uma semana antes do meu primeiro aniversário, e apesar de lamentar que Maman faleceu, não sinto sua falta. Você não pode sentir saudade de quem não lembra.

Alma fica para trás comigo enquanto fecho a porta.

— Suas partes femininas vão congelar e cair um dia desses — falo.

Ela pisca seus olhos cor de whisky para mim, e então inclina o pescoço para trás e solta uma gargalhada que ecoa contra todas as pedras antigas de Brume.

— Não posso acreditar que as palavras partes femininas acabaram de sair da sua boca, Cadence de Morel.

Sorrio ao nos afastarmos da mansão. Em segundos, a névoa cerrada, que é mais densa na base da cidade montanhosa, sobe do lago e engole minha casa.

Quando chegamos na rua de paralelepípedos que serpenteia por Brume como um sorvete rodopiante, seguro a cadeira de rodas de Papa. Apesar de não precisar da minha ajuda para manobrar, me preocupo com ele derrapando no gelo ou ficando preso em um monte fundo de neve.

— Você deveria pedir para o prefeito construir uma rampa para você, Rainier. Poderiam adicionar uma ao lado das escadas. — Alma faz um gesto na direção de uma das escadarias talhadas no flanco de Brume, que facilitam o acesso para os diferentes *kelc'hs*, ou círculos.

Pessoas sem originalidade tem ruas, Brumianos tem círculos.

— Seria íngreme demais — digo.

Além disso, quando Papa precisa com certeza estar no campus, alguém da brigada de incêndio o leva até lá com o veículo utilitário elétrico – o único carro permitido na nossa cidade de pedestres.

Os olhos de Alma se iluminam.

— Aah. Imagine como seria divertido descer escorregando.

— Imagine como seria perigoso.

— Sempre a estraga prazeres.

— Você quer dizer, sempre a adulta cuidadosa? — retruco.

Papa balança a cabeça para nós, mas solta uma risadinha curta.

— Ainda vou sugerir a rampa para nosso querido prefeito durante o jantar de hoje.

Faço um barulho zombeteiro.

— Mal posso esperar para ouvir seus argumentos.

— Vai ser bom para o turismo.

— Como? — desafio.

Ela ergue as mãos e as afasta, criando uma placa imaginaria.

— *Escorregue pelo Chapéu de Merlin*. O que você acha, Rainier?

— Acho que nossa cidade é turística o bastante, Alma, *chérie*, mas admiro seu entusiasmo.

— Descobri de quem Cadence herdou seu lado estraga prazeres. — Ela faz biquinho, mas é pequeno e rápido como todas as reações de Alma.

Logo está tagarelando sobre outra coisa enquanto estou presa olhando para a fachada pálida da prefeitura que se destaca como um fantasma no meio da névoa espessa. Quatro anos atrás, nosso jantar de Natal foi ali, no apartamento particular dos Mercier no último andar. Frango crocante com castanhas e cenouras glaceadas. Ainda posso me lembrar do sabor da refeição, a sensação dos braços de Camille ao redor dos meus ombros, o cheiro de talco floral na base do seu pescoço.

Talvez fosse por isso que nunca senti falta de Maman... porque tinha Camille Mercier.

Agora, o cemitério da cidade as têm.

Dois alunos da faculdade passam correndo por nós, dando risada quando um deles leva um tombo em um pedaço de gelo. Ele se levanta e chacoalha a neve molhada das costas do casaco.

— Você está bem, filho? — Papa pergunta ao manobrar a cadeira para desviar do gelo.

O garoto – acho que seu nome é Patrice – parece surpreso com a preocupação do meu pai, mas então vê a cadeira de rodas, e reconhecimento nivela suas feições.

— *Oui,* Monsieur de Morel. *Merci*.

— Tome cuidado. Não queremos que você comece o segundo semestre em uma destas. — Papa inclina a cabeça para a cadeira.

— Vou tomar mais cuidado.

Alma move os dedos.

— Tchau, Patrice.

Não posso acreditar que estava certa sobre o nome dele. Diferente de Alma, meu cérebro não está configurado para lembrar dos detalhes mais sutis das pessoas. Mas faça um teste rápido de história comigo e vou te surpreender.

— Boa noite, moças, Monsieur de Morel. — Patrice espana o casaco uma última vez antes de seguir o amigo para um dos estabelecimentos mais velhos de Brume, *La Taverne de Quartefeuille*.

A velha pousada, transformada em restaurante séculos atrás, fica na borda da praça que abriga o *Puits Fleuri* – um poço construído durante a Idade Média que, segundo boatos, realiza os desejos de quem jogar uma moeda. Eu acredito nisso? Não. Mas gosto de lendas e li *Istor Breou*, um volume antigo sobre a história da magia Brumiana, de capa quebradiça a capa quebradiça mais vezes do que gosto de admitir.

Minha bota encontra uma pedra escorregadia e seguro a cadeira de rodas com mais força para evitar cair de cara no chão. Alma me dá uma cotovelada depois que recuperei o equilíbrio. Acho que está prestes a se oferecer para trocar de lugar na direção, mas não. Ela acena com a cabeça para dois rapazes apoiados no poço, bebendo

de canecas de cobre batido. Preciso de um minuto para descobrir quem são – Paul e Liron.

Liron é o ex de Alma. Eles se conheceram durante o verão quando trabalharam como monitores nos acampamentos de verão da universidade, namoraram até outubro e depois terminaram de maneira amigável. Ainda ficam de vez em quando, mas isso tem mais relação com as opções serem escassas por esses lados do que atração ardente.

— Liron estava me falando que Paul quer te chamar para sair. — diz em um sussurro teatral que rezo para não ser carregado até os garotos.

— Quem quer chamar Cadence para sair? — As pernas de Papa podem não funcionar, mas seus ouvidos funcionam muito bem.

— Ninguém, Papa.

— Paul Martinol.

Dou um olhar afiado para Alma, o que apenas faz seu sorriso aumentar. Juro, ela vive para me fazer passar vergonha.

Papa encara o pobre do Paul, fazendo manchas vermelhas aparecerem na sua pele. Ele enrubesce como eu. Pode ser até pior, na verdade. Ou talvez parece mais marcado, porque seu cabelo é vermelho e a pele cheia de sardas.

— Não estou interessada — falo para os dois, Alma e Papa.

Meu coração está decidido por outra pessoa.

Alguém completamente fora de alcance e totalmente desinteressado.

Alguém cuja a casa alcançamos alguns minutos depois no Terceiro Kelc'h.

Adrien Mercier.

O filho de Camille abre a porta da frente, cabelo loiro penteado para trás, mangas da camisa dobradas até os cotovelos. Depois de

nos dar um grande sorriso e cantarolar *Joyeux Noël*, ele pega a cadeira de Papa e a ergue sobre os dois degraus da frente, músculos contraindo nos seus longos braços.

— Posso ver que Charlotte não conseguiu vir — Alma fala para Adrien, balançando as sobrancelhas sugestivamente para mim. — Que pena.

— Se você não fosse minha melhor, e única, amiga — sibilo —, te jogaria no mausoléu da minha família.

— Ah, por favor. — Ela revira os olhos. — Eu amaria isso. Poderia passar um tempo com Viviene.

— Que está morta.

— Não de acordo com os boatos. O fantasma dela foi visto em vários lugares de Brume.

— Por bêbados e guias turísticos.

Supõe-se que sou descendente da lendária feiticeira que prendeu Merlin em uma caverna sob uma pedra na floresta vizinha de Brocéliande. Alma está convencida que também sou descendente de Merlin, mas Viviene tinha reputação de ter muitos amantes, então quem realmente sabe?

— Aqui. — Adrien estica o braço para meu casaco fofo prateado e seus dedos roçam contra os meus. — Deixe isso comigo.

Bochechas queimando, murmuro um rápido *merci* e entro na sala de estar onde Papa e o pai de Adrien, Geoffrey Keene, estão trocando gentilezas apesar de nunca terem nada gentil para dizer um do outro.

Os dois, Geoffrey e Papa, se casaram com um membro das famílias fundadoras de Brume. Enquanto Geoffrey manteve o próprio sobrenome, meu pai assumiu o de minha mãe, algo que Geoffrey ainda usa para provocá-lo ao menos uma vez ao ano. Na minha opinião, acho o gesto de Papa generoso. Maman queria que

eu desse continuidade ao seu nome de solteira, e meu pai queria garantir que ninguém esquecesse que sou sua garotinha.

Mas a raiz do ódio deles vai mais fundo do que provocações sobre nomes de família. Meu pai odiava o prefeito de Brume desde que tentou seduzir Maman, apesar de ambos serem casados.

— *Bonsoir*, Cadence. — Os olhos de Geoffrey, que são do mesmo mosaico marrom e verde do seu filho, passam pelo meu corpo, absorvendo a calça skinny preta que combinei com uma blusa de gola rolê grossa e sem mangas. Não acho que está olhando para minha roupa tanto para as curvas nos meus quadris e peito.

— Fiz um pouco de *vin chaud* — Adrien anuncia. — Posso pegar um copo para vocês?

— Hmm. — Alma se acomoda no sofá de couro. — Pode trazer, Professor M.

— Seus pais não conseguiram voltar para as festas de final de ano? — Geoffrey pergunta para Alma.

— Ah, você conhece meus pais, Monsieur Keene. Não são fãs de feriados. — Ela pega um punhado de castanhas de caju da mesa de centro e as mastiga enquanto vou ajudar Adrien a encher as canecas de vinho quente.

Os pais de Alma eram professores aqui na faculdade. Tiveram Alma tarde na vida, e então, dois anos atrás, a deixaram sob os cuidados do meu pai e se mudaram para uma ilha perto da costa da Índia onde dão aulas de inglês para crianças carentes.

Apoio o quadril no balcão da cozinha de Adrien.

— Obrigada por nos receber essa noite.

Ele desvia o olhar da panela de vinho e sorri, o que faz sua mandíbula quadrada parecer ainda mais definida.

— Você acha que no meu primeiro Natal de volta eu não tentaria retomar a tradição?

Meu olhar vai para o retrato pintado a óleo da mulher que fazia o feriado tão especial, que fazia todos os dias especiais. Como ninguém percebeu sua depressão sob seus sorrisos? Claro, Adrien estava longe, em Cambridge, mas Geoffrey estava aqui. Papa estava aqui. *Eu* estava aqui. Como todos nós não percebemos os sinais? A memória de Papa explicando que ela não iria voltar ainda me abala, mesmo depois de quatro anos.

— Obrigada por me deixar trazer Alma — falo, voltando a atenção para o garoto que Camille deixou para trás.

O garoto que é como ela de tantas maneiras – incrível, inteligente, gentil.

Ele me dá uma caneca.

— Alma é bem-vinda a qualquer hora. — Ele pega mais duas e inclina a cabeça para a sala de estar.

Diferente do seu pai, seus olhos não vagam pelo meu corpo. Ficam parados no meu rosto. Gostaria mesmo que olhasse mais para baixo, percebesse minhas novas curvas, percebesse que não sou mais a garotinha de maria chiquinhas que ele considerava como irmã.

Ele tem uma namorada, eu me lembro ao andar na sua frente. E é seis anos mais velho. Ainda assim, decepção cresce dentro de mim.

Ao me sentar ao lado de Alma, dou um grande gole frustrado no vinho com especiarias. É delicioso, então dou outro, e lambo os lábios para pegar qualquer gotinha fugitiva. Estou prestes a elogiar Adrien por ter feito a melhor bebida que já provei quando o pego encarando minha boca.

Seu olhar sobe para meus olhos e depois desvia, e se acomoda no sofá, passando uma mão pelo cabelo. Ele pergunta alguma coisa para Papa que não escuto porquê estou muito ocupada ponderando se o imaginei encarando minha boca.

E se isso significa alguma coisa?

SLATE_

Para comemorar o último dia do ano, reservo um lugar no TGV, o trem bala da França.

Destino: Brume, cu do mundo.

Enquanto passamos pelo viçoso campo francês, navego por páginas da internet a respeito da antiga cidade pitoresca, um tesão para um turista – uma vila medieval perfeitamente preservada, construída em uma encosta, ao redor de um templo secular, agora a biblioteca da universidade, que abriga o relógio astronômico mais antigo da humanidade. Ruas de pedra ladeadas por casas estilo enxaimel, de madeira e calcário cinza, saem em círculos do templo até o *Lac de Nimueh* de um lado e a *Forêt de Brocéliande* do outro.

O cemitério na base da colina é famoso. A fada ou bruxa ou que seja da lenda Arturiana estaria enterrada na cripta da família de Morel. Já o feiticeiro Merlin, está supostamente preso pela eternidade na floresta, depois que Viviene o enganou para entrar em alguma caverna que então bloqueou com um pesado menir. Mulher ardilosa.

Tenho que admitir que é inteligente acrescentar personagens fictícios na sua árvore genealógica. Talvez compre um pedaço de terra, coloque alguns menires e declare como local de descanso dos meus muito distantes tatara-tatara-tatara-tatara-tatara tios Obelix e

Asterix. Aposto que poderia fazer uma grana de turistas desavisados.

Bato com o dedo na tela do telefone, deixando a oportunidade de negócio de lado para focar no meu destino e nos itens raros e valiosos que com certeza irei encontrar. Quer dizer, tem o relógio, mas considerando que é do tamanho de uma nave espacial, não posso exatamente colocar no bolso do meu casaco de alfaiataria.

Um alerta de um novo e-mail do Bastian aparece. Clico e passo os olhos pela pesquisa completa do folclore local e contos estranhos. Alguma merda sobre Brume ser o local de nascimento da magia. Mais merda de como celebram essa história mágica usando fantasias durante o ano. E então... a varejeira em cima do monte de esterco quente... as histórias de artefatos amaldiçoados. Eu me pego dando uma risadinha ao ler. Quer dizer, fala sério. Quão ingênuas são as pessoas?

Minha risada atrai o olhar de uma mulher sentada do outro lado do corredor. Ela morde o lábio inferior, afundando a pele macia. Tem brilhantes bons nas orelhas, cada diamante maior do que a unha do meu dedinho, mas não estou no clima para aliviá-la do seu comichão *ou* dos seus brincos.

Eu me viro para a janela pelo resto da viagem, me concentrando no ódio crescente por esse Professor Rainier de Morel. Como me ignorou até que servisse ao seu propósito. Não é algo que posso perdoar com facilidade. Não é algo que *quero* perdoar.

E mais uma vez, como caralhos ele sabia onde eu morava? É possível que isso irrite mais do que qualquer coisa porque significa que estava me seguindo, e gosto de ser seguido tanto quanto gosto de ser apunhalado na mão com uma faca de serrinha.

Distraído, passo o dedo na ferida, uma linha pálida que parece um zíper devido a minha nada estelar habilidade de costura. Não

que as ferramentas – gin, linha de pesca de nylon, e uma agulha enferrujada – tenham sido ideais para costurar a pele. Movimento os dedos, o que evidencia a cicatriz branca. Bastian diz que tive sorte que não danificou o tendão, sorte que ainda posso usar o polegar.

Não acredito em sorte.

Ainda tenho um tendão porque lutei para salvá-lo.

Lutei para me salvar da situação de merda na qual fui sorteado.

No momento que chego em Brume, não tenho dúvida que o lugar está à altura do nome. Uma névoa cinza metálica cobre a colina inteira, e dedos gelados de frio entram pelo colarinho do meu casaco de lã. Enquanto ando da estação de trem para a entrada fortificada da cidade, não posso evitar bufar com como é pitoresca. A pesquisa de Bastian disse que esse lugar também era chamado de Chapéu de Merlin de vez em quando, mas na minha opinião, os postes serpenteando para cima parecem mais como velas em um bolo de mais de um andar do que estrelas em um chapéu de feiticeiro.

Barulho me leva por uma escadaria irregular de pedra, para uma rua cheia de pessoas vestidas com chapéus de bruxas e capas de feiticeiros pretas. Alguns carregam gatos pretos de pelúcia, outros usam barba ou verrugas falsas. Guirlandas de ramos de pinheiros e visco enfeitam fachadas, e velas adornam janelas enevoadas. Um vendedor serve vinho com especiarias de um grande caldeirão no meio do que presumo ser a praça da cidade, considerando que é *quadrada* e animada.

Têm risada e danças, mas nada como a libertinagem a qual estou acostumado. Nada como Marselha, com clubes estourando a

música nas calçadas, restaurantes cheios de bêbados alegres, motos correndo por passagens. Aqui não tem carros, nem motos, nem fogos de artifícios. Nada de luzes neon ou música de balada. Apenas nerds e coroas excêntricos balançando varinhas de LED.

Eu me espremo pela multidão de aldeões, ombros apertados com excesso de corpos. Normalmente gosto de multidões, gosto de *trabalhar* nelas. Já que não estou trabalhando, o contato de muitos membros faz meus dentes cerrarem.

Uma vez livre da aglomeração, abaixo o olhar para o aplicativo de mapa, seguindo as direções para os dormitórios. Quando passo pela última das lojas, a rua serpenteante se esvazia de pessoas e se enche de sombras. Uma criatura peluda e preta atravessa a rua, a centímetros das minhas botas. Não surpreende que as pessoas pensem que esta cidade tenha origens perversas, parece como algo saído de um conto de fadas dos irmãos Grimm.

A umidade fria açoita minha pele quando finalmente piso embaixo de um painel retangular bronze e iluminado, preso entre duas casas com uma corrente. As palavras TERCEIRO KELC'H brilham enquanto balança e bate. Como diabos as pessoas que moram por perto suportam esse barulho irritante? Teria soltado o negócio e derretido.

Hm.

Talvez eu *possa* soltar. Poderia valer alguma coisa se for original. Tiro uma foto, depois volto a estudar o mapa e passo por casas estreitas feitas de pedra cinza e madeira úmida que se inclinam uma contra a outra como crianças carentes de amor.

Apesar de não se parecer em nada com um campus que vi antes, os dormitórios e casas dos professores deveriam começar neste círculo. Acho o endereço que Rainier de Morel colocou na carta, uma casa de três andares com um grande trevo de quatro

folhas marcado sobre a porta. Coloco o código de segurança, subo por escadas que rangem, e abro a porta marcada com um número três de latão.

O quarto além de apertado é baixo. Quem diabos costuma morar aqui? Elfos? As paredes e chão são de madeira gasta, e a cama, a mesa de cabeceira com pés de garras, a cômoda de três gavetas e o armário coberto por um espelho manchado também. Uma janela feita de painéis de vidro quadrados mostra a rua brilhante espreitando sob a névoa densa. Nada de banheiro anexo, nada de arte empoeirada nas paredes, nada de bugigangas na cômoda. Jogo a mala no colchão sem lençol.

Música pop sai do quarto ao lado do meu, do tipo que Bastian adora, do tipo que faz meu estômago revirar. Não consigo aturar músicas grudentas de amor. Assim como não consigo aturar vizinhos. Em especial estudantes sem preocupações. O cenário todo parece um pouco demais com um lar temporário. Pelo menos tenho uma porta e uma fechadura, mais do que tinha durante meus anos formativos.

Depois de conferir o conteúdo da cômoda e do armário – ambos vazios – decido que não vou virar o Ano Novo nesse buraco élfico. Abotoo o casaco e fecho a porta, o 3 de latão balançando de um lado para o outro enquanto tranco e guardo a chave. Deixo a rua serpenteante de lado por uma escadaria salpicada com sal que leva de volta ao Segundo Kelc'h. Neve começa a cair. Como se essa cidade não fosse suficientemente invernal.

Compro um copo de vinho quente e uma *galette* de presunto e queijo de uma lanchonete chamada *Merlin's Baguette*, em seguida ando pelas pedras até a praça. Em algum ponto, me encontro discutindo o custo de um drinque decente com um monte de segundo anistas inebriados. Compramos várias garrafas de vinho de

uma *tabac* indo de super barato até meio caro para testar nossas teorias antes de chegarmos à conclusão que, depois de vários drinques, qualquer coisa é decente.

Mas mesmo com a distração e o álcool, não posso tirar a audácia do Rainier de Morel da cabeça. Engulo uma boca cheia de Pinot Noir toda vez que penso nele. E com cada golada, fico mais e mais irritado.

Os aldeões começam a cantar uma música melancólica em Bretão. Parece que estão enterrando o ano que passou ao invés de celebrar o que chega.

Deixo a praça e cambaleio pela rua ventosa, a garrafa pela metade e raiva transbordante minhas únicas companheiras.

Quero fazer *alguma coisa*. Algo mesquinho para me sentir melhor. Então, quando tropeço no terreno do cemitério e me encontro na frente de um mausoléu com DE MOREL entalhado na pedra, dou um sorriso de orelha a orelha. Lembro de Bastian dizendo, *"Saqueie sua casa. Isso te faria feliz?"*

Não é a casa dele, mas vai servir.

Minha visão turva antes de clarear e aguçar. *E sim, Bastian, me faria muito feliz.*.

Estou prestes a conhecer a lendária Viviene, alguns tataravós empoeirados, e um primo de segundo grau pervertido, porque todas as famílias têm um desses. Ou pelo menos todas as famílias com quem morei tinham algum parente carinhoso demais. Não que alguém tenha conseguido colocar a mão dentro das minhas calças, mas alguns tentaram. Um acabou com dedos esmagados, o outro faltando uma falange. Álcool embaça a memória dos rostos feios.

A estrutura de granito brilha de maneira intermitente por trás da névoa, uma versão miniatura do panteão, completa com um pórtico

de quatro colunas. Dou um passo entre as colunas e quase beijo uma barra de ferro. Maldita névoa.

Atrás do portão de ferro, posso ver a estátua de uma mulher, entalhada de forma que sua túnica de pedra e cabelo estão sempre soprando no vento. Ela está de pé sobre uma tumba gasta pelo tempo inscrita com o nome VIVIENE que está tão gasto que é quase ilegível.

Putain de merde. Balanço as barras, mas nem se movem. Essa não pode ser a única maneira de entrar. Tem que ter uma porta digna das ferramentas que carrego sempre. Tropeço de volta na neve e dou a volta na construção. Com certeza, tem uma entrada lateral que poderia mostrar as palavras INVADA POR AQUI em letreiro neon.

Pego a micha e a chave de tensão do bolso interno do casaco e forço o cadeado. As dobradiças enferrujadas gritam quando abro a porta de ferro. O fedor de mofo, terra e carne apodrecendo lembra muito o terceiro lar temporário. Memórias queridas para caralho.

Com a lanterna do telefone, faço um inventário. Oito caixões estão em prateleiras fundas entalhadas nas paredes, cobertas com teias de aranha e musgo. Um sarcófago de pedra com um trevo de quatro folhas gravado na tampa está no meio da cripta como um farol.

Dou outra golada de Pinot Noir, e solto a garrafa no chão cheio de terra. Ela vira e derrama, manchando o ar mofado e pestilento com vinagre.

Começo com os caixões dispostos como hors d'oeuvres, prontos para serem atacados. Um bom chute e a madeira apodrecendo no primeiro caixão quebra. Um esqueleto olha feio para mim de dentro, moedas velhas de um centavo onde seus olhos deveriam estar.

Os outros sete são tão fáceis quanto de abrir. Coloco no bolso um broche de pérola, dois colares feitos de pedras preciosas, vários anéis de ouro e botões de safira. Não tem uma razão verdadeira para gastar qualquer esforço em abrir o sarcófago.

A regra do saque é *entrar e sair*. Meu segundo pai temporário, Hector, ensinou isso. Ele aprendeu da maneira difícil, passando um tempo atrás das grades por demorar quarenta e três segundos a mais para abrir uma gaveta que deveria ter deixado fechada.

Mas isso é diferente. Isso é pessoal. Então não vou deixar nenhuma pedra de pé.

Estou aqui para causar danos.

Usando um osso de coxa do caixão número três como um pé de cabra, começo a abrir a tampa de pedra pesada, minha respiração saindo em nuvens brancas. A plaqueta no sarcófago lê *Amandine de Morel* – a irmã de Rainier? Prima? Mãe? – e marca sua morte em 29 de fevereiro, dezessete anos atrás. Estou bêbado o bastante para achar isso ao mesmo tempo engraçado e meio de partir o coração. Imagine o aniversário da sua morte ser marcado apenas a cada quatro anos.

Isso me faz pensar em quando exatamente meus pais morreram. E como? E se talvez estão enterrados em algum lugar desse cemitério congelado e sinistro.

Não tenho certeza se quero saber.

A pedra vai alguns centímetros para o lado enquanto a movimento com meu osso capcioso. Quando finalmente tem espaço o bastante para segurar a borda, empurro a maldita coisa com toda minha força. Escorrega, revelando um caixão de mogno brilhante dentro. A tampa abre como um dente podre, e como um dente podre, o cheiro é de lacrimejar os olhos.

Minha primeira reação, depois de querer vomitar todo o vinho, é de decepção. Todo esse sacrifício por um corpo em decomposição sem nenhuma coroa ou tiara cheia de joias. Não tem nem os centavos sem valor sobre as pálpebras como os outros, e as mãos não estão unidas em reza em volta de uma herança de família.

Ela tem apenas uma mão sobre o coração. O braço esquerdo está enfiado sob a seda em deterioração da saia. Com um dedo enluvado, empurro o material para o lado.

Puta. Que. O. Pariu.

Bingo.

Um anel de ouro com uma gema escarlate enorme adorna a pele retraída do seu dedo ossudo. A pedra oval parece que saiu de um museu. Algo guardado atrás de vidro a prova de bala e protegido por um sistema de segurança de última geração.

Solto um grito de celebração, soluçando devido a minha festa de vinho, e então pego o telefone de onde está apoiado em uma prateleira e aponto a lanterna direto para o anel. A pedra vermelha é tão translúcida que parece pulsar e rodopiar. Gosto de coisas bonitas. Mas isso... isso vai além de bonito. É deslumbrante.

Eu o pego. É maior do que esperava, mais pesado. Amandine de Morel deve ter tido mãos bem grandes. Tem palavras gravadas no aro, escritas em uma linguagem que não me é familiar. Ainda assim, as digo pela diversão: "*Erenez e v'am*."

Na minha cabeça, já estou compilando uma lista de compradores em potencial para esta belezinha.

Tirando a luva de couro com os dentes, coloco o anel no dedo do meio. A pedra, que cobre o dedo até o nó, é estranhamente quente. Ergo a mão e mostro o dedo para toda a cripta. Mas o que estou mesmo fazendo é mostrando o dedo para Rainier de Morel.

— Vai se foder, de Morel, seu *enfoiré*! — Minha voz reverbera nas paredes úmidas.

Na minha bebedeira, parece que toda a maldita cripta balança e inclina. Seguro o receptáculo de pedra e espero os tremores passarem.

Puxo o anel para guardar dentro dos bolsos com o resto dos espólios, mas o maldito não se move. O que é muito errado, porque estava largo ao colocar.

Dou um puxão. Com cada puxada, a pele do meu dedo do meio vira e estica como se o aro estivesse colado com super bonder na pele.

— *Bordel de merde!* — xingo.

Pelos próximos quinze minutos tento tudo que posso pensar para remover o maldito anel, além de cortar o dedo fora. Tento ensopar com a manteiga de cacau no bolso do meu casaco. Tento encaixar contra o canto do sarcófago e arrancar. Tento forçar com os dentes. Cutuco com a chave do dormitório. Nada. Numa última tentativa, o herege que sou tenta rezar.

Basta dizer, não faz merda nenhuma.

Pânico segura meus pulmões com punhos de ferro enquanto cambaleio para fora da cripta. A neve parou de cair, mas a temperatura despencou. Preciso de um minuto, mas finalmente consigo esticar a luva de couro sobre o anel. Por um triz.

O caroço me faz ter mais raiva do *salaud* Rainier de Morel. Seu nome em círculos na minha cabeça.

Mantenho os olhos baixos, colocando um pé na frente do outro, sem prestar atenção a nada na minha fúria embriagada. É aí que colido com algo macio e escorrego no chão congelado. Caio, e o impulso vira o conteúdo dos meus bolsos.

— *Putain de merde.* Olhe por onde anda! — ralho, pegando meus espólios espalhados.

— Por que *você* não olha por onde anda? — exige uma voz feminina. Grave, mas melodiosa o bastante para não ser confundida com um homem.

Dedos finos e pálidos se esticam e pegam o broche. Pego de volta. Sei que estou agindo como uma criancinha, mas realmente não dou a mínima. Não esta noite.

— Não ia *roubar*, só estava tentando ajudar. — Ela se arrasta para trás no seu coturno preto aparecendo sob uma longa saia preta.

Ergo os olhos e inclino o pescoço para continuar. A saia preta texturizada esconde suas pernas, e um casaco fofo prateado, apesar de apertado na cintura, esconde seu peito. Mas posso ver seu rosto, nariz bem reto, queixo levemente pontudo, lábios carnudos vermelhos, e olhos que parecem translúcidos apesar das sombras lançadas pela aba do chapéu de bruxa ridículo.

A fumaça branca da minha respiração borra seu rosto. Seguro minha próxima exalação, tempo o suficiente para suas feições apurarem. Caralho, ela é... *angelical*.

Qualquer outra hora, qualquer outro lugar, ligaria o charme, mas hoje a noite, estou em uma missão. E essa missão é vingança. Preciso me concentrar.

— Ajuda? Pedi sua ajuda? Acho que não. — Recolho todos meus berloques, fico de pé e então me espano e saio andando.

Ela chama por mim, um insulto, acho, mas o vento pega suas palavras antes que me alcancem.

Rainier de Morel, Rainier de Morel, Rainier de Morel.

Coloco o endereço da carta no telefone e sigo o mapa brilhante para a mansão colossal de pedra ao lado. E não quero dizer grande

demais comparada com as casinhas de boneca que enchem a colina empedrada, quero dizer colossal com jardins enormes e um portão alto de ferro trabalhado.

Uma placa dourada pretensiosa está fixada nos portões abertos: *Manoir de Morel*.

Puxo as luvas mais firmes sobre as mãos e subo pelo caminho que leva na direção do som de risadas e música.

CADENCE_

Um ladrão.

É o que o estranho com quem acabei de trombar deve ser. Que tipo de homem carrega um broche? Quem usa broches hoje em dia? A não ser que comprou de presente para sua avó, mas não deveria estar embrulhado se fosse o caso? Além disso, não foi a única coisa que derramou dos seus bolsos. Talvez devesse reportá-lo. Mas é véspera de Ano Novo, e estou me sentindo generosa.

Também estou com muito frio.

A camada salpicada de neve congelou sobre Brume. Os telhados de ardósia, galhos de carvalho desfolhados, e decorações de Natal parecem cobertas com baunilha e cristais facetados.

Enquanto subo as escadas para o Segundo Kelc'h, fecho os dedos formigantes em um punho apertado dentro dos bolsos do casaco fofo. Alma disse que estava tomando "apenas um drinque" na taverna, mas deve ter se transformado em dois porque não está no ponto de encontro.

Não deveria ficar surpresa que ainda não chegou. Ela *sempre* está atrasada. Passo os olhos pela multidão na praça, procurando pela cabeleira cobre. Quando falei com ela mais cedo no telefone, sua voz estava tão aguda que falei que a encontraria na cidade ao invés de deixá-la descer a traiçoeira escadaria íngreme sozinha.

Não queria que torcesse o tornozelo, com sua propensão para saltos enormes – propensão formada pela sua insatisfação aguda com sua altura de um metro e sessenta.

Olho para o relógio pela quarta vez no período de dois minutos. Os ponteiros parecem particularmente lentos. Talvez, também estejam meio congelados.

Solto ar quente nas mãos, desejando ter colocado luvas de verdade no lugar das rendadas e sem dedo que encontrei no sótão. Pelo menos coloquei um longo vestido de lã abotoado até o pescoço. Alma tentou me dissuadir de vesti-lo para a festa quando o descobrimos semana passada nos baús empoeirados cheios de roupas de Maman, mas a peça gritava bruxa. Além disso, apesar de ser bobo, saber que Maman o vestiu faz um pouco especial.

O chapéu preto pontudo enfeitado com pelo bordô falso é a única coisa nova da minha roupa. Eu o vi na janela da loja *Au Bon Sort* no outro dia e não pude resistir comprá-lo para usar hoje à noite. Gaëlle disse que recebeu apenas um, então não teria ninguém igual na festa.

A família de Gaëlle, como a minha, é uma das famílias fundadoras de Brume. Ela tem o dobro da minha idade, mas é como uma irmã. Desde que seu marido a deixou um mês antes dela parir os gêmeos, ajudo sendo babá dos meninos ou cuidando da loja sempre que seu enteado não pode.

— Hey, bruxa sexy! — a voz aguda da minha amiga me faz pular um pouco.

Seus cachos naturais pulam e brilham cobre sob as luzinhas de fada dispostas em volta da placa pendurada por correntes do Segundo Kelc'h. Ela está usando uma versão encolhida do meu chapéu pontudo, de lado. Está preso com um clipe e tem um pequeno véu com uma aranha de brilhantes. Seu vestido também é

uma versão encolhida do meu, chegando à metade da coxa e meio do peito. E assim como previ, suas botas na altura do joelho têm plataformas que quase a deixam alcançar minha altura de um e setenta e cinco. É óbvio que não sou a bruxa sexy em Brume essa noite.

Coloco as mãos de volta nos bolsos.

— Como você não está congelando?

— Estou com meia-calça.

— Meia arrastão não se encaixa em meia-calça.

Suas pernas brilham enquanto anda na minha direção.

— São brilhos nelas? — Minhas palavras formam uma nuvem leitosa.

— Uhum. Eu mesma colei. — Ela se vira, e o vestido flutua, me mostrando – e um pequeno grupo de garotos universitários fumando cigarros na frente da taverna – a cor da sua calcinha: rosa choque. A garota *não* tem vergonha. Ela passa o braço pelo meu.

— Obrigada por vir me buscar. Você é a melhor de todas, Cadence.

— Você parece um pouco embriagada. — Ela cheira *muito* embriagada, no entanto, como se estivesse usando partes iguais de Cabotine e Dom Pérignon.

Ela dá uma risadinha.

— É véspera de Ano Novo! Claro que estou embriagada. A pergunta é, por que você não está?

— Porque vamos a uma festa na minha casa, e Papa me colocaria de castigo até meu aniversário de quarenta anos se estiver bêbada.

— Tem uma diferença entre embriagada e bêbada. Além do mais, você precisa viver um pouco. Sabe, pensei que talvez você

tivesse mesmo começado a festejar porque senti o chão tremer mais cedo. Mas aí procurei por porcos alados. E nada...

Bato meu ombro no dela.

— Haha. — Também senti o chão tremer mais cedo. A orquestra que meu pai contratou para a festa estava testando o equipamento de som, então achei que fosse isso.

Alma continua:

— Essa deveria ser sua resolução de Ano Novo: finalmente relaxar e agir como dezessete ao invés de setenta!

— Não ajo como se tivesse setenta anos!

Ela faz um ruído irônico no fundo da garganta.

— Quer saber? Acho que esse ano você vai ficar com aquele vassonoivo seu. — Ela aperta os dedos em volta da manga do meu casaco fofo, os saltos batendo contra as pedras.

— Vassonoivo?

Os olhos dela brilham como se também tivesse usado cola quente para colocar brilhos nas íris.

— Noivo vassoril? Você não gosta do meu humor de bruxa?

Abro um sorriso.

— Quanto champanhe você tomou *de fato*?

Ela apenas sorri e então faz fofoca sobre suas colegas de casa enquanto andamos pela rua sinuosa e brilhante, descemos as escadas, e vamos na direção dos portões abertos da minha casa.

As pedras velhas do caminho que levam para a porta da frente vibram com música clássica new age. Todos os anos, damos a festa de véspera de Ano Novo de Brume. É tradição há gerações. Os visitantes da cidade se vestem como bruxas e bruxos para comemorar a história de Brume, e fazemos o mesmo. Só que dentro de casa com *hors d'oeuvres* e aquecimento central.

Um homem parado na entrada abre a porta pesada de madeira laqueada, e entramos no vestíbulo. Alma solta um assobio baixo de apreciação. Papa contratou um time de profissionais de Paris para decorar esse ano. A casa está decorada com grinaldas de luz escondidas em tule prateado, e relógios chiques pendurados como flocos de neve do teto de madeira pintada de branco. Arranjos altos de folhas de pinheiros, lírios brancos e rosas vermelhas adornam todas as superfícies do enorme vestíbulo e das salas além dele.

Enquanto Alma entrega sua jaqueta curta de couro falso para a guardadora de casacos, ela franze o nariz e gesticula com o queixo para a sala de recepção.

— Não olhe agora, mas Charlotte está pendurada no seu pau de vassoura.

Olho para a sala cheia, meu olhar indo direto no cabelo loiro escuro arrumado com gel de Adrien. Está conversando com o Diretor do Departamento de Ciências e seu marido, e sem dúvida, Charlotte com seu cabelo preto e olhos verdes está grudada no braço dele como um enfeite de Natal.

Pressiono os lábios apertados e jogo o casaco fofo sobre o da Alma antes de ela passar o braço pelo meu e me puxar pelo meio da aglomeração tagarela de bruxas e bruxos mordiscando *canapés*.

— O que ele vê nela? Além de todo tipo de doença venérea em Brume? — A voz dela passa por cima do barulho de fundo de harpa, violino e piano, e ergue as sobrancelhas grossas de um bruxo de cabelo branco. Preciso de alguns segundos para perceber que o bruxo não é ninguém menos que o pai de Adrien.

Ele me olha de cima a baixo de um jeito que me faz apertar a barreira áspera do meu vestido de lã.

— Você está usando o vestido de Amandine. — O fato que ele sabe disso soma a sua sensação arrepiante em geral. — Sua

semelhança a ela esta noite é simplesmente espantosa.

Não acho que algum dia tentaria alguma coisa, mas seu fascínio com Maman, e agora comigo, faz todos os alarmes soarem na minha cabeça quando estamos no mesmo lugar.

Apesar da névoa do álcool, Alma deve sentir meu desconforto, porque dá um passo na minha frente.

— E sua semelhança com um velho necromante é simplesmente alucinante. *Onde* você encontrou esse colete de veludo preto, Monsieur Keene?

Os cantos dos olhos dele enrugam com um sorriso malicioso.

— Sempre tão adorável, pequena Alma.

Ela dá a ele um sorriso que é mais dentes do que lábios antes de me arrastar para longe.

— Jantar com ele semana passada foi doloroso o bastante. Por que precisa estar em todos os lugares?

— Talvez por que é o prefeito?

Ela franze nariz, fazendo o pequeno nó na base se destacar.

— Sei que Adrien não é como ele, mas imagine se vocês dois acabarem casados, e Geoffrey virar seu sogro.

— *Casados?* Só quero beijar o cara, não casar com ele.

Alma me solta para pegar duas taças de champanhe de uma bandeja que passava. Coloca uma na minha mão, e então brinda sua taça com a minha com tanta força que fico preocupada com o cristal trabalhado.

— Que esse seja o ano que você saia da sua zona de conforto.

Dou um pequeno gole, bolhas estourando deliciosas contra os lábios.

— Gosto da minha zona de conforto.

— Eu sei. Deus, como eu sei — zomba-soluça. E depois apenas soluça. — Você gosta demais. — Bebe o resto da taça. — Ah, o

homem da vez!

Meu pai guia sua cadeira até nós.

— *Bonsoir*, Alma, *chérie*.

Enquanto ela dá um grande beijo na sua testa, ele olha para minha taça.

— É minha primeira, Papa.

— Eu não disse nada.

— O que cheira tão bem? Ah. Aah. Mini quiches. — Alma praticamente ataca o garçom servindo tortinhas de alho-poró e ovo.

Papa reajusta sua túnica preta simples de bruxo até estar esticada no seu colo.

— Suponho que não seja o primeiro de Alma.

Sorrio para ele, que sorri de volta. Posso ter apenas um pai, mas que pai ele é.

— Garanta que ela passe a noite aqui. Não a quero vagando pelo campus inebriada.

Percebo que Papa está encarando meu vestido, e seus olhos azuis, alguns tons mais escuros que os meus, umedecem, parecendo o lago em uma manhã congelada.

— Isso é... Isso é de Amandine?

Mordendo o lábio, passo a mão na lã preta. Talvez não devesse ter usado o vestido de Maman. Está claro que o está machucando.

— *Oui. Pardon*.

— Não peça desculpas. Você fica muito bem com ele, *ma chérie*.

Nem considerei o que poderia fazer ao meu pai me ver vestindo-o.

— Rainier, preciso de dois minutos do seu tempo. — Sylvie, a única médica de Brume, coloca uma mão com luva de seda nas costas da cadeira de rodas de meu pai. Está vestida com um tutu roxo com um corpete de cetim combinando, tão diferente do seu

uniforme usual de tweed que poderia não a ter reconhecido se não fosse pelo longo cabelo cinza até a cintura. — Vou devolvê-lo rapidinho, Cadence.

Alma volta para mim, segurando um guardanapo de papel com alguns camarões fritos.

— Peguei uns para você.

Coloco um camarão na boca enquanto andamos pela multidão alegre. Parece que Brume *inteira* se reuniu dentro da minha casa. A parte louca é que Brume poderia caber inteira dentro da nossa mansão gigante.

— Então, quem é sua vítima essa noite, Alma?

— *Vítima*. — zomba. — Você quer dizer o homem de sorte em quem darei um beijo? Ainda não decidi. E você?

É tradição em Brume beijar alguém para ter boa sorte no soar da meia noite. Foi assim que ganhei meu primeiro beijo. Tinha catorze anos, e Romain, o enteado de então doze anos de Gaëlle, ficou na ponta dos pés para estalar sua boca contra a minha.

Risada animada sobe de um dos cantos da sala. *Falando no diabo*… Romain, agora com quinze anos, está conversando com algumas outras crianças da sua idade, seu cabelo loiro da cor do trigo brilhando tanto quanto as faces de relógio cristalizadas sobre sua cabeça.

Alma deve ter seguido meu olhar, porque diz:

— Ele é meio que bonitinho agora que está quase crescido.

— Você é *muito* uma tigrona.

— Disse a garota que usa os lábios dele como amuleto da sorte *todos* os anos.

Enrubesço.

— Só porque sempre se voluntaria, e não teria coragem de negar.

Como se nos ouvisse discutir a seu respeito, o olhar marrom de Romain surfa pelo mar de chapéus pontudos na nossa direção. No segundo que seus olhos nos encontram, dá um sorriso com uma covinha e se aproxima. É tão alto agora que *eu* precisaria ficar na ponta dos pés para alcançar sua boca, mas ainda é uma criança com sua mandíbula arredondada e um toque de acne. Uma boa criança. Apesar de ter sonhos maiores para meu primeiro beijo, até que não foi tão ruim.

Alma passa o olhar pelo seu corpo esguio.

— Cara, você cresceu mais meio metro desde a Ação de Graças?

Seu sorriso aumenta.

— Gostei do mini chapéu, Alma.

— E é por isso que gosto desse cara. — Ela gruda no braço dele. Ela é carinhosa e entra no espaço pessoal das pessoas. Costumava me deixar louca, até entender que sua necessidade de tocar os outros é visceral. — Qualquer outro cara teria comentado sobre meus peitos ou bunda, mas não. Não este aqui.

As covinhas do Romain se aprofundam tão rápido que espero que deixem uma marca permanente.

Alma inclina o pescoço para trás.

— O que você vai fazer no soar da meia noite, Romain?

Ele olha para mim, mandíbula com penugem ficado vermelha contra o colarinho bordado da chemise que combinou com uma capa preta. Ele parece mais um vampiro do que bruxo. Mas até aí, bruxos não existem, e se existissem, poderiam gostar de capas e camisas frufru.

— Ou melhor, *quem você vai fazer*? — Alma acrescenta de forma sedutora.

Balanço a cabeça e dou risada. E pensar que Papa se preocupa com a segurança *dela*. Deveríamos estar preocupados com os pobres garotos de Brume.

— Eu, uh... — Ele esfrega a nuca que está da cor de um tijolo. — Cadence?

Alma pisca para mim.

— Ela está com um vassonoivo engatado.

Romain ergue uma sobrancelha loira.

— Vassonoivo?

— Não pergunte. — Balanço mais um pouco a cabeça. — Mas falando sério, você não precisa ficar com dó de mim *todos* os anos.

— É tradição, não dó.

Suspiro. Ele realmente é um doce. Ah, se Adrien pudesse ser tão doce quanto. Sozinho, meu olhar volta para ele. Não está mais conversando com o professor de ciências, agora está andando pela sala, sorriso no rosto. Todos adoram o jovem, brilhante, bonito professor de história, especialmente depois que perdeu a mãe. Toda garota e sua mãe quer paparicá-lo.

Ele me pega olhando e sorri. Meu coração catapulta nas minhas costelas. O que é super bobo já que ele sorria para mim com frequência. Sorria com frequência para todo mundo. Ser afável é tão parte da sua natureza como o flerte faz parte de Alma.

— Se não der certo, venha me encontrar, okay? — Romain diz e coro quando percebo que seguiu o trajeto do meu olhar.

Dou um sorriso grato para ele, mas então minha gratidão vira surpresa quando vejo uma cabeça cheia de cachos pretos bagunçados por cima do ombro de Alma. O garoto com quem trombei perto do cemitério está aqui, na minha casa, estudando a pintura a óleo de Viviene prendendo Merlin em uma caverna.

Quando passa um dedo enluvado pela moldura ornada e dourada, coloco a taça de champanhe bebida pela metade nas mãos de Alma, falo para ela e Romain que já volto e passo pela multidão.

— Acho que seus bolsos não são grandes o bastante.

O garoto se vira para mim, a testa indo de franzida para lisa.

— O que você está insinuando, Bellatrix Lestrange?

Bellatrix Lestrange? Sua alusão a Harry Potter me faz esquecer por um momento o que corri aqui para dizer. *Certo…* a pintura.

— Estou insinuando que você claramente não está aqui para a festa. — Aceno para sua roupa – jeans cinza justos, blusa preta de gola alta, luvas de couro.

— Por quê? Porque deixei minha varinha mágica em casa?

Em casa, ou no bar? Ele cheira a um alambique.

— Qual é a das luvas?

Olha para as mãos como se tivesse esquecido delas. Algo protrui do seu dedo médio, forçando o couro. Suspeito que é um grande anel. A não ser que seja uma verruga enorme. Ou pústula. Ou um gêmeo idêntico que devorou dentro do útero.

— Meus dedos são sensíveis ao frio.

Cruzo os braços.

— Uh-huh.

— Além do mais, você também está usando luvas. E metade das pessoas nessa sala também. — Ele olha por cima do meu ombro para a mistura de chapéus pontudos, vassouras e varinhas. — O que é com o encontro dos loucos, aliás?

— É tradição Brumiana.

— As pessoas levam seu folclore bem a sério por aqui.

— *Muito*. — Arrasto a palavra de forma ameaçadora. Ou pelo menos é minha intenção. Talvez tenha apenas soado pedante. —

Então, o que está fazendo aqui, de verdade?

Ele olha para mim, inclinando um pouco a cabeça para ver por baixo da aba do meu chapéu. Não percebi no cemitério como era alto. Mas até aí, ele estava de quatro pela maior parte dos dois minutos que passamos na companhia um do outro.

— Sou um novo estudante.

Ergo uma sobrancelha.

— Sério?

— Sim, sério. — Sua respiração movimenta a estola bordô falsa do chapéu e alguns dos fios de cabelo marrom soltos ao redor do meu rosto. — Não confia muito, huh?

— *Deveria* confiar em você?

— Provavelmente não. Sou um homem de moral *extremamente* duvidosa.

Apesar de não querer sorrir, um canto do meu lábio tensiona. Estreito a expressão na hora.

— Se alguma coisa desaparecer, saberei que foi você.

Ele bufa, e seus olhos apertam e curvam como pequenos arcos pretos. Ouvi dizer de pessoas sorrindo com os olhos, mas é a primeira vez que vejo.

— Exceto que você não sabe quem eu sou.

— Mas conheço sua aparência — respondo de forma doce.

A inclinação dos olhos do garoto aumenta.

— Cadence! Aí está você. — A voz da Alma reverbera nos meus tímpanos, e então suas mãos envolvem meu braço. — Quem é seu novo amigo?

— Ele não é… *meu amigo* — falo a última parte por dentes cerrados. — Ele é um novo aluno. *Aparentemente*.

Ela murmura, ou talvez ronrona:

— E qual é seu nome, novo aluno?

— Slate. — Ele pega sua mão de maneira elegante e leva até a boca. — Slate Ardoin. — Ele não toca os lábios nos nós dos dedos dela, mas sua boca chega perto.

Sagaz. Esse cara é *tão* sagaz.

Por um segundo, fico um pouco amuada que ele não me cumprimentou dessa maneira, até perceber o dedinho nu de Alma.

— Devolva o anel dela.

O olhar de Alma se arregala quando percebe que Slate furtou a joia de pérola, um presente de seus pais por sua formatura do ensino domiciliar.

— Como você fez isso? — Ao invés de soar irritada, parece maravilhada.

— Truque de mão. — Abre os dedos com um floreio. Sobre o couro preto está a pérola branca de Alma.

Ela pega da sua palma e coloca no lugar, no seu dedinho.

— Foi assim que conseguiu seu nome?

O bom humor dele desmorona.

— Não. — Fecha os dedos lentamente, o couro macio farfalhando. — Mas seria uma história infinitamente melhor. — Qualquer que seja a irritação que passou por ele, desaparece, e apesar de não ter voltado a ser Senhor Olhos Sorridentes, também não é mais Senhor Taciturno.

— Então... — Alma se aproxima. — É tradição beijar alguém no soar da meia noite.

— Ah é? — Slate pergunta, distraído com alguma coisa atrás de mim.

Eu me viro para encontrar Adrien conversando com Papa.

Quando volto, a atenção de Slate está outra vez em Alma.

— Para boa sorte — ela diz.

Um músculo contrai na sua mandíbula, sob a barba preta por fazer, e então seus olhos arqueiam com um sorriso que combina com o do seus lábios.

— Estou começando a gostar dessa cidade e suas tradições fantasiosas.

Sagaz. Sagaz. Sagaz.

Alma passa o braço pela minha cintura.

— Cadence, aqui, não tem ninguém para beijar.

Meu coração tropeça e para.

— O quê? — Ela não acabou de me jogar para baixo do caldeirão!

— Vai chamar atenção de Adrien — murmura na minha orelha. — Confie em mim. Sei o que estou fazendo.

Como se o ar não estivesse denso o suficiente com meu constrangimento, a música para, e a contagem regressiva começa.

Alma me solta tão de repente que quase caio.

— Prometo mostrar para Romain como uma verdadeira mulher beija.

Ela pisca para mim enquanto todos começam a gritar:

— Dezessete, dezesseis. — Vou matá-la.

Quinze.

Talvez colocar uma aranha de verdade no seu chapeuzinho.

Catorze.

Ela odeia aranhas.

Treze.

Ou sabonete na escova de dente.

Doze.

— Então, quem é esse Adrien?

Mato minha melhor amiga com meus pensamentos.

— Ninguém.

Onze.

Todo o rosto dele está sorridente.

— Ex-namorado?

Dez.

Olho por cima do ombro e vejo Charlotte saltitando para o lado de Adrien, e então encontro a querida médica da nossa cidade com seu vestido de tutu roxo indo empinada até Papa apesar do seu quadril ruim.

Nove.

Ah, meu Deus. Por favor me diga que não vai beijá-lo. Papa ficou um pouco pálido. Provavelmente não quer Sylvie, que é duas décadas mais velha, nem perto da sua boca.

Oito.

Eu me viro outra vez, e meu olhar colide com Slate, que está me encarando como se fosse um gato e eu uma bola de lã nova.

Quatro.

Onde que foram parar o sete, seis e cinco? E quando sua mão pousou no meu quadril?

Três.

Ele se aproxima.

Dois.

Um pouco mais.

Quando a multidão grita *um*, sua boca roça pela minha bochecha até a orelha. Sinto o calor dos seus lábios contra a concha.

— Se dependesse de beijos para ter sorte, nunca teria sobrevivido as ruas.

Fico tão surpresa com sua confissão, e com o fato que não usou a farsa da tradição para me beijar que olho boquiaberta para ele.

Pega minha mão mole, curva a cabeça e toca a boca sobre os nós dos meus dedos cobertos por renda.

— Um conselho... faça sua própria sorte. Vai durar mais. — E com isso, ele desaparece, se esgueirando como uma sombra pela multidão que se abraça.

Quando saio do transe, me lembro do fino bracelete de diamante com o pingente de trevo de quatro folhas de esmeralda que coloquei sobre a luva essa noite. Já estou pensando que desapareceu, o que deve ser o motivo do quanto me sinto surpresa quando os diamantes brancos e as pedras vermelhas brilham loucamente para mim.

SLATE_

Meus lábios estão quentes onde tocaram na orelha de Cadence, e o cheiro frutado do seu shampoo permanece no meu nariz. Poderia tê-la beijado. Inferno, acho que teria gostado. Imensamente. Ela é rápida e astuciosa, e seus lábios são como cerejas maduras, mas tem uma inocência naqueles olhos azuis que fizeram eu me segurar. Normalmente estou cercado de garotas com limites duros e corações mais duros ainda. Garotas que prosperam com jogos de poder e ganância. Essa é diferente. Uma ingenuidade emana dela. Um tipo de bondade.

Olho para trás. Ainda está parada perto da parede, cercada por todos os parentes mortos do de Morel imortalizados nas suas molduras preciosas. Sua amiga de cabelo cacheado voltou para seu lado, bebendo champanhe como se estivesse batizado com arco-íris. Lado a lado, parecem fotos de antes e depois da manhã de Natal – Cadence toda embrulhada dos pés à cabeça, e Cachinhos completamente exposta, pronta para brincar com ela.

Cadence distraidamente passa uma mão pela lã abraçando sua cintura. *Sim*. Tenho a impressão que tem algo incrível sob aquele embrulho. Antes de deixar essa cidade cinza e depressiva, posso tentar descobrir.

Meu celular vibra no bolso do casaco, e me viro para longe das garotas, voltando para o átrio coberto com tantas malditas guirlandas prateadas que quase fico cego. *MANINHO* pisca na tela.

Ergo o telefone para a orelha, dando um passo mais próximo à parede para espreitar um desenho de grafite.

— Está tudo bem?

— Sim. Só vendo como você está. Você não me mandou mensagem quando chegou.

— Desculpe, *Maman*. — O jeito que as mulheres estão esboçadas me lembram de Gauguin. Procuro uma assinatura. Com certeza, na borda do velino envelhecido, Paul rabiscou seu nome.

Bingo.

Bastian suspira.

— Você está bêbado? Sua voz está uma oitava mais baixa que o normal.

— Nah. Estou quase sóbrio. — Mas minha língua escolhe este momento para grudar no céu da boca e sai: “Stou quase sbrio”

— Merda, Slate. Não faça nada estúpido. Você sempre faz coisas estúpidas quando bebe demais.

— Não, não faço. — Eu me afasto do desenho e coloco a mão enluvada sob a axila apesar do fato que Bastian não pode ver uma maldita coisa.

— Então, como é aí? — Bastian está mastigando alguma coisa – é melhor que não sejam minhas madeleines.

— Como uma maldita convenção do Harry Potter. Eles veneram magia aqui, cara. — Pego um negócio de mousse de salmão de um garçom que está passando e coloco na boca. — A cidade parece que acabou de sair da Idade Média, toda de pedras e paralelepípedos e essas merdas. E é fria como o peito de uma

bruxa. Glacial pra porra. — Pequena Senhorita Cadence entra na minha linha de visão outra vez. — Mas a vista não é ruim.

— E o cara de Morel? Você já encontrou ele?

— Yep. Só preciso que fique sozinho.

Depois de Bastian me fazer prometer ligar para ele, desligamos. Só dezoito anos, e já é uma mamãe.

Espreito a multidão, que agora está dançando, por Rainier de Morel, também conhecido como “o que está na cadeira de rodas” como a garota dos casacos graciosamente informou. Embora pudesse ter descoberto sem a dica. *Babaca pretencioso metido* pode muito bem ser tatuado na sua testa presunçosa.

Ele está estacionado ao lado da janela saliente, uma fada roxa envelhecida o bajulando.

Deixo o Gauguin para trás, por hora, contorno um casal que está se esfregando com uma versão instrumental de Monster Mash. Ou talvez essa seja a música que coloquei na cabeça para combinar com esta multidão estranha, e a orquestra está tocando algo totalmente diferente. Quando paro na frente de Rainier, a velha fada grasna e remove as patas dos braços da sua cadeira de rodas. Ele olha para cima, alívio gravado em seus olhos azuis e rosto quase sem rugas, até ver quem acabou de salvá-lo de ser atacado por uma mulher velha demais para estar usando um tutu. Seu sorriso vacila por um segundo, depois volta no lugar.

— Monsieur de Morel. — Mantenho a voz controlada apesar do fato de querer esmurrar a alegria provocadora do seu rosto. — Sabe quem eu sou?

Ele me estuda por um momento antes de concordar.

— Acredito que sim. — Sem tirar os olhos de mim, diz: — Sylvie, pode nos dar licença, por favor?

Ela franze o cenho, mas recua para a multidão como um borrão de suco de uva.

— Você deve ser Rémy Roland. — Ele estica a mão, esperando que eu aperte.

Cruzo os braços e ignoro o gesto.

— Na verdade, é Slate Ardoin.

— Ah. Slate. — Seus olhos brilham com divertimento. — Bom, não importa como você se chama, você é um Roland.

— Como *diabos* — rosno — você sabe quem eu sou se eu nunca soube? — Minha ênfase na palavra *diabos* faz foliões olharem na nossa direção apesar do tom baixo.

Um dos seus olhos treme.

— Vamos conversar em algum lugar privado, pode ser?

— Ah, sim — digo, minha voz zombeteira —, vamos.

Ele vira a cadeira e me guia pela sala de estar monstruosa, ou talvez seja uma sala de baile de verdade… não me surpreenderia esse homem ter uma sala de baile em casa. Comigo seguindo de perto nas suas rodas, manobra a cadeira para o átrio, passa a escadaria dividida, passa as garotas do porta casaco, e entra em um elevador de vidro adornado com o mesmo *M* e pequeno *d* enlaçados do seu selo de cera. Dentro, estica o braço para pressionar 1, e então estamos deslizando para cima na velocidade de uma lesma dorminhoca.

Assim como no andar debaixo, o primeiro andar parece que uma floricultura vomitou decorações de Natal. Bastian amaria. Apesar, *dieu sait pourquoi*, o garoto na verdade tem uma preferência por renas luminosas de plástico e papais-noéis que acenam.

Sigo Rainier para o que deve ser seu escritório. Não posso superar como essa casa é incongruente. Do lado de fora, a mansão parece um castelo medieval; do lado de dentro, parece com páginas

de um catálogo moderno. As paredes de cimento escovado estão cheias de prateleiras de madeira polida, segurando filas e mais filas de livros iluminadas por luz embutida. Nenhum tapete cobre o piso de mármore rajado que está polido com um brilho refletivo. A mesa do Rainier é feita especialmente para sua altura. É imaculada, os únicos itens no vidro impecável em formato de rim são um porta retrato que não consigo ver a frente, um peso de papel caro Baccarat, e um cinzeiro de cristal em forma de trevo de quatro folhas. Qual é dessa cidade e os trevos?

Rainier estaciona atrás da mesa, então junta os dedos como uma tenda. Tem duas mechas cinzas distintas nas têmporas que brilham prateadas na luz baixa das luminárias embutidas no teto liso e branco.

— Estou tão contente que você veio estudar conosco.

— Pare com essa merda, de Morel. Como diabos você sabe quem eu sou, e como me encontrou?

Bate os dedos indicadores nos lábios.

— Não tenho certeza de quanta pesquisa você fez na sua árvore genealógica desde a minha carta, mas já que está aqui, deixe-me lhe esclarecer. O nome Roland remete aos primeiros séculos quando a selva de Brume era chamada de *Brocéliande*. Você pode ter ouvido falar da floresta em lendas Arturianas. Merlin e Viviene…

— Estou cagando e andado para o Merlin.

— Claro que está — diz como se fosse uma grande decepção e exala antes de continuar: — De qualquer maneira, seus pais eram parte da antiga linhagem Roland. Eram respeitados nessa cidade. Eu os conhecia bem. Mas quando morreram, você desapareceu.

— Desapareci?

— Sim. Não conseguimos lhe encontrar.

— Bebês tem tamanho de bolso, mas vamos lá… — Espero meio segundo para ele clarificar. Quando não o faz, encaro mais forte. — Você está dizendo que eu *vaguei para longe* e para o sistema? Que eu *engatinhei* o caminho para o serviço social?

— Não, nada disso. — Ele balança a cabeça. — Seus pais perderam a vida em um fogo. Você também estava lá. Para ser completamente honesto, pensei que tivesse perecido junto com eles.

Esfrego o pedaço de pele enrugada que parece cera derretida no lado de dentro do meu braço esquerdo. Não consigo me lembrar de nunca o ter. Consegui aqui? Em Brume? Minha infância foi tão violenta que nunca me ocorreu que tivesse conseguido por acidente. Sempre pensei que tivesse sido um dos meus pais temporários que tentou me usar como um graveto para acender um fogo.

— Brume não tem aquele negócio chamado forense? Não procuraram pelos meus ossos? Ou dentes? Ou o que seja que essas pessoas procuram…

— Admito, o fogo e o resultado foram uma grande bagunça. — Ele olha para o lado. Uma deixa que está mentindo, mas sobre o quê? O fogo?

— Okay, então como cheguei até Paris? — Passei os primeiros dez anos na capital antes de ser chutado mais para o sul.

— Essa vila tem uma longa história, Monsieur Roland…

— Ardoin.

Ele solta um longo suspiro.

— Monsieur *Ardoin*, essa vila tem um passado perturbado. Discórdia entre famílias. Segredos de traição e morte. Alguém provavelmente pensou que você estaria mais seguro longe disso e te sequestrou. — Finalmente olha de volta para mim. — Apenas descobri que você estava vivo alguns anos atrás. — E aí ele

acrescenta como se fosse uma coisa boa: — Desde então, coloquei minhas pessoas para te seguirem. Você parecia seguro, então não interferi.

— Alguns *anos* atrás. — Não pude evitar rir. — Não sei o que segurança significa para você, mas em *nenhum* ponto eu estava seguro. Tive pais temporários que quebraram meus ossos, outras crianças tentaram me matar. Surrupiei como um rato a maior parte da vida.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Mas aqui você está, vivo e bem. *Seguro*.

— Não graças a você.

— Não teria tanta certeza — fala devagar. — Nunca se perguntou o que aconteceu com Vincent?

Vincent foi meu quarto pai temporário. O que enfiou a faca de serrinha na parte carnuda da minha mão na noite que disse para não envolver Bastian nas suas entregas de droga. O velho costumava me machucar, mas a faca foi outro nível. Uma semana depois do incidente, no dia que havia planejado fugir com Bastian, Vincent não voltou para casa. Sumiu do nada.

Semicerro os olhos.

— *Você* fez ele desaparecer? — Não responde, o que suponho ser resposta suficiente. — Por que nunca ajudou de outra maneira? Por que você não entrou em contato? Mandou um cheque? Alguma coisa? *Qualquer coisa?*

Caralho, eu soo desesperado.

Não sou uma pessoa desesperada.

Ele dá de ombros.

— Não era meu lugar me envolver.

A raiva de repente passando por mim é como fogo líquido dentro das veias. Fecho as mãos com tanta força que as unhas marcam as

palmas pelo couro.

— Mais para, não era *conveniente* para você se envolver.

— Tão jovem e ainda assim tão cínico.

Sou devorado pelo instinto feroz de jogá-lo pela janela que vai do piso ao teto, cadeira e tudo, mas é o único que pode responder minhas perguntas. Perguntas que estão queimando no estômago tempo o suficiente para me darem uma úlcera.

— Então por que cresci com o nome Ardoin? Por que ninguém me contou dos meus pais? Por que os serviços sociais agiram como se fosse abandonado?

— Porque quem quer que tenha lhe escondido achou prudente manter sua existência em segredo. — Passa uma mão pelo vidro da mesa. — Seus pais eram muito influentes em Brume, e com grande influência vem grandes inimigos.

Quero fazer uma piada. Algo sobre ele copiar frases do *Homem Aranha*, mas uma agulha de gelo perfura meu peito.

— Está dizendo que meus pais foram assassinados?

Uma emoção cruza o rosto de Rainier, fazendo sua mandíbula pulsar e os olhos escurecerem.

— *Non.* Eles pereceram em um fogo.

— Mas...

— Um fogo. Nenhum crime estava envolvido. É simples assim, Monsieur Ardoin.

Nada disso é simples.

Ele se move para uma fileira de gabinetes de arquivos de metal baixa que corre pelo comprimento da parede do outro lado das prateleiras de livros. Sobre eles está esticado um pergaminho amarelado preso em acrílico. Desenhos de triângulos, insetos pretos, corpos humanos esquartejados, e plantas estranhas estão

misturados com linhas apertadas de escrita, marcas de queimadura e borrões de tinta.

Uma gaveta se fecha com um barulho, me tirando da minha observação. E então Rainier está se estacionando de volta atrás da mesa e colocando um arquivo sobre ela. Meu nome – bom, o nome *Roland, Rémy* – agracia a etiqueta colada na aba.

— Chega disso. Vamos para o problema em questão – seus estudos. Tomei a liberdade de lhe matricular em uma variedade de aulas para descobrir suas forças e deficiências.

— Sobre sua pequena universidade… *j'en ai rien à branler*, de Morel. Vim em busca de respostas. E se não vai me dá-las, estou deixando Brume.

Suas pupilas parecem pulsar com irritação.

— Te convoquei aqui por uma razão.

Solto uma risada amarga.

— Você me *convocou*?

— Como membro de uma das famílias fundadoras, você fará parte da reunião do Conselho Quatrefoil em duas semanas.

— Conselho Quatre-quê?

— Quatre*foil*. — Acena para o cinzeiro. — Com certeza você percebeu que a forma é parte integral da história Brumiana. É o símbolo da magia que nasceu aqui séculos atrás.

Faço um barulho zombeteiro.

— Se você acredita em mágica ou não, Monsieur Ardoin, entenda que existe um Conselho, um muito antigo e muito real, e *ele* acredita que magia existe. Agora que tem mais de dezoito anos, é seu dever *e* direito de nascença reivindicar seu lugar na mesa.

E Bastian acha que *eu* estou bêbado? O que há de errado com essas pessoas? Mas aí lembro que o anel não sai.

Passo o polegar nele através do couro.

— Você não pode me excluir por vinte anos e de repente esperar que contribua para seu Conselhinho Quattro-caralho.

— Quatrefoil.

— Que seja.

— E você está certo. Não posso esperar que você contribua ou fique aqui. — Olha para mim como se fosse uma barata. — Mas talvez possa apelar para um dos seus sentidos mais básicos, como a ganância. E se eu prometer que se você ficar, vou fazer valer a pena?

Isso me irrita demais. Cruzo os braços pelo peito para não dar um murro bem na sua garganta.

— Não preciso do seu dinheiro, já que tenho tanto do meu próprio.

Um sorriso pretensioso curva seus lábios.

— Ah. Você está se referindo ao fundo fiduciário que mencionei na carta?

Meu bíceps parece pedra.

Ele faz *tsc.*

— Você vê, não apenas sou o curador, mas também a conta está no banco da universidade. Para acessá-la, você precisa da minha permissão. Para conseguir minha permissão, você precisa ir na reunião do Conselho. Já que me orgulho em manter tradições, essa é minha única condição. Depois da reunião, vou lhe dar custódia plena e exclusiva da sua herança. Então, agora vamos passar as matérias que lhe matriculei.

Tem uma batida na porta, três barulhos curtos seguidos por uma voz anasalada.

— Monsieur de Morel? Sinto muitíssimo te incomodar, mas alguns dos seus convidados estavam preocupados. Está tudo bem?

— Tudo está bem, Jaqueline. Descerei em um minuto. — Ele se vira para mim. — Parece que não temos mais tempo. Você pode conferir suas aulas online. E temos uma biblioteca de excelência no campus. Se tiver perguntas sobre o Conselho ou seu legado, procure nos arquivos. Tem mais alguma pergunta para mim? — Atravessa na direção da porta.

Nunca fui enganado. Mas aqui estou, sendo enganado. Por um paraplégico de meia idade que acredita na porra de magia, não obstante. Acho que meu cérebro está prestes a explodir. Passo as mãos pelo rosto, minhas luvas de couro grudando na pele, o aro do anel batendo na maça do rosto.

Estou tentando a remover a luva, enfiar a pedra na cara do de Morel, e perguntar por que sua herança de família está presa no meu dedo. Ele sequer saberia? Não é um agente funerário. Provavelmente alguma substância estranha do cadáver está fazendo isso. Algum fluido corporal que fica grudento como cola depois da morte.

Agora quero vomitar.

Depois de engolir a bile que sobe, enfio a mão no bolso, os dedos trombando no broche. Nah, não posso mostrar o anel para o de Morel. Nem mesmo para me vangloriar de saquear o mausoléu da sua família. Sem dúvida, ele ligaria para a polícia. Bastian ficaria arrasado se voltasse para prisão. Ainda mais que dessa vez não iria para a juvenil.

Além disso, se o maldito negócio for valioso, então certamente não quero devolver.

Não. Vou voltar para aquela pequena caverna de um dormitório e lubrificar com sabonete. E se isso falhar, vou comprar um maldito cortador de metal. Mas vou ficar com a pedra.

O peso de Baccarat na mesa do Rainier brilha muito, e estou me coçando para surrupiar, mas meus bolsos já estão volumosos.

No patamar, falo para Rainier:

— Vou pelas escadas.

Ele concorda, os olhos afiados passando pelo meu rosto como se tentando encontrar uma semelhança com meus pais. Não gosto do seu olhar. Não gosto *dele*. Desço rápido pela escadaria grandiosa, mão sem anel na balaustrada de ferro trabalhado envolvido por guirlandas espinhosas prateadas. Na sala de baile, a festa ainda está a todo vapor, bruxas e bruxos e estranhas criaturas mágicas balançando com a música, sua conversa e risada subindo como hélio.

Oficialmente perdi a ebriedade, e com ela, qualquer vontade de estar aqui.

Apesar de agora ter que ficar por duas semanas inteiras.

A não ser que consiga penhorar a pedra em Marselha.

Rainier não disse nada a respeito de ficar por aqui. Tudo o que disse foi que preciso me sentar no Conselho quando a hora chegar.

Um consolo.

Estou fora daqui até lá.

CADENCE_

Não bebi a noite passada, não muito, de qualquer maneira, e ainda assim me sinto péssima esta manhã. Não ajuda que a névoa subindo do lago é tão densa que chega no Quinto Kelc'h e ondula sobre a cúpula de vitral da biblioteca no templo. Por que estou passando tempo no meio das prateleiras, organizando livros no primeiro dia de janeiro as onze da manhã com música folk rock estourando nos AirPods? Porque Alma estava dormindo, e eu estava entediada.

E irritada.

Pensei mesmo que a ausência da Charlotte no jantar de Natal significava que ela e Adrien haviam terminado? Bom, não terminaram. Eles até foram embora juntos ontem à noite. Afasto a visão ao mesmo tempo que coloco o livro na prateleira – *Anna Karenina*. Provavelmente danifico a capa, mas não é uma primeira edição. Apenas mais uma história de amor depressiva de Tolstói.

Odeio histórias de amor, porque me fazem pensar que existe alguém no mundo para mim, alguém que estou destinada a conhecer e viver feliz para sempre. Quero dizer, divido a casa com um exemplo, que vive e respira, de alguém que foi roubado do seu felizes para sempre.

Pensar na perda do meu pai substitui meu humor por melancolia. Luto para sentir irritação outra vez, porque não quero a tristeza. Não em cima do cansaço.

Por que Alma precisava roncar tão alto? E por que precisava sentar na cama as quatro da manhã, pegar a caixa de lencinhos da mesa de cabeceira, e jogá-los para cima, cantarolando *Feliz Ano Novo*? Ela me assustou tanto que precisei de uma hora inteira para voltar a dormir enquanto ela simplesmente caiu no colchão e se virou como se não tivesse acabado de gritar-dormindo. Não que meu sono tivesse sido relaxante depois disso. Sonhei com aquele garoto de olhos sorridentes e cabelo preto bagunçado. Sonhei que ele estava tentando roubar meu chapéu de bruxa, e eu não estava nada okay com isso.

Tão. Estranho.

Estremeço quando uma rajada de ar permeia as fibras grossas do tricô de gola rolê creme que combinei com jeans *skinny*. Talvez meu suéter grite bibliotecária, mas meu jeans desbotado não. *Tome isso, Alma. Quando finalmente tirar seu traseiro preguiçoso da cama, ler minha mensagem, e subir até o Quinto para me encontrar para que possamos ir almoçar, vai ver que coloquei algum esforço na minha roupa.*

Mais uma lufada de ar serpenteia até mim. O aquecimento central é irregular no templo, mas isso tem mais a ver com o espaço ter o teto muito alto e as temperaturas Brumianas serem tão frígidas, do que com os cinturões de aquecedores enfileirados pelas paredes circulares.

Enquanto coloco um livro em uma estante curvada, uma batidinha no ombro faz meu coração rodar junto com o corpo. A boca de Adrien se move, mas a música está tão alta que não escuto nada.

Tiro os fones e guardo no bolso de trás.

— Hey. Desculpa. Pode repetir? — Minha cabeça, que parecia lenta desde minhas pálpebras abrirem às sete e meia, está acelerada agora.

— Está ouvindo isso? — Seus olhos cor de mel estão iluminados na luz pálida entrando pela cúpula multicolorida.

Se por isso quer dizer meu coração acelerado, então sim, estou ouvindo. É o único som sendo registrado no momento contra meus tímpanos, mas de repente escuto um segundo barulho, um tique-taque lento e rítmico, e o sangue que havia subido para as bochechas com a presença da minha paixonite não correspondida, drena na hora.

— Isso é o… o…? — Desvio dele e me apresso para a barreira de proteção de acrílico curvada que impedem os estudantes de pisarem no relógio astronômico.

O trevo de quatro folhas gigante e dourado que cobre toda a face do relógio cintila tão intensamente quanto as mãos adornando os dois mostradores. Nenhuma se move, mas até aí o *dihuner* não mostra as horas; mostra informação astronômica. Até agora, entretanto, não mostrava nada. Ficava apenas parado ali, parecendo bonito com seu mostrador lunar azul ombré e o celestial claro cravejado de topázios. Agora, emite um constante tique… tique… tique.

— *Mon dieu*, funciona — sussurro admirada. — Adrien, funciona!

Ele já está parado ao meu lado, com o olhar no rosto esmaltado, dedos segurando frouxamente a borda da barreira de proteção.

A mão com uma lua crescente na ponta foi do seu lugar de costume na parte mais escura do mostrador lunar para a mais clara.

— Está lendo as fases da lua! — Dou risada, mas então fico séria, porquê: — Como?

Tem uma tensão ao redor da sua boca. Dos seus olhos também.

— Talvez o terremoto ontem à noite tenha feito funcionar.

— Terremoto?

— Você não sentiu o chão tremer?

— Pensei que fosse a orquestra. — Respiro. Apenas respiro. — Depois de todos esses anos… Preciso ligar para Papa. Ele vai querer ver isso. — Bato a mão nos bolsos, mas o telefone está no carrinho de livros. Não importa, vou ligar mais tarde. Especialmente já que ele pode estar dormindo, ainda. Enquanto meus olhos passam pela mão mais curta, com uma estrela na ponta, pergunto: — Você se divertiu ontem à noite?

Adrien angula o corpo na direção do meu.

— Sim. Você e seu pai realmente se superaram.

— Assumo zero créditos. Foi tudo Papa.

Ele sorri, e a intensidade derrete meus órgãos. E quero dizer, todos eles. Viro uma bagunça gosmenta segurada por lã creme e brim apertado.

Rodo a ponta do rabo de cavalo em um dedo, nervosa.

— Então. O que te traz as minhas bandas no primeiro dia de janeiro?

Mais dentes brancos perfeitamente alinhados aparecem entre seus lábios curvados.

— Acredite ou não, vim tirar fotos do relógio. Minha *alma mater* quer que dê um discurso para os calouros sobre minha tese em história Brumiana, e pensei que ilustrar com algumas imagens deixaria mais animado. Mal sabem eles que estão prestes a obter uma gravação de áudio nunca antes vista. — Seus olhos de mel ainda estão em mim, mas parecem vidrados de alguma forma. — Deveria entrar em contato com Thierry. Falar para ele. Apesar que, acho que ainda pode estar visitando família em Dijon.

Thierry é o mestre *Horloger* cuja especialidade é objetos mecânicos medievais. Ele é o único que a universidade confia para colocar um dedo nas engrenagens desta relíquia.

Enquanto Adrien digita uma mensagem no telefone, dobradiças rangem e então a porta enorme de madeira bate fechada, injetando ar congelante na biblioteca.

Viro o pescoço, certa que deve ser Alma dessa vez, mas a pessoa descendo o corredor é alta e usa luvas de couro pretas que no momento estão em forma de concha na frente da sua boca.

O garoto com quem sonhei está aqui.

O ladrão convencido que me disse para fazer minha própria sorte.

Seus olhos parecem ficar redondos, o que é uma façanha para olhos com o formato dos dele.

— Quase não te reconheci sem o chapéu de bruxa — diz após nos alcançar. Seu tom é tão falsamente alegre que meus dentes apertam mais um pouco. — Oi. — Ele estica a mão enluvada para Adrien. — Slate Ardoin. O mais novo estudante recruta de Brume.

— Prazer em conhecê-lo, Slate. Sou Adrien Mercier. Ensino história.

Os olhos curvados de Slate analisam Adrien como se fosse uma fechadura de disco codificado em um cofre.

— Não odeio história.

— Então espero que se matricule na minha aula.

Slate solta a mão de Adrien.

— Você está na aula do Professor Mercier, Bellatrix?

Bellatrix? Ele acha que meu nome é Bellatrix?

— O nome dela é Cadence. — O tom de Adrien é afiado o bastante para quebrar gelo. — E sim, está na minha aula. Falando

nisso… Preciso estar em Cambridge amanhã, então estava pensando se você poderia me substituir.

— Eu?

Adrien concorda.

— Poderia dar uma aula sobre tradição Brumiana. Afinal, ninguém conhece a história mística da nossa cidade melhor do que você.

— Suponho que possa fazer isso. — O elogio faz meu ego brilhar tão intensamente quanto o broche que caiu o bolso de Slate ontem à noite.

As sobrancelhas de Slate se contorcem levemente.

— Não sabia que você era fã de história, *Cadence*.

Cruzo os braços.

— Por que saberia qualquer coisa sobre mim, *Slate*?

Adrien limpa a garganta.

— Vou descer para conferir as engrenagens do relógio, ver se consigo descobrir o que mudou. — Ele sorri enquanto se afasta, mas oscila como uma lâmpada defeituosa quando olha para Slate novamente.

Slate, que é mais alto e mais musculoso. Mas até aí, bandidos precisam manter a forma para fugir da lei.

Não estou sendo justa. Talvez Slate tivesse o broche no bolso porque é um amuleto da sorte ou algo assim. Mas e todos os outros badulaques brilhantes que caíram? Não, com certeza é um trapaceiro.

Slate observa Adrien abrir o alçapão antes de fixar o olhar no relógio mais uma vez, provavelmente planejando como roubá-lo. Ainda bem que é enorme e embutido no solo. Ainda assim, não duvidaria que tentasse arrancar uma das mãos ou soltar um topázio do tamanho de uma moeda.

— Nem pense nisso — sibilo.

Seu olhar se volta para o meu, sem pressa.

— Para alguém tão adorável, seu olhar é amedrontador. Já pensou em se juntar a força policial?

Reviro meus olhos *amedrontadores*.

— O que você quer?

Quase um minuto inteiro passa antes de responder:

— Estou vendo esse tema de trevo de quatro folhas por toda Brume, e estava me perguntando se uma bibliotecária poderia me ajudar a encontrar alguns livros de história Brumiana no assunto.

Franzo a testa, não porque estou surpresa – o Quatrefoil é uma grande atração turística –, mas porque ele não me pareceu como alguém que entraria em uma biblioteca para procurar a história da minha cidade.

Seus dedos se curvam ao seu lado.

— Pode me direcionar a uma bibliotecária?

— Você está olhando para uma honorária.

— Você?

— É.

— Hmm.

— O que *hmm* deveria significar?

— Você não me parece uma bibliotecária.

— Você não me parece um estudante.

Os lábios dele se curvam.

— O que te pareço?

— Um criminoso.

— E criminosos não podem ser educados?

Acabou de admitir que é um criminoso?

— Você não está contestando minha avaliação?

Ele dá de ombros.

Dou um pequeno passo para trás.

— Relaxe. Não é como se fosse um assassino com um machado. Criminosos existem de diversas maneiras. — Dá um sorriso sugestivo com minha expressão. — E? O corredor do trevo?

Depois de superar o choque da sua confissão, cruzo os braços.

— Essa biblioteca é apenas para estudantes e docentes. Vou precisar de prova que está frequentando a universidade antes de te direcionar a qualquer livro.

Os nós de seus dedos apertam, o anel grande ou verruga ou talvez seja algum inchaço com forma de ovo por esmurrar alguém forçando o couro.

— Tão defensora das regras, Cadence. — Suspira, e então tira alguma coisa do bolso de dentro no peito do seu casaco de alfaiataria. — Isso serve? — Desdobra um pedaço de papel e balança na minha frente.

Vejo o logo da escola – um U gótico cortado por um B, e rapidamente escaneio a folha. É uma carta de aceitação assinada pelo reitor, também conhecido como Papa. Com certeza, está endereçada para Slate Ardoin.

Ele dobra novamente e coloca no bolso.

— Minha prova é satisfatória?

Aceno que sim com a cabeça, fazendo uma nota mental de perguntar desse garoto para Papa mais tarde, sobre por que ele chegou no meio do ano letivo.

— Por trevo de quatro folhas, você quer dizer o Quatrefoil?

— Sim. *Isso*.

— Não temos um corredor para ele, mas temos alguns livros. No entanto, são guardados nos arquivos, que é uma sala fria…

— Ainda bem que estou usando um casaco e luvas.

— … Com acesso extremamente restrito.

— Imagino que você tenha acesso a ele.

— Eu tenho.

— Tenho um par de brincos de safira que combinam com seus olhos.

— Você está tentando me subornar com peças roubadas?

— Quem disse alguma coisa sobre serem roubadas?

— Você normalmente carrega joias femininas no casaco?

Ele arrasta uma mão pelos cachos pretos bagunçados.

— O que você viu noite passada… Estava levando as peças para reparo. É o que faço. Sou o intermediário. Pego joias de clientes, levo para os profissionais, e então devolvo as peças consertadas para os verdadeiros donos.

Cerro um pouco um dos meus olhos.

O nervo na sua têmpora pulsa. Definitivamente está mentindo.

Ele limpa a garganta.

— Você *deveria* mesmo ser uma policial. Não uma bibliotecária. Mas até aí, se fosse uma policial, imagino que a taxa de crimes intensificaria nessas partes.

Meus braços se soltam e as mãos pousam nos quadris.

— Isso não é legal.

— Não é legal?

Estufo um pouco o peito.

— Seria uma ótima policial.

— Tenho certeza que sim. — Ele sorri com os olhos *e* com a boca. — Estava sugerindo que o crime aumentaria, porque homens implorariam para que você os algemasse.

Oh. Calor enche meu rosto tão de repente que quero tirar o tricô de gola rolê. Mas então lembro que ele é dissimulado, e logo seu elogio – se é o que isso foi – é simplesmente uma tentativa velada

de conseguir o que quer. E mais, não estou usando nada sob o tricô grosso.

Dou um olhar glacial a ele.

— Me dê um motivo real para deixar você olhar pelos arquivos, e talvez considere seu pedido.

A máscara charmosa escorrega de seu rosto, e vejo o garoto endurecido que me disse para fazer minha própria sorte.

— Tudo bem. — Enfia a mão no bolso mais uma vez, tira outro papel dobrado, e solta nas minhas mãos.

É uma certidão de nascimento. O que é estranho. Quem diabos carrega sua certidão de nascimento por aí?

Ele aponta para a linha contendo o nome. *Rémy Roland.*

Franzo a testa.

— Pensei que seu nome fosse Slate?

— E é. Acabei de descobrir sobre o outro lamentável.

Puxo o pescoço para trás.

— Mas pensei… Pensei que a linhagem Roland havia morrido.

— Está tudo bem? — Adrien está voltando na nossa direção, seus passos lentos porém longos, como se quisesse me alcançar rapidamente, mas sem assustar Slate.

— Ainda vive. — O tom duro de Slate revela um ninho de raiva.

— O que ainda vive? — Adrien pergunta.

— Slate… ele é… Rémy. — Abaixo o olhar de volta para a certidão de nascimento. Sem saber se consigo discernir uma falsa de uma real, mas por alguma razão, não acho que Slate está mentindo sobre sua linhagem ou o fato que acabou de descobrir.

Passo o papel para Adrien, cuja testa enruga, e então alisa.

— Rainer mencionou que te encontrou. — Alguma coisa pisca na sua expressão enquanto devolve o papel para Slate, que o guarda de volta no bolso do peito do casaco. — E assim o fez.

A boca de Slate se move, depois a de Adrien, mas me desliguei, magoada que Papa confidenciou a Adrien mas não a mim.

Adrien toca o dorso da minha mão, estourando a bolha.

— Está tudo bem?

— Sim. Tudo.

Ele franze o nariz.

Antes que possa comentar sobre meu humor, me viro e quase lato para Slate:

— Me siga.

O cara tem o nervo de responder:

— Para os confins da terra.

Enquanto nossos passos ecoam nos azulejos, dou um olhar fuzilante a ele.

— Deixa de charme. Não vai funcionar em mim, Rémy.

— Slate. E isso é um desafio?

— Não.

— Gosto de desafios.

— *Não* é um desafio — murmuro enquanto o guio na direção do alçapão de vidro e o piso subterrâneo embaixo.

As engrenagens do relógio tomam a maior parte do espaço, mas em volta delas, Papa construiu uma sala de arquivo envidraçada para preservar os livros mais velhos e frágeis de Brume. Nem todos são sobre a cidade. Tem algumas primeiras edições de Baudelaire, Hugo e Rousseau. Tesouros nacionais.

Enquanto destravo a porta com o toque do polegar em um teclado digital, olho atrás de mim. Os olhos de Slate estão arregalados com admiração.

Vai tocar uma das enormes engrenagens quando o impeço com um afiado:

— Não.

Surpreendentemente, ele não toca.

SLATE_

Sigo o traseiro ligeiramente gingado de Cadence para dentro de uma sala de arquivo moderna toda feita de vidro. A imagem é incrível, e não estou falando das engrenagens do relógio ou paredes de pedra bruta; estou falando da visão de denim azul que abraça essa garota em todos os lugares certos.

Quase me faz esquecer que quero dar o fora desta maldita vila na qual estou preso.

E quando digo “preso”, quero dizer, *preso*.

Depois da festa de Morel, comprei uma passagem no primeiro trem saindo daqui. Em condições de nevasca, me arrastei de volta para a estação. A caminhada de trinta minutos quase congelou minhas bolas. Se o inferno existisse, seria isso, essa cidade de globo de neve de tamanho real, com seus flocos rodopiantes e ventos congelantes.

Nunca fiquei tão extático de ver um trem.

Foi aí que uma merda maluca de outro nível aconteceu.

Cruzei a plataforma e ergui o pé para entrar no trem bala laranja quando atingi uma parede.

Literalmente.

Só que era uma parede invisível. E eu parecia ser o único que não podia atravessá-la. Observei algumas outras pessoas entrarem

no trem sem problemas. Pensei que talvez tivesse alguma substância tóxica em um daqueles negocinhos de salmão da festa. Alguma coisa que me faria alucinar. Então respirei fundo e tentei outra vez.

E outra vez, atingi a porra de uma parede.

Eu me movi pela extensão da plataforma e tentei outra entrada. Mesma maldita coisa. Parecia como um daqueles mímicos tristes fingindo que estava em uma caixa, as palmas das mãos para fora, empurrando sem sair do lugar. Tudo o que precisava era pintar o rosto de branco e desenhar uma lágrima preta na bochecha. Inferno, em algum ponto – aquele sendo o ponto que quebrei – alguém jogou uma moeda de dois euros na minha direção.

Xinguei e gritei, o que fez um inspetor de passagens sair do trem e vir na minha direção, devagar, como se fosse um cachorro raivoso. Quando falei que queria entrar no trem, ele fungou o ar, tentando usar o nariz como um bafômetro, depois deu um pequeno balanço com a cabeça.

Sim, eu cheirava a vinho, mas estava sóbrio como uma pedra.

Dei um passo a frente.

Bam!

— *Fait chier* — rosnei. Depois disse: — Me empurre!

— Olhe, Monsieur, não posso mesmo…

— *Putain de bordel de merde!* ME EMPURRE PARA DENTRO DESTE TREM!

Um punhado de pessoas me olhava como se tivesse perdido minha camisa de força. O inspetor de passagens não me tocaria, mas um garoto de rosto sardento me empurrou na direção da porta, só para me fazer pular na parede invisível. Todo mundo se espalhou como se fosse contagioso.

O trem deu um apito para indicar que as portas estavam se fechando. Em uma última tentativa desesperada de passar, soquei o punho contra a força invisível que me prendia nesse pitoresco buraco de merda. As portas fecharam, e então o trem partiu como um míssil.

Eu não estava nele.

Comprei uma garrafa barata de Beaujolais para amortecer o cérebro, depois voltei para meu quartel general de gnomos, também conhecido como meu dormitório. Encontrei o *Toilettes Hommes*, que parecia como se tivesse saído direto de um filme de terror retrô – azulejos brancos mofados, cortinas de plástico amareladas, sabonete cheio de pelos em um bastão. Tinha uma cabine com vaso e dois urinais colocados tão próximos a fila de pias de porcelana brancas que provavelmente poderia dar uma mijada e escovado os dentes ao mesmo tempo. Pelo menos os chuveiros eram semiprivativos. Fiquei parado sob a água quente, ensaboei meus dedos, engasgando enquanto tirava os pelos molhados que saíam do sabonete, e comecei a trabalhar no maldito anel.

Arranquei e puxei, girei e esfreguei. A última vez que fiz tanta fricção no chuveiro tive um final feliz. Isso? Bom, isso era a porra de um pesadelo. O anel nem se mexeu.

Depois de me vestir e voltar para o quarto, tentei outra vez.

E mais uma.

E *mais uma*.

Nada feito.

— Você teve uma boa noite ontem? — Cadence pergunta, me tirando dos meus pensamentos.

Aposto que ela pressente que foi merdástico – o que é dizer muito – e está me cutucando para testar meu humor.

— Bem incrível. — O anel tromba na parede, fazendo meu dedo inchado doer. Ranjo os dentes e xingo baixo.

— … não usamos mais luvas para papel, apenas fotos — Cadence está dizendo enquanto andamos pela sala de arquivo que envolve o mecanismo da antiguidade astronômica.

As paredes de vidro são grossas, e ainda assim os toques lentos e contínuos da engrenagem de coroa as penetram.

Ergo uma sobrancelha, não faço ideia do que ela acabou de dizer.

— O quê?

— Você pode tirar as luvas.

Dou de ombros, fazendo o negócio das luvas se passar por um traço peculiar de personalidade.

A sala de vidro é fria, mas mais quente do que o lado de fora. Eles a devem ter especialmente equipado há não muito tempo. Tudo que não é de vidro, é de metal branco, do piso ao teto, até as três longas mesas curvas e as prateleiras.

Cadence cobre as mãos com as mangas da blusa de gola rolê.

— Então, o que gostaria de ver?

Para começar, o que tem sob esse suéter volumoso. Limpo a garganta.

— Duas coisas, na verdade. A história do Conselho do Trevo…

— Conselho Quatrefoil. — Sua boca aperta como se estivesse puta que confundi o nome.

— … e o que você tiver sobre um anel mágico com uma pedra vermelha.

Pequenas rugas tocam sua testa.

— Isso é bem específico.

— Sou um homem bem inequívoco.

— Você é o exato oposto de inequívoco.

— Não quando se trata do que eu quero. — Dou um passo na direção dela, tentando usar minha tática de intimidação bem treinada.

Pelo acelerar do pulso no seu pescoço, suspeito que esteja funcionando. Sua linda boca vermelha abre, mas não sai nada. Ao invés disso, ela se afasta e pega um par de luvas especiais de uma gaveta, depois se vira para uma fileira de estantes perto do meio da sala em formato de lua crescente. E, sim, dou outra olhada na sua bunda. Ainda mais quando se estica para alcançar uma prateleira alta e a blusa sobe.

Ela puxa um volume de couro e velino, que deposita com cuidado na mesa mais próxima. Um quatrefoil de folhas douradas ilumina o couro verde enrugado.

— Este é o *Istor Breou*. *A História da Magia*, especificamente, a de Brume. — Olha com afinco para minhas mãos. — Se quer folhear, nada de luvas de couro. Couro gruda no papel, o que o arruinaria.

Coloco a ponta do dedo do meio entre os dentes, depois tiro lentamente a luva da mão esquerda.

Quando não me mexo para tirar a outra, ela suspira e abre o livro.

— A linguagem é uma mistura de francês antigo e bretão.

As palavras rabiscadas na página são pequenas e tortuosas, como se escritas por uma mão quebrada.

— Você fala bretão? — pergunto.

— Um pouco.

Não peço para traduzir nada, ocupado demais analisando a ilustração que acompanha o texto – uma iluminação do trevo repousado atrás de um emaranhado de árvores, arbustos e névoa. Várias fases da lua marcam o topo da página, de cheia para

crescente para nova. Escaneio o texto, encontrando algumas palavras em francês. *Berceau. Magie. Pouvoir.*

Berço. Magia. Poder.

Tento decifrar o bretão sob a imagem, mas não consigo.

— O que a legenda diz?

Cadence coloca uma mecha castanha que saiu do rabo de cavalo atrás da orelha e lê.

— *A fonte de toda a magia pode ser traçada até um Quatrefoil dourado encontrado na floresta de Brocéliande. Por um milênio, as pessoas migraram para Brocéliande para viver perto da fonte da magia.* — Ela olha para mim. — A lenda local diz que ao longo do tempo, mais e mais pessoas se assentaram na floresta, assim a transformando em uma cidade: Brume. Assim chamada, é claro, devido a sempre presente nuvem de bruma que a cobre.

Que deprimente.

— Não é surpreendente que Brumianos veneram algo dourado e brilhante.

Cadence revira os olhos, mas sorri, e aquela pequena rachadura na sua expressão séria me tranquiliza que não é alguma fanática maluca por mágica, mesmo que eu possa estar me tornando um depois da noite de ontem.

Com cuidado, vira a página para uma com ilustrações de bestas fantásticas causando o caos, pessoas semissubmersas segurando chamas, e o que parece com uma rave em um campo ventoso.

— *No começo, magia não era boa ou má, ela simplesmente* era — Cadence continua a ler. — *Existia nos elementos – ar, água, terra e fogo. Continha criaturas formadas por esses elementos, criaturas para serem reverenciadas e temidas. Fluía pelas veias de humanos, os abençoando com a habilidade de se conectar com um dos elementos*.

Estico o braço e viro a página. Apesar da temperatura controlada do ar, o papel parece quente sob meus dedos. Os desenhos se tornam mais ameaçadores. Um mar de pessoas vomitando sangue. Uma pilha de corpos cobertos de bolhas e manchas pretas. Arrasto o dedo sob algumas das palavras em francês: *Peste. Le mal.*

Pestilência. Mal.

— Então, não era tudo arco-íris e unicórnios? — acabo dizendo, mas sai como uma pergunta.

— Pesquisadores modernos falam sobre a Peste ser causada por pulgas e ratos. Mas de acordo com a lenda Brumiana, foi magia negra que criou a primeiríssima onda de Peste Negra.

— Deve ter sido um mago deturpado para fazer isso.

— Bruxo. Magos lidam com magia boa. — Ela dá de ombros. — Se você acreditar nisso, claro.

— *Você* acredita?

Um pequeno sulco aparece entre suas sobrancelhas.

— Não tenho certeza. Sim e não. — Inclina a cabeça de um lado para o outro. — Parte de mim quer acreditar que é real, mas a parte lógica e desiludida tem problemas em aceitar que é verdade.

Franzo a testa. *Desiludida?* Ela não me parecia como uma pessoa desiludida – um pouco tensa, claro, mas não cínica.

O que estava na sua cabeça apaga a luz em seus olhos, desbotando o azul. Ainda assim, de alguma maneira, talvez porque não parece tão ingênua e mimada quanto esperava, aumenta sua atratividade.

— A Peste Negra matou 60% da população na Europa. — Depois cospe mais fatos que resvalam no meu crânio. Estou ocupado demais absorvendo o cheiro doce do seu cabelo e o tom vermelho de seus lábios que é tão profundo que me pergunto se está usando batom. Eles não parecem ter gloss.

Uma luz renovada entra nos seus olhos conforme continua a me dar uma aula de história. Realmente deveria estar prestando atenção, mas fisicamente não posso porque a maior parte do meu sangue desceu.

— Slate? — Ela vira aqueles olhos do Mediterrâneo ao meio dia para mim.

— Sim?

— Você está ouvindo?

Não deveria sorrir, mas o faço. Não por causa de todos os tristes e mortos coitados medievais, mas porque história a excita. Então paro de sorrir, lembrando do jeito que ela estava olhando para aquele professor babaca mais cedo, como se fosse um deus.

Volto o olhar para a ilustração para qual está apontando no livro gigante – duas mulheres e dois homens em robes de magos segurando um negócio dourado na forma de um quatrefoil. Eles estão parados em um círculo que me lembra um pouco do relógio no andar de cima, as cores sob seus pés indo gradualmente de branco para azul meia noite. Uma mulher aponta para o meio da forma dourada, o dedo apoiado no ponto vermelho brilhante no coração do trevo do mesmo jeito que o dedo de Cadence pousa na página.

— O comitê da magia — diz. — Ou Conselho Quatrefoil. Em 1350, quando Brume estava literalmente morrendo, indicaram as famílias mais poderosas de Brume para serem *diwallers,* ou guardiões do Quatrefoil. O conselho estava furioso com a maneira que as pessoas usaram magia para causar destruição ao invés de crescimento, então a removeram do mundo ao quebrar sua fonte.

— Eles quebraram o trevo gigante…

— Quatrefoil. — Ela vira a página.

O próximo desenho mostra o negócio em pedaços, o ponto vermelho separado das pétalas curvadas.

Meu coração acelera. Puta merda. Aquilo poderia ser a pedra vermelha que estou usando no dedo torcido?

Vira a página outra vez. Uma ilustração daqueles mesmos quatro homens e mulheres cobre a maior parte do papel, mas dessa vez cada um segura uma folha do Quatrefoil na sua frente, envoltas em um elemento. Cadence não parece perceber que minha respiração acelerou. Continua a explicar, meio lendo o texto na página, meio recontando como se fosse um poema de amor que memorizou.

— A intenção dos *diwallers* era esconder as folhas até sentirem que a humanidade era novamente merecedora da magia, então cada um tomou posse de um elemento, depois fizeram feitiços para proteger sua peça e a manter em Brume.

Feitiços para manter as peças em Brume… Senti o volume da pedra no dedo. O anel ergueu uma parede invisível na plataforma do trem?

A respiração da Cadence farfalha as páginas finíssimas.

— Segundo a lenda, os descendentes dos *diwallers* poderiam trazer a magia de volta.

— Essa é uma história louca de pedra. — Tento manter a voz controlada, mas medo gela minhas cordas vocais, fazendo a fala parecer entrecortada. — O que é o negócio vermelho?

— Ah. Certo. Essa é a Pedra de Sangue. Contém o sangue de cada família de *diwallers* e o poder de *todos* os elementos. A Pedra de Sangue é a parte mais importante de todas. Sem ela, as folhas não podem ser unidas. — Ela ergue o queixo, um sorriso presunçoso nos lábios. Como se tivesse acabado de gabaritar uma prova.

Minha saliva fica densa. Engulo, e desce como piche.

— Então, faz sentido que a Pedra de Sangue seja amaldiçoada como as outras peças?

Ela concorda antes de olhar para baixo outra vez e passar mais algumas páginas.

— Mas não especifica como. Acho que é para a surpresa da pobre alma que a encontrar.

Não posso nem apreciar como suas bochechas estão coradas, ou como seus lábios parecem molhados. Estou ocupado demais surpreso com toda a parte da maldição da Pedra de Sangue. Limpo a garganta. Se a pedra no meu dedo for a pedra da qual estamos falando, estou oficialmente *foutu*.

— Algumas vezes fantasio que os contos neste livro não são apenas lendas. Imagine como seria incrível se isso *fosse* mesmo a história de Brume? Se as famílias fundadoras fossem realmente guardiões e portadores da magia. Se…

— Se itens como a Pedra de Sangue fossem mesmo amaldiçoados e os magos na festa de Ano Novo não fossem apenas um bando de LARPers?

— Larpers?

— Jogadores de live action.

Um sorriso – um verdadeiro – ilumina seu rosto. É tão magnifico que me faz momentaneamente feliz de estar em uma biblioteca no dia de Ano Novo no cu do mundo, Brume.

Até eu me lembrar do *porquê*.

— Se tudo isso fosse verdade, Slate, significaria que podemos restaurar a magia.

Ficamos um momento em silêncio; ela, contemplando a caixa de arquivo solitária na parte mais alta de uma estante, sonhando com as possibilidades; eu, vivendo um pesadelo com poucas opções.

Preciso descobrir se estou usando a Pedra de Sangue ou apenas uma cópia barata.

Tenho pouca dúvida da resposta, mas pergunto mesmo assim.

— Essa Pedra de Sangue, tem que ser bem valiosa. Onde é guardada? Em um museu? Numa gaveta do cofre de um banco? No caixão do Drácula?

O olhar de Cadence semicerra.

— Por quê? Pensando em roubá-la?

Estive ali. Fiz isso.

— Você não liga nem um pouco pra história Brumiana, liga, Slate? — Fecha o livro com força e balança a cabeça. — Você só está atrás de algo valioso. Você não é um atravessador no negócio de joias; você é o cara principal na indústria de ladroagem. — Ela está respirando tão forte que a blusa grossa está vibrando. — Pensei que você quisesse saber mais sobre suas origens, mas — acena para a sala de forma espasmódica — tudo isso era apenas uma tramoia para descobrir sobre a pedra, não era? Você sequer é um Roland, Slate?

Essa garota era um paradoxo tão grande – suave como algodão-doce num momento e dura como um pirulito no outro. Entre sua atitude volátil, minha severa falta de sono, e meu dedo latejante, não posso evitar… Dou risada. Rio mais do que ri em muito tempo. Ainda estou rindo depois que enfiou o livro de volta na prateleira, guardou as luvas e saiu pisando firme na direção da porta, as mãos abertas nos quadris, a carranca temível.

Finalmente paro e respiro fundo.

— Ufa.

— Estou feliz que você se divertiu tanto com minha aula de história.

Apesar de estar curtindo a revolta, seu comentário me deixa sóbrio.

— Não estava rindo de você, Cadence.

— Eu não ligo.

Liga sim.

— Ótimo. — Conforme passo por ela acrescento: — Você nunca deveria ligar para o que as pessoas pensam de você.

Não falamos uma palavra um para o outro depois de deixarmos a caixa de gelo, mas ela sair tempestuosa na minha frente não é uma perda total – tenho uma visão melhor da sua bunda subindo as escadas do que tive ao descer. A temperatura sobe a cada passo. Quando saímos do alçapão, o clima está praticamente tropical.

Cadence bufa, pegando alguns livros de um carrinho e se concentrando forte demais em localizar seus lugares corretos.

Eu me apoio em uma estante de livros maciça e a observo colocar *Les Liaisons Dangereuses* entre dois livros finos.

— Obrigado pela ajuda.

Ela faz um barulho zombeteiro.

— Estou falando sério. E posso voltar com mais perguntas.

Seu olhar corta para mim.

— Por que você não as guarda para a aula de história do Professor Mercier?

— Quer dizer a aula do seu namorado?

— Meu namorado? Não. Adrien não é… — Rosa pontilha suas bochechas enquanto acaricia as lombadas brilhantes na sua frente. — O professor não é meu namorado. Ele é um velho amigo.

Cruzo os braços sobre o peito. Ridículo como é, sua veneração cega do cara me irrita.

— Então por que ele estava aqui?

— Como isso é da sua conta?

— Não tem um relógio em casa?

Seus olhos semicerram.

— Tenho certeza que tem. Veio tirar fotos do *dihuner* para suplementar sua tese. Agora se acabou com sua inquisição, tenho trabalho para fazer.

Ar frio serpenteia à nossa volta, e então uma voz feminina chama:

— Cadence?

— Aqui! — Ela me empurra ao passar por mim e contorna a estante.

Colocando a luva de volta, eu a sigo para fora do labirinto.

A amiga de cabeça encaracolada da noite passada solta um gritinho e esfrega a pequena pérola no dedo mindinho.

— Slate! Você tem mais algum truque? Pode fazer outra coisa desaparecer?

— Sua virgindade.

Isso arranca uma risada retumbante de Alma e um olhar de repulsão absoluta de Cadence. Pensaria que eu era um leproso.

— Tarde demais para isso. — O sorriso de Alma é tão largo quanto o Estreito de Gibraltar. — Vamos comer alguma coisa se…

— Slate estava indo embora.

Posso entender uma deixa.

Eu me despeço delas, olhando para a cúpula pingando luz colorida no rosto gigante de metal cinza-chumbo do relógio, decorado com nada além de um contorno dourado do quatrefoil – claro, *porra*. Caminho pelo corredor, os azulejos ocre e brancos do chão marrons com lama escorregadia, depois empurro para abrir a porta de madeira pesada. Quando bate fechada atrás de mim, o nível congelante de inferno que é Brume me atinge como se fosse a primeira vez. A névoa afunda na lã do meu casaco. O frio congela

os pelos do meu nariz e globos oculares. A única parte de mim que está quente é a mão com o anel.

Piso pelo gramado do campus, passo um prédio gigante que parece um pouco como um museu de arte chique com sua fachada de calcário e enormes janelas panorâmicas. Conforme sigo a rua serpenteante que enlaça pela cidade, repasso o que aprendi na biblioteca.

Estava esperando por uma instrução passo a passo de como tirar o maldito negócio para poder penhorar por uma boa grana, ferrando de Morel ao mesmo tempo. Mas agora, não tenho escolha a não ser fazer outra visita para o homem, porque finalmente acredito em mágica.

CADENCE_

La Taverne de Quartefeuille está cheia, o que não é surpreendente considerando que não tem mais nada aberto na cidade.

Quando entro com Alma, parece que Brume inteira está abarrotada entre as paredes de pedra rústicas do bistrô que serve a melhor comida em toda a Bretanha. Nolwenn, a proprietária, para a caminho de uma mesa para me cumprimentar com um beijo perfumado por lufadas de vapor apetitoso que sai da caçarola de cerâmica que está carregando. O ensopado de trigo e carne faz meu estômago roncar.

— Acabei de limpar uma mesa no segundo piso, *ma chérie*. — Acena para a escadaria tortuosa de madeira no final do bar, o cabelo fofo, platinado nem se mexe graças a sua paixão por fixador.

Conforme passamos pela fileira lotada de banquetas de couro vermelhas, vislumbro cachos pretos e luvas. *Ugh*. Por que Slate precisa estar em todos os lugares? Passo rápido por ele, arrastando Alma antes que possa convidá-lo para subir ou para sua cama.

A piadinha sobre desaparecer com a virgindade dela está correndo em círculos no meu cérebro desde que deixamos a biblioteca. Nunca encontrei um homem tão rude e sagaz como Slate. E pensar, quando me mostrou a certidão de nascimento na

biblioteca, os olhos cheios de mágoa, senti simpatia por ele. O luto, ou o que seja que vi em sua expressão, provavelmente era tudo uma farsa.

Odeio que caí.

A parede ao lado da escadaria está coberta com fotos pretas-e-brancas emolduradas de Nolwenn e seu marido de cabelo e barba brancos, Juda, os braços envolvendo várias celebridades que passaram por Brume em peregrinações mágicas. Romain, o neto deles, também está em algumas, assim como Gaëlle e Matthias. Matthias é o filho de Nolwenn e Juda, mas desde que abandonou Gaëlle com três filhos, não se fala muito nele. Ou pelo menos, não aqui.

— Ainda não posso acreditar que simplesmente começou a funcionar — Alma diz, as escadas rangendo como ossos velhos sob suas botas de plataforma. Pelo menos trocou o vestidinho preto atrevido por um suéter esmeralda com decote em V baixo e leggings pretas.

— Eu sei. — Tentei ligar para Papa quando saímos do templo, mas recebi uma mensagem de texto que estava na fisioterapia e que me ligaria assim que terminasse.

Escaneio o segundo piso com pé direito baixo de madeira pela mesa livre que Nolwenn mencionou. Está do outro lado do salão, sob a janela coberta por cortinas de renda branca. Os vidros quadrados estão embaçados devido ao frio ártico do exterior e o calor confortável ondulante interno.

Ao passar pelo salão, aceno um oi para algumas pessoas e me inclino para beijar a bochecha quentinha de Gaëlle. Um borrado de batom magenta adorna sua pele marrom clara, cortesia de Nolwenn.

— O chapéu estava incrível em você ontem à noite, querida — diz com um sorriso.

— É oficialmente meu chapéu favorito.

— Falei para ela que deveria usar todos os dias. Acho que melhoraria imensamente seu estilo. — Alma pisca para mim, depois vira o sorriso deslumbrante para Romain.

Ele fica carmesim e tenta afogar seu rubor engolindo o copo todo de água.

— Não é como se alguém fosse te julgar. Quero dizer, moramos em Brume — Alma acrescenta.

Reviro os olhos.

— Sem querer ofender, mas acho que vou guardar para ocasiões especiais.

Gaëlle dá uma risadinha.

— Não ofendeu.

Depois de desejar *bon appétit* para mais algumas pessoas, tiro o casaco e penduro nas costas da cadeira. Os nós dos meus dedos doem, e os alongo enquanto leio a lousa em que Juda escreve os pratos do dia. Não tenho certeza do porquê faço isso, já que quase sempre peço a mesma coisa: uma *galette* de massa integral bem fininha, recheada com presunto, espinafre, queijo e um ovo frito seguida por um crepe salpicado com *salidou* caseiro do Juda.

— Sabe o que quer, Alma?

— O de sempre. E café. *Muito* café — fala no momento que Nolwenn sobe as escadas com quatro jarras de cidra.

Depois de colocá-las na longa mesa lotada de universitários, responsáveis pela maior parte do barulho da taverna, ela serpenteia pela mistureba de mesas na nossa direção. Apesar de levantar ao raiar do dia e ir dormir apenas depois que o último cliente vai embora, aquela mulher é cheia de energia.

Ela anota nosso pedido, sussurrando conspirativamente.

— Vou colocar o de vocês na frente do deles. — Acena para a mesa grande.

Depois que desaparece de volta para o térreo, Alma se inclina sobre a mesa.

— Então, agora vai me contar por que você estava passando tempo com o gatinho novato?

— Ele tinha perguntas sobre a história Brumiana. — Abro o guardanapo de algodão xadrez de vermelho e coloco no colo. — E não é gatinho.

— Hm. Sim, ele é. Você só está cega por…

Chuto sua perna sob a mesa antes que possa pronunciar o nome de Adrien com Gaëlle sentada a duas mesas de nós.

— Ai. — Ela se inclina e esfrega a perna. — Não teria dito o nome dele em voz alta.

Melhor prevenir do que envergonhar.

Seus longos cachos cobre se movem pelo rosto.

— Você está terrivelmente rabugenta hoje.

— Pode ser porque alguém gritou-sonâmbula Feliz Ano Novo as quatro da manhã e jogou lenços de papel em mim.

Alma abre um sorriso.

— Estava me perguntando por que tinha tantos lenços na cama.

Enquanto esperamos nossa comida, estudo o contorno de quatro folhas estampado nos azulejos do piso.

— Você acha que o Quatrefoil realmente existiu?

Alma esteve nos arquivos. Ela folheou os livros, então sabe tudo sobre os *diwallers* que supostamente confiscaram a mágica e a trancafiaram por segurança.

— Lembra de todas aquelas caças ao tesouro em que íamos quando éramos crianças? — pergunta.

— Sim.

— Lembra de todo o tesouro que encontramos?

— Não encontramos nada.

— Exatamente.

— Então você acha que é tudo folclore para atrair turistas?

Sinto Gaëlle olhando para nós, mas quando ergo o olhar para o dela, encontro-a encarando o enteado, posso ter imaginado sua atenção.

— Não sei se foi inventado para melhorar o turismo, mas é uma boa história. Queria que fosse verdade. Se *eu* tivesse magia, a primeira coisa que faria seria dispersar a névoa.

— Sim, porque isso melhoraria muito o mundo.

— Melhoraria muito o nosso mundo. — Ela franze o nariz para a névoa que pressiona contra a janela. A densidade da massa cinzenta dá a impressão de que a taverna está suspensa em uma nuvem. — Podemos voltar a falar do novo rapaz?

Suspiro.

— Prefiro que não.

— Ele beija bem?

— O que exatamente você pensa que estávamos fazendo na biblioteca?

— Quis dizer ontem à noite, na festa.

— Ah. Ele não me beijou.

Ela se sobressalta.

— É por isso que você está irritada com ele?

— Claro que não.

— Não posso acreditar que ele não te beijou. O jeito que estava olhando para você ontem à noite… Babe, confie em mim, sou um detector de feromônios real, e aquele garoto…

— *Al-ma* — sibilo, decompondo o nome dela em duas sílabas distintas para enfatizar o fato que não quero discutir ele ou a noite

passada ou essa manhã.

— Tá bom — lastima. — Vou calar a boca.

Conversamos sobre o relógio e sua mão reposicionada, e depois sobre a aula que vou dar. Troco ideias com ela, e já que é tão boa ouvinte quanto faladeira, sinto como se tivesse a aula inteira preparada até nossa comida chegar.

Ao sair, Gaëlle para na nossa mesa para perguntar se posso cuidar dos gêmeos em algum dia da próxima semana. Ela prometeu levar Romain a Rennes para comprar um novo guarda roupa.

— Não para de crescer. — Seus lábios carnudos se curvam com orgulho.

Romain pode não ser seu filho biológico, mas o ama como se fosse. Ela puxa o cabelo escuro e ondulado debaixo do cachecol amarelo.

— Precisamos ir. Samson e Arthur estão com a filha adolescente da minha vizinha. Confio nela para mantê-los vivos, mas é tudo.

— Meus irmãos provavelmente tem os próprios perfis nas redes sociais a essa altura — Romain palpita.

Dou risada e Gaëlle balança a cabeça.

Depois que saem, tenho uma conversa com Alma para não incentivar Romain. Espero ela prometer que não vai brincar com seu coração jovem antes de descer para ir ao banheiro. Quando vejo que Slate não está mais sentado no bar, respiro mais fácil. Isto é, até a porta do banheiro se abrir e eu ficar nariz-no-pomo-de-Adão com ele.

Ele cheira a noites de inverno ao lado do fogo – uma mistura de cidra, café e cravos. Queria que cheirasse a meias velhas e úmidas.

— Procurando por mim? — Está colocando as luvas, já usando o casaco.

— Procurando te evitar — murmuro ao dar um passo ao lado para deixá-lo continuar pelo corredor apertado que leva a porta de vai e vem da cozinha.

— Confie em mim, se pudesse sair desse lugar, já teria partido.

Ergo uma sobrancelha.

— Ficaria mais do que feliz de te mostrar a direção da estação de trem.

Apesar do corredor estar escuro, pego os olhos dele vacilando para uma das mãos. A que tem o caroço.

— Ah, eu sei como chegar lá.

— Então o que você está esperando?

A porta da cozinha abre e Nolwenn sai carregando três pratos.

— Seu crepe está na frigideira, Cadence. — Ela dá um olhar para Slate conforme se afasta para deixá-la passar.

Fitas de vapor de alecrim permanecem em seu encalço, anuviando a silhueta escura do corpo dele.

Depois que desaparecem, ele se afasta da parede.

— Te vejo mais tarde.

— Espero que não.

Ele olha para mim por cima do ombro, olhos pretos curvando com diversão. Acha que estou brincando, mas estou falando sério como a morte. Espero mesmo que vá embora, e não quero dizer do restaurante.

Quero dizer de Brume.

Mesmo que possa ter raízes nessa cidade, ele não pertence aqui. Pertence a cidade grande onde desrespeito pelas pessoas e seus costumes é tolerado, até encorajado.

Depois do almoço, Alma volta para os dormitórios e vou para casa pelo cemitério. Todo primeiro dia do mês, vou na cripta da nossa família para conversar com Maman. Não acredito em espíritos ou fantasmas ou magia de qualquer tipo, então estou ciente de que ao "conversar com ela" na verdade estou falando comigo mesma, mas encontro consolo nessa pequena tradição. Isso me permite desabafar sobre escola e garotos e crescer, e colocar um pouco de ordem dentro do meu coração e mente.

Uma camada fresca de neve cobre o chão congelado como um edredom esticado confortavelmente sobre os túmulos. Passo o mausoléu da família Mercier e decido parar. As dobradiças estão lubrificadas, então a porta abre com um sussurro. Geoffrey Keene pode ser um pervertido, mas mantém o mausoléu Mercier em perfeitas condições.

Vou até o caixão erguido de Camille. Os entalhes ainda tão recentes que fazem um tremor descer pela minha espinha. Apesar de Papa ter sido mãe e pai para mim, foi para Camille que corri quando tive minha primeira menstruação. Foi ela que comprou meu primeiro sutiã e me levou no ginecologista.

— Espero que seja mais quente onde você está. — Abro um pacote de açúcar e despejo sobre seu nome entalhado e datas de vida. É uma antiga tradição Brumiana – ao invés de flores, celebramos os mortos com açúcar para adoçar a vida eterna. — Seu filho está ficando famoso. Não sei se te falou. — Suspeito que, diferente de mim, ele não passe tempo em cemitérios. — Foi convidado para dar uma palestra sobre sua tese em Cambridge. Que honra, não? Você estaria muito orgulhosa dele. Ah, e ele está namorando uma garota que você provavelmente não aprovaria… — Deixo minha voz sumir antes de acrescentar algo venenoso.

Do lado de fora, o vento pressiona contra a pequena construção de mármore, e uiva.

— Um rapaz novo chegou noite passada. Ele é horrível. — Empurro fios de cabelo rebeldes para longe das minhas bochechas congeladas. — Ele afirma ser filho de Eugenia e Oscar Roland. O que é loucura porque também deveria ter morrido no fogo.

Alguma coisa horrível me ocorre… algo que lembro da única e solitária vez que parei no mausoléu Roland: sob os nomes de Oscar e Eugenia, está o de Slate. Bom, Rémy. Se realmente são a mesma pessoa, então espero que ele não tenha vagado pelo cemitério e visto a inscrição.

Afasto a contemplação macabra e volto o foco para Camille.

— Estava lendo *Istor Breou* outra vez essa manhã, me fez desejar que magia fosse real. É, Camille? Existe alguma verdade naquele livro?

Porque se existe… *ah, os feitiços que faria*. Traria a mãe de Adrien e a minha de volta, daria umas verrugas a uma namorada de cabelo curto, e faria um ladrão irritante desaparecer.

E é por isso que Humanos foram despojados de mágica: não éramos dignos.

— Sinto sua falta, Camille. — Passo as pontas dos dedos sobre o quatrefoil e *Mãe Amorosa e Cidadã Honrada de Brume* entalhados, afundando os cristais de açúcar. — Por que você não nos contou que estava triste? Por que recorreu ao arsênio? Arsênio!

Raiva e luto embaçam minha visão. Limpo os olhos e depois, deplorando o mascate de veneno, saio pisando firme. Uma aspersão de sol dispara pela cobertura de nuvens e doura a neve e as antigas lápides, no entanto não me traz prazer.

Passo por Viviene sem nem mesmo um olhar em sua direção, depois contorno nosso mausoléu. A porta estreita está entreaberta.

Papa está aqui? Quem mais tem a chave da nossa cripta? O zelador? Diferente da dos Merciers, a nossa está sempre trancada. Papa diz que luto deve ser algo privado.

— Olá? — chamo.

Tirando o vento chacoalhando os galhos secos das tílias, não tem som.

Poderia o terremoto ter quebrado a tranca e aberto a porta? Eu me aproximo e aperto os olhos para a escuridão, depois pressiono as pontas dos dedos na porta de ferro fria. As dobradiças gritam.

Meu coração desmorona até as botas, depois pula até a garganta quando o lugar entra em foco, e vejo Maman… ou o que resta dela. Cambaleando para trás, ergo a mão até a boca e mordo os nós dos dedos.

Tento arrancar a imagem de seda ocre e pele cinza dos olhos, mas está queimada nas minhas retinas. Bile sobe tão rápido que mal tenho tempo de segurar os joelhos trêmulos e me inclinar antes do vômito subir queimando pela garganta.

Quem faria isso? Quem profanaria o túmulo de alguém? E por quê?

Um bom tempo depois, pego um punhado de neve limpa e esfrego a boca, depois chuto um pouco sobre a sujeira que fiz. Em seguida encaro o portal aberto, desejando que fosse corajosa o bastante para colocar Maman de volta na sua cama de pedra, mas não sou corajosa e provavelmente não sou forte o bastante para erguer a tampa.

Ao fechar a porta, os dedos tremendo tanto quanto o coração, vislumbro um brilho de alguma coisa no chão empoeirado. Aquilo é… aquilo é uma garrafa de vinho? Alguém usou nossa cripta para passar um tempo e se embebedar?

Raiva explode de volta dentro de mim, e me viro. E aí estou correndo para casa porque preciso contar para Papa.

Ele vai consertar isso.

Meu pai pode consertar qualquer coisa.

SLATE_

Nem mesmo vinte e quatro horas se passaram desde que pisoteei os rastros deixados por botas de salto e mocassins brilhantes na neve encrustada, ainda assim parece como séculos. Como se tivesse envelhecido o bastante para ter passado por outra era do gelo e ter chegado na nova idade das trevas.

Manoir de Morel parece dramática e pretensiosa mesmo a luz do dia. Ontem à noite, milhares de luzinhas brilhantes de festa contornavam o prédio. Hoje, raios filtrados do sol poente lustram as velhas pedras cinzentas, fazendo-as brilharem um marrom-avermelhado. O lugar parece que está iluminado pelo fogo do inferno, e aqui estou, a alma asinina andando diretamente nelas.

Chego na enorme porta azul adornada com uma estampa de ilhós de metal formando um quatrefoil – aquele símbolo está começando a parecer tão sinistro quanto sangue manchando portas para prevenir a ira de Deus. Desde que coloquei os pés nessa maldita cidade, nada saiu de acordo com o plano. Do quartinho até a conversa com Rainier de Morel até a porra do anel. Inferno, nem o flerte com Cadence foi ideal. Se estivéssemos em Marselha, já teríamos compartilhado um jantar de cinco pratos, uma garrafa de champanhe chique e, muito provavelmente, fluídos corporais. No

lugar disso, recebi histórias estranhas de bruxos e olhares mortais afiados.

A campainha soa, ecoando na mansão.

Uma mulher pesada de meia idade em pijamas médicos azul marinho abre a porta. Seu batom é vermelho fatal, e o cabelo escuro está cortado em um daqueles cortes chanel severos que apenas estrelas de cinema e dominatrix usam. Tenho quase certeza que ela não é uma estrela de cinema.

— Posso te ajudar? — O desdém na sua voz é evidente.

Claro, meu cabelo está bagunçado e as bolsas sob meus olhos estão tão pronunciadas quanto a protuberância no dedo, mas minhas roupas custam muito mais do que o pequeno cometa de diamante pendurado na curvatura do seu pescoço flácido.

— Estou aqui para ver Rainier de Morel.

Semicerra os olhos marrons para mim, intensificando os pés de galinha que os cercam.

— Ele está te esperando?

— Jacqueline? — A voz de Rainer chama de algum lugar atrás dela. — Quem é?

— Slate Ardoin — digo.

Jacqueline repete, Rainier pode ser muitas coisas, mas não é surdo.

Uma risadinha satisfeita. E depois:

— Deixe-o entrar.

Ela franze o cenho e chama por cima do ombro:

— Mas seus exercícios…

— Terminaremos mais tarde. Deixe-o entrar.

Enruga os lábios e inclina a cabeça para o lado.

Percorremos a direção oposta ao grande salão, por uma porta dupla aberta, e para uma sala de estar monstruosa com piso de

mármore preto. Paredes cinza carbono estão cercadas por rodapés e sancas. Tem uma lareira de granito pêssego larga o bastante para assar um cavalo em um espeto, e móveis angulares em vários tons de casca de ovo. Tudo é brilhante e perfeito.

Acho que ninguém faz lanchinhos de madeleines aqui…

Rainier senta na sua cadeira de rodas perto da janela de sacada, uma fita elástica de fisioterapia verde nas mãos. Jacqueline a tira dele antes de sair rápido da sala, abstendo-se de oferecer café ou um *apéritif*.

Desvio de uma mesa de centro de vidro tão grande quanto minha cama em Marselha e afundo no sofá de couro macio secional. E continuo a afundar até o sofá praticamente me engolir. Eu me movo, mas não ajuda. É como um capítulo estranho em *Alice no País das Maravilhas* – estou me sentindo cada vez menor com cada movimento que faço.

Esse sofá não foi feito para relaxar; foi feito para intimidar.

Maldição. De Morel é bom.

Agora, Rainier se manobra um pouco mais perto. Apesar de qualquer exercício que estava fazendo há pouco, está perfeitamente alinhado – do vinco passado nas suas calças cáqui até as fibras suaves do seu suéter de cashmere cinza até cada fio de cabelo com gel na cabeça.

Ele ergue os cantos da boca em o que suspeito deva se parecer com um sorriso, só que sem nenhum calor.

— Com está se saindo em Brume?

— Tão bem que não posso me deixar partir. Insano, não?

Semicerra os olhos azul marinho.

— E a que devo o prazer desta visita? — Ele faz a palavra prazer soar como uma mancha de sujeira.

Reconheço isso pelo o que é: uma disputa de pirocóptero, com Rainier e eu assumindo nossos lugares, preparando nossa pose.

Eu balanço primeiro.

Tirando a luva da mão direita, revelo a pedra escarlate no dedo médio o mostrando a ele com um floreio. Estou esperando sentir alguma animação, mas estou puto e agitado demais para qualquer outra sensação. Esse anel me drenou até dos prazeres mais básicos.

A pele de Rainier vai de alabastro aristocrático esnobe para verde virose estomacal, e seus dedos apertam os braços da cadeira de rodas.

— Como você conseguiu isso?

— Vamos apenas dizer que visitei a família. Sua família. Deveria ser uma visita rápida. Do tipo foder e partir. Apenas rápida o bastante para pegar algumas coisas e machucar seu ego. Mas, bom… — Ergo a mão mais alto, o dedo médio ainda estendido. — Este bebezinho gostou de mim. E agora não solta.

Rainier fica parado por um momento, sem se mover, sem respirar, apenas olhando direto no meu olho com um olhar mortal. Depois rola até bem na minha frente, sua roda esquerda fazendo um barulho no sofá de couro, a roda direita batendo na mesa de vidro. Quando está perto o bastante que posso ver os poros no seu nariz e o suor formando gotas em volta de seus lábios, ele grita:

— Seu *maldito idiota!* — Cuspe atinge meu queixo e bochechas. — Seu maldito estúpido *tolo!*

E então está manobrando a cadeira como um bêbado raivoso. Tenta ir para trás, mas bate na mesa de centro. Depois no sofá. Depois em ambos. A bolsa preta elegante pendurada no descanso de braço solta uma parte e a alça prende na roda. O tom de pele de Rainier se aproxima de um pouco lisonjeiro berinjela enquanto

xinga, usando expressões que imagino serem Bretão porque nunca as ouvi.

Surpreendentemente, não tenho alegria nenhuma em vê-lo se contorcer como uma minhoca em pão podre. Com esforço Herculano, eu me forço do buraco de couro macio e contorno o sofá para puxar sua cadeira e a rolar para trás até não estar mais preso entre os móveis.

Ele não fala nada, apenas prende a bolsa no lugar, depois puxa uma pasta de couro marrom. Estou em silêncio enquanto seus dedos trêmulos trabalham para deslizar um Churchill para fora, cortar e acender com um isqueiro de maçarico chique.

Depois de baforar algumas vezes, roda o charuto entre os dedos e o polegar e grita:

— Jacqueline!

Vai pedir para sua fisioterapeuta – ou enfermeira safada – me remover a força? Não tenho certeza que isso daria certo considerando que peso mais do que ela em massa muscular e astúcia. A não ser que ela carregue um rifle de caça… Não ficaria surpreso que pessoas que vivem tão perto de uma floresta mágica saibam manejar armas de fogo.

Ela entra correndo tão rápido que o cabelo corta o ar ao redor da sua mandíbula como um machado.

— O que é, Monsieur de Morel?

— Não vou ter tempo para fazer mais exercícios hoje. Te vejo amanhã.

— Tem certeza? Não me importo de esperar.

— Tenho certeza. — Apesar de estar falando com ela, seus olhos glaciais estão em mim.

Ele dá uma longa puxada na fumaça do charuto antes de soltar donuts de fumaça. Chaves chacoalham, borracha faz barulho em

mármore, e depois o clique de uma porta seguido por um baque pesado. Minutos passam em silêncio tão denso quanto o cobertor de cashmere cinza perolado colocado sobre o encosto do sofá.

— Você arruinou tudo, Monsieur Roland. — Antes que possa responder, ele ergue uma mão. — Eu sei. *Ardoin*.

Dessa vez, sento no braço do sofá. Não afundo. Então meu rosto está na mesma altura do seu quando digo:

— Além de uma cripta fétida, o que diabos eu arruinei?

— Cuidado. — Rainier ergue sua mão livre e traz o polegar e o mindinho a um milímetro um do outro. — Estou perto assim de perder o controle.

Faço um barulho zombeteiro.

— Planejando passar por cima de mim com essa cadeira de rodas chique?

A porta da frente abre novamente, depois bate fechada, e imagino que Jacqueline tenha esquecido algo, mas a voz que acompanha o barulho não é da velha mulher.

— Papa! — O grito é agudo e sem fôlego. — Ah, Papa! — Cadence corre para dentro da sala, tropeçando na ponta do tapete bege, antes de se jogar nos braços do de Morel. Seu corpo treme sob o casaco fofo prateado.

Papa?

Nenhum.

Maldito.

Jeito.

Como não percebi isso?

Seu rosto está pálido, os olhos tão vermelhos quanto os lábios, e trilhas molhadas brilham em suas bochechas.

Uma fúria estranha e violenta se acende no meu âmago. Vou destruir quem a colocou nesse estado, porra. Tão rápido como o

pensamento queima pelo meu cérebro, ele é apagado. O que diabos tem de errado comigo? Ela é cria do de Morel. Não merece minha pena nem minha proteção.

Não devo *nada* para os de Morel.

— O que é, *ma* Cadence? — Rainier pergunta.

Ela solta as mãos do entorno do pescoço dele, depois se levanta e anda de um lado para o outro entre o mármore e o tapete.

— Fui ver Maman hoje e… — A voz da Cadence estilhaça, e pressiona o calcanhar das mãos nos olhos. — A porta estava aberta. E tinha vinho. E eu…eu vi… Eu a vi. Meu Deus, Papa. — Pressiona os nós dos dedos na boca. — Eu a vi — sussurra.

O olhar de Rainier fica tão afiado quanto a faca de serrinha que Vincent enfiou na minha mão.

Uma arfada sai da boca de Cadence junto com a mão, que bate contra na coxa.

— Slate? O que você está fazendo aqui?

Não respondo.

Sua respiração corta de repente, e ela solta:

—*Você* fez isso.

— *Isso?* Você vai ter que ser um pouco mais clara, Mademoiselle de Morel — solto seu sobrenome odioso pelos dentes —, porque eu fiz *várias* coisas.

— Ontem à noite, você estava vindo do cemitério quando trombei com você. — Não é uma pergunta, então não me dou ao trabalho de responder. — Você que abriu o túmulo de Maman? — Sua voz mal está acima de um sussurro agora.

Fico rígido, como se alguém tivesse derrubado um balde de concreto sobre mim.

O corpo no sarcófago era da mãe de Cadence. O corpo que deixei a plena vista.

Ah, porra.

Um tremor passa por Cadence como se estivesse vendo o corpo apodrecido da mãe outra vez, e novas lágrimas pingam pelas suas bochechas.

Minha mandíbula tensa fica um pouco mais firme conforme o doce gosto da minha vingança se torna insuportavelmente amargo.

Para mim, túmulos são apenas caixas cheias de ossos. Não *pessoas*. E certamente não pessoas que significaram alguma coisa para alguém. Ontem à noite quando estava saqueando a cripta, a única coisa na minha cabeça era minha fúria com Rainier de Morel. Nenhuma vez parei para considerar como minhas ações impactariam outra pessoa. Além de Bastian, não dava a mínima para ninguém. Nem eu mesmo. Não de verdade. Mas penso *e se Bastian morresse*? E se alguém profanasse o *seu* túmulo?

Arrancaria a porra da garganta deles, é isso.

Senti muitas coisas na vida – raiva, desespero, ciúme, orgulho. A única emoção que sempre pareci não ter era vergonha. É a razão que fui capaz de chegar tão longe no meu ramo de trabalho. Não pode ser bem-sucedido em ser mau se está preocupado em ser bom. Apenas não pode. Precisa colocar sua consciência em pausa.

Mas agora…

Agora, uma dor lancinante irradia pelo meu peito, minhas têmporas latejando, e os ouvidos zunindo, porque *eu* sou o responsável pelas lágrimas de Cadence.

— O que você tem para dizer por si, Monsieur Roland? — Rainier bate com um dedo no braço da sua cadeira de rodas, conseguindo dar aquele gesto minúsculo uma quantidade enorme de violência.

Minha garganta trabalha, mas não para produzir qualquer som, apenas para engolir o gosto vil do que fiz.

Sinto-me como se fosse merda de cachorro sob o sapato de alguém. Como um chiclete mastigado preso em um banco de metrô. Como o lixo que o serviço social sempre me disse que era.

Os olhos de Cadence são um azul tempestuoso.

— O broche e todas as outras coisas nos seus bolsos… Você as roubou do mausoléu da minha família, não roubou? — Ela está respirando como se tivesse acabado de correr uma maratona, os ombros arfando. Os dedos finos se curvaram nas palmas, e seus pequenos punhos batem no jeans. Não sei por que ainda não está me espancando com eles. Eu não sei por que não está arranhando minhas bochechas com as unhas e cuspindo no meu rosto.

Ela afunda no sofá oposto em que me sento, deixando claro que não quer estar em lugar nenhum perto de mim.

— Eu te odeio.

Não tanto quanto eu me odeio para caralho nesse momento.

— Eu quero te machucar — diz.

Não tem motivo em dizer que sinto muito. A situação está muito além de desculpas. Na verdade, pedir desculpa pode apenas deixá-la mais brava.

Então, faço o que sei fazer de melhor – ajo como um babaca.

— Entre na fila, Cadence, porque sua *maman* chegou primeiro. — Ergo a mão, não apenas o dedo do meio dessa vez.

— Onde você… isso é… — A boca de Cadence abre. — Isso é... O que penso que é? — Tem um toque de reverência na voz de Cadence.

— A Pedra de Sangue? Estávamos prestes a esclarecer isso com seu velho. — Meus olhos deslizam de volta para Rainier, focando nas feições embaçadas por uma nuvem de fumaça de charuto.

Não tenho certeza do que tira Cadence do seu torpor, mas toda sua reverência ofegante desaparece quando ela grita:

— Seu… seu… *trapaceiro!* Tire isso neste instante. É parte da história Brumiana. Não pertence a você!

— Não vai dar, querida. Sua maman me pegou de jeito.

— Minha mãe? O que o anel tem a ver com Maman? — Seus dentes estão tão apertados que a pergunta é um rosnado. — E o que quer dizer com não *consegue* tirar?

— Ele quer dizer — a voz de Rainier é calma, assustadoramente — que não importa o que fizer, o anel não vai sair. Não é mesmo, Monsieur Roland?

— Está um pouco preso. Não tem nenhum cortador de parafusos decente perdido por aí, tem?

Ele suspira de um jeito dramático e alongado.

— Enfim, meu estúpido, estúpido garoto. Cortadores de parafuso não vão ajudar. Nem mesmo no seu dedo. A pedra está fundida a *você*, seu sangue, não sua pele.

— Que tipo de merda é essa?

— O tipo amaldiçoada. Do tipo que consegue quando brinca com magia negra. — Seus lábios curvam ao redor do charuto como se tivesse superado a raiva e partido para o escárnio. — Você colhe o que planta em Brume. Seja bem-vindo.

Estremeço com a frieza da sua recepção.

Cadence olha para o pai como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— A Pedra de Sangue é real?

Cada linha no rosto de Rainier suaviza ao concordar com a cabeça.

— E estava no túmulo de Maman?

Exala mais fumaça.

— Estava planejando conversar com você há um tempo. Explicar sua história familiar. Contar-lhe sobre o Conselho do Quatrefoil e seu papel agora que é maior de idade…

— Eu? O Conselho do Quatrefoil?

— Você é uma de Morel. Como sua mãe. — Cadence não parece surpresa pela afirmação de Rainier, mas me faz pausar. Rainier assumiu o nome da esposa? Não é estranho, só não é usual. A não ser que não seja seu pai biológico, mas algum tio que chama de Papa?

Pouco parece ter sentido nesse momento.

Cadence balança a cabeça como se estivesse tentando limpá-la.

— Então, o Conselho existe? E os *diwallers*? E magia…

— Magia existe. Bom, existia. Desde 1350, está contida dentro das folhas separadas do Quatrefoil.

Uma nova luz brilha sob a pele sarapintada de Cadence.

— Magia é real? — Suspira.

Um mundo inteiro de emoções e palavras não ditas passa entre eles enquanto se olham. É como se tivessem esquecido que estou aqui. Como se tivesse esquecido que uma pedra cheia de sangue se uniu as minhas veias.

Conforme a observo olhar para Rainier, algo me ocorre: Cadence pode cobiçar aquele cara professor Adrien, mas ela não o venera. O homem que venera é o pai.

Tento me levantar em silêncio, mas o couro sob minha bunda geme quando me movo. Os olhares de ambos Cadence e Rainier vêm para mim, depois para a pedra vermelha brilhando espalhafatosamente no meu dedo.

— Então, estou preso parecendo um cafetão pelo resto da minha vida?

Cadence dá um grunhido; Rainier dá uma longa baforada no charuto.

— Sim. Você está preso assim pela vida inteira. — Fumaça faz seu rosto parecer ondulante. — Mas a boa notícia é que não vai ser tão longa.

— Tão longa até o quê?

Seu sorriso de repente parece genuíno, como se estivesse se divertindo me torturando com trapos de informação que meu cérebro confuso está tentando alinhar e encaixar.

— Oras… até você morrer, é claro.

Dou um passo na direção de Rainier.

— Está me ameaçando?

Cadence se levanta do sofá em um pulo e se coloca entre nós antes de bater com as duas mãos no meu peito. Se não estivesse tão distraído por toda a insanidade da conversa, estaria impressionado com o quão ferozmente protetora ela é. Já que estou puto, seguro seus pulsos o mais gentil quanto Slate*mente* possível e empurro. Não avanço, apenas fuzilo Rainier sobre o topo da cabeça de Cadence.

— Não estava te ameaçando, Monsieur Roland; apenas constatando fatos. — Puxa a fumaça do charuto, demorando a seu bel prazer para me explicar o que me aguarda. — A Pedra de Sangue é amaldiçoada para manter a magia contida. Ironicamente, o único jeito de se libertar é restaurando essa magia.

Estou ciente que é minha própria culpa que o anel está preso no meu dedo, ainda assim a vontade de cutucar os olhos dele é forte pra caramba.

— Pare com as malditas charadas!

A respiração de Cadence sussurra sobre minha mandíbula apertada.

— Você precisa reunir as peças.

O cheiro do seu shampoo enche minhas narinas. *Putain*, ela cheira bem. Lava o cabelo com geleia? E por que diabos a estou cheirando agora?

Dou um passo para trás e jogo as mãos para cima, tomando cuidado para não atingir Cadence.

— Okay, então. É o que vou fazer.

Rainier ri, uma risada profunda e sem alma. Uma risada de vilão da Disney.

— Esse não é um jogo de ligue os pontos, Monsieur Roland. Essa é uma batalha contra magia potente. Primeiro você precisa localizar as peças, peças que estão escondidas por magia. E depois precisa lutar por elas. E acredite em mim, vai perder. As maldições colocadas no lugar para mantê-las escondidas são formidáveis. E a maldição da pedra é a mais forte de todas.

— Você não sabe disso — falo.

— Ah, mas eu sei. — Ele pigarreia e olha direto para a nuca da filha. — Eu sei porque foi a Pedra de Sangue que matou minha esposa, Amandine.

CADENCE_

A MAGIA ROUBOU MINHA MÃE?

— Por que caralhos você me disse para vir para essa porra de cidade! — A voz de Slate dá um tapa no ar cheio de tensão, passando direto pelos meus pensamentos.

Dou um passo para o lado para que possa manter um olho em cada homem. Não quero dar as costas para Slate. Não confio nele.

O rosto de Papa fica da cor de beterrabas cruas.

— Não falei para você saquear a cripta da minha família.

O peito de ambos os homens arfa igualmente forte, ao passo que o meu está quieto. Ainda estou processando. Que minha mãe morreu por causa da magia. Que magia é real. Que está armazenada dentro de quatro folhas escondidas e um anel que neste momento está estrangulando o dedo do ladrão.

— Por que você nunca me contou? — sussurro.

— O quê? — Não acho que Papa tem intenção de brigar comigo, mas é assim que a palavra sai.

— Sobre magia? Que existia? — Encaro o bonsai de bronze no meio da mesa de centro, o tronco sulcado, galhos delicados, e folhas do tamanho de gotas de chuva. — Que roubou Maman de nós?

— Contar-lhe a colocaria em risco. Até Rémy vir para casa…

— Meu nome é Slate. Não Rémy. E essa não é minha casa.

— Até *Slate* voltar para Brume, não tínhamos como trazer a magia de volta, então não vi motivo de alimentar suas esperanças para nada.

Slate se afasta até as panturrilhas acertarem o sofá, depois afunda, mas não reclina, a coluna rígida como um atiçador de fogo.

— Até eu voltar?

A luz do sol poente pega na grande pedra vermelha, refletindo no peito de Papa. O ponto vermelho parece como um buraco sangrento no cashmere pálido.

Papa suspira.

— É complicado. — Seus olhos azuis marinho passam pelo rosto de Slate, depois se desviam, pousando na longa janela de sacada e no lago além dela, que brilha dourado e cinza-safira sob uma fina camada de névoa.

Slate passa a mão pelos cachos pretos bagunçados.

— Tente. Sou bom com complicado.

— Vamos esperar que seja — Papa diz. — Com Amandine e os outros, tentamos reunir o Quatrefoil. E falhamos.

— Os outros? — interrompo.

O olhar de Papa sobe para mim.

— As outras famílias fundadoras. Os outros guardiões.

— Nós somos… somos *diwallers*? — Não acho que algum dia experimentei tantas emoções extremas e misturadas no espaço de tão curto tempo.

— Estava esperando que tivéssemos mais tempo… — acrescenta baixo.

— Mais tempo? — Slate está apertando os joelhos, os nós dos dedos de ambas as mãos pálidos, os tendões tão tensos que parecem prestes a quebrar o dedo do seu dedo médio roxo.

Meu coração quase balança por ele, mas fez isso a si mesmo. Ações tem consequências. É tempo que aprenda isso.

— No momento que o anel se liga a um descendente, as peças aparecem. Se não forem encontradas e reunidas antes da lua nova, todas desaparecem novamente.

— Okay. — A respiração de Slate ainda está trabalhosa. — Então, isso nos dá quanto tempo?

— A lua cheia é amanhã. O que me lembra. — Conforme tiro o casaco fofo e jogo no encosto do sofá, tagarelo: — Papa, tentei te ligar mais cedo, porque o relógio…

— Começou a funcionar. — Ele suspira.

— Adrien te disse?

— Não.

— Então como você…

— Rémy, aqui, acordou a magia.

— Puta que pariu, é *Slate* — rosna.

— E agora você tem apenas duas semanas para montar o Quatrefoil — Papa diz baixinho.

As mãos de Slate relaxam.

— Ainda bem que encontrar coisas que não querem ser encontradas é meu forte. — Sob o tom confiante, sinto agitação.

— Só que você não vai poder recuperá-las sozinho — Papa afirma. — Todos os quatro *diwallers* vão ter que jogar para vencer.

Meu corpo inteiro arrepia.

— Todos os quatro? Vou ter que — engulo em seco — *ajudar* Slate?

— Sim.

— Quem são os outros dois? — Slate pergunta.

Papa olha pela janela.

— Adrien Mercier e Gaëlle Bisset.

Claro… os descendentes das famílias fundadoras. O que exatamente estava esperando? Que esses outros guardiões fossem estranhos?

— Ah, que beleza — acho que escuto Slate dizer. Ele pode ter apenas emitido um grunhido de homem das cavernas. Não acharia estranho ele fazer sons de natureza animalística.

— O que acontece se não conseguirmos as peças em quinze dias, Papa? Elas voltam a se esconder?

Papa fecha os olhos, e suas narinas pulsam.

— A não ser que Slate tenha tido um filho, é fim de jogo depois dessa lua nova. E não apenas por um tempo, para sempre. Ele é o último Roland.

Slate e eu franzimos o cenho.

— Se o anel não sair antes da lua nova, mata o usuário.

Slate não emite um som. Ele parece ter parado de respirar.

— Meu plano original era trazer Rémy – quero dizer, Slate – para casa, atualizá-lo na nossa história compartilhada, atualizar *você* — as pálpebras de Papa se erguem e ele me encara —, depois marcar uma reunião com os outros. Um dos *diwallers* iria colocar o anel… Queria que pudesse ter sido eu, para que se falhássemos, se alguma coisa acontecesse… — Sua voz quebra, e os olhos começam a brilhar como o lago. — Mas nenhum fio de magia adormecida corre no meu sangue. Tudo o que posso fazer é ensinar a vocês quatro todas as lições que aprendemos com erros passados.

Outro arrepio passa pela minha pele. Devo empalidecer porque Papa se aproxima e segura minha mão frouxa como se para me lembrar que está aqui. Que tudo vai ficar bem.

— Ainda bem que você não pode colocar — afirmo, fechando os dedos em volta dos dele. — Prefiro ter um pai do que magia.

—Você tem quase dezoito anos…

— E daí?

Ele fuzila suas pernas inúteis.

— *Ma* Cadence, você acha que gosto de estar em uma cadeira de rodas?

Sei que é difícil. Sei que sente dor com frequência e se ressente de precisar dos outros para tudo, mas apenas não posso – eu apenas…

— Papa, eu *sempre* vou precisar de você. — Lágrimas brotam sob minhas pálpebras e vazam pelas bochechas.

Seu polegar se ergue, e ele as limpa.

Por que estou lacrimejando por isso? Não é como se perdê-lo fosse uma possibilidade real. Quero dizer, vou perdê-lo, um dia. Ninguém vive para sempre, mas pelo menos não vai ser um anel que o removerá de minha vida. Não como minha mãe.

Deus, um anel. . .

Eu a perdi por causa de uma joia amaldiçoada. Ainda parece tão… tão…

— Não que esse momentinho não seja acalentador, mas tenho quinze dias restantes de vida, então se você dois pudessem focar em mim por um segundo e explicar que porra estou procurando, ficaria muito grato.

Estreito os olhos molhados para Slate. Ele é tão odiável que nem me sinto mal que pode morrer. *Okay*… Eu me sinto um pouquinho mal.

— Slate está certo. Precisamos começar a trabalhar. — Papa pega o telefone do bolso da cadeira de rodas e rola a tela de contatos.

Quando vejo o nome que seleciona, mordo o lábio.

— Adrien disse que estaria voando para Londres hoje.

— Então vai ter que voar direto de volta — Papa diz.

Meu coração bombeia tanto sangue que soa como se o lago estivesse correndo pelo meu crânio. Ainda assim, consigo pegar trechos do que Papa está dizendo, e não parece que está deixando uma mensagem.

Depois que desliga, rola pela sua lista outra vez até seu polegar parar no número de Gaëlle.

— Adrien está a caminho.

A caminho de volta ou a caminho para cá? Suponho que sejam iguais. Alívio apunhala pela névoa de pavor. Não sei se Slate é inteligente ou joga bem em equipe, mas sei que Adrien é ambos.

A cabeça de Slate está abaixada em contemplação da Pedra de Sangue, provavelmente lamentando seu poder e a estupidez *dele*.

Depois que Papa desliga, diz:

— Os dois estão a caminho. Cadence, você pode ir para a adega e pegar uma garrafa de vinho?

— Traga duas — Slate pede.

Abaixo o queixo no pescoço e olho feio para ele.

— Planejando em compartilhar uma com Maman outra vez?

Os olhos escuros de Slate ficam da cor do piche. Não fala uma palavra. Estou quase surpresa que não tem uma resposta espertinha, já que tem respostas espertinhas para *tudo*.

— Cadence, *chérie.* — Papa cutuca minhas costelas e acena com a cabeça para a porta. — E pegue cinco taças.

— Cinco?

— Sim. Cinco.

Não que algum dia me proibiu de beber, mas também nunca me encorajou para fazê-lo. Suponho que ele ache que vou precisar estar um pouco ébria, mas isso é para engolir o que acabou de confessar ou aguentar o que está prestes a dizer?

Atravesso a sala em poucos passos curtos. Não me importo em fechar as portas, já que não tem mais ninguém em casa. Jacqueline se foi faz tempo – passei por ela quando entrei – e nossa doméstica só vem pelas manhãs. Vou para a cozinha, um espaço moderno cheio de Corian e aço inoxidável, depois passo por uma porta que leva para o porão que contém uma jacuzzi gigante e uma adega vertical. Entro na sala úmida, solto uma garrafa magnum do leito, depois fecho a porta e perambulo de volta para cima. Depois que tirei a rolha, engancho cinco taças pelos dedos e seguro o pescoço da garrafa como se fosse do Slate.

Um anel matou minha mãe.

O mesmo anel que Slate está usando.

Slate vai morrer se nós – Adrien, Gaëlle, Slate e eu – falharmos em encontrar quatro folhas mágicas.

Se nós formos bem-sucedidos, Slate vive, e a magia… magia vai reaparecer.

Talvez devesse ter pegado a vodca do freezer no lugar do vinho, porque isso tudo é muito maluco.

Quando irrompo de volta na sala de estar, Papa e Slate ficam quietos.

— Não parem de conversar por minha causa — falo, me perguntando por que estão com expressões de culpa similares.

Os dois me observam colocar meu espólio na mesa de centro, o barulho suave de vidro contra vidro concorrendo com os aquecedores de parede, que estão trabalhando em tempo integral desde que o toque de outono passou por Brume.

— Papa, se vou fazer parte disso, quero saber *tudo*.

Conforme começo a servir, ele diz:

— Estava apenas explicando para Slate como Amandine — faz uma pausa —, como sua mãe… — Outra vez ele para de falar.

— Como minha mãe o quê?

— Como será o fim para ele no caso de não sermos bem-sucedidos — fala de um fôlego só.

Meu sangue vira gelo nas veias, transformando meus braços em galhos inflexíveis como os que Alma e eu enfiamos nos bonecos de neve que construímos todos os anos na praça da universidade.

O vinho quase transborda da primeira raça. Teria transbordado se Slate não tivesse se levantado do sofá e tirado a garrafa das minhas mãos.

— Aposto que está pensando que deveria ter apertado a boca e plantado um em você ontem à noite — ele fala.

Não sei se está tentando aliviar o meu humor ou o dele. A não ser que esteja apenas tentando me afetar e me envergonhar na frente do meu pai.

Minhas bochechas flamejam.

— Confie em mim, não é nem de perto o que está passando pela minha cabeça no momento.

Os olhos de Slate se curvam com um toque de humor.

— De Morel, acho que se o anel não me matar, sua filha pode.

A expressão de Papa perde um pouco da tristeza.

Coloco as mãos nos quadris.

— Como você pode estar fazendo piadas nesse momento? Sua vida está por um fio!

A expressão do Slate fica tão séria que o faz parecer ser muito mais velho. Qual a idade dele mesmo? Tento lembrar a data na certidão de nascimento que me mostrou meras horas atrás.

— Isso é precisamente o *porquê* estou fazendo piadas. Não choro ou lamento. Como disse ontem à noite, uma pessoa faz a própria sorte.

— Ou o próprio infortúnio — murmuro.

Ele faz *tsc.*

— Tão pessimista, Mademoiselle de Morel.

A campainha soa.

Movo meu olhar fervilhante de Slate para a entrada. Já que a porta não vai abrir sozinha, vou até ela. Estou com tanta raiva barra irritada barra perplexa com toda essa situação que quando puxo a porta aberta com tudo, o friozinho na minha barriga que normalmente vira uma brisa ao ver Adrien não levanta nem uma folha.

A cabeça dele recua como se o tivesse socado. Deve pensar que estou fuzilando ele.

Tento controlar minha expressão, porque Adrien não merece meu desdém. Apenas Slate merece.

— Pensei que você fosse estar no meio do caminho sobre o Canal.

— Meu voo era amanhã de manhã.

Era. Não *é.* Suponho que não esteja planejando ir.

Concordo e estou prestes a fechar a porta quando vejo outro vulto subindo pelo acesso da nossa garagem. Os olhos de Gaëlle encontram os meus no crepúsculo que se espalha.

— Você sabia…

— Shh — Adrien diz, e compreendo que deve estar me avisando para não falar do Quatrefoil fora das paredes desta casa.

Ele fecha a porta atrás de Gaëlle, depois oferece ajudá-la com o casaco. O fato que ainda pode ser galanteador em uma situação como essa me atordoa, mas Adrien é como Papa, um cavalheiro até o cerne. Precedo as novas chegadas até a sala de estar. Slate agora está parado ao lado da lareira gigante cor de pêssego, segurando uma taça de vinho e cutucando um fogo que deve ter acabado de acender.

Adrien pausa no portal.

— Quase me esqueci de você.

Slate sorri, mas tem ácido naquele sorriso.

— Oi, Prof.

O olhar de Adrien vai para a mão de Slate que envolve a taça, a que tem a enorme Pedra de Sangue, depois desvia rápido para Papa.

— Já? Rainier, isso é ridículo! Deveríamos esperar até depois da lua nova.

Ele sabia?

Gaëlle solta o cachecol amarelo, e depois o coloca ao lado do meu casaco.

— Pensei que iríamos esperar até a primavera.

Ela sabia?

— Inverno é a pior época — acrescenta. — O chão está congelado. O lago também está, em alguns lugares. E se precisarmos cavar? Ou nadar?

— Nadar? — E eu que pensei que houvesse chegado ao ápice do choque, mas não… Sinto que tem quilômetros de terreno íngreme e misterioso na minha frente para que possa chegar ao topo e olhar para baixo, para todo esse novo conhecimento e fazer sentido disso.

— Ainda não cheguei a explicar os detalhes minuciosos do Quatrefoil para Cadence e Slate. E sim, nós *íamos* esperar. No entanto, minha mão foi forçada. — Papa espeta Slate com um olhar. — Vocês dois, peguem um copo e fiquem confortáveis. — Bate o charuto no cinzeiro da mesa de centro. As cinzas colapsam em um grande pedaço antes de desmoronarem em pequenos montes.

Gaëlle empurra as mangas do suéter e rouba uma taça do meio da mesa.

— Tão feliz que não estou mais amamentando, porque preciso de uma bebida. Ou dez — diz para ninguém em particular, ou talvez está vocalizando isso para que não a julguemos.

Neste momento, a única pessoa que estou julgando é Slate.

Slate, que está colocando o atiçador de latão no suporte. Ele se empertiga, mas não volta para o sofá, apenas dá um passo na direção da parede cinza-chumbo e se apoia nela. Adrien senta ao lado de Gaëlle e pega a taça que ela encheu para ele

Eu me sento o mais próximo da cadeira de rodas de Papa. Quase parece que estamos escolhendo lados, mas tecnicamente estamos todos juntos nisso.

Todos nós sobrenaturalmente ferrados.

Inclino a cabeça para trás, apoio na parede e fecho os olhos enquanto o grupinho na minha frente se acomoda, tagarelando sobre o vinho e o clima.

Enquanto isso, estou morrendo.

Quinze dias…

Não tenho um testamento ou algo assim, então preciso fazer algumas ligações. Para o banco. Para o outro banco. Para o outro, outro banco. Para meu advogado. Se alguma coisa acontecer comigo, quero garantir que Bastian fique com tudo que tenho – o dinheiro, o apartamento, o Aston Martin, e Spike, claro. Aquela alma espinhenta precisa ser cuidada.

De Morel me disse o que esperar se tudo isso der merda. Disse que a magia funciona como um veneno no sangue. Demoraria um dia inteiro e, durante esse tempo, eu estaria sentindo uma dor tão excruciante que provavelmente tentaria arrancar a própria pele. A mulher dele tentou esfregar os braços com um maldito ralador de queijo antes que ele o tirasse das suas mãos.

Estremeço.

O único jeito de evitar esse fim deplorável é conseguir as peças do Quatrefoil e as reunir.

Então é isso que vou fazer. Não é como se tivesse a porra de uma escolha.

E como disse para Cadence, você tem que fazer a própria sorte nessa vida.

O clima na sala muda. As vozes estão menos relaxadas. Tons mais agudos. Bravas. Abro os olhos e vejo que estão todos me encarando. Ah, *belezinha*. De Morel deve ter explicado os mínimos detalhes de como o anel foi parar no meu dedo.

O professor, paixonite da Cadence, estava enchendo o saco do Rainier por causa da falta de tempo. Agora ele balança a cabeça para mim como se tivesse sido um cachorrinho mau, irritado, mas não em pânico como os outros. Dá uma esfregada firme no queixo, com unhas em formato perfeito de meia lua. A pele tem aquele esplendor de porcelana que não foi rachada, como se tivesse massageado hidratante nela a vida inteira. Aposto que quando crescia, ele encontrava chocolates nos travesseiros no lugar de fezes de rato e seus sapatos nunca apertavam os dedos.

Depois de abaixar a mão, dá um sorriso tranquilizador para Cadence. Um que diz, *Não se preocupe, eu cuido disso*. Aposto que ela realmente acredita que Monsieur calças-de-tweed-e-colete-combinando pode salvar o dia.

Viro a taça de vinho e me afasto da parede para um refil. Gaëlle, que está bebendo o vinho como se fosse água, estica o copo, e também o encho.

Ela escorrega mais para trás no sofá, segurando a taça como se fosse a cabeça de um recém-nascido.

— Então, agora que a Pedra de Sangue não está mais escondida, as peças também não estão, certo, Rainier?

— Sim e não. Elas aparecem uma atrás da outra. Mas a primeira deve ser revelada em breve.

Cadence inclina a cabeça para o lado.

— Ou podemos economizar o trabalho e deixar Slate morrer. Um rapaz imoral como ele deve ter uma criança ou duas em algum lugar.

Fofo.

— Ou podemos usar os próximos quinze dias para fazer um bebê ao invés de caçar aquelas peças, Cadence. Pelo menos, eu morreria feliz.

As bochechas dela queimam rosa, e cruza os braços sobre o peito. A satisfação usual que sinto ao vê-la corar não chega. Provavelmente porque ainda estou me sentindo um merda a respeito do túmulo de sua mãe. Jesus. Preciso me controlar. Estou muito fora de forma. Culpo o anel.

— Não vai ter nenhuma procriação. Especialmente não com minha filha. — Rainier me alfineta com um impressionante olhar desagradável.

Mercier também, a propósito. Eu me pergunto por que *ele* se importa.

— Se vamos ter qualquer chance de sermos bem-sucedidos, todo mundo aqui precisa compreender como o Quatrefoil funciona. Slate? — Retorno a atenção de volta para Rainier. — Considere isso uma aula rápida da história não oficial de Brume.

— Não oficial e não revelada — Mercier acrescenta. — Em outras palavras, *secreta*.

— Obrigado por esclarecer isso, Prof. Palavras grandes me confundem. — Que cuzão.

— Adrien? — Rainier inclina a cabeça. — Você explica para ele?

Adrien planta os cotovelos nas coxas e enlaça as mãos antes de repassar tudo o que aprendi na biblioteca com Cadence. Beberico o vinho em silêncio, permitindo que se sinta importante enquanto

tagarela sobre a Peste Negra, o manuseio incorreto da magia, e a decisão do Conselho para que os *diwallers* partam a fonte de toda a magia para punir as massas indignas e indisciplinadas.

— O que eles fizeram parece simples: quatro folhas e uma Pedra de Sangue como chave. Mas devido aos registros serem escassos, precisou de muita tentativa e erro da geração anterior para compreender as verdadeiras complexidades de reunir o Quatrefoil.

Gaëlle vira o vinho, depois bebe tudo em um único gole.

— E mortes. Causou tantas mortes.

A expressão de Cadence repercute choque.

— *Mortes*? Não foi apenas Maman?

— *Non, chérie*. — Rainier dá um sorriso dolorido para ela. — Não é apenas o anel que mata. Na minha geração, quatro pessoas perderam a vida.

— De quantas? — Imagino que seja tudo uma questão de proporção.

— Oito.

— *Metade* do grupo morreu*?* — Dou risada. — Chancezinha de merda.

— E perdi o uso das minhas pernas. — A voz de Rainier é afiada como uma lâmina.

Cadence solta a taça, que derrama o vinho pelo tapete como sangue, respingando no seu jeans e no sofá creme conforme cai.

— Você disse que foi um acidente de carro!

O líquido rola pelo couro, o listrando de roxo.

Gaëlle se solta da almofada do sofá.

— Vou pegar um pouco de sal. Vai absorver a mancha.

Não acho que Cadence ou Rainier se importam com a mancha no momento.

Conforme Gaëlle sai, Rainier pega as mãos da filha e as encasula entre as dele.

— *Ma* Cadence, estava tentando te proteger…

— Mentindo? — Os olhos dela brilham com decepção. — O que mais você mentiu para mim, Papa?

— *Chérie…*

Cadence puxa as mãos para soltá-las, depois pega a taça do tapete e coloca na mesa de centro com tanta força que fico surpreso que nenhum dos dois trinca. As mãos tremendo, ela pega a garrafa do meio da mesa e começa a servir, mas erra a taça mais de uma vez.

Adrien, sempre a porra de um cavalheiro, se levanta do sofá e gentilmente tira seus dedos da grande garrafa verde escura, antes de realizar a tarefa na qual ela estava falhando. Com uma piscadela, ele pega um lenço do bolso do colete e limpa a base e a haste.

— Esqueci de lhe contar, Rainier, mas o relógio começou a funcionar — Adrien diz ao retornar para o assento. — Poderia ser uma das nossas peças?

— Não. O relógio é como uma ampulheta. Vai marcar o número de fases da lua que você tem restando.

— E o mostrador de estrelas? — Mercier pergunta.

— A mão nesse não moveu da última vez. Suspeito que irá começar a funcionar depois que o Quatrefoil for reunido.

— O que é isso do relógio? — Gaëlle volta fazendo barulho, armada com um guardanapo de pano e uma lata de *sel de Guérande* – claro que esse é o único tipo de sal que essas pessoas teriam.

Rainier a atualiza enquanto ela seca o jeans da Cadence, depois esfrega energeticamente o sofá antes de salpicar pedras de sal pelo tapete.

— Obrigada — Cadence murmura, a pele a mesma cor que sua blusa de gola rolê grossa. Está em choque, e se os nós brancos de seus dedos indicarem alguma coisa, também está bem irritada. Deveria estar. Mentiras são difíceis de engolir, mesmo que sejam ditas para proteger.

— Então, deixa eu entender, de Morel. Não sou o único que pode morrer se formos atrás dessas peças?

Ele concorda.

— As peças só podem ser merecidas através de desafios.

— Então vou fazer isso sozinho. Apenas me dê o manual de instruções e me viro. Ninguém mais precisa se envolver.

Adrien bufa.

— Isso não é um jogo, Roland. Não tem manual de instruções. Além disso, o resto de nós não tem escolha de participar.

— Mesmo, *Mercier*? — falo seu nome de família bem seco. Babaca acha que pode me chamar de Roland. — Por quê?

— Porque cada um de nós tem uma peça especifica para encontrar e ganhar. Aprendemos do jeito difícil. — Rainier encara suas pernas emaciadas. — Estava com Amandine quando ela enfrentou seu desafio de recuperar a peça da Terra. Ela teve sucesso, mas aí entregou a peça para eu guardar. — Seus pés de galinha se aprofundam. — Tive sorte de perder apenas as pernas.

Gaëlle passa a mão pelos cachos escuros e embaraçados.

— E também, da última vez, eles não sabiam que as peças só poderiam ser tocadas pelos descendentes do elemento específico ou ativava a maldição contida dentro da peça. — Mordisca o lábio inferior. — Foi assim que perdi meu pai. Ele não sabia que nossa peça era o Ar. — Seus olhos castanhos pousam na névoa cinzenta soprando sobre o lago escuro. — Não Água.

Rainier suspira.

— Foi apenas depois que seus pais morreram, Monsieur Roland, que conseguimos completar o quebra-cabeça do Quatrefoil.

Eu nem me importo mais de corrigi-lo com meu nome, mas questiono sua declaração.

— Você disse que meus pais morreram em um fogo.

— O elemento deles era Água. — Ele contempla as chamas devorando os troncos atrás de mim. — Tocaram na folha de Camille Mercier: Fogo.

Esfrego distraído a cicatriz sob a manga da camisa.

Rainier puxa a fumaça do seu Churchill, que não é nada além de um toco brilhante agora.

— Depois que Pierre – pai de Gaëlle – e seus pais morreram, nós finalmente entendemos como funcionava.

Magia matou meus pais… pode muito bem me matar. Provavelmente não deveria ser restaurada. Mas ao mesmo tempo, não tenho mesmo vontade de morrer.

— Então, cada um de nós tem uma folha especifica para encontrar e coletar? — Sirvo mais vinho na minha taça, mesmo que esteja tentado a pegar a garrafa e virar.

Rainier concorda.

— A sua é Água. Adrien, Fogo. Gaëlle, Ar. — Estica a mão para filha, que hesita, mas acaba cedendo, envolvendo-a com seus dedos finos. — E Cadence é Terra.

Gaëlle seca a taça, mas não ajuda em nada a relaxar a tensão em seus ombros.

— Cada um de nós vai encarar um desafio criado pelo nosso elemento. Podemos ajudar um ao outro, mas não podemos, sob nenhuma circunstância, lutar a batalha de outra pessoa, ou tocar sua peça.

— Meio como uma caça ao tesouro — Cadence diz —, mas com artefatos amaldiçoados.

— E é por isso que é incrivelmente perigoso, *ma chérie*.

— E não só para Slate — Adrien acrescenta.

Estou feliz pelo lembrete. *Havia* quase esquecido a minha situação terrível.

Dou um gole no vinho.

— Você pode conseguir seu desejo afinal, Mademoiselle de Morel.

Ela faz uma careta antes de abaixar o olhar para os joelhos, para o pedaço de denim molhado.

— Não quero que você morra de verdade, seu idiota.

Gaëlle escorrega a taça na mesa e segura a cabeça com as mãos. A voz dela sai abafada quando fala:

— Preciso pedir para Nolwenn e Juda cuidarem dos gêmeos. Não apenas durante as próximas duas semanas, mas… mas preciso me preparar, por precaução. — Ela suspira e arrasta as mãos pelos lados da face, que parece cinza comparada com o tom rico dos seus dedos.

— Vai ficar tudo bem, Gaëlle. Sabemos muito mais do que antes. — A afirmação de Rainier faz a mulher de trinta e poucos anos dar a ele um sorriso grato.

— Como sabemos onde procurar? — A voz de Cadence é tão fina quanto a fumaça escura subindo pela chaminé. — E se estiverem espalhadas pelo mundo?

Rainier sorri.

— As peças foram enfeitiçadas para permanecerem dentro dos confins de Brume, e estarão localizadas dentro de seus elementos. No próximo dia ou dois, alguém vai alegar ter visto um redemoinho no lago ou vai relatar um sumidouro. Pode ter uma tempestade de

vento em apenas uma parte da cidade, ou uma casa que pega fogo sem motivo. Esses acontecimentos naturais vão nos levar às peças. — Ele inclina o queixo na direção da minha mão. — Sem mencionar que temos um detector vivo de artefatos.

Ergo o dedo inchado. Dessa vez, sinto uma pequena animação ao mostrar o dedo para ele na frente de todo mundo. Talvez não esteja tão fora de forma quanto pensei.

— Você quer dizer, essa velharia?

— Você é tão babaca — Cadence murmura baixo.

Meu olhar escorrega para o dela. Não falo em voz alta, mas estou pensando, *Sério? Até mesmo mais babaca do que aquele filho da mãe que me deixou apodrecer no sistema minha vida inteira?* Estou palpitando que durante toda essa animação, Rainier falhou em informá-la do seu papel na minha *criação.*

Rainier continua:

— A pedra reage quando está perto de uma peça do Quatrefoil. Slate vai sentir uma queimação no sangue, cãibra nos membros.

— Que… *bacana*. — Examino a garrafa. Está vazia. Eu realmente poderia tomar outra taça.

— Precisamos manter os olhos no prêmio. Vamos trazer a magia de volta. Vai ser… *extraordinário*. — A voz de Rainier tem o timbre agudo de um fanático. Fácil se melecar todo quando pode relaxar e ficar abanando as mãos.

Meu olhar gruda nas pernas dele, depois em Cadence, e percebo que isso foi desnecessário.

Mercier suspira.

— Acho que deveria cancelar minha passagem de avião e informar o chefe do departamento de história de Cambridge que não vou visitar.

— Sinto muito — Cadence diz antes de se virar para mim como se esperasse que eu pedisse desculpas.

De jeito nenhum.

Gaëlle se levanta e começa a enrolar o cachecol ridiculamente longo em volta do pescoço.

— Preciso voltar. Se ver ou ouvir qualquer coisa, falo para vocês. — Depois de três voltas, a lã amarela ainda vai até seu joelho.

Adrien também se levanta.

— Ando com você até em casa. Boa noite, Rainier. Cadence. — Ele dá um sorriso a ela que mancha de rosa suas bochechas cadavericamente pálidas.

Conforme Gaëlle dá mais uma volta com o cachecol no pescoço, pego meu casaco que escorregou do encosto do sofá e amontoou no chão como piche. Enfio os braços nele, mas não me preocupo com as luvas. Cadence nos acompanha até o vestíbulo, ou melhor, acompanha Adrien e Gaëlle até a porta enquanto sigo atrás do meu novo esquadrão.

Que time fazemos – um professor certinho, uma mulher com um fetiche por lã, e uma garota com um coração puro demais para toda essa merda. Os azarões máximos.

E pensar que minha vida está nas mãos deles.

Minha mente sempre-prática se volta para meu dormitório que parece uma cela. Preciso de lençóis e toalhas. Apesar de ter meu orgulho, duvido que a vila tenha um *Carrefour* vinte e quatro horas, e já que a joia de cafetão me impede de deixar essa cidade miserável, pergunto para Cadence se posso pegar emprestado um jogo de cama e banho.

Quando franze a testa, falo:

— Você os terá de volta em duas semanas. Estarei morto, ou longe.

Balançando a cabeça, ela suspira.
— Apenas me siga.

CADENCE_

— Para alguém tão convencido em fazer sua própria sorte você é bem pessimista — digo para Slate ao guiá-lo pela cozinha.

— Apenas sendo realista.

— Temos quinze dias pela frente.

— Duas semanas para encontrar quatro folhas mágicas que podem me amaldiçoar até a morte antes de sequer as reunirmos. Falando realisticamente, teria chances melhores de pular de um avião com um paraquedas defeituoso e sobreviver do que realizar essa missão com vocês três.

— Só porque não somos ladrões traiçoeiros não significa que somos inúteis.

Ele olha para mim de soslaio.

— Você não vai morrer em quinze dias, Slate. — Mas, com sorte, ele vai embora.

Sua cabeça fica virando de um lado para o outro ao absorver minha casa, provavelmente mapeando para um furto futuro. Seu olhar se demora em um lustre sobre a mesa de jantar, uma peça de folhas de bordo esculpidas de bronze e vidro.

— Maman fez as folhas de bronze. Ela era escultora. Também fez aquela arvorezinha na mesa da sala de estar.

Slate desliza a atenção de volta a mim.

— Ela tinha muito talento.

Concordo com a cabeça.

— Você o herdou?

— Ha. Não. Sou uma garota que pinta de acordo com os números. — Ao olhar a obra de arte dela, não posso evitar de fazer a pergunta temida, a que tenho certeza que Papa nunca responderia. Pelo menos não verdadeiramente. — Ela sofreu muito no final?

Slate fica quieto por tanto tempo que começo a suspeitar o pior.

— Não. A Pedra de Sangue infundiu uma dose tão alta de veneno nas suas veias que morreu rapidamente.

Meu coração aperta.

— Não posso nem começar a imaginar como todo aquele período deve ter sido difícil para meu pai. Deve matá-lo ver o anel fora do esconderijo.

Os lábios de Slate se contorcem como se estivesse segurando palavras com os dentes.

Suspiro.

— Apenas diga o que está pensando.

— Ele mesmo iria pegar o anel, então não deve ser difícil *assim*.

— Por que você pensa o pior dele?

Olha firme para mim, como se estivesse vendo meu pai no meu lugar.

— Por que não pergunta para ele?

Espalmo a cintura com uma mão, amassando o tecido grosso.

— Estou perguntando para você.

— Prefiro que escute dele.

Por que Slate de repente está sendo tão secreto?

— Então. Toalhas? Lençóis? Sabonete 6 em 1?

Sentindo que seria mais fácil abrir uma ostra com as unhas do que conseguir que Slate se abrisse a respeito de Papa, eu me viro e vou na direção das escadas que levam à nossa lavanderia no porão.

— 6 em 1?

— Sabe, do tipo masculino – para cabelo, corpo, rosto, dentes, olhos, orelhas.

Faço um barulho zombeteiro.

— Você é num garoto bem estranho, Slate.

De novo, ele fica quieto. Confiro por cima do ombro para garantir que não entendeu errado. Desde quando eu me importo com a maneira que ele entende as coisas? Profanou o túmulo da minha mãe. Não deveria me importar com como ele entende *nada*. Perco um degrau e tropeço. Jogo as mãos para o lado para me segurar, mas Slate é mais rápido. Segura meu bíceps e me equilibra.

Minha respiração acelera.

— Obrigada.

Percebo que me segurou com a mão do anel. O dedo está tão inchado e roxo que fico surpresa que ainda consegue dobrar.

— O anel fez isso?

Um pequeno sulco aparece entre suas sobrancelhas pretas.

— Me deu reflexos rápidos? Não. Aprendi eles para ficar vivo.

Ficar vivo? Onde Slate viveu que precisou desenvolver habilidades de sobrevivência? E como ele acabou fora de Brume? Decido arquivar a pergunta para depois. Ou para Papa. Já que encontrou Slate, deve saber onde o herdeiro Roland esteve todos esses anos.

— Quis dizer, o hematoma no seu dedo.

— Ah. — Faz um punho que deve doer, porque sua testa lisa enruga sob a bagunça de cachos tipo saca-rolhas. — Tentar me livrar do anel fez isso.

— Deve ser estranho. Não conseguir tirar.

— Você não tem ideia.

Viro e olho para os pés para não tropeçar outra vez. Ao lado da lavanderia, tem um armário de remédios onde guardamos uma verdadeira farmácia de cremes, curativos e remédios. Apesar de Papa não ter tido uma infecção há alguns anos, estamos prontos para uma. Estamos prontos para qualquer coisa. Passo o dedo pela sequência de pacotes de pílulas até encontrar um analgésico que não é vendido sem receita. Eu o pego e entrego para Slate.

— Tome um de manhã e um a noite. Vai ajudar com a dor.

Ele estuda o pacote, depois meu rosto, como se estivesse surpreso que estou preocupada com como pode estar se sentindo. Empurro uma mecha de cabelo para atrás da orelha enquanto me agacho na frente da prateleira de produtos de higiene pessoal e seleciono algumas garrafas do estoque do meu pai antes de fechar o armário de medicamentos e andar para nossa lavanderia de azulejo verde azulado. Pego uma cesta de plástico de uma prateleira, jogo as garrafas dentro, depois abro um armário e pego duas toalhas brancas fofinhas.

— Precisa de uma colcha e travesseiro? — pergunto, procurando as pilhas organizadas de lençóis e fronhas por um jogo que não era destinado a cama hospitalar do meu pai.

— Sim. Se você tiver extras.

Fico na ponta dos pés para alcançar a prateleira mais alta, mas meus dedos nem roçam a parte inferior. Eu me viro para procurar um banquinho quando a ponta do meu nariz toca no queixo de Slate. Volto rápido para a prateleira, coração acelerando. Ele estica o braço e puxa um edredom dobrado com facilidade da prateleira. Meu pulso bate mais rápido no pescoço quando não dá um passo

para trás. Afinal, ainda precisa de um travesseiro, então não tem razão para se mover.

Conforme abaixa o edredom de plumas, seu olhar abaixa para o meu.

— Posso levar esse?

Escorrego as mãos nos jeans para livrá-las da umidade repentina. Sem nem olhar para o que está segurando, concordo. E depois engulo porque os olhos dele ainda estão nos meus, e está parado tão perto que a fragrância de frutas silvestres e cravos saindo da sua pele se sobressai ao cheiro de talco e detergente que nos cerca.

— Sinto muito pelo túmulo da sua mãe, Cadence.

Inalo forte, suas desculpas passando pela minha mente como uma mão pelo vapor. De repente, no lugar dos seus olhos escuros, eu a vejo.

E estremeço.

Slate se afasta e solta o edredom dentro da cesta de lavanderia apoiada na tábua de passar.

— Um travesseiro. Você esqueceu do travesseiro. — Minha lucidez me surpreende. Mas até aí, prefiro me concentrar em uma cama real do que no leito de morte de Maman.

Ele concorda. Eu me afasto dessa vez para que nossos corpos não colidam. Estica o braço para um travesseiro e joga em cima do seu fardo.

— Slate, por que você — minha garganta aperta — vandalizou a cripta da minha família?

Mantendo o olhar fixo no corredor estreito, ele ergue a cesta.

— Estava bravo com seu pai.

— Por te trazer de volta a Brume?

Ele me dá um olhar antes de murmurar um seco:

— Não. — E sair da sala de azulejos verde azulados.

Fecho o armário e apago as luzes. Ele já está na metade das escadas.

— Slate, o que ele fez com você?

Ele pausa no patamar, sua silhueta larga roçando no portal da cozinha. Suas costas estão viradas para mim, omoplatas se juntando sob o casaco de alfaiataria.

— Prefiro que ele te conte, Cadence. Mas se não contar, venha me encontrar. — Olha por cima do ombro. — Provavelmente vou estar cuidando da minha alma destinada ao oblívio na taverna. A não ser que algo mais esteja aberto?

— Provavelmente não esta noite.

Ele acena com a cabeça.

— Você vai sair outra vez?

— Não planejo sair. — Pressinto que quer companhia, mas a minha?

Conforme saímos no vestíbulo, as solas grossas das suas botas fazem barulho contra o mármore branco, e a Pedra de Sangue pega a luz do candelabro pesado de cristal, dispersando reflexos vermelhos pelo vidro protegendo o esboço de Gauguin, um esboço que meu pai comprou para minha mãe de presente no primeiro aniversário deles.

Ainda estou estudando-o quando a porta bate fechada atrás de Slate, fazendo a moldura vibrar.

Cruzo os braços e seguro os cotovelos.

— Papa?

— Na sala de estar.

Vou até ele.

Está sentado ao lado da janela, observando o lago enevoado banhado de luar.

— Congelou uma vez.

Eu me aproximo e olho para fora.

— Sua maman insistiu que comprássemos patins de neve mesmo que nenhum de nós algum dia tivéssemos patinado antes. Passei mais tempo esparramado na minha bunda do que de pé. Mas Amandine era natural. Conseguiu fazer piruetas depois de uma hora. — Seus olhos brilham, e penso que ele a está vendo, vibrante e cheia de vida. Viva. E isso me faz pensar no túmulo, mas não com raiva. A desculpa de Slate a mitigou um pouco. Toda a ideia da magia também. Preciso ligar para o zelador e pedir para colocar a tampa de volta no túmulo. Não quero que Papa veja a casca seca de seda e ossos que ela se tornou. — Ela era tão graciosa.

— Queria me lembrar dela.

— Queria que você também lembrasse.

Uma lágrima se curva na sua bochecha, e essa lágrima me apavora porque nunca vi meu pai chorar. Ele é minha pedra. Pedras não choram.

— Papa, por que Slate nos odeia tanto?

Ele esfrega os dedos na bochecha antes de olhar para mim.

— Ele não odeia a *nós*. Ele só odeia a mim.

— Por quê?

A escuridão atenua o brilho no seu olhar.

— Pensa que o deixei no sistema de adoção porque não me importava.

— Sistema de adoção? — Não sei muito do sistema, mas imagino que as crianças nem sempre acabem em lares felizes. — Ele não cresceu com parentes?

— Ele não tem nenhum.

Certo. Sua linhagem acaba com ele. Por algum motivo, o fato que Slate era um órfão não havia registrado quando Papa

mencionou que estava acabado se Slate perecer.

— Por que você não o acolheu depois que os pais dele morreram?

— Apenas descobri que estava vivo alguns anos atrás.

— Como assim?

— Alguém o contrabandeou para fora de Brume. De certo porque pensaram que estaria mais seguro longe desse lugar.

Mordisco o lábio inferior.

— Então por que Slate culpa *você*?

— Porque quando descobri onde ele acabou, não fui buscá-lo. Eu o deixei no sistema. Pensei que era melhor que crescesse antes de ser trazido de volta a Brume. Queria que vocês, crianças, estivessem prontas uma vez que iniciássemos o processo de reunir o Quatrefoil.

Uma teia de medo se espalha por mim, grudenta e fria.

— E você contou tudo isso para ele?

— Contei.

Tento me colocar no lugar de Slate. Ficaria amarga?

Papa suspira.

— Provavelmente deveria ter investigado as famílias com as quais morou. Tê-lo colocado com pessoas melhores.

— Por que não o fez?

Papa olha para as labaredas cobrindo os troncos enegrecidos, enchendo a sala de estar com o cheiro crepitante de inverno.

— Porque não sou perfeito.

Acho que deve estar vendo o fogo que devorou os pais de Slate, porque sua expressão está perturbada.

Volta o olhar para mim.

— Posso ter falhado com ele, mas não vou falhar com você, Cadence. Vou estar presente a cada passo.

Não tenho dúvida disso.

— Mas não quero que você se machuque outra vez.

Ele me dá um sorriso triste.

— Vou ser cuidadosa.

Alguém poderia ser cuidadoso perto de magia? Parecia tão imprevisível. Uma Pedra de Sangue que envenena o usuário? Folhas de metal que podem se esconder e amaldiçoar pessoas?

— Você acha que magia poderia curar suas pernas? — Estou me esforçando para sentir outra coisa além de temor.

— Sim. — A certeza de Papa afasta meu medo.

Fantasia e realidade estão prestes a colidir, e não importa quanto esteja assustada, uma parte de mim, a que passou a infância sonhando que os livros de lendas de Brume continham alguma verdade, se enche de excitação.

Eu me pergunto como os outros estão se sentindo. Por outros quero dizer Gaëlle e Adrien, porque não posso imaginar que Slate sentirá qualquer coisa além de ansiedade até o anel sair do seu dedo.

Se não a conhecesse, poderia dizer que Brume era um lugar charmoso com sua decoração de final de ano de luzinhas piscantes e postes de iluminação de ferro fundido.

Um lugar mágico.

Ha. Isso me faz soltar uma risadinha.

— Feliz Ano Novo, porra! — grito para ninguém em específico ao chegar no Segundo Kelc'h.

Um cara responde:

— *Ta gueule!* — O charmoso jeito francês de se dizer *cale a boca*, mas outros comemoram e retornam meu desejo de Feliz Ano Novo, Porra.

Ergo a cesta de plástico sob a axila e seguro com uma mão enquanto procuro pelo telefone no bolso do casaco com a outra. Dor sobe do dedo do meio até o cotovelo ao segurar a cesta.

Quando finalmente seguro o telefone, toco no número do Bastian e espero que atenda.

— Qual é o problema? — pergunta.

— Por que diabos você presume que tem algo de errado?

— Porque você está me ligando, e não faz nem vinte e quatro horas desde que conversamos.

Que merda é essa?

— Você *pediu* para te ligar.

— Sim. E você está fazendo o que pedi. Logo, tem algo errado.

Bastian me conhece como ninguém.

— Só queria ver como Spike está.

Diferente da noite anterior, a praça da cidade não está abarrotada de bruxas e bruxos. Tem algumas pessoas, mas as multidões embriagadas desapareceram. Os aldeões devem estar se resguardando, já que amanhã é dia útil.

— Spike está aproveitando. Teve uma promoção de suculentas bonitinhas ontem, então comprei algumas. Devia ter visto ele comemorar o ano novo com todas essas gatinhas gostosas. Acho que pode estar gamado pela bola-de-neve-mexicana. Ela está arrasando, se você me entende. — Bastian não pode conter o sorriso na voz.

É por *isso* que quero que fique com tudo quando eu morrer.

— Você é um bobão.

Enquanto coloco o código na minha nova porta de entrada, fuzilando o quatrefoil estampado em cima dela, o informo que é provável que não volte para Marselha antes de suas aulas começarem.

Ele quase chora de alegria.

— Ah, Slate, cara. Estou tão feliz que vai estudar aí. Você vai ver, tem o cérebro para isso. Pode começar uma vida nova. Uma vida *legítima*. Chega de golpes perigosos. Chega de se perguntar se vai sobreviver até os vinte e um.

É.

Certo.

— Continuando, Bastian. Tome cuidado, e não faça nada que eu não faria.

Uma bufada soa do seu lado da linha antes de eu desligar e jogar o telefone na cesta de lavanderia, onde escorrega entre as camadas de roupas de cama fofinhas que tem um cheiro doce e de talco como a garota que as deu para mim. Inalo, e alivia um pouco da tensão na minha coluna.

Subo as escadas frágeis, abro a porta com número três e empurro com o ombro, o que faz o número de latão oscilar. O odor de madeira empoeirada e mofo me atinge com tudo, assim como uma das vigas que atravessa o teto da altura de um elfo.

— *Bordel de merde!* — Esfrego a testa latejante e xingo a viga como se tivesse me atacado de propósito.

Era justo o que precisava… uma boa concussão. Porque meu dia não foi ruim o suficiente.

Quando os pontos pretos na minha visão desaparecem, solto a cesta, tiro o casaco e arrumo a pequena cama com precisão militar, depois esfrego as mãos no rosto e respiro fundo. Não durmo há dois dias, mas antes de desmaiar tenho que fazer algumas coisas. Primeiro, ligo para Philippe, meu… *hm*… advogado e consultor financeiro. Relato meus desejos finais. Está um pouco perplexo e provavelmente brisando, mas sou um bom cliente, então resolve na hora. Depois, coloco o casaco e luvas, enrolo o cachecol no pescoço e pego os espólios da noite passada.

Uma bolha amarga de culpa expande no meu estômago ao descer os degraus para o Primeiro Kelc'h e pisotear a neve congelada na direção da cripta de Morel, usando a lanterna do telefone para guiar os passos. Uma coruja pia em algum lugar e asas pretas batem tão perto da minha cabeça que abaixo. Minha pressão vai lá em cima, batendo como as asas de um morcego? Corvo? Vampiro?

— Cidadezinha bizarra — resmungo quando chego na cripta.

Tudo está exatamente como deixei: a porta de ferro aberta, os caixões de madeira destruídos, os ossos espalhados como palitos de dentes, a tampa do sarcófago descartada como uma meia esquecida, a garrafa caída em uma poça de vinho que lembra sangue escuro.

Fiz uma bagunça do caralho.

As botas pisoteiam a terra batida conforme me aproximo do sarcófago. Imagino Cadence entrando aqui. Imagino ela olhando para a mãe e vendo nada além de tecido apodrecendo e pele e ossos. Meus pulmões se contraem.

— Sinto muito. Sua filha nunca deveria te ver assim — falo para Amandine.

Escarnece para mim com um sorriso cheio de dentes e olhos ocos, parecendo satisfeita que posso morrer porque roubei seu anel.

Reviro os bolsos e jogo tudo dentro do caixão. Não quero nada dessa merda contaminada, inestimável ou não. Brume te atrai como um pirulito saboroso, e é só quando vê o sangue pingando nos sapatos que percebe que está lambendo o próprio coração espetado em um palito.

Acabo com esse pensamento estranho e pego a tampa do sarcófago. No começo, mal consigo movê-la. Quando consigo, o maldito negócio escorrega e a borda bate no meu pé. As botas têm pontas de aço, mas ainda dói para caralho.

Grito e dou pulinhos na cripta.

— *Porra*. Que porra de caralho de merda!

O sorriso de Amandine parece aumentar.

Seguro a borda de pedra do sarcófago e remexo os dedos, testando para conferir se alguma coisa, além da minha sanidade, quebrou. Os dedos se movem, o que presumo ser um bom sinal.

Volto a tentar fechá-la, limpando o suor da testa e grunhindo como um porco. Finalmente, a tampa escorrega no lugar.

Jogo os ossos para dentro dos outros caixões e junto as tampas como se estivesse montando um quebra-cabeças. Quando tudo está meio que consertado, pego a garrafa de vinho e manco para o ar fresco da noite, batendo a porta pesada atrás de mim.

As ações não me fazem sentir melhor, mas me fazem sentir um pouquinho menos monstruoso.

Um gelo fino se formou sobre a neve. Meus pés abrem buracos nele, cada passo soando como o esmagar de cereal matinal. Foco no som, esperando amortecer minha mente de qualquer pensamento real. Ou deveria dizer, qualquer pensamento que isso é real mesmo. É um pesadelo tão grande, quase pior do que vivi com Vincent. Só que desta vez, ninguém vai me acordar com um sermão de insultos e um tapa afiado no rosto. Quase sinto saudade do cara, e era um ser humano deplorável.

Levo a garrafa de vinho instintivamente até a boca para dar um gole quando sinto a terra fria e granulada contra os lábios. Merda. Esqueci que a garrafa era a da cripta. Cuspo, depois limpo a boca na manga e pisoteio mais neve, passando por lápides e árvores retorcidas. Quando me encontro de volta na rua serpenteante de paralelepípedos, jogo a garrafa em uma lata de lixo, o vidro grosso tilintando contra o cesto de ferro, depois vou para a taverna. Pego um novo caminho por uma ruela curva como um braço torto, onde as paredes de pedra desmoronaram em alguns lugares e as venezianas de madeira estão cinzentas. Ainda assim, mesmo este canto negligenciado de Brume, com seus galhos desgrenhados de pinheiro presos acima das portas como sobrancelhas depenadas demais, é mais pitoresco do que os lugares em que cresci, com

suas pichações soletradas erradas e trilha sonora de brigas de gangues e sirenes de polícia.

Ao contornar o poço histórico na praça da cidade, os pelos na minha nuca se eriçam do mesmo jeito que costumavam fazer quando andava pelos antigos bairros.

Três garotas segurando taças de cobre e pitando cigarros estão paradas ao lado da entrada da taverna, apontando para um casal sentado em um banco se agarrando.

— Vão para um quarto! — uma das garotas grita para o casal, enquanto as duas amigas irrompem em risadinhas.

Nenhuma delas olha para mim, ainda assim a sensação de ser observado aumenta. Meu olhar sobe, para o segundo e último andares dos prédios. Nenhum olho brilha para mim de uma janela sombreada. Nenhuma silhueta está agachada nos telhados. Nada parece errado. Nada que deveria fazer meu sensor-aranha formigar. Ignorando a sensação, dou mais um passo, e é como se alguém injetasse fogo líquido nas minhas veias.

Cambaleio, me equilibrando na borda do poço. Minha respiração sai pesada e ofegante, como se fogo estivesse se espalhando e tivesse começado a carbonizar meus pulmões. Eu me agarro na pedra gelada conforme uma dor enlouquecedora dá cãibra nos músculos e envolve as articulações. É o suficiente para me fazer ranger os dentes e soltar um rosnado involuntário.

As minhas entranhas parecem que estão derretendo, como na vez que peguei uma virose e passei dois dias esparramado no chão frio do banheiro, desejando estar encarando uma gangue armada com facas mortais no lugar de um vírus torturante. Arfo, mas não sai nada.

Talvez tenha bebido muito vinho. Ou talvez – mais provável – Cadence envenenou meu vinho.

Os músculos contraem, e um suor frio cobre minha testa. Solto um rosnado e um grunhido e o poço ecoa e amplifica os barulhos animalescos.

Espera…

Cambaleio para longe do poço, mancando para o outro lado da praça. Apesar do dedão ainda estar latejando, as articulações e estômago não estão. Arranco a luva com os dentes e encaro o anel horrorível. Aí, respirando um pouco do ar frígido, me aproximo do poço outra vez. As garotas paradas na porta da taverna estão me observando agora. Eu as saúdo, o que faz uma delas sorrir e as outras duas sussurrarem.

A queimação nas veias retorna. Depois a cãibra nos músculos e uma estranheza geral, como se um saco de ovos de aranha tivesse acabado de eclodir na minha coluna e as criaturas estivessem se espalhando pelas vértebras. Quanto mais perto chego do poço, mais forte a sensação. O anel lampeja, a pedra brilhando como uma gota gigante de sangue luminoso sob as guirlandas de luzinhas de final de ano decorando a praça.

Putain. De Morel estava certo quando disse que o anel era um detector de artefatos. Se o negócio tivesse bateria e efeitos sonoros, neste momento estaria fazendo *bipe… bipe… bipe… bipe bipe bipe bipe*.

Um pedaço do Quatrefoil está perto ou no velho poço.

Estudo a borda de pedras brilhantes, a cobertura pontiaguda com telhas de ardósia que o protege, a corrente enferrujada envolta com fitas, e o balde pendurado, cheio de poinsétias – provavelmente falsas, a não ser que alguém tenha se dado ao trabalho de colocar um buquê verdadeiro ali. Não duvidaria que algum desses aldeões estranhos faria isso. De qualquer forma, acho que ninguém mais usa esse poço para pegar água.

Preciso me aproximar, mas as garotas ainda me observam. E a dor… A mera lembrança me faz ranger os dentes. *Foda-se.* Preciso saber se uma das folhas está ali dentro. Avanço na direção do poço, os ossos queimando sob a pele, o sangue resplandecente. Aperto a borda úmida, e aponto a lanterna do telefone para dentro, me sentindo como se estivesse prestes a vomitar outra vez.

Tem uma grade em cima – de certo para impedir que bêbados ou crianças idiotas caiam. Abaixo, o cilindro vazio se alonga, longe e profundo. Acho que leva direto para o inferno.

Com dedos trêmulos, tiro uma moeda do bolso e jogo. Faz um barulho molhado, acertando água.

Isso significa que é minha peça? A não ser que seja da Cadence…

Se for a *minha* para recuperar, e se conseguir fazer isso esta noite, estaríamos adiantados. Olho a corrente enferrujada. Aguentaria meu peso?

Estico a mão, envolvo os dedos trêmulos no metal congelado, e puxo para testar a firmeza. Geme como se algo estivesse se soltando, e lascas ocres descolam. É. Não vai dar. Se for fazer isso, preciso fazer certo. Isso significa equipamento decente. Significa não me jogar num fosso preto na base de muito vinho e muito pouco sono.

Falando nisso…

Poderia tomar um pouco mais de vinho para me ajudar a dormir.

Solto a corrente, depois me afasto, esfregando a mão no jeans.

Minha respiração fica mais calma conforme me afasto mais, e o fogo nas veias cede.

Talvez sobreviva até meu próximo aniversário, afinal.

Atravesso a praça até a taverna com um pouco mais de ânimo no passo, o que não tem nada a ver com a dor que desaparece.

— O que você desejou? — uma das garotas paradas na porta da taverna pergunta.

— Desejei?

Ela aponta para o poço com o queixo, os olhos passando pelo meu corpo.

Certo… a moeda.

— Dar o fora de Brume.

O sorriso dela murcha. É óbvio que ela queria que a paquerasse, o que é alarmante por vários motivos, o primeiro sendo que estava agindo como um maluco há menos de um minuto, e o segundo que devo cheirar como o interior de um barril de destilado… ou um caixão, para ser honesto.

— Saúde. — Passo por elas e empurro a porta pesada de carvalho.

O barulho dentro é alto o suficiente para acordar um homem morto, mas a música alegre e o calor sufocante são bem-vindos. Eu me aperto em um banco vermelho que range, entre dois homens mais velhos segurando bebidas. O barman é o mesmo cara magrelo de meia idade com dentes tortos e cabelo liso de antes. Ao encher um copo com chope, ergue um dedo para indicar que me atenderá em breve.

A mulher com o cabelo fofo esbranquiçado que me deu um olhar de aviso quando estava conversando com Cadence mais cedo entra ocupada atrás do bar. Ela deixa uma bandeja vazia perto da pia e olha para o móvel onde taças de vinho estão pendurados de cabeça para baixo como morcegos dormindo.

— Nolwenn — o barman diz — pode assumir por cinco minutos? Preciso ir no banheiro.

Ela acena com a mão para que vá, depois volta a atenção para os ocupantes dos bancos. Dentro de segundos, vê que não tem

nenhuma bebida na minha frente.

— O que vai querer, jovem?

— Quero… — Olho as prateleiras atrás dela.

— Tenho o melhor *chouchen* da cidade. Feito no local.

Não faço ideia do que diabos é isso, mas se é fermentado, então tem álcool.

— Manda. — Esfrego as mãos para me livrar do formigamento remanescente.

Ao abrir a rolha de uma garrafa transparente, seu olhar encontra meu dedo e se demora ali.

Huh. Ou reconhece a Pedra de Sangue, ou está chocada com minha escolha de acessórios.

Ela pisca e pigarreia.

— É uma bela pedra que você tem aí.

Quando sinto um dos meus vizinhos dando uma olhada, cruzo os braços, afundando a pedra sob o cotovelo.

— Herança de família. Passado de geração em geração. Mas não dá pra falar muito de gosto.

Ergue uma sobrancelha ao servir um líquido amarelo no copo.

— Você é daqui?

Balanço a cabeça.

— Marselha. Água e vinho esses dois lugares.

A mão dela abaixa, derramando *chouchen* pela borda do copo. Limpa com um pano molhado.

— E qual é seu nome, Marselha?

— Slate. Slate Ardoin. — Mantenho minha identidade Brumiana em segredo de propósito.

— É bom te conhecer. Sou Nolwenn. — Estende uma mão com nós de dedos vermelhos.

Está sendo amigável, ou quer dar outra olhada no anel?

Mantendo os olhos no seu rosto, aperto sua mão, que é mais calejada que a minha, e vejo sua atenção desviar para a pedra.

— Você gosta mesmo desse anel, hein? — Procuro uma reação, mas o barman volta neste momento, e Nolwenn solta os dedos dos meus. Antes que vá embora, pergunto: — O poço lá fora… qual a profundidade?

Olha para mim por cima do ombro.

— Uns trinta metros. Por quê? — Inclina a cabeça para o lado. — Está estudando aquíferos na universidade?

Nem tenho certeza do que seja isso, mas concordo.

— Sim.

Suas sobrancelhas se unem.

— Você parece muito com alguém que conhecia.

— Escuto isso toda hora. Tenho um rosto pouco original.

Ela balança a cabeça, o cabelo nem se mexe.

— Aproveite o hidromel, Marselha.

Podia estar imaginando, mas ao se afastar, sua careta aumenta. Percebo que deve ter conhecido meus pais. Eu me pergunto se sabe alguma história. Parece o tipo que tem histórias. Fofoqueira administrando o bar da cidade.

Talvez devesse perguntar a ela. Talvez…

— Marselha, hm? Acho que nunca conheci uma pessoa com tantas identidades diferentes.

Dou um sorriso apesar de não olhar por cima do ombro para a pessoa que acabou de falar. Não preciso. Conheço esse cheiro, e reconheceria aquela voz sedutora em qualquer lugar.

— Pensei que não fosse sair mais, Mademoiselle de Morel.

CADENCE_

— Não consegui dormir. *Surpreendentemente,* tenho coisas demais na cabeça.

Slate rodopia na banqueta, com um sorriso presunçoso no rosto.

— Um Adônis de cabelo cacheado seria o culpado?

— Você poderia ser mais arrogante? — Mas tecnicamente, está certo. Ele *está* na minha cabeça, mas não por causa do cabelo bagunçado ou rosto esculpido, nenhum dos dois é *tão* atraente assim. — O que aconteceu com sua testa?

Ele toca o hematoma que está amarelando.

— Uma viga do teto. Sou mais alto do que um elfo comum.

Okay…

— Vou sentar em uma mesa.

— Isso é um convite?

Abro o zíper do casaco fofo, o calor do seu olhar combinado com o calor saindo dos radiadores sibilantes deixando meu corpo desconfortavelmente quente. Quase desejo ter trocado a blusa de gola rolê.

— Pareceu um convite?

Uma das suas sobrancelhas pretas se ergue, desaparecendo atrás de um cachinho elástico.

— Acho que não. — Ele se volta para o bar.

Fico parada, congelada no lugar por um segundo. Aqui estava, certa de que pularia do banco e me seguiria para uma mesa. Em geral, sou boa em ler as pessoas, mas Slate é confuso. Apesar de ter brincado a respeito de suas múltiplas identidades, percebo que não estava muito longe da verdade afinal.

Engulo o orgulho e digo:

— Se ficar entediado de beber sozinho, venha me encontrar. — Depois vou para uma mesa desocupada no canto.

Deveria ter ficado em casa. Por que pensei que vir para a taverna era uma boa ideia?

— *Bonsoir, chérie*. — Nolwenn passa na mesa enquanto me sento. — Alma está vindo?

— Não. Sou só eu. Sentimos sua falta na festa ontem à noite.

— Queria que tivéssemos ido, mas fechamos muito tarde. Ou melhor, muito cedo. Sylvie se comportou, ou aquela morcegona estava cercando Rainier?

Dou um sorriso porque Sylvie tem a idade de Nolwenn.

— Estava, mas acho que Papa não está interessado.

Ela dá um sorriso maroto.

— Então, o que você vai querer?

— O prato de queijos e chá de camomila com mel.

— Boas escolhas. Encontrei Juda cochilando em cima do fogão mais cedo, então o mandei subir para descansar e não sou uma cozinheira boa como ele.

— Espero que não tenha se queimado.

Ela abana a mão.

— O velhote é tão resistente quanto um caldeirão de bruxa.

Eu me empertigo, me coçando para perguntar se acredita em mágica, mas mordo a língua. Ela não é uma descendente, é apenas agregada de uma. Depois que vai embora, abro uma aba de

pesquisa no telefone sobre Brume e o Quatrefoil. Se vou ficar sentada aqui sozinha, é melhor usar bem o meu tempo. Estou lendo o site quando a cadeira na minha frente arrasta no chão de tijolos vermelhos.

— Fiquei entediado de beber sozinho. — Slate coloca o copo de…

Dou uma cheirada no ar, mas tenho dificuldade de sentir nada além de seu cheiro exótico.

— O que está bebendo?

— *Chouchen*. — Solta o casaco nas costas da cadeira.

— Hmm.

— O que *hmm*, significa?

— Isso vai fazer você ficar vesgo.

— Hmm. Não parece um destino muito ruim neste momento.

Ao arrastar sua cadeira mais perto da mesa, escuto uma voz irritante dizer:

— Ele com certeza não é daqui. — A namorada de Adrien está sentada do outro lado do salão estreito com duas amigas.

São todas veteranas na universidade, todas bonitas, todas irritantes, e todas olhando na direção de Slate. Charlotte encontra meu olhar e dá um sorriso que não é bem um sorriso. Ela não gosta de mim, apesar de não saber bem o porquê. Não é como se eu fosse uma grande ameaça para seu relacionamento com Adrien.

— Amigas suas? — Slate virou a cadeira para fora, um braço em volta do encosto, olhar no trio.

— Nope.

— A garota de cabelo curto e o seu professor favorito não…

— *Shh*… E ele não é meu favorito nada — resmungo conforme uma das garotas joga o cabelo loiro sobre o ombro, comendo Slate com os grandes olhos castanhos.

Ele inclina a taça para ela, depois para os lábios e dá um longo gole no hidromel da Nolwenn, o pomo de Adão deslizando para cima e para baixo.

A loira, cujo nome nunca lembro – por escolha – pisca para ele.

— Se preferir sentar com elas — dou de ombros —, pode ir.

— Se quisesse sentar com elas, iria. — A madeira range conforme Slate se move na cadeira. Depois de um segundo em silêncio, sua voz se ergue sobre a música alegre de final de ano. — Então, acho que encontrei uma parte.

Meu olhar volta para seu rosto.

— O quê?

Ele alonga os dedos como se estivessem com cãibra.

— Maldito anel acendeu como o nariz de Rodolfo quando estava perto do poço. Sem contar que pude desfrutar de todos os sintomas agradáveis sobre os quais seu papa avisou.

Pisco.

— Você está brincando?

— Infelizmente, não.

— Pensei que demorariam um pouco para se revelarem.

— Parece que essa está com pressa de ser encontrada.

— Vamos pegá-la. — Empurro a cadeira para trás e começo a me levantar, mas Slate envolve meu pulso com a mão para me manter no lugar, a pedra vermelha brilhando como um rubi puro.

— Calma lá, princesa. Primeiro, não estou em condições de pular em um poço de trinta metros cheio de Satã sabe o que. E segundo, quero confirmar com Rainier se é a sua ou a minha.

— Acha que pode ser a minha?

Remove a mão do meu braço.

— Poços tecnicamente estão dentro da terra.

— Está no poço? — Meu coração sobressalta e acelera. — Me deixa ligar para Papa.

— Tem muitas pessoas em volta, Cadence. — Os olhos escuros de Slate não se deviam dos meus. — Pergunte quanto chegar em casa.

— Mas...

— Escute alguém que vive de caçar tesouros…

— Caçar tesouros? — Ergo uma sobrancelha. — *Sério?*

Um sorriso pula para seus olhos escuros.

— Um trabalho bem feito é oitenta por cento preparação, vinte por cento execução. Sem planejamento cuidadoso, você se arma para o fracasso.

Apoio os antebraços na mesa.

— Nunca pensei que fosse receber conselhos de um trapaceiro.

Os músculos dos seus ombros se contraem ao imitar minha postura, os antebraços caindo pesados na mesa.

— Nunca pensei que estaria sentado em uma taverna no cu do mundo com uma bibliotecária de quinze anos.

Eu me afasto de repente.

— Quinze? Não tenho quinze anos!

— Desculpa. Dezesseis.

— Tenho *dezessete* anos. — Mas ele sabe disso. Ouviu Papa mencionar mais cedo que tinha quase dezoito.

Os dois lados da boca de Slate se curvam para cima.

— Você é um babaca — murmuro.

Ele ri.

Nolwenn chega com meu prato de queijo, uma cesta de baguete fatiada e uma caneca de cerâmica grossa de chá. Slate e eu nos afastamos para abrir espaço na mesa.

Slate empurrou as mangas do suéter para cima, e vejo os olhos de Nolwenn prenderem em uma cicatriz ali. É enrugada e brilhante, como uma queimadura.

— Fico feliz de ver que está fazendo amigos, Marselha. — A voz de Nolwenn é mais suave do que o normal.

Os olhos dele encontram os meus.

— É. Eu também.

— Cadence é como uma neta para mim, então trate-a bem.

— Sim, senhora. — Ele afana um pedaço de queijo de cabra do meu prato e coloca a bolinha branca na boca enquanto Nolwenn sai para servir os outros clientes.

Quando rouba o segundo pedaço, arrasto o prato mais perto de mim.

— Ei…

— Posso morrer dentro de alguns dias.

— Isso é baixo.

— Mas é verdade.

— Tudo bem. Coma meu jantar.

Ele sorri, e acho que diz alguma coisa, mas estou distraída demais pela pessoa que acabou de entrar na taverna. Adrien abre o casaco e olha em volta, a atenção parando em Charlotte, que está acenando para ele como uma daquelas estatuetas japonesas de gatinhos da sorte.

— O que você vê naquele cara? — Slate pergunta.

Com as bochechas queimando, faço shh. Ele é pior do que Alma, e Alma *não* é discreta.

Adrien olha em nossa direção. *Por Deus, por favor, que não tenha escutado Slate.*

— É só um amigo próximo de família.

Slate rasga um pedaço de baguete, enfia um pouco de queijo de cabra dentro, acrescenta um figo seco, depois enfia o sanduíche improvisado na boca.

— A-ham — fala com a boca cheia, antes de virar a taça de *chouchen* e limpar os lábios com o dorso da mão.

Ao misturar um pouco de mel no chá, franzo o nariz.

— Onde você cresceu? Num chiqueiro?

— Um chiqueiro seria uma melhoria e tanto.

Minha colher congela quando percebo como isso foi insensível.

Pega um pedaço de queijo duro, depois empurra a cadeira para trás.

— Em todo caso, não durmo há alguns dias, então vou cair na cama.

Inclino a cabeça, culpa me cobrindo.

— Slate… Não quis... isso não foi muito legal da minha parte. — Mordo o lábio inferior.

— Não esquenta, princesa. — Ele me saúda, pega o casaco e vai na direção do bar, onde dá um tapinha na madeira envernizada.

Ele não vai mesmo pegar outra bebida? Não bebeu o bastante?

Minha visão é obstruída por um par de calças passadas. Sigo as pernas por um colete desabotoado sobre uma camisa social e pego o final da frase de Adrien.

— …só queria ver como estava depois da *conversa*.

— Ah. Hm. Estou bem. Chocada, mas bem.

— Fico feliz em saber.

Inclino o pescoço para ver atrás dele. Slate não está mais no bar.

Adrien olha por cima do ombro.

— Roland acabou de se levantar e te deixar?

— Estava cansado.

— Ainda assim, não é muito cavalheiro da parte dele. Ainda mais depois de tudo que colocou em movimento… — Adrien abaixa o queixo recém barbeado para o pescoço.

Suspiro.

— Tenho certeza de que se arrepende mais do que qualquer outro. A propósito — eu me inclino e sussurro: —, parece que localizou uma das peças. Não tem certeza se é minha ou dele.

Os olhos cor de mel de Adrien se arregalam.

— E foi recuperá-la?

— Ainda não. Já que não sabemos de quem é…

Senta-se na cadeira que Slate vagou.

— Está na água ou na terra?

De canto de olho, vejo Charlotte fazendo uma careta… ou melhor, uma carranca, e mesmo que não deva me dar nenhum prazer, meio que dá. Pode não entender isso agora, mas Adrien e eu temos mais em comum do que os dois jamais terão.

— Está no poço. — Eu me deleito em ser a única recipiente de sua atenção.

Suas pupilas dilatam ao absorver a informação.

— Se tem água no poço, é dele. Se o poço estiver seco, imagino que seja sua. Mas é melhor confirmar com Rainier. — Fica um segundo em silêncio. — Não posso acreditar que estamos mesmo fazendo isso.

— Eu sei. — Animação e pavor estão lado a lado dentro de mim.

Vamos trazer a magia de volta. Magia…

Ele estica o braço e cobre minha mão com a sua e meu coração migra direto para os dedos.

Adrien Mercier está segurando minha mão.

Em público.

— Cadence, sei que isso deve ser muito empolgante para você, mas precisa se lembrar que não é um jogo.

Puxo a mão para longe.

— Maman está morta, então estou muito ciente que isso não é um jogo.

— Ei. Não fique brava.

— Não estou brava.

— Está.

— Não estou. E não seja condescendente comigo. Posso ser mais nova do que você, Adrien, mas não sou uma criança.

— Eu sei que você não é uma criança. Deixaria uma criança lecionar minha disciplina?

Aperto os lábios.

A expressão dele suaviza.

— Só estou preocupado. Preocupado de verdade.

Isso solta minha boca.

— Eu me importo com você, Cadence. Me importo com o que acontece com você. Você é o mais perto que tenho de uma irmã.

Irmã? Meu coração despenca até as botas em queda livre. Boba… tão boba, mas não quero que Adrien me veja assim. Balanço a cabeça, por que o que mais deveria fazer? Dizer a ele que também é como se fosse família? Não é.

Belisco pedaços de queijo do prato, os enfiando rápido demais nas bochechas. Devo parecer um hamster. Que seja. Não é como se Adrien me visse como uma mulher mesmo. Até onde me diz respeito, um roedor é um degrau acima de irmã.

— Quer se juntar a nós? — Inclina a cabeça na direção da mesa de Charlotte.

Prefiro pular no poço e ser amaldiçoada por uma folha mágica.

— Preciso ir para casa, mas obrigada — acrescento educada, porque foi assim que Papa me criou.

Quando Nolwenn passa pela mesa, toco em sua manga.

— Nolwenn, pode trazer a conta?

Ela sorri para mim.

— Já foi paga. — Quando franzo o cenho, acrescenta: — Aquele garoto… Marselha. Ele acertou. Deixou um pouco a mais caso você quisesse outra coisa para comer e beber. Quer mais alguma coisa? Um crepe, talvez? Sou boa neles.

Slate pagou pela minha refeição? Que… inesperado.

— Nada mais, obrigada. — Termino o chá e me levanto.

Adrien me observa fechar o casaco.

— Você não precisa mais me substituir amanhã, a propósito.

O zíper se fecha com um sussurro conforme o puxo todo para cima, batendo na parte de baixo do queixo.

— Ainda preciso ir na aula se quero me formar um dia — falo antes de ir direto para a porta. Quando saio na rua fria, minhas respirações rápidas condensam em uma densa nuvem branca.

Analiso o poço, depois vou até ele e olho na escuridão abaixo da grade. Não posso dizer como o fundo se parece, então ilumino com o telefone, mas o feixe de luz se perde no infinito trecho de veludo preto. Procuro uma moeda dentro do bolso, encontro uma pesada de dois euros. Torcendo para que não ative nenhuma maldição, eu a solto, depois prendo a respiração enquanto cai.

E cai.

Ainda estou prendendo a respiração quando a pedra conecta com alguma coisa e produz um distinto borrifo.

Água.

Pulo para trás, porque se tem água, então é a peça de Slate. E se é a peça de Slate, então a folha pode não estar muito feliz de ter

sido perturbada por alguém que não deve ir atrás dela.

Algo espirra. O sangue nas minhas veias?

Escuto de novo, e dessa vez, sei que não é meu sangue, porque é acompanhado de sucessivos tapas, como ondas contra pedras. Ou a água está subindo ou tem algo se movendo lá embaixo.

Cambaleio para trás, depois rodopio, escorregando e caindo com tanta força que acho que meus joelhos trincam. Eu fico de pé, e apesar da perna estar gritando, corro como *nunca* corri antes. E não paro até chegar na porta de casa, mesmo caindo duas outras vezes no caminho.

Quando chego em casa, minhas mãos estão sangrando. Tranco a porta, espalhando sangue no batente e trinco de metal.

— Papa!

O que eu fiz o que eu fiz o que eu fiz?

Uma porta abre com um ruído seco.

— Cadence? — meu pai grita, os pneus de borracha da sua cadeira de rodas rangendo no piso do primeiro andar. — O que é?

Meu corpo inteiro treme ao subir as escadas dois degraus de cada vez.

— *Ma chérie*, o que é?

Arfando por ar, conto tudo o que aconteceu. Preciso de várias tentativas para colocar todas as palavras para fora, e só Deus sabe como entende qualquer coisa da tagarelice com minha respiração ofegante.

Segura minhas mãos, suas feições brancas como pasta de dentes.

— Você tocou nela?

Balanço a cabeça, o rabo de cavalo açoitando as bochechas, mechas grudando na pele que está coberta por uma mistura de suor e lágrimas.

Nunca estive tão assustada na minha vida inteira.

— Está… está… está vindo atrás de mim?

— *Non, mon amour.* Você está segura. Prometo que está segura. — Puxa meu braço até que caio em seu colo. E depois me abraça e beija minha testa. — *Ma Cadence*. Shh. Você está segura.

Esfrego os olhos com a manga.

— O que é?

Ele suspira.

— Só o Quatrefoil sabe. — Mas pressinto, pelo jeito que os músculos de seus braços ficaram tensos, que tem algumas teorias e que nenhuma delas será reconfortante.

— É um monstro?

Ele afasta o cabelo do meu rosto úmido.

— Tenho certeza que não é nada mais do que a folha querendo te assustar.

Está dizendo a verdade? Quero mesmo saber a verdade antes de dormir? Engulo, a garganta doendo tanto quando os joelhos.

— Posso dormir no seu quarto esta noite, Papa?

— *Bien sûr, ma chérie*. — Ele olha para a porta da frente, que parece a entrada da cena de um crime.

— Promete que não está vindo atrás de mim?

— Prometo. Não é assim que as peças funcionam. Só protegem a si mesmas. Não perseguem.

Respiro fundo, mas não deve ser fundo o suficiente, porque meus pulmões ainda estão tensos depois do banho quente, e o coração ainda galopa quando pulo sob as cobertas de Papa e as puxo até o nariz.

Estico o braço pela cama, procurando Cadence, querendo sentir o calor de sua pele sedosa sob os dedos. É só quando minha mão roça no lençol de algodão vazio e cai pela borda do colchão franzino que acordo e percebo que ela não está aqui. Nunca esteve.

Respiro fundo. Seu cheiro está em todos os lugares… nos lençóis, no travesseiro de pluma de ganso. Um cheiro fresco e de talco, com um toque de algo floral e frutado. Toma conta de toda minha cabeça. *Merda.* Agora preciso de um banho gelado.

Pegando uma toalha e o sabonete, arrasto os pés para fora do quarto e pelo corredor com iluminação fraca que tem outras três portas numeradas até a que diz TOILETTES HOMMES.

Conforme o encanamento velho range para vida, entro no jato quente e abro o frasco de sabonete que Cadence me deu. Um lampejo de sua boca entreaberta queima atrás das minhas pálpebras. Malditos lençóis. Cheirá-los a noite toda deve ter trancado a filha de Rainier dentro do meu cérebro do mesmo jeito que a Pedra de Sangue selou o anel da mãe no meu dedo. Encaro a pedra, que é do mesmo tom de vermelho dos lábios de Cadence, e resmungo xingamentos.

Porque não consigo tirar sua boca da minha cabeça estúpida, viro a torneira da água quente até que gotas gélidas açoitem meu peito, depois aperto os dentes para evitar gritar como um bebê conforme a pele fica vermelha e queima. Devagar, minha mente finalmente clareia. Só aí volto a girar a torneira de água quente até o máximo. Demora uma eternidade para esquentar. Esfrego a pele com força com o sabão, a espuma branca densa escorrendo pelas pernas e entre os pés. Vejo que um dos dedos do pé está roxo, do mesmo tom que meu dedo médio. Brume não faz bem para minhas extremidades.

Quando saio do velho cubículo de porcelana, quase me arrependo de não secar ao ar livre, porque a toalha que enrolei na cintura cheira a Cadence. Não que secar ao ar livre fosse uma opção, considerando que não estou mais sozinho.

Um cara está escovando os dentes, enquanto outro está parado nos mictórios. Sinto falta do meu banheiro gigantesco em Marselha, possivelmente mais do que sinto falta do meu irmão e cacto, não necessariamente nesta ordem.

Os caras e eu acenamos um para o outro daquele jeito tenso que se usa quando está seminu e no meio de estranhos.

O ruivo cospe pasta de dentes na pia.

— É novo na universidade?

Algum dia vou frequentar as aulas? Ninguém sabe. Olho para meu reflexo e vejo o calombo na testa, sinto o latejar nos dedos do pé e da mão. Neste momento, só preciso sobreviver até o meio do mês.

E pensar que ainda não cheguei na parte perigosa.

Dou de ombros enquanto penteio o cabelo preto com os dedos.

— Acho que sim.

— Legal. — O cara balança a cabeça para cima e para baixo e limpa o rosto com uma toalha de mão.

— Você deveria fazer a disciplina da Mademoiselle Claire — o loiro no mictório diz.

— O que ela leciona? — pergunto.

— Astronomia. — O cabeça de cenoura sorri. — Mas não é esse o motivo que Liron frequenta as aulas.

— Todos temos nossos vícios, Paul. Pelo menos o meu é legal. — A voz de Liron ressoa nos azulejos encardidos.

— Mas você tem que admitir, meu vício tem a melhor bunda de Brume. E lábios. Deus, os lábios dela. — Posso ver que os está imaginando em seu corpo. O cara precisa transar.

Liron fecha o zíper.

— Seu *vício* também é parente do reitor, Paul.

Congelo com os dedos enfiados no meio do cabelo.

— Está falando da Cadence de Morel?

As orelhas do cabeça de cenoura ficam vermelhas.

— Hm… Sim?

Fúria corre por mim, e antes que possa pensar, empurro Paul contra a parede encardida.

— Hey! — Liron grita. — Qual é o seu problema?

Eu me controlo e tiro as mãos da pele corada de Paul.

— Cadence é um ser humano. Não um pedaço de bunda com ótimos lábios. Mostre um pouco de maldito respeito — falo, antes de sair mancando do banheiro na direção da porta número três. Claro, sou um grande hipócrita, mas Cadence não merece ser referida como carne de primeira.

Tem um envelope preso na minha porta. O último envelope que recebi me mandou para Brume. A lógica me diz que isso não pode ser pior, mas meu estômago embrulha mesmo assim. Passo um

dedo sob a aba, tiro o papel e bufo. Uma boas-vindas e um lembrete para confirmar minha grade de aulas online. *É. Que seja.* Amasso o papel e jogo na lixeira do outro lado da cama. Três pontos.

Não sei se vou precisar de um traje de mergulho ou um chapéu de minerador para o poço, mas considerando que não tenho nenhum dos dois, coloco um jeans preto, uma camisa social branca e minhas botas gastas. O plano para a manhã é voltar para a praça para dar uma olhada melhor no que posso enfrentar, e depois passar na mansão de Morel para espremer todo grama de conhecimento do cérebro do velhote e confirmar se é, de fato, minha peça.

Enfio os braços pelas mangas do casaco. Na luz baixa, a Pedra de Sangue parece preta como um ferimento a bala. Ainda estou analisando o anel quando abro a porta e sinto um punho bater no meu peitoral.

Olho para a dona do punho e não posso evitar sorrir.

Cadence pula e tropeça. Estico a mão e pego seu braço. A manga do casaco fofo está fria sob meu toque e solta uma lufada do seu cheiro. Gemo sem querer.

Controle-se, Slate.

Suas sobrancelhas voam sob a boina cinza-pérola, e o pompom peludo no topo balança.

— Seu dedo! — Ela soa quase em pânico ao olhar para a mão que ainda está segurando seu bíceps.

Eu a solto.

— O quê?

— Você gemeu.

— Tenho quase certeza que não emiti tal som.

Suas sobrancelhas abaixam.

— Foi você ou as dobradiças da porta.

— Com certeza as dobradiças. — Alongo os dedos. — O dedo está muito melhor. — *Só que não.* Mas não tem jeito nenhum que vou deixar Cadence acreditar que o gemido saiu de mim.

Uma porta bate no corredor, depois vem o barulho de chaves.

Cadence e eu nos viramos. Quando vislumbro um brilho cobre, meus ombros ficam tensos. Cadence dá um sorriso para o garoto.

Os passos dele vacilam.

— Ca-cadence, bom dia.

— Oi, Paul.

Ele olha de mim para ela e repete, as sardas derretendo no seu rubor. Ele é um babaca, mas ao menos é perceptivo, porque passa por nós andando rápido e murmurando:

— Não quero me atrasar para aula.

Olha para trás uma vez; eu abro uma carranca. Ele quase tropeça escada abaixo, se equilibrando no corrimão gasto.

Quando estamos sozinhos outra vez, vejo a hora no Rolex – 7:30.

— O que te trás até minha porta no raiar do dia, Mademoiselle de Morel?

Ela arrasta os dentes da frente pelo lábio inferior carnudo, e *putain*, preciso de outro banho.

— Ontem à noite, joguei uma moeda no poço, e atingiu água. — Solta o lábio e ele brilha. Devo estar com um olhar vago daqueles, porque acrescenta: — O que quer dizer que é sua peça.

Limpo a garganta.

— Certo. Presumi isso.

— De qualquer maneira, depois que joguei a moeda — cor esvai de sua pele —, ouvi um movimento na água.

Eu me reclino contra o batente da porta e cruzo os braços.

— Isso é o que costuma acontecer quando algo sólido encontra algo líquido.

Ela recupera um pouco da cor e balança a cabeça.

— Tinha *muito* movimento. Como se tivesse alguma coisa lá embaixo.

Minhas vértebras se fundem até a coluna parecer mais como um pedaço de ferro do que osso flexível.

— E aí esta manhã, quando vinha para cá, passei pela praça, e está… — Ela engole.

Eu me afasto do batente, o pulso indo de zero a cem.

— Não faça suspense. Está o quê?

— Só… Venha. — Desce as escadas instáveis e abre a porta da frente.

O que diabos devo esperar?

— Se tiver um monstro enguia lá…

Um canto da sua boca absurdamente fascinante se curva para cima.

— E eu que pensei que você era corajoso.

O desafio em sua voz combinado com seu meio sorriso injeta algo em minhas veias. Não chegaria a ponto de chamar de coragem, mas algo forte o suficiente para me fazer trancar a porta e descer as escadas.

Pego a borda da porta e abro mais.

— Espertinha.

Ela me dá um sorriso que impede que o sangue vá para minha cabeça e membros.

Sua boca se move, e meu cérebro faminto precisa de um segundo para fazer sentido das palavras.

— Você conseguiu dormir? Parece… atordoado.

Seguro o colarinho do casaco, apertando para que nenhum ar frio se infiltre.

— Na verdade, dormi muito bem. Tive uns sonhos bem agradáveis.

— Isso é bom.

O céu está preto como breu. Mesmo assim, as pessoas estão andando por aí, correndo para o trabalho ou indo na direção dos prédios da universidade para aulas matinais. Ninguém parece particularmente animado. Meu palpite é que metade deles ainda está se recuperando da Véspera de Ano Novo.

— E você?

Nega com a cabeça.

Estou imaginando que foi nosso jogo iminente de *capture-as-folhas-amaldiçoadas-antes-que-Slate-bata-as-botas* que a deixou acordada.

— Qual é das aulas retomarem tão cedo aqui? Em Marselha, estão de recesso até o meio do mês.

— Brume funciona em um calendário ligeiramente diferente do que o resto das escolas francesas. Um calendário lunar. Começamos as aulas na lua cheia.

— Para todos os alunos lobisomens? — finjo murmurar.

Solta uma bufada fofa.

— Lobisomens não são reais.

— Tem certeza?

Ela reduz o passo um pouco, o olhar passando pelo gelo cristalizando nas persianas de madeira das casas de pedra.

— Não tem menção a licantropia nos livros de história.

— E nos livros, confiamos.

Ao invés de chamar atenção para meu escárnio, Cadence fica pensativa.

— Então, por que as aulas começam na lua cheia?

Apesar do seu pensamento parecer estar um quilômetro de distância – no frigorífico da biblioteca para ser exato – responde:

— Luas cheias são condutoras do aprendizado. Supõe-se que fazem tudo mais claro, mais poderoso. Até mesmo feitiços.

— Isso está no manual da universidade?

— Apenas parte do folclore local. — Seus olhos perdem o foco por um segundo, e imagino que esteja pensando em como tudo o que um dia considerou folclore agora está apto a ser reinterpretado.

— E aí, por que precisamos juntar as peças até a lua *nova*?

— Porque a lua nova é para novos começos.

Ou finais de merda.

A rua sinuosa faz uma curva fechada, e de repente nos encontramos na beirada da praça da cidade, que está iluminada como uma pista de aeroporto. Além dos fios de luzinhas piscantes e janelas brilhantes, tem um grande holofote focado no poço. Quatro homens altos com capacetes brilhantes e casacos azul marinho com *Sapeurs Pompiers* estampado nas costas estão isolando a área com fita amarela e afastando espectadores curiosos.

Preciso de um momento para compreender por que estão aqui… a praça foi transformada em um ringue de patinação. Uma camada de cinco centímetros de gelo cobre as pedras.

— A água transbordou. — Cadence aponta para a cascata congelada cobrindo o lado do poço.

— Uau. — Eu me pergunto se a água congelou só por cima. Talvez vou precisar fazer pesca pelo gelo para recuperar a peça. E como diabos vou entrar no poço com o departamento de bombeiros bloqueando o maldito lugar?

A conversa baixa de bisbilhoteiros é o único som na praça. Então, de repente, um gritinho agudo enche o ar. Como um animal

com dor.

Um animal raivoso com dor.

Um animal raivoso gigante com dor.

Cadence e eu cobrimos as orelhas com as mãos, mas os biscoiteiros curiosos nem vacilam. Ninguém mais ouviu o que parecia uma orca sendo massacrada enquanto pari?

Quando um dos bombeiros vai na direção do poço, Cadence pressiona um punho na boca, os olhos arregalados com terror.

— Ele vai ser amaldiçoado. Ou morto.

— Só está olhando. — Minha voz está calma, mas a preocupação de Cadence faz meu estômago embrulhar.

Ela balança a cabeça, olhando enlouquecida pela praça.

— Precisamos fazer alguma coisa. Onde estão Adrien e Gaëlle? Liguei para eles há mais de vinte minutos. Adrien vai saber o que fazer.

Com a menção do nome de Adrien, fecho as mãos em punhos. Não procuro por corações e estrelas nos olhos de Cadence, mas aposto que estão ali, saindo com tudo de suas pupilas. Ela acha que o amado professor é algum tipo de super-homem. Mais para Super Babaca, ou Professor Pintão.

Professor Pintão. O lado direito da minha boca se inclina. Gosto disso.

O grito intensifica quando o bombeiro chega no poço. Estou supondo que ouviu.

Cadence oscila nos calcanhares. Quando diz:

— Ah, inferno. — E dá um passo no gelo, estico o braço para impedi-la.

— Não — falo.

— Slate, ele vai…

Não escuto o resto da sua frase por cima do barulho nos ouvidos. Dou vários passos para trás para tomar impulso, depois mergulho sob a fita amarela, deslizando pela praça de barriga como uma foca, comemorando e gritando o tempo todo.

Não é meu melhor momento, mas distrai o bombeiro, que se afasta do poço e xinga, depois xinga um pouco mais quando outros idiotas seguem minha deixa e fazem as próprias acrobacias no gelo. Não tem distração melhor do que estupidez em massa, e nenhum grupo melhor para isso do que estudantes universitários.

Agora a praça é tipo uma imitação de *Disney no Gelo*. Um cara tromba com o bombeiro vindo na minha direção, o derrubando como boliche. Outros dois bombeiros estão ocupados tentando afastar um cara que está rodopiando e outro que levanta e cai, levanta e cai.

Barriga dormente de frio, nado de peito até chegar na base do poço – não se pode cair quando já se está no chão. A cascata congelada é de um tom suspeito de urina que faz minhas narinas dilatarem. O cheiro é frio e metálico, mas gelo disfarça odores. Até mesmo os ruins. Esperando que a grade enferrujada tenha contaminado a água, e não seja transbordo de esgoto, seguro uma das camadas bulbosas amareladas e me puxo para cima. As solas tratoradas das minhas botas escorregam como se tivessem sido cobertas com manteiga, e caio de cara no chão outra vez, batendo a testa, bem no meu galo.

Putain de merde. Odeio Brume.

Mais do que odiei a noite passada, mas provavelmente não tanto quanto vou odiar essa porra de cidade quando enlouquecer com uma picareta de gelo no poço encantado. Não ajuda que todos os átomos no meu corpo ardem e queimam, e uma sensação estranha de formigamento rasteja pela minha espinha. Aperto os dentes e faço o possível para ignorar a dor.

Pelo menos os gritos animais pararam.

Um consolo.

Olhando de volta para Cadence, encontro o Professor Pintão e Gaëlle a cercando. Estão em uma discussão profunda, mas os três estão com os olhos em mim e no meu processo patético.

Arrasto o corpo dolorido para cima e consigo ficar vertical desta vez. Antes que possa escorregar de novo, estico o braço e seguro um dos postes de madeira que suportam o telhado pontudo do tipo de gazebo. O holofote que o departamento de bombeiros montou é claro para cacete e quase me cega quando mudo de posição para olhar dentro do poço para a água âmbar.

Atrás de mim, é tudo risadas e gritos, os estudantes universitários idiotas ainda mantém os bombeiros ocupados. Mas aqui no poço, tudo está estranhamente quieto e parado.

Eu me inclino mais sobre a abertura, a cascata congelada e as pedras glaciais pressionando nas minhas costelas, e aperto os olhos para ver além da grade. Uma bolha se forma sob o gelo e estoura. E aí, de repente, no lugar do meu reflexo, vejo o rosto de uma mulher. Um rosto familiar. Seus olhos estão fechados, os cílios tão longos que acariciam as bochechas. A pele tem um brilho perolado, e os lábios de cereja parecem tão úmidos e suculentos quanto a fruta. Uma nuvem de cabelo marrom caramelo flutua ao seu redor.

A dor nos meus membros desaparece, e me sinto tonto e quente, como se tivesse acabado de engolir um copo de conhaque. Ou três.

Viro a mão no poste, o holofote iluminando a Pedra de Sangue. Um feixe vermelho rubi corta a água do poço.

Os olhos da mulher se abrem para revelar íris azul claro. Ela pisca, e depois os cílios encostam no osso da testa, o azul agora

cercado de branco. Dedos pálidos deslizam pela grade e a seguram. A boca abre com um grito terrível.

Cadence.

Puta merda, é a Cadence! Está presa. E está se afogando.

Mas espera…

Isso é impossível.

Viro a cabeça para onde Cadence estava parada minutos atrás.

Não está mais lá.

Procuro enlouquecido por seu cabelo longo no meio da multidão. Seu casaco prateado. O pompom felpudo. Mas ela não está na porra de lugar nenhum.

Ah, Jesus, não. Não, não, não.

A sensação calorosa nas minhas veias é substituída por uma lâmina fria de medo e adrenalina.

Esse deve ser meu teste. Magia a prendeu no poço para me motivar a mergulhar. Vou libertá-la. Vou destruir esse maldito poço pedra por pedra se precisar.

Esmurro o gelo com a mão direita. Várias e várias vezes. Destruo a crosta congelada sobre a grade, o anel agindo como a porra de um martelo. A primeira camada se torna poeira branca. Eu a afasto. Encontro Cadence se contorcendo, nós dos dedos brancos, lábios partidos com meu nome.

Estilhaço mais gelo até chegar na grade. O metal congelado é frágil e três das barras enferrujadas quebram. Eu as puxo, torcendo para trás como os dedos do último cara que tentou me ferrar em Marselha. Tem espaço o suficiente para enfiar o braço, mas não meu corpo, ou o dela.

Os dedos pálidos de Cadence enlaçam pelos meus, mas depois escorregam.

CADENCE_

Solto um suspiro e quase caio, e não por causa do gelo. Por sorte, a empunhadura firme de Adrien na mesa que estamos carregando para fora da taverna para colocar em cima do poço não vacila.

Slate acabou de dar um tapa na Gaëlle, a fazendo voar para trás, o cachecol amarelo ondulando como uma fita no ar manchado pelo alvorecer. Ela cai no gelo, por um centímetro, talvez menos, não bate no poste de madeira que segura o telhado pontudo.

— *Merde* — Adrien murmura enquanto Slate, cuja manga do casaco está encharcada, estica o braço no poço outra vez.

Quando Adrien solta o seu lado da mesa, quase caio, mas minhas solas firmam no gelo.

— Deslize a mesa, Cadence! — Ele parte, meio patinando, meio se desequilibrando na direção do poço. Quando o alcança, sibila o nome do Slate, mas isso não chega nem a trincar sua concentração. Adrien puxa o braço para trás e solta o punho na parte de dentro do cotovelo do Slate, o forçando a dobrar.

O corpo inteiro de Slate balança, incluindo o olhar, que brilha furioso no feixe brilhante dos bombeiros. Ele tira a mão do poço e puxa o braço para trás tão rápido que é um borrão. O punho voa na mandíbula de Adrien.

Empurrando a mesa no gelo como se fosse um disco de hockey, grito o nome de Slate.

Ele congela e olha para mim. Seus olhos se arregalam, e pisca. Para mim, depois para o poço, depois de volta para mim.

— Continue falando com ele, Cadence — Adrien grita.

— Quer tomar café da manhã comigo na taverna? — grito, deslizando a mesa mais perto vagarosamente. Quase lá.

Barulho de água seguido de um grito de ajuda de partir o coração faz Slate e eu virarmos para o poço. Gaëlle, que está de pé outra vez, empurra Slate para trás e seu rosto empalidece. E aí, ela está esticando a mão para o poço, mas Adrien segura seu pulso um pouco antes de desaparecer pela borda de pedra.

— Desvie o olhar, Gaëlle — ele sibila.

Ela fecha os olhos e faz uma careta quando o grito por ajuda ecoa contra o abrigo pontudo de madeira que protege o poço. A voz é profunda e familiar. Tão familiar que faz arrepios surgirem nos meus braços.

Minhas mãos escorregam das pernas da mesa.

— Papa?

Pontas de dedos com unhas curtas e aparadas aparecem de dentro do poço.

Ah meu Deus.

Papa está no poço! Escorrego e deslizo na direção dele.

— Não é real, Cadence. — o sussurro fervoroso de Adrien me faz parar deslizando. — E não olhe dentro do poço. — Ele se vira para os outros. — Todos vocês, desviem o olhar!

Volto os olhos para o chão congelado. Adrien empurra a mesa para frente, depois a vira para o lado certo, de forma que as pernas abracem a abertura redonda. Batidas começam, e depois

arranhões. Adrien espalma o tampo da mesa para mantê-la no lugar.

Um dos bombeiros tira um dos estudantes do gelo e vem na nossa direção.

— Monsieur Mercier, acha mesmo que um *bouchon en bois* vai evitar que o poço transborde?

— Sim, acredito que uma rolha de madeira seja o suficiente. — A testa de Adrien brilha com suor. — Por enquanto, ao menos.

— Reconheço que está tentando ajudar, mas…

Adrien se move para apoiar o antebraço direito na mesa e tira o telefone do bolso com a mão esquerda.

— Na verdade, meu pai e Rainier de Morel que me deram instruções para cobrir o poço. Se quiser falar diretamente com um deles, posso fazer a ligação.

— Não precisa. — O bombeiro zipa os lábios fechados.

— Você teria algo pesado para colocar em cima? — Adrien pergunta.

O que seja que está lá dentro arranha outra vez e grita um abafado *ajuda*.

Espero que o bombeiro arranque a mesa de cima, mas no lugar disso fala:

— Vou encontrar algo pesado para prender. — Suas botas com travas se prendem no chão escorregadio enquanto caminha na direção do esquadrão.

Adrien deve perceber minha surpresa porque sussurra:

— A peça só clama por nós quatro.

Encaro seu rosto e vejo que está manchado de sangue, mas estou perplexa demais com o que acabou de dizer para fazer qualquer comentário.

— A peça?

— Sim. É a peça que está tentando te atrair ao soar e parecer com alguém que você faria qualquer coisa para salvar.

A respiração forte de Slate se torna suspensa.

— Por isso ouvi Papa — murmuro.

Adrien concorda.

— E eu, Romain. — Gaëlle esfrega a bochecha, ainda vermelha com o tapa de Slate.

Ele não voluntaria quem viu. Não que isso importe. Suas mãos estão apertadas em punhos ao seu lado. Os nós dos dedos partidos e sangue escorre dos dedos para o gelo, o manchando de carmesim.

Solto um suspiro.

— Você está sangrando. — Seguro sua mão, mas ele a puxa com força e se afasta, soltando um rosnado que parece muito com o que ouvimos mais cedo. Seus cachos pretos estão emaranhados com transpiração e grudam na testa úmida, e seu peito está subindo e descendo rapidamente outra vez.

— Ele ainda deve estar em choque, Cadence. Ainda mais porque ele tocou *aquilo* — Adrien acrescenta com um sussurro.

Juda sai da taverna e vem pisando firme em nossa direção, o cabelo branco voando na brisa gélida, a pele corada de vermelho com o peso do caldeirão de sopa gigante aninhado em seus braços.

— Ouvi dizer que precisava de algo pesado. Se encher essa velharia com água, nem mesmo um vendaval vai movê-la.

Adrien pede para um bombeiro pegar uma mangueira do veículo utilitário elétrico. O homem liga uma ponta num hidrante da beirada da praça e arrasta o bocal até o poço.

Depois que o caldeirão transborda, Adrien se vira para o dono barbudo da taverna.

— Volte para dentro. Vai ficar doente, Juda.

Juda dá uma longa olhada no poço antes de ver sua nora. Ele respira fundo.

— O que aconteceu com sua bochecha?

Gaëlle balança a cabeça.

— Não é nada demais. Só escorreguei e bati no poste.

Ele aperta os lábios, mas se afasta na direção da Nolwenn, que está parada na entrada, protegida por um grosso casaco de penas que vai até seus pés de pantufas.

Preocupação profunda se espalha no seu labirinto de rugas.

— Entrem, todos vocês. Vou fazer um chá e um bule de café.

— Daqui a pouco, Nolwenn. — O cabelo loiro escuro de Adrien não está tão arrumado quanto de costume, o que o dá uma aparência um pouco mais rude. Heroica.

Na verdade, ele *é* um herói. Acabou de salvar Slate, Gaëlle, *e* eu da magia negra do Quatrefoil.

Ele se vira para o bombeiro.

— Pode garantir que ninguém remova isso?

— *Bien sûr.* Vamos fazer isso em turnos.

Adrien da tapinhas no braço do homem.

— Você é um bom homem, Francis. *Merci*.

— Só estou fazendo meu trabalho, Monsieur Mercier.

Adrien esfrega as mãos, provavelmente para fazer calor voltar até elas, e depois inclina a cabeça na direção da porta da taverna.

— Terminamos aqui. Vamos.

Gaëlle passa o braço esbelto pelo meu, e começamos a atravessar a pista de patinação. Quando escuto Adrien chamar Slate, olho por cima do ombro. Está rígido como o bonsai de bronze da minha mãe, mas seus olhos não estão vidrados, o que me tranquiliza que está alerta e não perdido em algum pesadelo.

— *Allez-y.* Vamos alcançar vocês — Adrien diz. Quando não me movo, mesmo com Gaëlle puxando meu braço, acrescenta: — Prometo que não vou deixá-lo sozinho aqui fora. — Um sorriso gentil suaviza a apreensão enrugando seus olhos e marcando sua testa.

Inalando uma respiração longa e gélida que arde meus pulmões, eu me viro e atravesso o gelo pisando com cuidado. Gaëlle escorrega mais de uma vez com suas botas de lã e a seguro para não cair. Esta manhã é uma prévia do apoio que todos teremos que dar um ao outro.

Todas as respirações eram uma lâmina cortando os pulmões. Não podia ouvir nada sobre o pulso acelerado, também não podia ver nada. Minha visão balançou. A praça, a multidão, o poço – todos entravam e saiam de foco como um monte de luzes estroboscópicas. Mas aí eu vi Cadence, seu rosto um tom de branco apavorante, e tudo parou.

Cadence.

A verdadeira Cadence.

Não a mágica e pervertida que me enganou como se fosse uma criança ingênua.

Com os olhos, eu sigo sua caminhada traiçoeira até a taverna, de braços dados com Gaëlle. Gaëlle, que está com uma mão sobre a bochecha avermelhada.

Vergonha me queima como óleo quente.

Bati em Gaëlle. Eu *nunca* bati em uma mulher. Nunca.

Nem percebi o que estava fazendo. Estava tentando alcançar os dedos de Cadence que se contorciam quando senti um puxão no ombro e reagi com instinto. Foi só depois de bater em Adrien, e depois de Cadence – a verdadeira Cadence – chamar meu nome que vi o rosto de Gaëlle e liguei os pontos.

Sou um maldito idiota. De todas as formas.

Agora, Adrien está vindo na minha direção, cada passo cuidadoso e lento sobre o gelo, mãos esticadas e cabeça inclinada de um jeito não ameaçador como se fosse um cachorro raivoso que precisasse ser acalmado.

— Ei, Roland. Você está bem?

Patino na direção do outro lado da praça, pingando gotículas escarlate. Os nós dos meus dedos parecem que passaram por um moedor de carne. Mas o anel está intacto.

Chego no limite da pista de patinação provisória e entro em uma rua estreita. Não tenho ideia de onde estou indo. Eu não ligo.

Só preciso andar e colocar a cabeça no lugar. Isso ainda sequer é uma possibilidade?

CADENCE_

Abro a cortina de veludo pesada que protege a taverna do frio de gelar os ossos do inverno. O restaurante cheira como manhãs – café escuro, chá de bergamota, cítrus doce, e pão fresco.

No momento que a cortina cai no lugar, Nolwenn está ali, arfando e envolvendo Gaëlle com os braços.

— Seu rosto!

Gaëlle faz uma careta.

— Não é nada, Nolwenn.

Nolwenn franze o cenho como se não acreditasse na nora.

— Vocês duas, sentem-se. Vou espremer umas laranjas. Depois podemos conversar. — Inclina a cabeça na direção da mesa oval ao lado da janela. Um bule de café, duas cestas cheias de massa folhada e torrada, e um pires com manteiga com sal caseira estão dispostos ao lado de uma pilha de pratos, guardanapos xadrez, e talheres gastos.

— Ela sabe sobre… a caçada? — sussurro para Gaëlle.

Seus olhos se movem da direita para esquerda, e ergue um dedo para os lábios. Acho que isso é um não.

— Me conte sobre o Slate — fala, provavelmente para mudar de assunto.

Abro o casaco e tiro o capuz.

— Não sei bem o que contar. Acabei de conhecê-lo.

— Ouvi dizer que passou por lares adotivos, mas tem amigos? Veio para Brume sozinho?

Enfio o gorro no braço do casaco e o coloco nas costas de uma das cadeiras.

— Não é bem a pessoa mais aberta. — Não que eu tenha perguntado sobre sua vida antes de Brume. Não estava me sentindo muito amigável por causa de todo o caso de profanação de cripta. — Mas tenho quase certeza que veio sozinho.

— Então, nada de amigos? Nada de namorada?

— Eu… — Slate tinha uma namorada? Era tão paquerador que achava que não, mas o que eu sei? Ele não me beijou no Ano Novo. E se foi por que não queria trair alguém e não sua desculpa de faça-sua-própria-sorte? — Deve ter *algum* amigo em casa. Por que a pergunta?

— Só para ter uma ideia melhor da pessoa que está trabalhando conosco. Ele parece um garoto tão… *selvagem*.

— Papa não te contou sobre ele?

— Seu papa me disse para não me preocupar com nada. Que estava no controle de tudo. E entre Romain, os gêmeos, e a loja, quando alguém me diz para não me preocupar com alguma coisa, não o faço. — Esfrega a bochecha outra vez, e percebo que ainda tem um pouco de sangue, mas não deve ser dela porque não tem nenhum corte.

— Tem um pouco de sangue na sua têmpora.

Franze o nariz e pega um guardanapo, cospe nele e limpa a pele.

— Tirei?

Assinto, mas percebo uma marca amarelo-esverdeada surgiu na região da sua maçã do rosto.

— Vai ter um hematoma daqueles.

— Não me surpreende. Ele me acertou com a Pedra de Sangue. Aquele negócio é mais duro que diamante.

Nolwenn pode nos ouvir? Provavelmente não por cima do barulho do espremedor.

Gaëlle solta o cachecol amarelo.

— Ainda não posso acreditar que estamos mesmo fazendo isso.

— Não me lembre. Nem sabia que *isso* era real.

Seus lábios pressionam em um sorriso arrependido.

— Aconselhei Rainier a te contar há anos. — Ela se serve uma caneca de café e pega um *pain au chocolat* da cesta.

— Queria que tivesse. — Pego um croissant grande e coloco em um prato, meu estômago fazendo tanto barulho quando o negócio no poço.

Olho para ele pela janela, esperando ver Adrien e Slate ainda parados ali, mas vejo apenas um único bombeiro ao lado do enorme caldeirão. Até mesmo os transeuntes dispersaram, provavelmente voltando para a cama ou para as aulas.

— O que você quis dizer com *garoto selvagem*?

— Slate não me parece como alguém que confia com facilidade, e para isso dar certo, vamos ter que depender implicitamente um no outro.

— Vai precisar de tempo. Conheço você e Adrien desde que nasci; somos estranhos para ele.

— Não *temos* tempo — sibila.

Um calafrio me encobre, quase tão violento quando o que subiu pela minha coluna a noite passada depois que joguei uma moeda no poço, e bato na perna da mesa com o joelho. O contato reacende o machucado cor de ameixa.

A cortina de veludo separando a entrada se move, e acho que é um deles. Espero que seja um deles. Mas não é.

— Ah… Meu… Deus… está uma loucura lá fora. — Alma tira o casaco e luvas e vem até nós em botas de salto que chegam até a coxa, que combinou com legging preta e um suéter grosso com uma barra inclinada.

Sua roupa faz a minha parecer tão sóbria e sem graça. Não que meu senso de moda seja de grande importância no momento.

Senta-se na cadeira ao lado da minha, afastando os cachos loiro avermelhados e enchendo uma caneca de café.

— Você acha que um cano subterrâneo explodiu ou é por causa do aquecimento global?

— Aquecimento global? — Gaëlle pergunta.

— Sabe — Alma balança um pacotinho de açúcar e depois o abre, e coloca no café —, geleiras derretendo e tudo o mais?

— É um cano — minto.

Alma balança a cabeça.

— *Incroyable.*

— O que aconteceu que você acordou tão cedo?

— A aula começa em noventa minutos, e pensei que você fosse querer praticar.

Praticar… ? *Ah, sim.* Aperto sua mão pela consideração.

— Adrien acabou ficando, então vai dar a aula. — A propósito, onde ele estava? — Você não o viu lá fora?

— Não. Só alguns bombeiros gostosos. — Ela olha por cima do meu ombro e pela janela. — Quer dizer, você viu o tamanho daquele? — Inclina a cabeça para o homem de uniforme protegendo o poço. — É um pouco velho para mim, mas perfeito para você, Gaëlle. — Alma move as sobrancelhas.

Gaëlle tosse, como se a mordida de *pain au chocolat* tivesse descido pelo lugar errado.

— Tenho homens o suficiente na minha vida.

Não sabia bem o que aconteceu com seu ex-marido – ele sequer é ex? Tudo o que sei é que não era um bom homem. Quero dizer, quem abandona uma mulher com o filho de um casamento anterior e gêmeos a caminho? Alguém com *zero* moral.

— Mas todos têm menos de quinze anos — Alma opina.

Gaëlle ainda está limpando as vias aéreas, olhos tão redondos que quase pulo da cadeira. Ao invés disso, pego um copo e encho de água.

Ela bebe em um longo gole.

— Imagine… morte-por-massa-folhada. — Ela nos dá um sorriso aguado. — A vergonha máxima para meus garotos.

— Você poderia enfeitiçar o próximo homem — sugere Alma com um só pensamento.

— O quê? — Gaëlle retruca com um chiado.

— Misture um pouco de olho de salamandra com coração de libélula e um tubo de super bonder para atar seu próximo amante a si. — Alma pisca para mostrar que está brincando, mas conhecendo a paixão da minha amiga por tudo que é místico, sinto que está apenas meio-brincando. — Se poções fossem reais.

— Talvez sejam. — Nolwenn coloca uma jarra cheia de suco de laranja e um prato cheio de ovos mexidos cremosos que deve ter acabado de trazer da cozinha, porque uma fita de vapor serpenteia do topo. — Talvez Gaëlle seja uma bruxa de verdade.

Alma sorri. Mas eu não, porque o tom de Nolwenn não é divertido. É solene, como se realmente acreditasse que isso pode ser verdade.

Eu me empertigo um pouco.

— *Você* acredita em magia, Nolwenn?

Conforme puxa uma cadeira para se juntar a nós, ela arqueia uma sobrancelha.

— Todo mundo em Brume não acredita?

Gaëlle afasta a cadeira como se a mesa estivesse afundando no seu abdômen.

— Não sou uma bruxa, Alma, mas acredito no poder da mente sobre as circunstâncias. Já ouviu falar do *la poudre de Perlimpinpin*?

Uma sobrancelha de Alma pula.

— A cura milagrosa para todas as enfermidades que não era nada além de terra ou óleo ou algo assim?

Gaëlle concorda lentamente.

— Isso mesmo.

Nolwenn acena com a mão.

— Discordo. O que você vende *não* é óleo de cobra. Você usa ingredientes reais em poções e emplastros. Claro, não derretem quilos milagrosamente ou dão juventude eterna, mas usei seu remédio de carrapicho para enxaqueca, e funciona. Não preciso mais passar um dia inteiro em um quarto escuro com um cinto amarrado na cabeça.

A tez de Gaëlle se ilumina com o elogio.

— Então, talvez você seja um pouco bruxa — Nolwenn coloca um pouco de leite no café e mexe —, assim como seus ancestrais.

Por um momento, o único som na taverna é sua colher batendo na porcelana.

Ela assopra a superfície, mandando o vapor doce e torrado no rosto de sua nora.

— Assim como os ancestrais maternos de Cadence. E de Adrien. — Ela pousa o olhar marrom no meu. — E de Marselha.

O nó no meu estômago, que começara a se soltar, se aperta outra vez.

Alma faz uma careta.

— Marselha?

— O garoto bonito de cabelo preto.

— Você quer dizer, Slate? — Alma pergunta.

— É esse o nome dele? — Nolwenn retruca, bebericando o café. — Não lembrava.

Mas acho que isso é uma mentira. Nolwenn parece saber muita coisa. Seu conhecimento das linhagens de Brume vem de servir álcool que solta as línguas ou de ter testemunhado a caçada da geração anterior?

Meu olhar solta o dela para percorrer a decoração de quatrefoil sob meus pés. O Folclore de Brume está em todos os lugares. Em cada paralelepípedo e azulejo. Cada pedra e tábua. Na terra e nas árvores.

— Alguns até acreditam que o símbolo no meu chão é baseado em um artefato real que, se encontrado, poderia restaurar a magia em Brume. No mundo inteiro.

Volto o olhar para o dela.

— Isso não seria *tão* legal? — Alma gorjeia, colocando suco de laranja no copo.

Eu me forço a não olhar na direção de Gaëlle quando pergunto:

— Você acredita que o Quatrefoil existe, Nolwenn?

Um longo gole de café faz a garganta da mulher mais velha contrair.

— Sim. Mas acho que é a fonte de todo o mal e deveria ser deixada em paz.

Pânico lampeja nas feições de Gaëlle. Está preocupada que Nolwenn pode tentar nos impedir?

Em um tom sério demais para ser uma brincadeira, sua sogra acrescenta:

— Lembrem-se do que aconteceu com Pandora quando abriu a caixa.

Maldições escaparam e condenaram o mundo.

A cortina pesada de veludo se move outra vez, convidando o ar gélido da manhã a entrar e arrastando o olhar desconcertante de Nolwenn para longe.

Ela suspira e se levanta.

— O trabalho chama. — Coloca uma mão no ombro de Gaëlle. — Os garotos estão bem?

— Os gêmeos estão na creche, e Romain está passando um pouco mais de tempo nos braços de Morfeu. Juro, aquele garoto está dormindo treze horas *toda* noite.

— Está crescendo. Juda precisava bater panelas para tirar Matthias da cama quando era adolescente.

A menção a Matthias faz Gaëlle puxar uma longa mecha encaracolada.

— Eu deveria... deveria ir. — Empurra a cadeira para trás de forma brusca e começa a enrolar o cachecol. — Atualizar Rainier. Sobre o poço.

Alma franze o cenho enquanto Nolwenn e Gaëlle partem.

— Bom, isso foi… *estranho*.

Eufemismo do ano. Mas até aí, o ano tem dois dias.

— Ah meu Deus! — Bate a palma da mão na boca.

— O quê?

— Ela está tendo um caso com seu pai! — Sua exclamação por sorte é abafada pela mão.

— O quê? — Estávamos discutindo magia e maldições, e foi isso que pensou? — Não.

Alma assente com a cabeça, abaixando a mão e envolvendo o copo de suco com os dedos.

— Ela *só* está. Sério, ela *sempre* vai na sua casa. E viu o rosto dela quando Sylvie beijou seu papa no Ano Novo?

— Nada de romântico está acontecendo entre eles — falo, agora defensiva. Não quero que Alma espalhe rumores de um caso.

— Talvez seja por isso que o marido dela foi embora. Talvez os gêmeos sejam seus meios-irmãos.

— Alma, pare! — Arrasto a cadeira para trás com tanta força que os pés de madeira batem nos azulejos.

Ela cala a boca. Mas aí, porque seus lábios são incapazes de permanecerem fechados, acrescenta:

— Por que está ficando tão irritada? Você ama Gaëlle.

— Estou irritada porque não é verdade.

— Tem certeza? Ela nem olhou para aquele bombeiro…

— Eu não posso fazer isso agora. Ter essa conversa sem noção quando tem tantos problemas reais e *importantes* para me preocupar. — Eu me levanto e pego o casaco da mesa. — Te ligo mais tarde. — Enfio os braços nas mangas, mas um fica preso. Arranco o gorro, depois enfio na cabeça, coloco o casaco e saio pisando firme da taverna.

Olho feio para o poço, raiva fervilhando sob a pele. Estou com tanta raiva que quero derrubar o caldeirão de sopa gigante. Meu pai não está tendo um caso com uma mulher mais de uma década mais nova do que ele, e os gêmeos não são meus irmãos. Ele não faria algo assim. Matthias era seu amigo.

Desço pisoteando as escadas até o Primeiro Kelc'h. Meus pés me carregam até o cemitério, até Maman antes de lembrar que não liguei para o coveiro ainda. Quase volto atrás, ainda mais quando percebo que a porta da nossa cripta está fechada. Eu me aproximo

e empurro a porta até abrir uma fresta. Pisco, empurro para abrir mais. O tampo de pedra foi colocado de volta em cima do sarcófago, os outros caixões têm tampas, e a garrafa de vinho não está mais sujando o chão. Papa deve ter contatado o coveiro.

Estou tão grata porque não conseguiria aguentar outro vislumbre de mamãe. E mais, o fato que cuidou disso mostra que pensou nela. Que não a substituiu por outra mulher. Que ele ainda a ama.

Balanço a cabeça, tentando arrancar as palavras de Alma da mente, mas permanecem como a névoa que impede minha visão da mansão. Estou tentada a ir até lá e conferir que tudo o que Gaëlle e Papa estão fazendo é conversar, mas isso significaria criar dúvidas.

Além do mais, tenho assuntos mais iminentes para me preocupar.

Tipo salvar Slate.

Aliás, onde ele está?

Adrien é tipo uma farpa enorme. Parou de tentar conversar comigo há um tempo, mas não parou de me seguir.

— Não tem uma aula para dar, Prof?

— Só daqui uma hora e meia.

Passamos mais quinze minutos sem conversar. Nem sei onde estou na colina. Tudo o que sei é que ainda estou em Brume, e sei disso porque tenho um anel que não me deixa escapar desse buraco congelante que me transformou na pior versão de mim mesmo.

Chego na frente de escadas vertiginosas. Diferente das escadas em lances entre cada *kelc'h*, esta em particular é eterna. Leva direto até o lago. O sol está começando a raiar, então tem luz o suficiente para discernir a água vaporosa por uma falha nas muralhas partidas abaixo.

Segurando a balaustrada de metal, começo a descer, cada passo reverberando pelo corpo como pratos em uma banda de metais. Minha bota escorrega em um pedaço de gelo, e quase caio.

— Roland! — Professor Pintão desce correndo até dois degraus abaixo de mim e prepara as mãos para me segurar como se eu fosse um octogenário com um quadril ruim. — Tome cuidado.

Nem posso imaginar minha aparência para ele fazer isso.

A cabeça dói. O dedo do pé incomoda. Os dedos latejam. Os nós deles ardem. E o cotovelo… Aperto a mandíbula.

Mas o que dói mesmo, é meu orgulho.

— Me deixe em paz — resmungo.

— Não posso. Prometi para os outros que ficaria com você.

— Não preciso de uma babá, tá bom?

— Olha, podemos conversar sobre o que aconteceu lá atrás. E não posso deixar você sair sozinho desprevenido…

— Obrigado pela preocupação, Prof., mas não estou saindo *desprevenido*. Estava a caminho do lago. — Uma mentira. Não fazia a mínima ideia que isso levava para baixo, apesar que talvez a água clamasse pelo meu sangue, já que é meu elemento e tal. Não posso acreditar que tenho a porra de um elemento. — Preciso pensar, e observar a água me ajuda.

— Tudo bem. Tudo bem. Se você quer mesmo ver o lago, tenho uma ideia melhor. — Aponta para uma porta de madeira pintada cravada na pedra no topo da escadaria.

Desceria o trilhão de degraus só para irritar Adrien. *Quero* descê-los só para irritá-lo. Mas tem uma possibilidade real que, no meu estado atual, caia e abra a cabeça. Onde quer que leve aquela porta parece ser uma opção mais segura.

— Tá bom — murmuro, voltando pelos três degraus que já tinha descido.

A porta abre para um terraço jardinado. No lugar de flores e arbustos, varetas retorcidas saem de montes de neve criados pelo vento. Um caminho de terra com pegadas leva para três bancos de jardim que observam por cima das muralhas e para o lago coberto por névoa.

Apesar de ser uma vista para a água, não é nada parecida com a do meu apartamento. Lá, tudo é banhado por cor, do céu cerúleo

até o ocre das construções até o halo brilhante do sol. Aqui, é tudo em escala de cinza – uma piscina de um aço plácido, céu cinzento, fumaça de algodão, fortificações de chumbo. Mesmo assim, encarando o que posso ver da expansão líquida me faz sentir mais em casa desde que pisei nessa cidade fodida.

Adrien puxa o casaco de lã e se acomoda no primeiro banco. Fico de pé, os joelhos travados e braços cruzados.

Ele dá tapinhas na madeira envernizada.

— Sente-se, Roland.

— Estou bem. — Não estou; só não tenho certeza se minhas articulações podem se dobrar. Meu corpo parece rígido e dolorido, o homem de lata que precisa de lubrificação. E por isso, quero dizer que preciso de uma bebida. E sim, sei que são oito da manhã, mas minha vida é ruim assim.

Adrien ergue uma sobrancelha.

— Você não parece muito bem.

Faço um barulho zombeteiro.

— O que é normal. — Ele passa os dedos pela perna de tweed das calças. — Você viu alguém com quem se importa – muito – no poço. Pensou que estavam se afogando.

Alguém com quem me importo muito? Uma risada insana borbulha para fora de mim, e a mordo, empurrando para trás. Eu me importo com Bastian. Com meu cacto e conta bancária. Como diabos Cadence de Morel escalou minha hierarquia emocional atrofiada? A memória do seu rosto em pânico sob o gelo faz meu corpo inteiro contrair como se tivesse levado um choque.

— Também estaria perturbado se tivesse cedido a vontade de olhar para baixo.

Mas não cedeu, porque não é fraco como eu.

— *Quem* você viu? — Adrien pergunta.

Semicerro os olhos. Como se fosse contar.

— Isso importa?

— Não. Acho que não. — Desvia o olhar para água. Apesar do vento erguer seu cabelo em um penteado de galo, ainda consegue parecer elegante. Controlado. Sereno.

É por isso que Cadence gosta tanto dele? Por que é tão controlado e equilibrado?

Ele olha para mim.

— Como foi? Você sentiu que não era si mesmo? Que estava agindo de maneira diferente?

— Foi aterrorizante para caralho. Acreditei de verdade que ela… — Engulo em seco, me cortando antes de deixar escapar quem *ela* era. — Eu me senti como se estivesse… bêbado. Como se o mundo estivesse rodando, e tudo menos a pessoa no poço estivesse fora de foco. Presumo que isso era a magia. — Espremo a manga molhada do casaco de lã, água frígida ainda pingando. Minha mão e pulso não sentem frio, mas sinto que é um efeito colateral do anel que ainda está irradiando calor. — Como você sabia o que estava acontecendo no poço? Que estava vendo… alguém lá dentro?

— Porque foi isso que aconteceu da última vez. Bom, não uma pessoa; uma coisa. Uma coisa desejada. Estava no lago, não no poço, mas o pai de Gaëlle e minha mãe viram alguma coisa que queriam de verdade flutuando no lago. — A boca de Adrien se contorce. — Foi o pai de Gaëlle, Pierre, que entrou na água, preso por uma corda para puxá-lo. Pierre compreendia que estava enfrentando magia negra, lutou com ela, e recuperou a peça, mas porque não era a peça dele para pegar, morreu. Afogou em terra firme. Aparentemente, foi terrível. Meu pai ainda fica agitado quando se lembra. E isso é surpreendente, considerando que não podia sequer ver o que eles viram.

Parece que a vida do Adrien não é cem por cento perfeita, e isso o torna um pouco mais simpático, como se pudesse não merecer o novo apelido, apesar de ser bem grudento.

Cada centímetro meu dói. Até os pelos do nariz estão doloridos.

— Queria que também fosse uma coisa desta vez. — Movo o peso para apoiar na parede baixa do terraço e faço uma careta quando o cotovelo bate na pedra. O cotovelo no qual Adrien colidiu o punho.

É. Vai continuar Professor Pintão.

— Isso significa que os desafios serão similares?

— Talvez. Talvez não. Mas pelo menos, agora sabemos que é uma possibilidade. E podemos nos preparar. — Adrien esfrega o queixo, inchado e azul do meu soco.

Limpo a garganta e aceno para o hematoma que está se formando.

— Desculpe por isso.

— Dói para caramba. Na verdade estou surpreso que não deslocou minha mandíbula.

— Estava fora de forma. Acredite, se não estivesse distraído, você estaria no hospital agora, chorando como um bebê.

Ele sorri.

— Acho que deveria agradecer a *groac'h* que viu lá dentro.

— Gro-a-quê?

— *Groac'h.* Fada metamorfa da água.

Uma fada? Toquei na porra de uma fada?

— Melhor agradecê-la antes que coloque as mãos em um arpão. — Meu tom é mais leve, como meu humor, como o céu.

Adrien solta uma risadinha leve. Nós dois encaramos a água enevoada por um instante.

Depois ele diz:

— Eu me lembro dos seus pais. Me lembro de você.

Viro o pescoço rápido o suficiente para ficar com torcicolo.

— Lembra?

— Sim. Tenho essa lembrança de Eugenia carregando você nesse negócio tipo bolsa de canguru, e sua cabeça enorme e careca aparecendo por cima. Lembro de pensar que parecia um ovo de avestruz. — Ele me dá um sorriso zombeteiro. Como se fosse hilário se lembrar de mim careca e pequenino e indefeso.

— Vai se foder, Mercier. — *Super Babaca. Professor Pintão*.

O sorriso dele aumenta.

— Estávamos todos em uma festa. Não sei do quê. Nem lembro onde era. O único motivo que lembro de você naquele suporte é porque sua mãe o estava usando quando me deu um presente: um livro ilustrado da história de Brume. Eu amava aquele livro. Acho que foi o que aumentou meu apetite para os estudos.

Uma pontada de dor perfura meu peito. Odeio ser mesquinho, mas me irrita que o Professor conseguiu algo significativo dos meus pais quando tudo o que ganhei foi uma estada de merda no sistema de adoção.

— Você se parece com Eugenia. Ela tinha o mesmo cabelo cacheado.

Enquanto um nó do tamanho da Pedra de Sangue se forma na minha garganta, o telefone de Adrien apita. Ele o pega, a cor drenando do seu rosto ao ler a mensagem.

— O quê? — Dou um passo a frente. — O que é?

Passa uma mão pelo cabelo antes de se levantar.

— Gaëlle acabou de falar com Rainier. Temos até o amanhecer de amanhã para recuperar a peça.

Neve e cascalho trituram sob suas botas elegantes conforme vai na direção da porta.

Eu não me mexi.

— Pensei que tivéssemos até a lua nova para recuperar as peças.

Abre a portinha.

— Ao todo, sim. Mas parece que uma vez que o *diwaller* toca a peça dele ou dela, só permanece visível por vinte e quatro horas. Depois desaparece.

Ainda não me movo.

— Mas sabemos como recuperar esta. Vai ficar tudo bem, Roland.

Quando ainda não me afasto da muralha, abre mais a porta.

— Sei que não confia em mim, mas nunca faço promessas que não posso cumprir.

— Não é você mergulhando no poço.

— Vou estar parado ao lado dele, segurando a corda amarrada na sua cintura para o puxar de volta para cima. — Ele me dá um sorriso que parece genuíno. — Você não está sozinho, Slate.

Acho que é a primeira vez que usou meu nome. Parece como uma oferta de paz por algum motivo e solta meus membros.

Ao caminharmos de volta para o redemoinho de ruas de pedras, digo:

— E se a fada gro-a-merda…

— *Groac'h.*

— É. E se essa *groac'h* cortar a corda?

— Eu mergulho.

Duvido que se sacrificaria por mim, mas o sentimento é acalentador. Repenso seu apelido uma segunda vez.

— A biblioteca está aberta a essa hora?

— Se não estiver, Cadence tem as chaves.

— Não tenho o número dela.

— Ah. Posso mandar mensagem. Pedir para que nos encontre lá.

Ao irmos na direção do templo no topo da colina, começa a nevar.

Se a fada da água não me matar, essa porra de tempo vai.

CADENCE_

Não consigo me desvencilhar do frio nos ossos, talvez porque é composto de tantas camadas – a coisa no poço que me fez pensar que Papa estava se afogando, a alusão de Nolwenn a Pandora, a insinuação de Alma sobre o caso. Não ter dormido não ajuda. Apesar de estar morrendo por uma garrafa térmica de café fervente, não ouso levar líquidos para a sala de arquivos por medo de derramar. Ainda mais agora. Não podemos nos dar ao luxo de danificar nenhum documento.

Estou apenas na décima página de *Istor Breou* – não sou fluente em Bretão como Adrien, e mais estou anotando tudo e qualquer coisa que parece remotamente conectado a magia negra – quando a porta de vidro abre com um bipe. É Adrien, e não está sozinho. Ele manteve sua promessa, o que não deveria me surpreender. Nunca deixou de cumprir uma antes.

Eles se aproximam da mesa branca de fórmica sobre a qual espalhei minha pesquisa – *Istor Breou* e outros livros que peguei da biblioteca que mencionam monstros aquáticos fantásticos. Estou torcendo para que tenham algumas verdades úteis dentro de obras de ficção fantasiosa.

Adrien analisa a bagunça de papéis e livros abertos.

— Encontrou alguma coisa interessante?

— O polvo gigante do pacífico tem três corações, nove cérebros e sangue azul.

Slate, que está parado atrás de Adrien com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, bufa.

Adrien pisca.

— Por que você está pesquisando polvos?

— Estou pesquisando todos os monstros aquáticos. Metamorfos, em especial. — Olho para Slate outra vez, para seu cabelo preto bagunçado que está pontilhado com flocos de neve derretendo, para seus cílios grossos que protegem olhos cautelosos. — Eu vi Papa, mas sei que foi específico para mim. Foi meu pai que você viu lá dentro, Slate?

Ele encara a capa de uma antologia de mitos gregos.

— Não. Mas também não vi um polvo de nove cérebros.

Meus lábios contraem, o que é uma surpresa considerando o quanto me sinto estressada.

Adrien passa por mim e ergue um dos livros.

— Ótimo. Você pegou Homero.

— Estava procurando por uma fraqueza de sereias. Não sabia se podíamos usar os métodos escritos em livros de ficção…

— Talvez alguns desses não sejam contos fictícios — Adrien diz. — Afinal, o mundo *tinha* magia.

O comentário de Adrien me cala com surpresa. Depois de um segundo, digo:

— Sempre me esqueço disso.

— Não a culpo. — Ele passa os olhos por uma página, depois vira para a próxima. — A magia foi extirpada dos humanos em 1350, então provavelmente deveríamos focar em obras escritas antes dessa época.

— Isso basicamente exclui tudo menos *Istor Breou*, *A Odisséia*, e algumas traduções de mitos asiáticos.

Adrien pega meu bloco de notas.

— O *Istor Breou* menciona uma *groac'h*? Ou algo que atrai os homens assumindo a forma da pessoa que amam?

— Acho que amor é uma palavra muito forte — Slate intervém.

Eu me pergunto por que sente a necessidade de fazer a distinção.

— Você parecia bem desesperado para tirar a pessoa que viu da água.

Esfrega a mandíbula.

— Por que minha benevolência a surpreende, Mademoiselle de Morel? Posso não ter três corações como sua lula gigante, mas tenho *um.*

Lá vai ele outra vez, enchendo de escárnio algo que claramente o assustou na praça da cidade.

— Polvo, não lula.

— Picuinhas não vão nos ajudar a recuperar a peça — Adrien diz.

— Não estamos de *picuinha* — murmuro, sem gostar de como Adrien consegue me fazer sentir como uma criança arteira de três anos.

— Gaëlle descobriu com Rainier que tenho vinte e quatro horas — Slate olha para o volumoso relógio de pulso dourado —, mais pra vinte e três agora, para recuperar a peça.

Bile balança no meu estômago com a menção de Gaëlle e Papa na mesma frase.

— O que acontece depois disso? Você se transforma em uma abóbora?

O sorriso torto de Slate faz uma aparição.

— Se virar uma abóbora for eufemismo para morrer, então sim, viro uma abóbora.

Inalo ar demais e arquejo.

— Você está brincando?

— Último da minha linhagem, lembra.

— Mais alguma regra que deveria saber?

— Por que não telefona para Papa e descobre? — Tem um toque de alguma coisa no tom de Slate – descontentamento, ódio… uma mistura dos dois.

— Talvez se o vendássemos — Adrien pondera.

— Não vou entrar às cegas naquele poço — Slate afirma. — Mencionei que odeio lugares escuros e apertados?

— Talvez fones de ouvido ajudem. — Adrien sugere. — Tenho alguns que sincronizam com meu telefone, aí você pode ouvir música enquanto nada.

— Vou aceitar. — Slate anda até o outro lado da mesa e pega um livro.

Não estou muito preocupada com a força com a qual vira as páginas, porque é um guia de viagens em papel fotográfico mencionando os marcos famosos na Bretanha.

Para de folhear as páginas e lê a parte que menciona o *Puits Fleuri*.

— Diz aqui que tem quase um metro de profundidade de moedas lá embaixo.

— Não acho mesmo que agora é hora de criar um esquema para roubar dinheiro, Slate.

Ele me lança um olhar que não desejaria nem para a namorada do Adrien.

— Só estava mencionando, *Cadence*, porque a não ser que a maldita folha seja do tamanho de um prato, vou precisar procurar no

meio de todas aquelas moedas para encontrar.

Ah.

Ele volta o olhar para o guia turístico.

— Mas sua preocupação com minhas finanças é tocante.

Adrien olha para nós, e apesar de não falar nada, sinto seus pensamentos pela inclinação de suas sobrancelhas marrom claras.

Rude.

Ele acha que fui rude.

— De acordo com Rainier, a folha vai ser do tamanho da sua mão, Slate.

Mordo o lábio.

Silêncio paira depois disso, interrompido apenas pelo tique arrastado do relógio, o barulho de pontas de canetas, e o motor do ar-condicionado.

Adrien empurra a cadeira para trás.

— Preciso ir para aula, mas encontro vocês aqui depois do almoço. Se ainda estiverem aqui. Você vai ficar aqui com Slate, né?

Concordo com a cabeça.

Desliza uma mão pelo cabelo para abaixar as mechas bagunçadas pelo vento.

— Pode acreditar, que até amanhã, teremos a primeira folha?

A mandíbula de Slate contrai. Apesar de não dizer nada, as nuances duras de seu rosto falam alto. Não está seu costumeiro confiante e alegre eu. Está nervoso.

Também estou.

Um dos olhos de Adrien fica contraindo, um sinal claro de que não está tão confiante quanto finge estar. Mas está ansioso por que Slate pode morrer ou por que a magia pode desaparecer para sempre?

Depois que Adrien fecha a porta, estudo o perfil forte de Slate – o nariz reto que abaixa um pouco na ponta, a mandíbula com a barba por fazer, seus cachos pretos rebeldes. Não posso imaginá-lo morto, o que é estranho, porque ontem não desejava nada além disso.

Antes que possa desviar o olhar, Slate se vira e me pega encarando. Espero que diga alguma coisa lascívia ou provocadora, mas está silencioso e austero, o que faz meu coração apertar. Uma corrente passa entre nós, carregada com palavras e emoções que parecem escandalosamente fortes considerando que ainda somos estranhos para o outro.

Empatia.

É o que é.

Estou me sentindo empática, porque não merece morrer tão jovem. Sim, o velho ditado diz que devemos pagar pelos nossos erros, mas o custo de roubar um anel não deveria ser sua vida.

— Parece que adagas de bronze podem paralisar sereias. — É a única coisa que li que parece útil.

— Alguma ideia de onde posso comprar uma dessas? — Ainda está olhando para mim, e ainda estou olhando para ele.

— Talvez Gaëlle tenha uma na loja…

Dizer seu nome faz meu estômago embrulhar. Mas não mais em irritação. Meu pai não merece uma segunda chance de ser feliz?

E mais, Alma estava certa… Eu amo Gaëlle.

Solto um suspiro longo e alto.

Tão longo e tão alto que Slate pergunta:

— Acha que não vai funcionar?

— O quê?

— A adaga de bronze.

— Ah. Não. Acho.

Franze o nariz.

Apesar de não querer muito falar sobre isso, acho que discutir meu problema – que não é bem um problema – vai distrair Slate do seu – que é um problema de verdade.

— Minha melhor amiga insinuou que Gaëlle e Papa podem estar saindo juntos e isso me incomoda.

— Por que Gaëlle é casada?

Balanço a cabeça.

— O marido a deixou na primavera passada, quando estava grávida dos gêmeos.

— Babaca.

Mordisco o lábio inferior.

— E se a deixou por que ela o traiu com meu pai?

— Hm. Quem diria que Brume era tão cheia de intrigas amorosas.

Eu me pego sorrindo.

— Você faz soar como se estivéssemos vivendo no cenário de uma novela mexicana.

Ele sorri, não com os lábios… com os olhos. Eles se curvam e brilham.

— Quem dera. Aí meu maior desafio seria descobrir como conquistar a garota no lugar da folha malévola.

Meu humor desintegra, e o peso da realidade se acomoda de volta nos meus ombros como o caldeirão pesado de sopa sobre o poço.

— Ah, Slate…

— Lembra do que te disse no dia que nos conhecemos? Que uma pessoa faz a própria sorte. Bom, ainda acredito nisso. Além de uma adaga de bronze e uma playlist, o que mais você sugere que leve para enfrentar uma fada aquática metamorfa?

— Uma máscara e uma lanterna.

— Hmm. Bem pensado, Mademoiselle de Morel.

— Uma roupa de mergulho impermeável e algumas nadadeiras. Ah, e um tanque de ar. Ou pelo menos uma mangueira de ar… — Anoto todos esses itens, tipo uma lista de compras. — Você já mergulhou alguma vez?

— Não, mas já que a água é meu elemento, devo ser parte anfíbio. — Ele alonga os dedos, como se estivesse conferindo se de repente se tornaram palmados. — Adrien sugeriu me amarrar com uma corda, caso decida não sair.

— Isso é sábio.

— Ele parece um homem sábio.

— Ele é. Temos sorte de tê-lo no time.

O pomo de Adão de Slate se move no seu pescoço, como se não gostasse que nos chamei de time. Confiança não é mesmo seu forte.

Voltamos a ler depois disso, e o silêncio que se expande entre nós é surpreendentemente agradável.

Entre uma passagem sobre um pomar que floresceu no inverno e salvou Brume da fome e um ferreiro cuja forja produzia espadas capazes de transformar inimigos em aliados, pergunto:

— Você tem uma namorada?

Slate olha para cima, e enrubesço. Nem sei o porquê.

— Ou amigos próximos?

— Por quê? Quer o telefone deles caso não saia do poço?

Um vento frio se espalha sobre minhas bochechas aquecidas, como se alguém tivesse interferido na velocidade do ventilador no duto de ventilação acima.

— Não foi por isso que perguntei.

— Então por que perguntou?

Apoio os cotovelos na mesa, girando a caneta entre os dedos.

— Eu vi Papa lá dentro. Se o poço fosse minha missão, então iria querer lembretes constantes que não é meu pai. No lugar de tocar música nos fones, talvez ouvir a voz da pessoa que está vendo possa te ajudar a focar. Foi por isso que perguntei sobre namoradas ou amigos. Talvez poderiam conversar com você até o final.

Seus olhos escurecem rápido como o céu Brumiano no inverno.

— Não. — Seu tom é final, não permitindo nenhum argumento.

Não para namoradas e amigos? Ou não para envolver outras pessoas?

— Que tal se *eu* conversar com você até o final, então?

Os lábios dele franzem como se tivesse acabado de sugerir lambuzá-lo com queijo fétido de Maroilles para fazer a sereia, ou que esteja dentro do poço, fugir.

— Parece que tenho um talento para te irritar, o que pode ajudar a manter seu cérebro afiado.

— Tudo bem.

Estou tão surpresa que aceitou que a caneta tomba dos meus dedos e rola para fora da mesa. Ao me abaixar para pegá-la, digo:

— Ótimo.

Mas é tão ótimo que ele me acha tão irritante?

Instruções são atiradas em mim como balas:

— Não segure a respiração, *ou vai morrer*.

— Controle a ansiedade para não queimar o estoque de oxigênio, *ou vai morrer*.

— Não suba mais rápido que as bolhas, *ou vai morrer*.

— Lembre-se que o que está vendo é uma artimanha da sereia, *ou vai morrer*.

— Recupere a peça antes do amanhecer, *ou vai morrer*.

Meu olhar vai de Rainier para Gaëlle para Cadence para Adrien e de volta para Rainier. Não sei qual tipo de seminário de liderança todos frequentaram, mas o discurso motivacional deles é uma merda. Estou dando a eles e o tutorial *Saia Um Vencedor* Brumiano, zero de cinco.

— Tá bom! Entendi: um passo em falso e *vou morrer*.

Os quatro piscam para mim, os rostos tensos e pálidos. Passei a tarde inteira e a noite com a gangue do Quatrefoil, me preparando para este momento. Assaltamos o estoque de Gaëlle por qualquer item que possa matar uma criatura sobrenatural. Agora sou dono de uma adaga de bronze, uma faca de caça de prata, e uma picareta de ferro, todos presos na coxa. Passamos na loja de ferramentas e compramos corda e uma lâmpada de cabeça. Adrien ofereceu seu

jogo de fones super a prova d'água. E depois me jogou em três horas de aulas de mergulho intensivas com um ex-comandante da Legião Estrangeira Francesa raivoso e com uma cicatriz no rosto que fazia Vincent parecer um bolinho de creme.

Agora que era depois da meia noite e a praça estava quieta, estou tão pronto quanto jamais estarei para recuperar aquela maldita peça.

Em outras palavras, não estou nada pronto, porra.

Bato os pés nos paralelepípedos para manter o sangue circulando. O gelo está derretendo e lama marrom gruda nas botas de mergulho. Deixamos as nadadeiras na loja. Nem mesmo o modelo curto caberia no poço. Os holofotes sumiram, assim como os bombeiros. Rainier disse para a brigada e outros bisbilhoteiros Brumianos que eu era um soldador profissional de plataforma de petróleo e que iria consertar o amado *Puits Fleuri* deles, mas poderia transbordar outra vez, então todo mundo foi aconselhado a deixar a praça e ficar longe até a manhã, ou até Rainier liberar. O comando do de Morel fez todos darem no pé mais rápido do que posso bater uma carteira. Eu juro, o cara é como a realeza, estimado e reverenciado, mais importante que o prefeito.

A maior parte das janelas dos prédios que cercam a praça estão escuras. Os únicos vidros congelados que brilham estão no terceiro andar da taverna. Uma cortina se move, e vejo o cabelo bulboso e os olhos brilhantes de Nolwenn.

Estou prestes a dizer para Rainier que temos espectadores quando late:

— Roland! — Ele dá tapinhas na caixa de madeira clara no seu colo, o lado de dentro está forrado com placas de chumbo. — Quando sair, primeira coisa que vai fazer é colocar a folha aqui dentro. Ninguém mais deve tocá-la.

— *Ou vão morrer* — acrescento em uma voz sinistra.

Isso não incita nenhuma risada.

Adrien dá um passo à frente e prende a corda no cinto de peso em volta do meu traje de mergulho.

— Se seu BCD não funcionar como deve, e não conseguir subir sozinho, é só dar um puxão. Vou trazer você para cima.

Testo a flutuabilidade outra vez, apertando o botão vermelho. Minha jaqueta enche. Procuro pela bolinha pendurada nas costas e puxo para soltar o ar. O aviso do Sargento Sofredor para não subir muito rápido é estridente na minha cabeça, mas sofrer com disbarismo está bem no final da minha lista de preocupações.

Cadence segura o telefone de Adrien.

— Vou falar com você até terminar. Não sabemos até qual profundidade a conexão vai funcionar, mas não vou parar de falar.

Gaëlle se encolhe mais no cachecol amarelo, os brancos os olhos brilhando. Pigarreia.

— Boa sorte, Slate. E quebre a perna.

Bato os pés outra vez e o dedão machucado lateja. Com minha sequência de sorte recente, posso mesmo quebrar uma perna. Ou duas.

Esta é a pior maré que jamais tive. E isso inclui a vez que Pequeno Tim descobriu que roubei seu chaveiro de pé-de-coelho da sorte com a chave do armazém.

Olho para o poço.

Antes de colocar este traje de foca ridículo, Adrien e eu fizemos os bombeiros nos ajudarem a arrastar o caldeirão gigante, remover a mesa, e abrir a grade. Esperara ver Cadence ou Bastian ou até mesmo o pobre e velho Spike sob a superfície da água, mas não tinha nada além de uma piscina de escuridão gélida.

A maior parte do gelo derreteu inexplicavelmente, e a linha da água recuou. Agora está uns bons dois metros abaixo da borda do poço. Eu me sento na beirada, tanque de oxigênio pequeno preso nas costas.

Ligo a lanterna de cabeça e ajusto a máscara de mergulho que cheira a limão químico. Enfio o regulador entre os lábios, as bordas raspando na gengiva e sugo, ouvindo o *shoosh* do oxigênio enriquecido por nitrogênio encher a mangueira.

Putain. Meu coração está a mil.

— Vou te abaixar devagar — Adrien diz, soltando a corda.

Não tem porra de jeito nenhum que vou deixá-lo me abaixar dentro do estranho túnel trevoso sem manter algum tipo de presa no negócio. Eu me inclino para colocar uma mão de cada lado no interior do poço. Mesmo através das luvas de mergulho, o frio da pedra morde meus dedos.

Deslizo a bunda da beirada, e por meio segundo, estou em queda livre. Depois sinto um puxão quando o cinto aperta na cintura, e estou pendendo trinta centímetros acima da superfície lustrosa da água. A lanterna de cabeça brilha nos vales e protuberâncias das pedras, mas o alcance não é o suficiente para preencher a escuridão invasora.

Apesar do frio ártico, suor goteja sob o capuz de mergulho de neoprene, e uma dor devastadora aperta meu peito. Bile sobe pela garganta, mas a forço para baixo outra vez. Não tem jeito nenhum que vou permitir que um ataque de pânico me tome. Prefiro morrer tentando do que morrer hiperventilando.

De repente, a voz de Cadence está nos meus ouvidos.

— Adrien está soltando a corda. Quando estiver na água, ajuste a flutuabilidade. Está indo bem, Slate.

Ah sim. Absolutamente. Ainda não me caguei. Isso é uma vitória.

Viro o pescoço, vislumbrando um feixe do rosto de Cadence, iluminado pela lua. O fundo de luzinhas piscantes a faz parecer uma deusa em um céu estrelado, se deusas usassem gorros tricotados com pompons fofinhos.

Mais e mais baixo eu vou, primeiro meus pés entram na água frígida, depois as pernas, depois o peito. Quando minha cabeça afunda, começo a segurar a respiração instintivamente. A voz ressonante do Sargento Sofredor passa pelo meu cérebro:

— *Respire, seu maricas, respire!*

Chupo o regulador enquanto rodopio na corda como uma perna de carneiro no espeto. Ao meu redor, camada sobre camada de pedras se esticam para dentro do canal sujo.

O entrar e sair de ar do tanque ecoa atrás da voz equilibrada de Cadence.

— Então, estava hesitando entre um conto clássico e um pessoal. — Pausa. — Já que aposto que quer ouvir o pessoal…

Com certeza.

— … vou com o clássico.

Provocadora.

— Já ouviu *A Pequena Sereia*? Achei que se encaixava muito bem na situação. — Escuto um sorriso em sua voz, e por um momento, faz a escuridão assoberbante menos proibitiva. — Bem longe no oceano, onde a água é tão azul quanto a mais bonita centáurea, e tão limpa quanto… — Suas palavras são cortadas. — …muito, muito fundo. Tão fundo que…

Silêncio borbulhante. *Vamos. Bluetooth, não me deixe na mão.*

— Lá moram o Rei do Mar e seus sú…

Meu coração dá um pulo com o som da sua voz, depois dá outro quando a profundidade interrompe a transmissão. Anseio por ouvir a

história de Cadence crepitar de volta nos meus tímpanos, mas não sou agraciado nem mesmo com estática.

Pressão cresce nos ouvidos, e aperto o nariz para soltá-la. Continuo a descer, procurando por movimento na escuridão. O medo bate tão forte que provavelmente está criando uma corrente.

Olho para cima e o feixe da lanterna atinge alguma coisa. Algo que se move em volta do comprimento tenso de corda me ancorando à superfície. Meu BCD parece ficar mais apertado, como se tivesse inflado até a capacidade máxima apesar de não ter apertado o botão vermelho. Vejo outro tremular de movimento e percebo que é apenas a corrente lenta e contínua de bolhas que estou exalando.

Não posso acreditar que quase me mijei por causa de algumas bolhas.

Vamos… se mostre. Vamos acabar logo com isso.

Meus pés batem em algo duro. Puxo a cabeça para baixo. Estou no fundo do poço, parado de pé em um carpete de moedas brilhantes. Procuro na água acima de mim, mas nada circula a corda tensa. Não sei se devo ficar aliviado ou assustado para caralho. A peça do Quatrefoil sequer está aqui, ou Rainier estava errado?

Talvez tivéssemos menos de vinte e quatro horas para recuperá-la.

Meu coração já acelerado aumenta mais um pouco o ritmo.

Espero, e espero. Tempo corre mais lento do que minhas bolhas exaladas.

Ao invés de ser um pato sentado, posso ser um agachado. Eu me ajoelho em câmara lenta e passo as mãos enluvadas pelos milhares de moedas de euros e francos mais velhos. O metal está opaco na maioria, as faces redondas manchadas de preto e verde. Se a folha está aqui, deveria ser fácil o suficiente de ser localizada,

já que vai ser mais brilhante e maior do que qualquer uma dessas moedas.

Um grito estridente interrompe o *shoosh* constante da minha respiração, junto com o borrifar de um corpo caindo na água. Pulo para ficar de pé e inclino o pescoço, batendo a nuca contra a válvula de garfo. Crânio ardendo, semicerro os olhos para o comprimento de líquido preto, vejo uma forma escura se debatendo no círculo de luz fraco.

Meus músculos endurecem, as articulações tensionam, as mãos formigam e meu pulso pula entre minhas costelas e o tanque de ar.

Caralho.

Caralho caralho caralho.

— Eu caí! Ajuda, ah Deus, eu caí! — A voz de Cadence irrompe nos meus ouvidos. — Ajuda!

Cadence?

Cadence está no poço?

Como diabos ela caiu?

Pegue a corda, penso. Deve ser fácil o bastante para alcançar.

— Minhas botas. Meu casaco! São tão pesados, Slate. — Meu nome combinado com os gritos dilaceram meu coração. *Merde.* Pressiono o botão no BCD e dou impulso no monte de moedas, subindo como um foguete. No fundo da mente, escuto Sargento Sofredor me chamar de idiota e muitos outros palavrões bretões.

Tenho que ajudá-la. Tenho que…

Espera. Não. A voz dela não chega tão fundo. Magia negra. É o que isso é. Está tentando me distrair de recuperar a peça. De jeito nenhum vai me enganar desta vez.

Impulsiono o corpo na direção da parede curva e seguro a borda irregular de uma pedra, parando a ascensão brusca, depois procuro cegamente pela bolinha de plástico flutuando atrás da jaqueta. Meus

pés e pernas sobem, me fazendo flutuar. Afundo os dedos no espacinho entre as pedras, batendo a mão pela água como o pêndulo de um relógio na procura pela válvula. No segundo que a palma se fecha à sua volta, puxo forte, soltando o ar de uma vez.

Meus pés e pernas voltam para baixo. A linha amarrada na minha cintura balança no fosso escuro como uma corda de pular de criança. Afundo e afundo. O estresse está começando a cobrar seu preço. Uma dor de cabeça desabrocha nas minhas têmporas e se espalha pela testa. Estou quente no traje de mergulho. A boca está seca.

A escuridão no poço de repente parece mais profunda. Olho para cima e vejo Cadence flutuando para baixo. Está com as botas forradas de pelo e casaco prateado fofinho. Mechas de cabelo flutuam ao redor do seu rosto como algas, o pompom tremula sobre seu gorro de tricô.

Cada molécula dentro de mim está me incitando a pegá-la nos braços e voltar rápido para superfície.

Não é ela. Não é ela. Não é ela. Repito o mantra várias e várias vezes na cabeça, rangendo os dentes pelo bocal de borracha.

Ela afunda mais, e suas costas batem no meu ombro, empurrando as solas dos meus pés contra a pilha de desejos humanos arremessados. Os olhos estão fechados e está pálida como a morte, o contorno dos lábios manchados de azul. Estou esperando que me ataque. Para que tente me sufocar ou arrancar minha máscara ou qualquer coisa que um monstro faria.

Pressiono o corpo contra o lado do poço conforme ela pousa no monte de moedas. Uma única bolha escapa da sua narina.

Dou um passo à frente. Ela não se move.

E se for mesmo Cadence?

Não pode ser.

Os outros estão com ela. Não a deixariam mergulhar.

A não ser que a magia negra de alguma maneira a jogou para dentro.

Caralho.

Passo a mão no capuz de neoprene, tentando me decidir.

E se for mesmo ela?

Caralho caralho caralho.

Não posso deixá-la morrer.

Eu me atrapalho com as mangueiras e medidores, encontro o regulador extra preso na jaqueta e enfio entre os lábios dela. Ainda não reage.

Pânico embrulha meu estômago e aperta os pulmões. *Vamos, Cadence. Não morra. Por favor, não morra.*

Deslizo um braço sob seus joelhos e o outro sob o pescoço, e depois, abraçando-a contra mim, coloco um pouco de ar no meu BCD e nado para cima. Conforme subimos aos centímetros, ela se aproxima mais, a cabeça apoiando contra meu peito, e coloca a mão na minha nuca.

Fecho os olhos por um segundo, aliviado que ainda está viva. Meus ouvidos estalam, e aí a estática irrompe nas minhas orelhas, e a voz de Cadence me atinge, alta e clara e forte.

— Ela olhou mais uma vez para o príncipe, se jogou sobre os baluartes até o mar, e sentiu seu corpo dissolver em espuma.

Meus olhos se abrem com um estalo e Cadence – a que está nos meus braços – remove o regulador dos lábios e pergunta:

— Gostou da minha história?

Sua história? Não a estava ouvindo pelos fones?

— Você é meu herói, sabia?

Suas palavras me atingem direto no peito. Ninguém nunca me chamou de herói.

— Eu te disse que vi meu pai no poço, mas era você, Slate. Você que eu vi.

Pisco para ela. Cadence nunca pareceu bonita desse jeito. Como uma sereia…

Espera.

Sereias não são boas.

— Não vai me beijar? — Cadence diz.

Não saem bolhas da sua boca. Porque não é humana.

Estou segurando um monstro.

Puxo os braços para baixo e para longe, mas ela não cai no fosso escuro. Apenas paira na minha frente, uma mão presa na minha nuca. O pescoço é tão fino e quebrável. Procuro o pulsar de um batimento, mas sua pele não vibra.

Ela não é real.

— Você me soltou — murmura. — Olhe para mim.

Fecho os olhos e estico a mão para a adaga presa na coxa.

Algo afiado corta a pele na minha nuca pelo neoprene grosso. Abro os olhos e me afasto dela antes que arranhe por um órgão vital. Frio entra na minha pele, seguido por um calor. A água entre minha máscara e seu rosto fica vermelha.

É nesse momento que sou puxado para cima. O que caralhos?

A corda… *Adrien, não!* Não dei o sinal. Se me puxar agora, acabou. Eu me viro e seguro a corda tensionada, dando um bom puxão. Ao invés de parar, me puxa mais rápido.

Merda.

A sereia me encara, irritação marcando seu rosto emprestado. Ela se parece tanto com a Cadence-real outra vez. Cadence-real, que agora está gritando nos fones:

— Slate? Pode me ouvir? Ah, Deus, Adrien, traga ele para cima. Traga ele para cima… — No fundo, escuto a voz de Rainier rosnar

alguma coisa. Deve estar dizendo para Adrien não dar ouvidos a filha. — Não podemos deixá-lo lá dentro, Papa! — O grito de Cadence me dá força para o que estou prestes a fazer.

Ergo a adaga e serro a corda, para frente e para trás, para frente e para trás. Os olhos da sereia se iluminam, e sua severidade dissolve em um olhar de puro deleite. Acha que a estou escolhendo.

A corda parte. A ponta desfiada sobe na água.

Gritos batem nos meus tímpanos. Gritos e choros. Cadence se importa comigo, e caralho se não me sinto como se estivesse voando no lugar de afundando.

Conforme meu corpo flutua para baixo, o barulho de cima estala, depois zombe, antes de desaparecer totalmente.

Os lábios rubis da fada aquática se arqueiam para cima e para cima, e seus olhos pálidos queimam nos meus, pupilas grandes e cheias de desejo.

— Você voltou para mim, Slate.

Deslizo os dedos pelas mechas de cabelo oscilando em volta do rosto de porcelana e as ancoro atrás de sua cabeça com a mão enluvada. O anel queima forte, e irradia nas minhas veias, enchendo meu corpo com calor intenso.

Cadence abre os lábios, e toda célula no meu corpo flutua como se o tanque de ar estivesse ligado nas minhas veias. Ela tira o regulador da minha boca e inclina a cabeça em um convite.

Aperto os dedos que cobrem seu crânio e puxo sua cabeça mais perto.

E mais perto.

Pouco antes dos nossos lábios se tocarem, enfio a adaga no seu lado, logo abaixo das costelas.

O grito dela quase explode meus tímpanos.

A água se agita e as paredes do poço estremecem, como se um terremoto tivesse atingido Brume. As íris azuis da Cadence-falsa se transformam em um laranja ardente, e suas pupilas se alongam em feixes verticais. A criatura avança em mim e grita, revelando uma boca cheia de dentes amarelos, curvados e que parecem agulhas.

Não antecipo sua força, e deve pressentir, porque se aproveita do meu lapso de atenção, cortando as alças do meu BCD com as unhas afiadas. A jaqueta abre como tocos de asas. A criatura solta outro grito antes de me atacar outra vez, me fazendo descer mais e mais fundo no poço. Selando os lábios para conservar oxigênio, arranco a adaga e apunhalo outra vez. A mandíbula da coisa abre, depois se aperta, depois abre outra vez, como uma piranha com um gorro de ski.

Ela se contorce, soltando minha mão da adaga.

Levo a mão de volta para a coxa para a segunda arma. Meus dedos se fecham em volta da picareta de ferro ao mesmo tempo em que a sereia me empurra no monte de moedas. Minha mão desliza da arma e bate nas moedas, que sobem e flutuam à nossa volta como flocos de neve brilhantes. Meus pulmões apertam conforme a criatura se joga em mim. Contorço o corpo de um lado para o outro, gastando energia e ar preciosos, mas que escolha tenho? Eu me recuso a ser mastigado como comida de peixe.

Eu a soco, o anel fazendo o rosto da coisa inumana estalar para o lado, e grita como uma banshee, os olhos laranja ardendo com raiva. Ao avançar para mim, pego a picareta de ferro outra vez. Os dentes da sereia roçam minha mandíbula, fazendo meu rosto inteiro queimar. Arfo, soltando meu pouco suprimento de oxigênio. Água gélida inunda minha garganta. Com uma última explosão de adrenalina, pego a picareta e tiro do coldre, depois enfio várias e várias vezes no pescoço, peito e cintura do monstro.

A boca abre em um grito sem som, ou talvez não posso mais ouvi-la. Pontos surgem em minha visão, depois ela escurece.

Pisco, as pálpebras lentas.

Uma nuvem preta e viscosa se infiltra na água.

Ar. Preciso de ar. Balanço os braços como uma estrela do mar até sentir algo longo e borrachudo… uma mangueira. Rezo para que seja a que está conectada ao regulador e não ao medidor de profundidade.

Pulmões queimando, puxo a mangueira na frente do rosto. Acho que vejo algo redondo e preto preso nela. Levo a boca e quase desmaio de alívio quando os dentes se fecham na borracha e não em plástico duro. Sugo, mas engulo água e meu peito espasma.

Engasgando, tento me lembrar como conseguir ar. *O expurgo!* Os dedos roçam no botão no meio do regulador.

O poço fica cinza depois preto. Minha lanterna de cabeça apagou?

Pressiono o botão para tirar água do bocal.

Ar… *glorioso* ar entra nos meus pulmões.

Respiro, longo e fundo, deitado no monte de pedras como um viciado em craque esparramado em um sofá sujo.

A sombra preta se define, e percebo que é a criatura se liquidificando. Pedaços escuros e grudentos se curvam e incham como óleo em uma luminária de lava.

Algo brilha no meio do lodo sujo.

Algo dourado e liso, grande como minha mão.

Estico o braço e afasto a meleca em câmera lenta.

Quando era criança, subia nos telhados para me esconder dos humanos terríveis que povoavam meu mundo e encarava o céu noturno para desejar para suas estrelas. Entendi rapidinho que estrelas não escutam, então parei de sussurrar para elas.

Esta noite, enquanto me deito no fundo do poço preto, e minha mão enluvada se fecha sobre o disco de ouro que cai, eu me sinto como aquele garoto outra vez, o que procurava por luz na escuridão, que acreditava que se esticasse o braço o suficiente, poderia tirar as estrelas do céu.

CADENCE_

Minhas pálpebras estão inchadas e os olhos ardem. Slate está morto.

Morreu.

Vi seu sangue avermelhar a água.

Vi a ponta desfiada da corta que Adrien puxou.

Vi as bolhas pararem de estourar e espumar, e a superfície brilhar como óleo.

— Não podemos… deixá-lo… — Soluço em volta de um choro.

Olho para Adrien, que está tão branco quanto os lençóis que emprestei para Slate a noite passada. Gaëlle e Papa, também, estão estranhamente pálidos.

— Vou mandar alguém mergulhar amanhã. — Papa engole. — Perto do meio dia deve ser seguro.

Fungo, o frio ártico queimando minhas narinas enquanto lágrimas quentes encharcam as bochechas, e fuzilo a corda como se tivesse errado comigo. Raiva substitui meu luto. Quero esganar a sereia, mesmo que me amaldiçoe a um túmulo prematuro. Estou brava o suficiente para acreditar que poderia matá-la antes que me mate.

— Hm, pessoal. — A voz suave de Gaëlle corta meus pensamentos. — Eu acabei de… vocês viram… Vocês viram aquilo?

— Aquilo? — Eu me viro e seguro a borda do poço. Um braço firme envolve minha cintura e me carrega para longe. — Me solte, Adrien! Não vou mergulhar.

As sobrancelhas dele pulam, desaparecendo atrás de uma mecha loira rígida e rebelde. Ele me solta, mas não dá um passo para trás, só para o lado. Pressinto que não confia em mim para não mergulhar.

Foco no poço outra vez, e com certeza, um monte de bolhas estouram e espumam.

— Cadence, não crie esperanças. — A voz de Adrien é baixa e gentil.

Meu coração chacoalha com tanta força dentro do peito que imagino que Adrien deve ouvir o bater enlouquecido.

— Pode ser a coisa no poço.

— Ou pode ser ele. — Tem que ser ele.

— O BCD pode ter inflado e o está erguendo…

— Dá pra parar, Adrien? — rosno.

Apesar de não desviar o olhar da água, sinto sua postura enrijecendo.

Algo brilha no poço escuro. *A lanterna de Slate!* Deve ser a lanterna!

O brilho cresce e cresce junto com minha esperança. Eu me inclino para frente, a borda de pedra do poço afundando no abdômen. De repente desejo não ter deixado Papa tirar o telefone de mim. Quero conversar com Slate. Quero que escute minha voz. Para saber que é esperado. Que não o abandonamos.

Começo a tremer com ansiedade e tenho que apertar os dentes para evitar que batam. As bolhas ficam maiores e mais fortes, explodindo no ritmo do meu coração.

Vamos. Vamos. Vamos.

A cabeça encapuzada dele irrompe pela superfície agitada.

Seguro a respiração. Espero que se mova. Quando inclina a cabeça para trás, e seus olhos, abertos e cheios de vida pousam em mim, meu coração por sua vez se solta e flutua.

— Você está vivo! — Não sei se choro ou sorrio, então faço os dois. Eu choro feio e dou um sorriso tão largo que minhas bochechas tremem e doem. — Você está vivo! Você conseguiu — sussurro conforme um grande soluço estremece meu peito.

Slate cospe o regulador.

— Não sei bem se fico ofendido ou surpreso que você duvidou que conseguiria, Mademoiselle de Morel. — Seus olhos se curvam e brilham suavemente.

Seu babaca convencido, penso, e teria dito em voz alta se minha garganta funcionasse, mas estou chorando, e é muito difícil falar pelas lágrimas.

O braço dele sai da água.

— De Morel, está com a caixa pronta?

— Está. — Papa limpa a garganta, como se ele, também, estivesse emocionado. — Está pronta, Roland.

Slate flutua na superfície, o BCD a sua volta como uma boia.

— Posso ser um excelente assassino de sereias, mas ainda preciso desenvolver a habilidade do Homem-Aranha de escalar paredes, então uma corda seria muito apreciada.

— Nos mostre a peça — Adrien diz, e quero bater nele por não jogar a corda para ajudar Slate a sair do poço.

Deve estar congelando. E machucado, se o sangue que escureceu a superfície saiu dele e não da criatura.

Slate ergue o braço. Apesar de não abrir os dedos, vejo a borda brilhante de algo dourado, e meu coração soca as costelas de novo, dessa vez em excitação.

Um pedaço da história repousa em sua luva.

Encaro e encaro, me recusando a piscar.

— Jogaria para você, Prof, mas não quero te amaldiçoar. — Slate sorri, e aquele sorriso incendeia meu pulso mesmo não estando direcionado a mim.

A corda cai no poço com um borrifo forte. Slate a enrola algumas vezes na mão que não está segurando a folha do Quatrefoil. Gaëlle está parada atrás de Adrien, segurando um pedaço da corda. Corro para trás dela e também seguro um pedaço.

Adrien se inclina para trás, depois Gaëlle, depois eu, e a corda tensiona. Aperto as fibras molhadas e frias como gelo e dou um passo para trás como se estivesse carregando Slate sozinha. Duvido que esteja ajudando muito. Tenho quase certeza que Adrien está fazendo a maior parte da força.

A cabeça de Slate aparece sobre a borda do poço, e depois seus ombros, e o resto do seu longo corpo. Tomba para fora, caindo nos paralelepípedos como um bêbado. Solto a corda e desvio dos outros dois para alcançá-lo, mas Adrien estica o braço.

— Não o toque até colocar a peça na caixa — fala.

Inalo, surpreendida.

Slate se ergue, e apesar do corpo parecer inteiro e ileso, vejo um tremor em seus membros. A garrafa de alumínio presa no BCD arrasta a jaqueta aberta pelos braços. Ambos caem nos paralelepípedos com um barulho ensurdecedor.

Papa desliza para perto de Slate, a caixa de bétula aberta no colo.

Slate dá um passo, depois outro, depois estende o braço lentamente, como se o cotovelo não estivesse bem cooperando. Treme tanto que me pergunto se é pela injeção de adrenalina ou pela temperatura congelante da água. Seus lábios estão roxos, e o

pedaço oval de pele exposto pelo capuz está tão branco quanto os merengues da Nolwenn, exceto pelo lado direito embaixo, onde a pele está marmorizada e escura como os lábios. Um hematoma novo? Lentamente, coloca a mão sobre a caixa, tão perto que os nós dos dedos roçam na tampa aberta. Vários segundos depois, metal soa contra o forro de chumbo.

Papa fecha a caixa. Por um longo momento, olhamos para ela como se estivéssemos esperando que a peça pulasse para fora ou começasse a chacoalhar, mas tudo está parado.

— *Bravo,* Roland. — As palavras congratulatórias de Papa formam uma nuvem à sua frente, permanecendo suspensa antes de dispersar.

Exalo uma lufada de ar congelado, e aí estou circundando o poço na direção deles. Slate deve me ver aproximar pelo canto do olho, porque se vira. Seu corpo borra conforme novas lágrimas surgem. Eu me atiro nele, e engancho os braços no seu pescoço antes de abafar um soluço no traje de mergulho esponjoso. Ele fica tenso, mas não ligo. Quero que sinta como estou aliviada por estar vivo. Como estou orgulhosa que derrotou o monstro e venceu o desafio.

Hesitante, seus braços se curvam nas minhas costas e me pressionam contra ele, depois seu queixo pousa no topo da minha cabeça.

— *A Pequena Sereia*, hm?

Dou risada, mas já que estou no meio de um choro, sai parecendo o grasnar de um ganso lunático.

— Acho que estou oficialmente assustado para sempre por sereias e poços. — A voz dele ressoa suave no ar frio. — Não que fosse muito fã dos dois antes.

Seu corpo não está mais tremendo, mas deve estar congelando. Solto seu pescoço, meus dedos retornando escorregadios com sangue. Olho para eles boquiaberta, depois para Slate. De perto, sua mandíbula está inchada e marcada com pequenos furos escorrendo sangue.

— Poderia ter usado uns cortadores de unha lá embaixo. Ela tinha um ótimo par de garras. *Yeesh*. — Estremece. — A picareta de ferro foi uma boa ideia, Adrien.

Cortadores de unha? Ela cortou a nuca dele com as unhas? Também as colocou dentro de sua mandíbula?

Minha mente se prende em outra coisa. Algo bobo – o pronome que Slate acabou de usar. *Ela…* Meu coração tomba como uma moeda arremessada.

Algo bate no chão – o cinto de pesos – e olho para isso, porque é mais fácil do que deixá-lo ver como estou conflitante.

— Cadence? — Slate fala meu nome lentamente, como se estivesse confuso pela minha alteração de humor.

— Vire-se. Quero ver o que *ela* fez no seu pescoço. — Odeio como soo irritada.

Uma carranca passa pelo rosto de Slate, mas me satisfaz. Ao se virar, tira o capuz, depois o solta no chão. Bate na pedra como um peixe morto. A pele na sua nuca está rasgada e soltando sangue.

Gaëlle sussurra:

— Ah, *mon Dieu*.

— Isso vai precisar de pontos, Roland — Adrien afirma.

— Vou ligar para Sylvie. — Papa já está dirigindo na direção da nossa casa. — Vamos todos para a casa.

Encaro o pescoço de Slate, agora o seu pomo de Adão afiado.

Ele se move.

— Cadence? Você está bem?

Engulo e esfrego as bochechas com as mãos dormentes.

— Não estava em um poço com um monstro, então sim, estou bem. — Mesmo para meus ouvidos, não soo bem. Soo brava. Eu me viro bruscamente e começo a andar na direção da cadeira de rodas de Papa, pegando nas manoplas e o empurrando com mais velocidade pela praça. O motor da cadeira de rodas zombe, e a folha balançando faz clique e claque.

Papa inclina a cabeça.

— Qual o problema, *ma chérie*?

— Só estou emotiva.

— Posso ver. Mas por quê?

— Porque isso é tudo tão maluco.

É a verdade.

Uma parte dela.

A outra parte da verdade que não estou compartilhando com meu pai, é que estou ciumenta. O que é todo tipo de loucura, porque não conheço Slate.

Nem mesmo gosto dele.

Não deveria me importar que viu uma garota lá embaixo.

SLATE_

Isso está ficando ridículo.

Acho que não tem mais de um centímetro da minha pele que não está machucado ou surrado ou ensanguentado. Cerro os dentes ao tirar a roupa de mergulho, tentando não chorar como um maldito bebê no banheiro de hóspedes do de Morel. Junto com a água suja do poço, meu sangue pinga no chão, criando afluentes cor de ferrugem nas placas de mármore branco. Finalmente, o traje inteiro cai no chão em um monte molhado.

Tem vinte centímetros inteiros de pele que conseguiram permanecer intactos. Os vinte melhores.

Putain. Que alívio.

A banheira é um recipiente de porcelana com pés de garras de proporções monstruosas. Entro na sopa fumegante de bolhas de babosa – ideia da Cadence – sem conseguir impedir que um gemido escape dos lábios conforme a água cobre meu corpo surrado. O calor ao mesmo tempo dói e acalma ao descongelar a pele dormente.

Agora que a sensação está voltando, o arranhão na mandíbula onde aquela vaca me mordeu queima para cacete. E nem quero pensar na minha nuca. Está esfarrapada, porra.

Fecho os olhos, mas vejo a sereia, então os abro e encaro o lago iluminado pelo luar atrás da janela enevoada.

Depois de um tempo nem perto de ser suficiente, duas batidas soam na porta do banheiro da semi-suíte. Pensaria que considerando sua fortuna, os de Morel poderiam bancar suítes privativas para todos os quartos.

— Slate? — É a Cadence. — A médica está aqui.

— Acabei de entrar na banheira.

— É. Bom, saia.

Depois do abraço efusivo, que pode estar entre os três melhores momentos da deplorável vida de Slate Ardoin, ela começou a agir estranho. Presumi que fosse meu sangue que a assustou, mas o que eu sei? Talvez foi me ver ressurgindo daquele poço como uma fênix ressurge das cinzas.

Suspirando, me levanto, derramando mais água no piso. Tem quatro toalhas fofinhas de marfim penduradas no suporte. Pego uma e pressiono no rosto e no peito. As macias fibras off-white já estão ficando um marrom ensanguentado. Até secar o corpo todo, a toalha parece que foi usada para limpar a cena de um crime.

Rainier insistiu para que passasse a noite aqui, e nem sequer tentei recusar o convite. O quarto é todo travesseiros brancos fofos e colchas de veludo e luminárias de cristal. Luxo que me lembra de Marselha, da vida que fiz para mim lá, da vida para qual vou voltar assim que os outros encarem suas peças.

As roupas que tirei para colocar o traje de mergulho estão dobradas em uma grande cadeira estofada no canto do quarto. Elas cheiram limpas. O puro e elegante odor de *savon de Marseille.* Balanço a camisa, que foi passada.

Ah, olhe só.

É assim que as coisas são para os ricos – ter pequenos elfos domésticos embelezando as coisas.

Faço uma careta ao colocar a camisa. Também sou rico agora. Ainda mais depois de vender aquele Renoir. Acho que está na hora de ter um elfo doméstico. Spike com certeza não vai passar minhas camisas. Mas Bastian talvez passe.

Depois de me vestir e pentear o cabelo com os dedos, abro a porta. Cadence está apoiada na parede do corredor, passando as unhas sobre as faixas em relevo do papel de parede.

Trocou de roupa e colocou legging preta elástica e um moletom cinza pesado com *Université de Brume* bordado com linha azul marinho na frente. O cabelo está em um rabo de cavalo alto, e o rosto limpo. Como poderia tê-la confundido com a sereia? Cadence é mil vezes mais bonita que aquela criatura no poço.

— Oi. — Seu cheiro acelera meu coração.

Ela cruza os braços no peito.

— Deveria te lembrar de não contar para a médica a verdade sobre seus ferimentos.

Inclino a cabeça para um lado e me arrependo na hora. Uma dor afiada tesoura meu pescoço, e gemo.

— Duvido que acreditaria em mim, de qualquer maneira.

Cor sobe por suas bochechas.

— *Ela* é de Brume. Então pode acreditar.

Ai.

Cadence me guia pelo corredor, passando por pinturas a óleo de paisagens e antigas batalhas, para o elevador de vidro de Rainier. Entramos, e ela aperta o botão para o térreo com tanta força que recuo. Ainda mais porque está me dando um olhar assassino.

O que eu fiz agora? Minha presunção que a doutora era um homem a irritou? Quero dizer, é, foi retrógrado, mas não uma

afronta flagrante ao sexo feminino.

— Você está bem?

— Ótima.

E é a última palavra que diz para mim enquanto a caixa de vidro desliza dois pisos para baixo. Cadence sai primeiro, cruzando o átrio enorme como um cometa, é óbvio que está com pressa de se afastar de mim. Sigo atrás, as mãos enfiadas nos bolsos.

Reconheço a doutora, uma mulher nos seus sessenta anos com uma corda de cabelo cinza e grandes olhos castanhos – a fada roxa da festa. Minha equipe do *Projeto Bruxa de Blair* a cerca, provavelmente ainda estão aqui porque não confiam que me manterei em silêncio.

Eu me sento no sofá modular e tiro a camisa, o colarinho já está manchado de vermelho. Deveria ter ficado com uma toalha no pescoço. Com sorte, o pequeno elfo do de Morel faz hora extra. Mas até aí, se for um elfo francês, provavelmente não faz.

— *Mon Dieu!* — Se as sobrancelhas da doutora subirem mais, levantarão voo.

Enquanto abre a bolsa, olho pelo recinto. Adrien está sentado na minha frente, os cotovelos nas coxas, dedos unidos e apoiando o queixo. Gaëlle está equilibrada no braço do sofá, ao lado da cadeira de rodas de Rainier. Cadence está encostada na parede ao lado da janela panorâmica, os braços ainda cruzados. Suas bochechas ficam afundando, e já que não tem covinhas, presumo que está mordendo a boca.

— Aquele cachorro vira-lata pegou você de jeito. — A médica vira meu rosto, os olhos indo da mandíbula até o pescoço. — Você tem sorte que Adrien estava de passagem e o encontrou.

Então é essa a história? Fui atacado por um cachorro vira-lata e Adrien, sempre o herói, me salvou? Maldição. Por que eu não podia

ter me salvado sozinho?

— É. Ainda bem que a namorada o enxotou da cama no meio da noite. Prof, me lembre de agradecer… Qual é mesmo o nome dela?

É um golpe muito baixo, e ouso dizer que não estou muito orgulhoso dele, mas Cadence ainda está fervilhando, brava comigo, e não sei… isso me faz sentir rancoroso com o homem que ela venera.

Os músculos na mandíbula de Adrien contraem.

— Charlotte.

A médica toca um quadrado de gaze embebido no álcool contra as marcas de dentes no meu queixo.

— Acho que nunca vi uma ferida desse tipo. Qual era a raça do cachorro? — Agora está colocando algum tipo de emplastro na minha pele, e arde.

— Era… — Adrien começa, mas falo por cima dele.

— Uma mistura de Pastor Alemão com Pug. — Vou fazer dessa história minha.

O rosto inteiro da médica se enruga.

— Essa é… uma mistura estranha.

— E feia também. Pernas pequenas, cabeça enrugada, olhinhos pretos, super peludo.

— Vocês, jovens, tem certeza que não era um rato?

— Foi o que pensei, mas Adrien insistiu que era um cachorro. Também insistiu na raça do vira-lata. Misturas caninas são seu hobby.

Adrien aperta a ponte do nariz.

— É mesmo, Adrien? — A médica descarta a gaze avermelhada. — Também amo cachorros. Queria comprar um, mas queria ajuda para escolher a raça certa. Talvez você possa sugerir uma? Se tiver tempo, é claro. Sei que lecionar te mantém ocupado.

Ele inala, depois exala e dá um sorriso para a doutora.

— Assim que Slate se adaptar em Brume – ele acabou de começar na faculdade – vou criar um tempo e te visitar para discutirmos raças. Porra, o cara é suave.

— Coração de ouro, assim como sua maman. — Os olhos da médica ficam vidrados com lágrimas, que afasta com algumas piscadelas.

Tem um intervalo melancólico na atmosfera. *Ah, merda*… Estou adivinhando que a mãe dele ou foi embora ou morreu.

— O cão que atacou esse garoto vai precisar ser encontrado. — Por sorte, a doutora acaba com a festinha de piedade de Mercier. — E precisamos emitir um aviso para os universitários.

— Prof, você chamou a Patrulha Canina, né?

Adrien me apunhala com um olhar irritado. Pelo menos não parece mais choroso.

— Controle Animal. E sim.

A médica me faz uma porrada de perguntas: Como o vira-lata agiu? Eu provoquei? Estava espumando pela boca? Respondo com mentiras enquanto ela adormece minha pele. Aperto os dentes conforme a agulha entra e depois gotículas de suor surgem quando me cutuca com outra anestesia. Uma não era o suficiente?

Ao costurar minha nuca, ela diz:

— Vou te dar antibióticos. Alguma alergia?

Entredentes, apesar de não estar sentindo nenhuma dor, respondo:

— Não que eu saiba.

— E vai precisar de um reforço de tétano.

— Vem em comprimido? Odeio mesmo injeções.

— Não. — Escuto o corte de uma tesoura e depois o barulho de plástico de um Band-Aid enorme. Ela ergue o cabelo encaracolando

na minha nuca e pressiona a bandagem na pele adormecida. — Vou deixar um pouco de creme antibiótico e curativos extras. Troque duas vezes por dia. E quanto as injeções, gostaria de te dar uma para raiva, também.

Posso sobreviver a duas injeções. Sobrevivi uma sereia maluca, eu me lembro.

— No total, vai precisar de cinco doses da vacina antirrábica ao longo dos próximos vinte e oito dias.

— Você tem que estar de sacanagem comigo!

Adrien sorri, se divertindo com minha fobia de agulhas. *Filho da puta.* Eu o fuzilo, mas só intensifica seu sorriso.

Duas injeções, tudo bem. Mas *seis?* Nem pensar. Não quando nem foi um maldito cachorro para começo de conversa. A não ser que sereias mágicas tenham raiva. Talvez se não tomar as vacinas, vou criar escamas. Esfrego os braços, que formigam. Procuro por escamas… só por precaução. Quando não encontro nenhuma, solto um suspiro e relaxo os ombros.

Olho para Cadence, e nosso olhar se encontra, mas o contato é breve. Ela abaixa o queixo no pescoço e se concentra no cordão do moletom, enrolando no dedo, soltando, enrolando outra vez. Não está mais irradiando raiva, mas também não está irradiando empatia ou calor.

Ao colocar a camisa e fechar alguns botões, a médica me dá uma prescrição de antibióticos e instruções para ir no consultório daqui três dias para a vacina antirrábica.

Ela fecha a bolsa, depois coloca uma parca cáqui própria para Antártida.

— Rainier, me leva até a porta?

Assentindo, Rainier se manobra para fora da sala de estar. Volto o olhar para Cadence, esperando encontrar seus olhos, mas está

observando Gaëlle, que se virou e está vendo a médica e Rainier saírem. Um momento depois, a porta da frente fecha com um clique e depois os pneus de borracha da cadeira de rodas rangem de volta para a sala.

Rainier se estaciona na porta e remove a caixa de bétula do bolso da cadeira de rodas. Parte de mim quer abrir a caixa forrada de chumbo para olhar para a peça que recuperei das entranhas da sereia, mas é arriscado demais. Além disso, ainda posso vê-la em minha mente, sua forma triangular arredondada, seu suave brilho dourado. Ainda posso sentir em minhas mãos, mais leve do que esperava e quente como o anel.

Curvo os dedos, o grosso aro dourado estrangulando meu dedo ainda machucado.

Rainier inclina a cabeça para o primeiro andar.

— Slate, venha para meu escritório. Precisamos guardar a peça no cofre.

Franzo a testa.

— E precisa da minha ajuda para isso?

— Não posso manusear a peça.

Sinto minhas sobrancelhas erguerem.

— Vamos tirar da caixa?

— Melhor maneira para garantir que ninguém roube.

Os lábios de Cadence se abrem.

— Quem você acha que pode roubá-la, Papa?

Rainier troca um olhar significativo com Gaëlle.

Cadence os observa.

— O que vocês dois não estão nos contando?

— Várias pessoas nessa cidade acreditam que o Quatrefoil é real — Rainier diz.

— Sei disso, Papa. Nolwenn mencionou que acreditava em magia, mas você não está preocupado que *ela* possa roubar, está?

— Ela estava nos observando esta noite — acrescento. Eu tinha atrelado isso a ser bisbilhoteira, mas combinado com o escrutínio do anel, está começando a parecer outra coisa. — Também estava muito intrigada pelo anel. — Esfrego as mãos nas pernas.

— Nolwenn acredita na magia do Quatrefoil e na Pedra de Sangue — Rainier tamborila os dedos na caixa —, mas também acredita nas maldições, então não vai arriscar roubar uma folha.

— Então por que está colocando no cofre? — Cadence pergunta.

— Principalmente, para não a perdermos.

Meus dedos espasmam em volta dos joelhos.

— Perder? É. Por favor, evite *perdê-la*, de Morel.

Adrien se levanta.

— Tenho que ir. Tenho aulas para preparar. E depois lecionar — acrescenta com um sorriso cansado. — Se tiver alguma perturbação — olha para Gaëlle e Rainier, para mim, e finalmente para Cadence —, meu telefone está ligado.

— Você está mesmo preocupado com preparar suas aulas? — falo, não só porque é minha vida em jogo, mas porque é a vida de *todos* em jogo.

— Você pode não ligar para escola, Slate, mas quatrocentos alunos dependem de Adrien. — Claro que Cadence interpreta mal o que estou dizendo. Ela está mesmo brava comigo esta noite.

Mulheres são confusas, mas Cadence de Morel leva isso para um outro patamar. Estou começando a questionar se me abraçou mesmo ou se imaginei tudo aquilo.

Pequenas trincheiras aparecem na testa de Rainier. Pelo menos não sou o único confuso por sua atitude volátil.

— Slate? — Ele dá tapinhas na caixa.

Minha deixa para sair. Eu me levanto e o sigo até o elevador de vidro.

Ao atravessarmos o átrio de mármore, ele pergunta:

— Como se sente?

— Como se tivesse sido atacado por um tubarão-cabeça-chata, e ele ganhou.

Os lábios dele, que passaram a noite inteira tensos, se curvam um pouco. Nem sabia que o velhote era capaz de sorrir. É uma visão. Faz parecer quase agradável.

Ele se manobra para dentro do elevador e o sigo. Conforme a caixa de vidro sobre, vislumbro Adrien e Cadence saindo da sala de estar. Ele está com um braço em volta dos ombros dela, e apesar de seus braços estarem cruzados e os ombros curvados, irritação me faz fechar os dedos em punho.

Gaëlle está seguindo atrás deles, enrolando o cachecol amarelo em volta do pescoço.

— Queria tê-la preparado melhor para tudo isso. — Estou apostando que Rainier quer dizer a filha e não a namorada.

Espera? Ela é namorada dele ou era só especulação da Cadence?

Rainier suspira.

— Adrien disse que deveria ter sido honesto com ela mais cedo, mas queria poupá-la o máximo que pudesse.

Porque esse é o elevador mais lento construído pelo homem, ainda posso vê-los. Adrien passa o outro braço pelas costas dela e a puxa contra seu peito assim que a caixa de vidro solavanca ao parar. Quase bato a cara no vidro que está embaçado com minha respiração pesada.

— Você não tem nenhum plano para minha filha, tem?

— Por quê? — Eu me viro lentamente. — A prometeu em casamento para Mercier?

Todos os resquícios do sorriso de Rainier desaparecem.

— Você não respondeu minha pergunta, Roland.

— No minuto que esse anel sair do meu dedo, vou entrar em um trem para fora daqui.

— Sem minha filha. — Não sei se é uma pergunta ou um aviso, mas seus olhos se tornaram um tom bem assustador de azul.

— Bom, não estou planejando sequestrá-la.

Ele semicerra os olhos; semicerro os meus.

— Não sei você, mas estou acabado, então aponte na direção do cofre.

Entramos no seu escritório, o local do nosso primeiro confronto. De Morel manobra até uma das unidades de arquivo. Toca em algo do lado da unidade e a frente inteira abre e revela um cofre pesado.

— São todos disfarces? — Aceno para as outras quatro unidades cercando a que acabou de abrir.

— Não. Só essa.

Digita o código, sem nem tentar esconder da minha linha de visão. Acho que não tem nada no cofre que vale a pena roubar. Ainda assim, memorizo os números – três, dois, seis, um, oito, quatro.

A porta se abre.

— Aqui. — Rainier abre a tampa da caixa de bétula.

Por um segundo, nós dois encaramos a folha, a forma suave e dourada. Tudo que aconteceu no poço lampeja atrás dos meus olhos – a Cadence-falsa que parecia tão real, os feixes de sangue e nuvem de meleca preta, o frio picante, a escuridão implacável. Aperto os dentes e deixo disso. De jeito nenhum vou ficar com TEPT por causa de mágica. Não vai acontecer.

Meus dedos se fecham com força sobre o disco, e o anel se inflama.

— Onde você a quer?

— Prateleira de cima. Atrás dos montes de notas.

Praticamente jogo a folha para dentro, limpando as mãos no jeans para me livrar do calor pegajoso. Estou tão agitado que nem tento afanar algumas notas, o que, honestamente, seria fácil demais. Só estão ali, esperando para serem tomadas. Pff. Deve ser de propósito. Deve ser algum tipo de teste.

— Como vamos saber qual é minha depois das quatro estarem aí dentro?

— Tem quatro prateleiras, Roland. — Rainier aponta para o cofre. — Além disso, não vai mais importar. Assim que o Quatrefoil for reunido, as folhas não vão amaldiçoar ninguém. Elas vão canalizar a magia de volta em vocês quatro… e no mundo.

Não inteiramente tranquilizado, eu me afasto para que ele possa fechar o cofre.

— Quando vou receber minha herança mesmo, de Morel?

A mão dele escorrega enquanto está empurrando a porta do cofre, e ela bate com um barulho alto. O papiro envelhecido na parede estremece com o impacto.

— Depois da lua nova, vou transferir para você.

— Pode não me ser muito útil até lá.

Rainier se concentra em fechar o arquivo falso.

— Olha, não é como se precisasse neste momento, mas se os outros não tiverem sucesso. — Seguro a nuca, mas hesito quando os dedos tocam o Band-Aid enorme. Arrasto a mão de volta para baixo. — Quero que tudo vá para uma pessoa… um amigo.

Rainier vira a cadeira de rodas na minha direção.

— Vou fazer a papelada amanhã.

Tenho que admitir que estou um pouco surpreso que está sendo tão obsequioso com isso. Talvez eu provei meu valor de alguma maneira.

— Boa noite, Roland.

Dou um aceno e vou para a porta.

— E Cadence está fora dos limites. Não faça eu me arrepender de permitir que passe a noite aqui.

Olho por cima do ombro e o saúdo, o indicador e o dedo médio batendo no galo na testa.

— Pode deixar, velhote.

Ele me fuzila no nível da fada aquática quando descobriu que eu não estava sob seus encantos. Ao descer as escadas até meu quarto emprestado no segundo andar, dou um longo bocejo. Mesmo se fosse seduzir Cadence, não escolheria esta noite. Estou cansado, surrado e machucado demais.

Empurro a porta do quarto aberta, depois a chuto para fechar, os dedos abrindo os botões da camisa. A caminho do banheiro, jogo o material branco sujo sobre as costas de uma cadeira, e depois começo a abrir o jeans. Abro a porta do banheiro, e um grito me tira vários decibéis de audição.

Merda. Esqueci que era um espaço compartilhado.

CADENCE_

— Saia! — grito para Slate que está só parado ali, os olhos fixos na toalha que tirei do suporte cromado e enrolei no corpo em velocidade recorde.

Por sorte, ainda estava de sutiã e calcinha quando ele entrou com tudo no banheiro, e por sorte nenhum dos dois era muito revelador.

De acordo com Alma, deveria estar usando fio-dental e sutiãs com bojo todas as vezes – o segredo de ser sexy é se sentir sexy. Apesar de ter algumas lingeries bonitas, não vejo o ponto de usá-las, já que ninguém pode ver sob minhas camadas de roupas de inverno.

— As portas não trancam? — pergunta, como se de alguma maneira fosse minha culpa.

— Normalmente não tenho que compartilhar meu banheiro.

O chuveiro está aberto e vapor se curva pela borda da porta de vidro.

— Dá pra sair?

— Dá. — Mas não sai. Ele se apoia no batente da porta e cruza os braços.

Fico momentaneamente distraída pela imagem de tanta pele e músculo. Eu vi seu peito mais cedo quando estava levando pontos,

e a definição fez surgir um friozinho na minha barriga. Sabia que Slate era musculoso, mas não compreendera o *quanto* até esta noite. Também não compreendera quantas cicatrizes ele tinha – novas e velhas.

Tantas velhas.

Essa realmente não é a hora de secar um cara. Ainda mais um que se importa com outra garota.. Volto o olhar para o longo espelho oval acima da minha pia de mármore. No vidro embaçado, vejo os cantos da boca de Slate se inclinarem para cima, acentuando a curva de seus olhos.

— Mademoiselle de Morel, você estava me secando?

Minhas bochechas enrubescem.

— Não.

— Não ligo em ser objetificado.

Ah. Meu. Deus. Agora eu olho feio para ele, e não pelo espelho.

Seu sorriso cresce conforme diz:

— Se olhares matassem…

Ele estaria morto.

O mesmo pensamento deve ocorrer a ele porque estremece, perdendo o sorriso e a postura orgulhosa.

Meus braços relaxam um pouco em volta da toalha. Não o bastante para que caia, mas o suficiente para que pare de comprimir todos os meus órgãos.

Ele começa a rodopiar, mas para.

— Posso te perguntar uma coisa?

Desconfiada, aquiesço.

— Você estava brava comigo mais cedo, ou interpretei errado seu tratamento silencioso?

Minhas bochechas pinicam, e não preciso olhar no espelho para saber que estão ficando rosa. De novo. Talvez nunca pararam.

Abaixo o olhar para o chão, para a bagunça de toalhas sujas amontoadas em um canto, depois mais longe, para o dedo enegrecido do seu pé esquerdo. Notei mais cedo, mas agora parece o momento adequado para chamar atenção a isso.

— O que a *groac'h* fez com seu pé?

— Não foi ela. Isso foi tudo eu. — Sinto seu olhar no meu rosto. — Derrubei algo pesado nele.

— Está quebrado?

— Meu dedo ou o…

— Seu dedo.

— Pode estar. A maior parte de mim se sente quebrada. — Ele acena para o corpo.

Vejo hematomas, mas também músculos flexionando, pele arrepiada e tendões evidentes.

— Brume não foi mesmo gentil com você, né? — Minha voz soa tão rouca que rezo para que culpe a montanha-russa de emoções em que estou desde que a peça apareceu.

— Tem sido… desafiadora, mas não de toda ruim.

— Qual parte *não* foi ruim?

Por um longo tempo, fica em silêncio. Tão quieto que volto meu olhar para o dele.

— O queijo e *chouchen* noite passada foram legais. — Inclina a cabeça para o lado, e um saca-rolhas preto desliza por sua testa. — Então, estou maluco, ou estava brava comigo?

Sobre o som da água açoitando o mármore, solto um longo suspiro.

— Não estava brava com você.

Ele franze o cenho, claramente incerto.

Quero alegar que minha onda de ciúmes mais cedo foi por outra coisa, outra *pessoa*, mas curiosidade é uma coisa cruel e ardilosa.

— Você mencionou que viu uma garota no poço. Quem era?

As sobrancelhas pretas quase colidem acima do seu nariz, e sua postura muda: os ombros vão para trás, e os braços ficam tensos, os tendões esticando. Está parecendo com a estátua de terracota que minha mãe fez de um deus grego quando estava estudando na universidade. Apesar de tê-la pedido a Papa, pedido para exibi-la no nosso átrio descomunal, ele se recusa a removê-la de onde está no departamento de arte da faculdade.

— Por que a pergunta? — Suas palavras são baixas, mas tensas.

— Acho que estou tentando te conhecer, e já que é óbvio que essa pessoa é importante para você, me deixou curiosa. — E *loucamente* ciumenta.

Logicamente, deixo essa parte de fora.

Os olhos dele ficam da mesma cor do poço sem fundo do qual, por um milagre, saiu vivo.

— É alguém que não conheço muito bem, mas por quem sinto algo inexplicavelmente forte.

— Mora em Marselha?

— Não.

— Conheceu ela em algum dos seus lares provisórios?

— Não.

Para alguém tão loquaz, não está me dando muita informação.

— Deveria dizer a ela que gosta dela. Talvez sinta o mesmo. — Ele semicerra os olhos, e dou de ombros. — O que tem a perder?

Por um momento, ele não se move. Apenas me observa.

— Vou pensar nisso.

Aperto mais a toalha.

Finalmente, ele acena para o box envidraçado.

— Melhor entrar antes que acabe a água quente. Não tem nada pior do que água congelante. — Ele solta os braços do seu nó firme. — Bata três vezes quando tiver terminado, certo?

O clique seco da porta se fechando ressoa ao meu redor. Acho que não vai voltar, mas vou até ela e viro o tranco. Ao tirar a toalha e as roupas íntimas, meu coração bate tão forte quanto a água do chuveiro.

Sinto atração por Adrien. Não por Slate.

Adrien, que é gentil e compassivo.

Que ainda me bajula como se fosse uma garotinha.

Diferente de Slate, que parece me ver como uma mulher.

Seu comentário sobre eu ser uma bibliotecária adolescente retorna, e esfrego a pele até estar vermelha como meu rosto corado.

Ninguém me vê como uma adulta.

Talvez amanhã eu siga o mantra da Alma e use lingeries sexy. Antes de deitar, mando uma mensagem de desculpas para ela, e bato três vezes no lado do banheiro de Slate.

As três batidas soam. Até conseguir me levantar da cama, o banheiro está vazio e o lado de Cadence da semi-suíte está fechado. Estou ao mesmo tempo aliviado e um pouco decepcionado. Mas, na maior parte, aliviado. Não quero mentir para ela. Se me perguntar mais uma vez sobre a garota no poço, posso ceder. O que com certeza seria uma má ideia. No mesmo nível que enfiar a herança de Morel no dedo.

Inalo o vapor doce e limpo que cheira a Cadence. Estava morto de cansado há um segundo, agora tudo em mim estava acordado. Maldito sabonete.

Depois de limpar os dentes com uma escova emprestada, apago as luzes e encaro a porta oposta à minha, tentado a bater. Ou simplesmente entrar e perguntar a ela sem rodeios por que se importa tanto com quem vi no poço.

Espera. Ela podia estar ciumenta?

Eu me lembro do olhar cheio de admiração que deu para Adrien na taverna e o abraço deles mais cedo. *Nah.* Estou totalmente iludido. Não tem jeito nenhum de Cadence estar com ciúmes. Ela está na do Professor Pintão.

Se estou sendo bem honesto comigo, Adrien não é de *todo* ruim.

Mas não gosto dele por princípio. Por vários princípios.

De volta no quarto, entro embaixo do edredom. É grosso, mas leve, então não repousa desconfortavelmente sobre meus machucados e arranhões. Minha cabeça afunda no travesseiro e em segundos, apago como um morto.

Quando acordo, o céu do outro lado das janelas é de um cinza aço. O relógio na mesa de cabeceira diz 8:00. *Merda.* Dormi só quatro horas? Puxo o edredom sobre o rosto, mas é tarde demais. Acordei. Meu corpo está tão rígido que range. A dor na mandíbula irradia pela orelha até o topo da cabeça. Tem sangue no travesseiro. O Band-Aid gigante está encharcado, apesar do zíper de pontos sob ele.

Pelo lado bom, o dedão está melhor.

Bato na porta do banheiro.

Quando não recebo resposta, entro e me lavo. O lugar ainda cheira de leve a Cadence e seu sabonete feminino. Minha temperatura sobe quando me lembro do vislumbre que tive dela a noite passada. A superfície pálida e macia da sua barriga. A curva suave do seu quadril. O algodão preto do sutiã, se esticando para segurar seus seios.

Putain. Preciso me controlar.

Estou parecendo o monstro do Frankenstein com todos os pontos e cortes e calombos. Troco os curativos, coloco as roupas de ontem, e desço em busca de algo para comer. Quando chego na cozinha, vejo que os elfos domésticos mágicos estiveram em ação novamente; um prato grande de *croissants* frescos, *pains au chocolat*, e *tartines* amanteigados cobertos com geleia de pedaços de morangos está no balcão, junto com uma tábua de açougueiro cheia de queijos e embutidos cortados finos como papel. Então é assim a vida para os de Morel…

Estou até a garganta com um *pain au chocolat* quando Cadence entra.

Ao me ver, ela sobressalta como se tivesse acabado de ser eletrocutada, e depois a boca se contorce em algo que é mais uma careta do que um sorriso.

— Você acordou.

Engulo a massa folhada, lambo o chocolate derretido dos dentes, e dou meu sorriso mais encantador.

— Bom dia para você também.

Um rubor sobe no seu rosto, e corre até a cafeteira na bancada de aço inoxidável.

— Espresso?

— Com certeza — respondo.

Ela mexe na máquina, mantendo o olhar na xicarazinha sob o bico.

— Papa está na fisioterapia com Jacqueline agora.

Como se eu desse a mínima para onde o pai dela está no momento.

— Dormiu bem?

— Não tão bem quanto você. Papa disse que você estaria cansado, mas não sabia que queria dizer apagar-por-mais-de-vinte-e-quatro-horas cansado. — Sem fazer contato visual, desliza a xícara na minha frente na ilha, depois refaz os passos para fazer um para si, testa franzida como se estivesse encarando um quebra-cabeças e não uma máquina de um botão.

— Espera. O quê?

— Você perdeu o dia inteiro ontem. Foi um dia memorável. O sol irrompeu pela névoa por cinco longas horas.

— Puta merda. — Nem sabia que era possível dormir tanto assim.

— Sylvie – a médica – disse que era perfeitamente normal, contanto que você desse sinal de vida hoje. — Ela desliza o lábio inferior entre os dentes. Pressinto que está nervosa, mas por quê? Por que dormi tanto que pensou que tivesse morrido? Improvável. Porque a vi de lingerie ontem à noite… ou, bom, a noite anterior? Possivelmente.

Um pensamento de repente me ocorre e faz meu peito se contrair.

E se ela sabe que foi *ela* que eu vi no poço? E se acha que sou algum depravado que fica obcecado por uma garota que mal conhece?

Quero dizer, merda, só a conheço há *três dias*. Ou quatro, na verdade, apesar de não ter certeza se ontem conta.

Eu me apaixonei por objetos que queria, mas nunca antes por uma pessoa. Diferente do Bastian. Merda, as garotas pelas quais ele sofreu. As noites que passou em claro porque estava tentando interpretar um olhar ou uma conversa ou uma mensagem de uma garota. Agora, sou eu analisando todos os tiques faciais e alterações de humor, cada palavra não dita e olhar passageiro.

Tem algo terrivelmente errado comigo.

Preciso voltar ao normal, ou seja, arrogante, ardiloso, e apático. E preciso que as coisas também voltem ao normal com Cadence.

— Qual o problema, Mademoiselle de Morel?

Enfim desvia o olhar da xícara.

— Problema?

— Você costuma ser mais tagarela.

Suas pupilas se contraem contra o adorável fundo azul.

— Me ver sem camisa te deixou toda quente e incomodada que estar na minha companhia agora te enerva?

Os pontos pretos expandem, usurpando o azul.

— Supere-se, Slate. — Ela bebe o espresso em um único gole.

— Ah. Mas *você* pode me superar?

Irritação ilumina suas bochechas.

— Você é tão babaca.

Lá vamos nós. Bem-vindo de volta, Slate. Bem-vinda de volta, Cadence.

Encho a boca com o líquido quente e deixo o sabor amargo cobrir minha língua.

— Ah, mas um babaca tão lindo. Faz ser difícil me odiar.

— Ai, meu Deus. — Ela revira os olhos com tanto entusiasmo que acho que nunca voltarão ao normal. — Você só está tentando me provocar, não é?

— Talvez. Ou talvez eu seja mesmo convencido desse jeito. — Coloco a xícara de volta na ilha e declaro uma trégua com um tom mais suave. — Qual peça deveríamos caçar hoje?

Ela suspira.

— Tem que aparecer.

Ergo a mão com o anel.

— Não necessariamente. Tem um detector, lembra?

Ela morde o lábio inferior outra vez, e de novo estou petrificado por seus dentes brancos marcando a carnuda pele vermelha.

— Tenho algumas aulas hoje.

— Com toda essa merda de magia acontecendo, você vai mesmo na aula?

— Se deixar tudo de lado, então isso mostra que perdi as esperanças que tenhamos sucesso, o que significa que a magia negra vence. — Ergue o queixo para mostrar confiança, mas seus olhos brilham com medo.

— Recuperamos a primeira peça, Cadence. Não tem motivo para não recuperarmos as outras.

Ela acena com a cabeça. Antes que possa pensar melhor sobre isso, estico o braço e pego sua mão. Seus dedos estão quentes e macios. Tão macios. Minha mente fica em branco, depois volta a vida, seu toque me acordando mais rápido do que cafeína.

Seus dedos são puxados para longe dos meus, e depois com uma mão trêmula, ela pega um croissant antes de caminhar na direção do átrio.

— Vou pegar minhas coisas.

Operação *fazer as coisas voltarem ao normal com Cadence* falhou. Deve ter sido por causa do segurar de mãos.

Como mais duas massas folhadas e um pouco de geleia. Enquanto desço tudo com um copo de suco de laranja, Cadence retorna, o casaco prateado fechado até o queixo e capuz folgado cobrindo as orelhas.

Meu coração para, e arrepios surgem. E não do tipo bom. Do tipo ruim. Do tipo que costumava eriçar minha pele quando ouvia Vincent atravessar o corredor com passos pesados na direção do meu quarto.

Os lábios de Cadence se partem como os da sereia, mas nenhum som escapa. Se abrem mais. Dessa vez, reconheço meu nome, alto como o zumbido de uma bala, seguido por:

— Você está bem?

Eu me levanto devagar, as articulações rígidas e a pele escorregadia com a memória da água gélida do poço. Passo os dedos pelo cabelo, esperando que a mão não esteja tremendo. Preciso me livrar desse TEPT antes que fique mais forte. Foco no final da missão, na nuvem de gosma preta e o brilho da folha.

A peça amaldiçoada não teve sucesso; eu tive.

Eu tive.

Curvando os dedos, perambulo até Cadence.

— Vou pegar meu casaco.

Não me lembro onde coloquei, mas presumo que o elfo doméstico o guardou no armário do átrio. Abro a porta e *bingo*. Tiro do cabide e o coloco. Depois de abotoar, enfio as mãos nas luvas, meu dedo com o anel parece bem menos inchado.

Conforme subimos os círculos até o campus, pergunto a Cadence se acertei, se o pai assumiu mesmo o nome da mãe. Acho estranho, mas só porque a sociedade fez lavagem cerebral para que pense de um determinado jeito. Por que não assumir o sobrenome da esposa? Penso no meu sobrenome. Ou melhor, meus dois sobrenomes. Quem sou eu? Um Ardoin ou um Roland? Ambos. Nenhum.

Quando chegamos no Quarto Kelc'h, entramos em uma área de gramado coberto de neve tatuado com pegadas sujas indo para todos os lados. Estudantes correm de um prédio de calcário cinza coberto por trepadeiras para outro, livros e fichários nos braços ou em mochilas pesadas sobre os ombros.

Cadence sorri e se transforma em uma guia turística.

— Então, é aqui que os prédios do campus começam. — Aponta para casa de docentes, alguns anfiteatros, o refeitório, o enorme ginásio. Todos são equipados com aparelhos modernos, mas as paredes de pedra e os telhados de ardósia combinam com a sensação antiquada da cidade inteira.

No Quinto, a névoa desaparece em teias vaporosas. Lá embaixo, vejo o espelho prateado do lago de um lado, e a colina verde de pinhos do outro.

Cadence acena para os quatro prédios uniformemente espaçados em volta do templo transformado em biblioteca.

— Centenas de anos atrás, essas eram as casas das famílias fundadoras.

Ergo uma sobrancelha para o tamanho enorme das estruturas.

— Acho que a magia era rentável.

Ela aponta para uma longa construção com uma esplanada envidraçada ainda maior.

— A Esplanada Bisset, centro de física e biologia. — Um castelo quadrado de calcário é o próximo. — O Centro de Humanidades Mercier, local de história e ciências sociais. — Depois uma edificação circular de pedra e vidro. — O Anfiteatro Roland — seus olhos vem na minha direção, depois voltam para o prédio —, de administração e engenharia.

Engulo, mas não digo nada.

— E esse — diz orgulhosa — é o Edifício de Morel de Belas Artes. — Ela me leva por um arco entalhado com as palavras ARZOÙ-KAER, que imagino significar arte.

— Elegante — murmuro, absorvendo o recinto digno da realeza.

— A propósito, qual seu cronograma de aulas? Posso te mostrar onde precisa ir.

— Não vim para frequentar as aulas, princesa.

Ela franze o cenho.

— Então por que você veio?

— Pela minha herança. Aparentemente meus pais biológicos me deixaram um espólio, e colocaram seu papai como responsável.

Suas sobrancelhas se apertam.

— Rainier está demorando a seu bel prazer para transferir. Acho que está usando como motivador. — Esfrego as mãos juntas, sentindo a Pedra de Sangue sob a luva. — Ele se esquece que literalmente não posso deixar esse lugar antes do Quatrefoil ser reunido.

Cadence pisca para mim.

— Então não vai ficar para estudar depois?

— Não estava nos meus planos.

— Ah. — Sua boca franze como se estivesse mesmo decepcionada.

É provável que ninguém antes se recusou a estudar na antiga e grandiosa escola de sua família.

— Mas quem sabe. Se sobreviver, posso reconsiderar.

Sua decepção pende a outra emoção, uma que me faz querer me chutar por lembrá-la da nossa caçada perigosa.

— Pode me contar mais sobre esse prédio?

Aos poucos, o medo diminui, e a luz volta aos seus olhos. E aí sua boca se move a mil por hora ao me guiar pelo departamento de artes palaciano, me contando sobre o simbolismo dos rostinhos humanos, ramos de flores, e criaturas mitológicas entalhados nos pilares que seguram o teto abobadado impossivelmente alto, adornado com anjinhos rechonchudos surfando nas nuvens. Passamos por corredores cheios de portas de madeira que se estendem em duas direções, e uma escadaria larga e dupla de pedra que rodopia na direção dos céus… ou mais provável, o próximo andar.

O corredor principal está coberto com arte de centenas de anos: pinturas enormes em molduras douradas, um pedaço de velino com caracteres que vão de hieróglifos até fonte bíblica até letras de máquina de escrever, bustos brilhantes de mármore de homens com cabelo cacheado, estátuas polidas de tudo, desde a forma humana até o abstrato, armaduras completas com espadas e escudos. Tem caixas cheias de máscaras de baile, relógios de seis faces, bijuterias exageradas, programas velhos e pôsteres, e até mesmo…

Ergo uma sobrancelha.

— Varinhas mágicas?

Ela sorri para a bagunça de gravetos na caixa de vidro.

— Não, de acordo com a lenda, a magia dos elementos – a magia de Brume – não requer uma varinha. Dizem que esses são gravetos que nunca se acenderam quando dez mulheres Brumianas deveriam ter sido queimadas na fogueira por bruxaria.

Dou uma olhada mais de perto, e com certeza, os gravetos parecem chamuscados nas pontas.

— Então esses gravetos têm centenas de anos?

Ela concorda, o rosto iluminado.

— E a parte mais maluca dessa caça às bruxas é que aconteceu quatro séculos *depois* de os *diwallers* supostamente destruírem a magia. Ainda assim o fogo não queimava.

Dou um sorriso. É mesmo. É *história* que a deixa toda quente e incomodada, não a visão do meu peito nu.

— Imagino que as mulheres sobreviveram?

Ela balança a cabeça, o sorriso diminuindo.

— Não. Acabaram sendo enforcadas.

O fato que sequer acredito um pouquinho na história mostra o quanto essa cidade descarrilhou minha vida.

— Malditos caçadores de bruxas.

O telefone apita, e ela o confere.

— Preciso ir para o prédio Bisset. — Depois olha para mim, puxando o lábio inferior de volta para a boca, como se estivesse debatendo algo. — Mas quero te mostrar uma coisa antes de ir.

Ela me leva mais longe no corredor, para uma alcova tipo um gazebo envidraçado, onde, em um pedestal, está uma estátua de terracota de um gigante carrancudo usando nada além de uma toga de um ombro só e um capacete de aparência antiga, do tipo que tem uma crista de plumas. Ele está segurando um escudo redondo e uma espada tão grande quanto meu corpo. Apesar de ser feito de argila, parece que está prestes a pular e esmagar crânios.

É bizarro para caralho. E legal pra porra.

Cadence acena para ele com orgulho.

— Maman fez isso. Seu deus da guerra.

— Ares — murmuro. Não fui um bom aluno, mas algumas coisas ficaram marcadas, como mitologia. Tínhamos que decorar os deuses junto com seus símbolos, linhagem, o bagulho todo. Ares era um dos impopulares, porque representava brutalidade e ruína. Deve ser por isso que lembro melhor dele.

Cadence ergue uma sobrancelha.

— Entusiasta de mitologia?

— Entusiasta do Deus da Guerra. — Não posso superar como a estátua é realista. — Isso é mesmo incrível.

As portas ao longo do corredor começam a se abrir e estudantes saem. De repente, estamos no meio de uma multidão. Várias pessoas me encaram ao passarem.

Eu entendo. Sou novo aqui, e *aqui* é pequeno. Mas ainda assim, é irritante. Um cara, que tem tipo quarenta anos, está parado no meio do corredor, boquiaberto para mim. Tudo nele é pálido e desbotado. Da sua pele pálida até seu cabelo cor de poeira embotado até os lábios descoloridos. Ele é tipo um daqueles professores desleixados, as roupas todas tortas, o nó da gravata quase desfeito, a camisa fora da calça e o cardigã mal abotoado.

O cara parece uma merda, ainda assim, está *me* olhando como se eu fosse o cocô aqui.

Estou prestes a ir até lá e perguntar qual o problema, mas de repente, dor contrai meus músculos e fogo corre por minhas veias.

O que diabos?

Os músculos do meu ombro espasmam e contraem, e me lembro que esqueci de tomar os remédios para dor esta manhã. E

ontem, já que estava desmaiado. Ou talvez é a vacina que a médica deu. Quando deveria ser a próxima mesmo?

Enquanto tento me lembrar, Cadence diz:

— Preciso mesmo ir, mas te vejo mais tarde? — Ela parece esperançosa, e faz minha dor dar um grande salto para trás.

Antes que possa ir muito longe, duas garotas, que parecem familiares, se aproximam de nós.

A com o cabelo super curto diz:

— Oi, Cadence, queria perguntar…

Uma nova onda de dor quebra em mim. Posso ver a boca da garota se mover, mas não posso ouvir nada. É como se estivesse submerso outra vez. Conforme me forço a respirar fundo, foco em uma sarda no queixo da segunda garota. O corredor embaça, mas não o ponto marrom. Sinto como se puder manter isso no foco, não vou desmaiar em maldita agonia.

Uma mão toca meu antebraço – a da Sarda-no-queixo – e enrijeço. Quero jogá-la para longe, mas um raio de eletricidade me faz contrair. Respiro ofegante, como se oxigênio pudesse de alguma forma abrandar o efeito dos ferimentos de batalha. Até fecho os olhos.

E aí *puff!*

A dor desaparece. Lambo o suor do lábio superior e abro os olhos. Apesar de não sentir falta, me pergunto para onde foi. Minha respiração a derrotou?

— Ótimo. Vou te mandar o resto dos detalhes por email — fala a do cabelo pixie, depois passa o braço pelo da Sarda-no-queixo.

Elas se viram em perfeita sincronia, os quadris estreitos rebolando.

De repente, cabelo-Pixie se volta para trás.

— Ah. E Cadence, seu namorado é bem-vindo.

As mãos de Cadence mexem com a alça transversal da bolsa, e as bochechas queimam tão rosas quanto a estátua de terracota nas suas costas.

— Ele não é meu namorado — murmura.

Sarda-no-queixo se inclina para sussurrar algo no ouvido da amiga. A garota com o cabelo curto sorri e balança a cabeça. E depois Sarda-no-queixo pisca para mim.

— Tchau, Slate. — Ela balança os dedos antes de virar outra vez.

O que diabos acabou de acontecer? Estou prestes a perguntar para Cadence quem eram quando resmunga:

— Festa de aniversário. Adrien vai odiar.

Esfrego a nuca, mas meus dedos colidem com o Band-Aid e faço uma careta. O que me lembra da agonia que senti há um minuto. Poderia ser outra peça próxima? Mas se for, como desapareceu? Não deveria estar me matando?

— Aniversário de Adrien está chegando? — pergunto, para não preocupar Cadence caso *seja* outra peça. Assim que ela for embora, vou andar pelo corredor e ver se o anel acende.

— Sim. Semana que vem. Se você não estivesse ocupado demais secando Jasmine, poderia ter entendido.

Franzo a testa. Jasmine?

Cadence se afasta. Para. Seus lábios se partem como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas aí balança a cabeça e vai embora, me abandonando com o senhor da guerra gigante.

— Mulheres — digo, balançando a cabeça antes de tirar a luva e andar para cima e para baixo no corredor que ele guarda.

A oval vermelha brilha com o sol entrando pelo gazebo, mas não acende, e meu corpo não parece estar sendo esquartejado outra vez. Analgésicos. É o que preciso antes do próximo surto. E uma

camisa que não tenha manchas de sangue no colarinho. Ninguém pode vê-las se estiver com o casaco, mas sem ele, vou ser a atração principal de Brume agora que não é mais o poço.

CADENCE_

Assisto duas aulas. Nada entra no meu cérebro, que está ocupado demais dissecando o que aconteceu no corredor mais cedo. Escrevo o nome da Jasmine e arrasto a caneta por ele, cortando certinho pelo papel. Se fosse uma bruxa, aposto que isso amaldiçoaria a melhor amiga de Charlotte de alguma forma.

Quem acaricia os braços de homens aleatórios?

E mais, Charlotte pensou que Slate fosse *meu* namorado, então Jasmine deve ter presumido o mesmo.

Quem toca o namorado de outra garota.

E mais… *de novo* . . . e essa é a parte mais perturbadora, por que eu me importo?

O sino toca, e a caneta da qual estou gastando a tinta cai dos meus dedos. Eu me curvo, a pego e jogo na bolsa, onde rola entre meu computador e o caderno de astronomia.

Slate não é seu namorado, Cadence, eu me lembro porque meu eu de alguma forma pensa que tem direito de sentir ciúmes. *Slate nem mesmo é seu amigo. É só seu companheiro recuperador de Quatrefoil. Um estranho pomposo que saqueou a cripta da sua família. Não tem nenhum motivo na galáxia – com certeza, não seu tanquinho ou cicatrizes espantosas – pelo qual você deveria estar*

atraída por ele. E mais, é o cara que interrompeu sua tradição de Ano Novo porque não queria te beijar.

Você não gosta dele.

Nem um pouquinho.

Esse não é meu primeiro monólogo interno, mas é definitivamente o mais longo, o que deveria me preocupar, mas considerando os eventos acontecendo em Brume, decido que conversar comigo mesma não é tão preocupante. O que *é* preocupante é que estou mais preocupada que Slate pode gostar de Jasmine do que estou sobre sobreviver ao Quatrefoil.

Apesar de não estar com muita fome, tenho duas horas para matar antes das aulas da tarde, e Alma ainda está na dela, então decido descer a colina até a loja da Gaëlle para tomar sua sopa e bolinhos mágicos – não são enfeitiçados ou algo assim… ainda não, pelo menos. E mais, preciso de respostas se ela está saindo com Papa. Não perguntei para ele ontem, e esta manhã, já estava com Jacqueline quando acordei, e não parecia certo falar disso na frente da sua fisioterapeuta. Poderia, é claro, esperar até chegar em casa, mas por alguma razão, me sinto mais confortável discutindo isso com Gaëlle do que com Papa. Ainda não sei bem como posso reagir se o palpite de Alma for provado verdadeiro, e não quero machucar meu pai respondendo mal a novidade.

Au Bon Sort está transbordando de estudantes quando chego. Todas as mesinhas redondas entre os corredores de mercadorias mágicas estão ocupadas, e a fila até o expositor de vidro mostrando as opções de almoço do dia curva duas vezes. Vejo o topo da cabeça loira de Romain balançando sobre a multidão faminta, e depois vejo Gaëlle saindo da pequena cozinha nos fundos, uma caneta presa pelo cabelo que enrolou e empilhou no topo da cabeça. Entre os círculos sob seus olhos e a mancha questionável

no ombro da camiseta cinza, suponho que não seja a hora certa de confrontá-la.

Estou prestes a ir embora quando me compadeço da mãe e do enteado e abro um caminho pela multidão na direção deles.

— Tenho uma hora. Precisa de ajuda?

Ela desvia o olhar de onde está servindo *crème fraiche* em tigelas de maçãs cozidas na cidra. — Ah, sim, por favor!

Acenando um oi para Romain, que sorri para mim ao fechar a conta de um cliente, circundo o balcão de vidro e vou para a cozinha onde deixo a bolsa e casaco e lavo as mãos. Antes de voltar para o salão, amarro um avental vermelho *Au Bon Sort* em cima da blusa branca. Encaro meu reflexo no espelho estreito colado na porta. Não fechei todos os botões da camisa até o colarinho, mas quase. Lá se foi o usar roupas mais sexy.

Mexo nos botões, hesitando em abrir um ou dois. No final, deixo como estão. Andar por aí parecendo uma colegial safada não é minha cara. Além disso, não quero conquistar um cara com um sutiã rendado – sim, estou usando um, apesar de, honestamente ser tão piniquento que estou morrendo para tirar – quero conquistar um cara com minha personalidade.

Empurrando o cabelo atrás das orelhas, saio e ajudo a embalar ou servir os pedidos de almoço. Trinta minutos depois, o movimento diminui. E depois, outros quinze minutos após, e *Au Bon Sort* praticamente esvazia. Só algumas pessoas permanecem, mordiscando os cookies *Magie Noire* que Gaëlle assa todos os dias, ou bebericando uma das bebidas cafeinadas, ou percorrendo os corredores estreitos de produtos inspirados por bruxas que vão de fantasias e livros de feitiços até jogos de tabuleiro e velas aromáticas até potes cheios de ervas secas e emplastros com supostas propriedades mágicas.

— Você salva vidas, Cadence. — Gaëlle pega o último cookie Magia Negra com um pedaço de papel manteiga e passa para mim.

— Não foi nada. — Pego a sobremesa e a mordo, gemendo.

Seus lábios se curvam com orgulho.

Lambendo uma gota de chocolate derretido do canto da boca, digo:

— Lembro de você prometer me ensinar a fazer isso.

— Não esqueci. Só que entre os gêmeos, Romain, a loja, e… — Ela se impede de mencionar o Quatrefoil em voz alta. A não ser que era Papa que estava prestes a mencionar.

— Gaëlle, você tem um minuto para conversar? Não sobre… o negócio das folhas.

Suas sobrancelhas se inclinam para baixo.

— Hm. Claro.

Depois de pedir para Romain verificar se alguém precisa de refil ou doces, ela pega uma garrafa de suco de laranja caseiro e suco de gengibre do balcão de vidro refrigerado e acena para uma mesa nos fundos da loja, ao lado de uma prateleira explodindo com latas de chás herbais que supostamente podem curar qualquer coisa de um coração partido até um osso quebrado.

— Está tudo bem, docinho? — pergunta quando nos sentamos, as velhas pernas de madeira rangendo.

O lugar pertence a sua família há uma eternidade, o que me leva a me perguntar se era uma loja de magia de verdade no passado.

Afastando o papel do cookie, digo:

— Vou te perguntar uma coisa, e quero que seja completamente honesta comigo.

Ela abre a tampa de sua garrafa e leva a boca.

— Tudo bem…

— Você e Papa estão namorando?

Ela engasga no meio de um gole e depois bate no peito, tossindo.

— Ah, Cadence. Não. Não, não, não. Seu papa e eu, somos apenas amigos. — Mas sua pele marrom adquire um tom mais profundo, e não sei se é por causa da pergunta ou do suco ou de algum sentimento que possa ter pelo “amigo”. Deve pressentir que não estou convencida, porque estica o braço por cima da mesa e envolve os dedos nos meus. — Amo seu papa, mas não romanticamente. Além do mais, como disse, tenho homens o bastante na minha vida. — acrescenta com um sorriso. — E confie em mim quando digo, nenhum homem quer uma mulher com dois gêmeos de oito meses colados nos quadris que ainda não descobriram que noites são para dormir.

Concordo com a cabeça.

— O que te fez pensar que ele e eu — tosse outra vez — estávamos juntos?

— É só uma coisa que a Alma disse.

Os olhos castanho escuro de Gaëlle se arregalam.

— Ah, deus, espero que poucas pessoas acreditem nisso.

— Acho que sim. Pelo menos não ouvi nenhum rumor.

Ela tampa a garrafa, depois destampa.

— Seu papa me ajudou com muitas coisas, emocional e financeiramente, o que nos aproximou, mas prometo que nada inapropriado aconteceu.

— Confio em você, Gaëlle. — E aí estico o braço, porque ela ainda está brincando com a tampa da garrafa, e me sinto culpada por tê-la deixado desconfortável. — E se alguma coisa tivesse acontecido, não ficaria brava. Acho que só gostaria de ser a primeira a saber.

Percebo, enquanto falo as palavras, que é a verdade. Ficaria feliz por meu pai fazer uma conexão com alguém outra vez. Ainda mais por sentir que sua deficiência tem muito a ver com ele estar sozinho. Apesar de nunca ter fardado ninguém com sua condição e ser muito independente, namorar alguém numa cadeira de rodas não deve ser fácil.

Puxo a mão de volta para quebrar um pedaço do cookie. Enquanto mastigo, meu olhar desliza para a janela da loja, onde uma garotinha está com o rosto grudado no vidro, atenção cravada no mascote da loja: uma tarântula chamada Tracy. O bicho assusta tanto Alma que preciso fisicamente arrastá-la para *Au Bon Sort* para fazê-la entrar na loja.

Na primavera passada, quando paramos para tomar café gelado em um dos raros dias que não eram cheios de chuva fria e bruma, encontramos Romain ajoelhado ao lado da prateleira cheia de tábuas de Ouija. Quando perguntamos o que estava fazendo, respondeu que estava procurando Tracy. Alma gritou tão alto que causou uma onda de pânico. Primeiro, um cliente cheirando uma vela a derrubou, e vidro estilhaçou para todos os lados. Depois, Gaëlle, que estava carregando uma bandeja de bebidas, pulou, o que derrubou os copos, que molharam sua barriga grávida antes de tombarem da bandeja e quebrarem como o pote de vela. E depois duas garotinhas, que entraram na loja em busca de fantasias, grudaram nas pernas da mãe, chorando.

Quando Romain se levantou, rosto vermelho como o avental amarrado na cintura, murmurando:

— Primeiro de Abril — e apontando para Tracy descansando em seu aquário, Gaëlle, normalmente uma pessoa supertranquila, ficou tão lívida que fiquei um pouco preocupada que entrasse em trabalho de parto prematuro. Encontrei o olhar de Romain por cima dos

ombros trêmulos da madrasta e sorri. Eu me senti mal por ele, e fui pegar a vassoura para ajudá-lo a limpar. Se Tracy estivesse à solta, era provável que tivesse dado uma de Alma e pulado para fora da loja, menos a parte do grito de banshee.

Faço uma careta quando vejo um homem parado do lado de fora da loja, bem atrás da garotinha encarando o aquário da Tracy. No começo, acho que pode ser um vagabundo sem teto cheio de muito *chouchen*, mas aí minha respiração entrecorta porque o reconheço.

— Gaëlle!

— O quê? — A tampa da garrafa pula da sua mão, atinge o açucareiro, e rola para fora da mesa.

— Matthias! Está lá fora!

O rosto dela fica acinzentado.

Não aceno para o ex-marido de Gaëlle. Ao invés disso, olho para Romain, que está limpando o balcão de vidro. Eu me preocupo com como vai reagir se visse o pai.

Um fio gelado de líquido pinga no meu colo, e me afasto da mesa.

Gaëlle derramou sua bebida e está tão chocada que acho que não percebe. Pego um monte de guardanapos do suporte ao lado do açúcar e seco meu jeans enquanto ela, devagar, bem devagar, se vira na cadeira.

Matthias parece miserável e pálido, a gravata solta, o cardigã abotoado todo errado. Gaëlle fica imóvel como as estátuas da minha mãe. Acho que pode ter parado de respirar. Um segundo depois, se levanta, vai até a porta da loja e vira o trinco. E depois ela vira a placa de ABERTO/FECHADO, diz algo para Romain que o faz olhar para cima, mas não para fora, então não deve ser sobre seu pai distante aparecendo do nada. O garoto assente, depois tira o

avental e, o dobrando com cuidado, vai para a escada que leva ao apartamento privativo em cima da loja.

Como um fantasma, Gaëlle flutua até os três clientes remanescentes e informa que tem uma emergência e precisa fechar mais cedo. Seu olhar assustado os faz recolher as coisas rapidamente e sem reclamação. Quando estão enfileirados na porta, Gaëlle a abre para deixá-los passar. Nenhum olha na direção de Matthias; todos passam reto por ele.

Ao fechar a porta outra vez, um tremor a percorre, fazendo seu coque balançar tanto que a caneta escapa. Mechas cacheadas caem por suas costas rígidas.

Jogo os guardanapos molhados na mesa, depois vou até ela.

— Quer que eu vá falar com ele?

— Não! — A palavra estala de sua boca.

A mãe da garotinha encarando Tracy deve notar Matthias, porque estica a mão para chamar a filha. A garotinha faz bico, mas se afasta obediente. Direto pelo ex de Gaëlle. Apague isso. Direto *através* do ex Gaëlle.

Ah.

Merda.

Gaëlle bate a mão na boca, abafando outro suspiro.

— Li-ligue para Rainier. Li-li-li-ligue para ele.

Corro para a cozinha onde deixei a bolsa. Meu telefone parece lubrificado porque preciso de três tentativas para tirá-lo do bolso da frente. Usando discagem rápida para o número de Papa, corro de volta para a loja. Estou meio esperando que Matthias tenha atravessado o vidro, mas ainda está parado do lado de fora. Sua boca se curva em um sorriso aterrorizante, aterrorizante porque não tem muitos dentes e sangue está escorrendo da boca. E o que tem de errado com sua cabeça? Está um pouco côncava em volta da

têmpora esquerda, como se tivesse sido atingido por um pé de cabra e isso remodelou seu crânio.

Esqueça a *groac'h.*

Este homem – este *fantasma* – pode ser a coisa mais aterrorizante que jamais vi.

Escuto uma voz grossa sair do telefone e lembro que liguei para meu pai.

— Papa — sussurro. O fantasma desvia o olhar da mulher e vira os olhos pálidos para mim. — Papa — murmuro outra vez.

Meu pobre pai grita:

— Qual é o problema? Onde você está? — E estou em tal choque que não posso balbuciar mais nada além de mais alguns *Papas*.

Gaëlle pega o telefone da minha mão. Tem tanto sangue correndo nos meus ouvidos que não consigo escutar o que diz. Ela corre para os fundos da loja, pega um pote de alguma coisa, derrubando outro. O barulho alto de vidro quebrando penetra meus tímpanos e me faz pular. Gaëlle corre de volta na minha direção, praticamente jogando o telefone em uma mesa próxima, depois abre o pote e joga o que seja que tem dentro em uma linha reta pela fachada da *Au Bon Sort*, cobrindo o emaranhando de luzinhas, folhas de hera de plástico, e o pedaço de tule preto que emoldura a grande janela quadrada, jogando um pouco sobre o aquário de Tracy e o quatrefoil feito de galhos retorcidos apoiado ao lado dele, e finalmente no capacho.

— Alho seco e pimenta do reino. — Sua respiração crepita.

Joga um pouco da mistura em mim, e depois em si. Um floco deve entrar no meu olho, porque começa a lacrimejar.

— Vai manter espíritos indesejados afastados — acrescenta.

Engulo porque não sei o que dizer. Não, isso não é verdade. Sei o que dizer, só não sei por onde começar. De novo, não é verdade. Sei exatamente por onde começar.

— Seu marido é um fantasma?

Recuperou um pouco de cor, mas os olhos estão vidrados como se também tivesse entrado um pouco de tempero neles.

— Pensei… pensei… — Pensei que ele tivesse entrado em um trem e saído de Brume. Com certeza não pensei que estava enterrado a sete palmos. — Se ele é um fantasma, isso quer dizer… quer dizer… — Além do fato que malditos fantasmas são reais! — Ele está morto?

O espectro do lado de fora se vira um pouco e os contornos da sua pele se curvam como se fosse feito de fumaça. Como poderia tê-lo confundido com um homem real?

Com uma respiração, ela solta:

— Ele é minha peça!

Pisco.

— Meu elemento é Ar. Ele é minha peça.

Meu coração perde muitas batidas e depois se acalma. O fantasma deve ser a projeção do maior medo de Gaëlle, não seu marido de volta dos mortos.

Quase me recuperei do meu surto quando me lembro da garota.

— Gaëlle, a criança fez contato com ele!

— Eu sei.

O cookie de chocolate parece estar estragando dentro do meu estômago.

— Isso significa que agora está amaldiçoada?

Gaëlle passa as pálpebras sobre os olhos, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Uma lágrima escapa. E mais uma.

— Talvez ela fique bem.

Papa está em uma cadeira de rodas porque tocou uma peça. Não vejo como ela não vai ficar bem. Estou meio esperando ouvir gritos pela rua, mas a peça deve amaldiçoá-la a seu bel prazer.

— E se outras pessoas o tocarem? E se...

— Eu sei, Cadence! — A voz dela está tão cheia de nervoso que parece como se balançasse o piso de madeira sob minhas botas forradas de lã.

Olho para as escadas, me perguntando se Romain vai descer, preocupado com os gritos, mas não escuto passos.

Ela segura o pote meio vazio contra o peito ofegante.

— Preciso… ir… lá fora. — Engole. — Eu preciso... fazer um círculo… em volta dele.

Ergo uma sobrancelha.

— Para mantê-lo no lugar? Tem certeza que alho e pimenta vão funcionar?

— Não. Mas n-não sei o que mais fa-fazer.

Algo começa a vibrar em uma mesa próxima. Meu telefone. Quando vejo o nome de Papa piscar na tela, atendo na hora.

— *Oui,* Papa?

— Cadence, ainda está com Gaëlle? — Se pensei que Gaëlle soava nervosa, meu pai parece enlouquecido.

— *Oui*.

— Me coloque no viva-voz.

Preciso de duas tentativas, mas consigo tocar a tela no lugar certo.

— Gaëlle, você precisa ir para casa dos Roland.

A mão de Gaëlle rasteja sobre o peito, depois para no pescoço, e aperta com tanta força que temo que se estrangule.

— Não posso, Rainier. Não posso.

— Pode. Estou a caminho agora, e Adrien e Slate também.

— Não po-posso. — Está tremendo, lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Pode — Papa diz com tanta calma que abate um pouco do meu próprio medo. — Todos estaremos lá com você.

— E se ele tentar te to-tocar? — ela coaxa.

— Ele não pode nos tocar.

Minha pele é coberta por arrepios.

— Não pode?

— As peças não podem lhe tocar, *ma chérie* — Papa explica calmo.

O cookie parece que está nadando de volta para minha garganta.

— Mas uma garotinha passou por ele.

Papa faz um barulho estrangulado.

— Porque não o viu. Só *diwallers* podem vê-lo. — Papa suspira. — *Ma* Cadence, *você* pode tocá-lo, mas *isso* não pode te tocar. A não ser que seja sua peça.

— E você? Não pode vê-lo. E se passar por ele?

— Quando chegar lá, não vou me mover para evitar qualquer risco de contato.

— E a garotinha? Vai ficar bem?

Papa não responde.

Engulo o monte de cookie e bile. A *groac'h* no poço foi loucura, mas pelo menos estava presa. Nada prende esse fantasma. A não ser que a mistura de temperos possa mesmo mantê-lo no lugar…

— E a casa dos Roland? — Observo o fantasma estudar a ex-mulher. — Por que vamos nos encontrar lá?

Passa um minuto de silêncio antes de Papa responder:

— Porque é onde Matthias está enterrado.

O telefone desliza pelos meus dedos e cai no capacho escurecido.

A voz do Papa sobe do chão.

— Adrien acha que Gaëlle precisa levar o fantasma de volta para os ossos para derrotá-lo.

Isso não é só uma projeção do pior medo de Gaëlle. Isso é… Isso é…

Seu marido não partiu. Ele está *morto*.

E Papa sabia.

Gaëlle sabia.

Como?

Como eles sabem que está morto?

Como sabem onde ele está enterrado?

Minhas perguntas devem aparecer no meu rosto, porque Gaëlle sussurra:

— Foi um acidente. Ah meu Deus, não quero fazer isso. — Sua voz falha. — Não o quero encarar outra vez.

SLATE_

Encaro a mensagem me mandando encontrar a trupe do Quatrefoil. Tem uma explicação rápida sobre o fantasma do ex-marido de Gaëlle ser a peça do Ar, junto com instruções para ir ao seu local de descanso final. Mas o que me atinge são as palavras *na casa da família Roland*.

Por que diabos o ex da Gaëlle está enterrado na casa da minha família?

E mais, que porra é essa: eu tenho uma casa de família? Outra coisa que o Grande e Terrível Rainier de Morel deixou de mencionar. Tudo bem. Talvez, só talvez, eu possa dar ao cara o benefício da dúvida. Talvez a casa foi vendida logo depois da morte dos meus pais e uma nova família está morando lá. Talvez o ex da Gaëlle era parte dessa nova família. Talvez quando de Morel diz *a casa da família Roland* na verdade quer dizer a *antiga* casa da família Roland.

Depois de não ter sorte detectando uma peça no prédio da Belas Artes ou na cidade – andei por Brume usando o dedo do meio como uma antena, o que não me fez nenhuma amizade nova. Recebi vários *tsc* e olhares chocados de pessoas interpretando mal o meu gesto – voltei para os dormitórios para pegar uma camisa limpa, curativos novos, e uma dose dupla de analgésicos.

O endereço não é no centro da cidade, mas nos limites do Primeiro Kelc'h, perto da floresta. Demora uns bons vinte minutos para andar até lá dos dormitórios da universidade.

No final de um longo caminho, uma casa de pedra com telhado bem inclinado e venezianas vermelhas se materializa pela bruma. Não é nem perto tão grande e pretenciosa quanto a *Manoir de Morel*, maior do que uma cabana, mas nenhum castelo. Algo direto de um conto de fadas, com hera emaranhada escalando as paredes e cortinas rendadas aparecendo por trás de janelas de nove vidraças. Tudo o que falta são os sete anões.

É charmosa, é o que é. Nada a ver comigo. Gosto de linhas limpas e modernas, janelas panorâmicas, e vida de cidade bem na porta, então não sei por que ver o maldito lugar faz meu coração doer e minha garganta parecer arranhar. Como se essa pilha de pedras cinzas fosse algum pedaço meu que perdi e agora reencontrei. Completa e total baboseira. Era jovem demais quando meus pais morreram para ter uma conexão com esse lugar.

Mas Bastian amaria. É perfeito para um romântico como ele. É, seria todo clichê com uma esposa e 2.5 filhos, um *bichon frisé*, e fileiras de tulipas plantadas de cada lado da porta da frente. Até Spike pode gostar. Está virada para o sul, então se o colocar na janela da frente, vai poder tomar sol no seu traseiro espinhento o dia inteiro.

Se algum dia a névoa abater, quer dizer.

Tem mesmo algo muito errado comigo. Não tem jeito nenhum que me mudaria para Vila Sombria. Por que estou sequer considerando isso?

Uma versão em miniatura da casa está no final do acesso de carro. Vozes flutuam além dela, então a contorno e descubro a trupe de pé – em sua maioria – em um quase círculo no meio de um

grande pedaço de neve imaculada. Um monte de pinheiros se espalha longe e aberto, cercando o quintal como uma parede fortificada.

Rainier olha para mim do topo da sua motoneve turbinada.

— Slate chegou. — Ele não emite a palavra *finalmente*, mas está ali. Na sua cabeça.

Babaca.

— Que os jogos comecem! — grito com grande pompa ao vagar até o enorme X de gravetos dispostos entre minha equipe.

— Não é um jogo. — Os lábios alinhados firmes de Adrien mal se movem em volta da resposta.

Não brinca, Prof.

As sobrancelhas de Cadence se unem, as mãos em forma de concha na frente da boca como se estivesse segurando um grito ou tentando esquentá-las. Apesar das costas de Gaëlle estarem voltadas para mim, noto que está tremendo, as pontas desgrenhadas dos seus longos cachos balançando contra o casaco. Um pedaço de corda está enrolado aos seus pés.

Pisoteio a neve para parar entre Cadence e Adrien.

Cadence abaixa as mãos da boca, que parece mais vermelha que o normal. Talvez seja o contraste com quão branca está sua pele no presente momento.

— Oi. — Ela não olha para mim ao me cumprimentar. Está completamente focada em tirar algo do bolso do casaco – um saleiro cheio de grãos cor de fuligem. — Trouxe isso para você. Estamos torcendo que vai prender o fantasma.

Quando o entrega, nossos dedos se tocam e um choque sobe pelo meu braço. Ela puxa a mão de volta com tudo, depois enfia no bolso e se vira para longe de mim, adicionando um bom metro de distância entre nós.

— Ouvi dizer em temperar as coisas para prender os sucos, mas não estava ciente que funcionava com fantasmas — falo para aliviar o clima mórbido do pessoal reunido.

Especialmente o de Cadence.

Quando me mostrou a estátua da sua mãe esta manhã, pensei que tudo estivesse bem entre nós outra vez. Que ela ou não estava tão preocupada comigo ser um tarado apaixonado ou que na verdade não descobrira essa parte afinal. Mas depois ficou toda estranha com a Jocelyn ou Julia ou Jeannine, e agora está me ignorando na cara dura.

Não sei qual é o problema. Como de costume.

Volto o olhar para Gaëlle.

— Se o fantasma é seu ex, por que estamos *chez moi*? Por que não no cemitério?

— Estávamos esclarecendo isso — Adrien murmura entredentes.

— Não, não estávamos. Estávamos criando um plano. — Rainier dá um olhar afiado para o X gigante. — Por que seus ossos estão aqui não é importante para recuperar a peça…

— É se vocês querem *minha* ajuda para consegui-la. Trabalhei com Matthias. Ele era um amigo. O que todo mundo disse que aconteceu sempre pareceu errado. Não era o tipo de abandonar a família desse jeito. — Adrien dá um olhar furioso para Gaëlle. — Por que está enterrado aqui? O que vocês dois fizeram com ele?

— Foi um acidente… — A voz de Gaëlle é quase um sussurro.

Whoa. Gaëlle matou um homem? Sinto as sobrancelhas se erguerem até o topo da minha testa. Olho para Cadence, mas está estudando firmemente a neve aos seus pés.

— O que você fez com ele? — Adrien repete, nenhuma empatia na voz.

Rainier late:

— Matthias estava amaldiçoado! — Como se isso explicasse por que Gaëlle apagou o pai dos seus filhos.

A fúria de Adrien se transforma em perplexidade.

— O quê? Como?

— Tocou a peça do Quatrefoil da sua mãe por acidente quando estávamos caçando-as. — Rainier segura os braços da sua motoneve turbinada com tanta força que os dedos esticam as luvas de couro. — Foi por esse motivo que sua mãe tirou a própria vida, Adrien. Não leu seu bilhete de despedida? Não conseguiu viver com a culpa.

A mãe de Adrien cometeu suicídio? Esqueça Vila Sombria; essa cidade faz o purgatório parecer um destino divertido.

— Amaldiçoado, como? — Adrien murmura.

— Ele enlouqueceu. Machucou a própria mãe. Machucou Gaëlle. Tentou até machucar os próprios filhos.

— Ele avançou na minha barriga com uma faca. Disse que os gêmeos eram monstros. Disse que o mandaram matá-los. — A voz de Gaëlle é baixa e leve como os flocos de neve dançando ao redor do túmulo não marcado.

Cadence suspira em choque.

— Ah, Gaëlle…

— Nolwenn e Juda não sabem que ele está morto, e gostaríamos que permanecesse assim. — Rainier olha para todos no círculo. — São idosos. Não precisam ter seus corações partidos. Foi difícil o suficiente para eles verem o filho quando não estava em si.

Os lábios de Cadence se partem de novo, ou talvez não chegaram a se fechar direito.

Eu me viro para Rainier.

— E você escolheu enterrá-lo nas minhas terras *por quê*?

— Porque é propriedade privada. — O olhar de Rainier desliza para a névoa densa rolando na direção das escuras pinheiros. — Sem contar, desabitada e longe do caminho.

Gaëlle cai de joelhos na neve, lágrimas escorrendo no seu cachecol amarelo.

— Quando sua mente estava clara, era tão gentil. Tão carinhoso. — Toca a cruz de madeira que fez como se estivesse esticando a mão pelas camadas de neve e terra na direção do marido morto. — Quando veio na minha direção com a faca, meus instintos maternais tomaram conta. Eu não pensei. Só golpeei. Estava fazendo torta, e o rolo de massa estava bem ali… e…

Espera. *Um rolo de massa?*

— Isso… aconteceu tão rápido. Não foi de propósito…

Cale-se! Uma voz perfura meus tímpanos.

Gaëlle se atrapalha para ficar de pé, os olhos enlouquecidos.

— Mas é verdade, Matthias! Nunca quis…

Disse para se calar! Um homem se materializa do ar, parecendo sólido exceto por suas bordas esgarçadas.

Meus ossos se fundem, dor irradiando do anel. Puta merda. Eu vi esse cara antes, no prédio de artes. Ele é o acadêmico desgrenhado que parecia estar vivendo sua pior vida. Agora que está na minha frente, percebo que não é apenas um homem pálido, desleixado, ele é seriamente perturbado. Seu crânio cedeu em uma têmpora, uma das suas bochechas parece queijo cottage, o lábio está partido e escorrendo sangue, e seus olhos vidrados são bandejas de ódio. Talvez no passado, ele tivesse uma aparência quase decente, mas com tocos sangrentos no lugar dos dentes e pele da cor de *foie gras* de uma semana, é difícil avaliar direito.

— Ele está aqui, Papa — Cadence sussurra para Rainier.

Ah. É mesmo. De Morel não pode ver o que podemos. Tendo a esquecer que não é descendente dos *diwallers* já que fala deles como se fossem da família.

O clima úmido e já frígido despenca. Nossas respirações enevoam na nossa frente. Apenas Matthias não tem uma nuvem branca escapando dos lábios.

— Lembre-se Gaëlle. Lembre-se do que fazer. — O olhar de Rainier oscila, como se estivesse tentando vislumbrar o fantasma parado ao lado do depósito em ruínas.

Você me machucou. Você me mandou embora. Matthias se aproxima de Gaëlle. Sua voz não está mais afiada e cortante, mas suave e triste. ***Por quê, chaton? Por que você fez isso comigo? Com a gente?***

— Sinto muito, muito mesmo. — O rosto normalmente marrom-orvalho de Gaëlle ficou acinzentado acima do cachecol amarelo.

Matthias está parado a centímetros de distância dela, seu crânio quebrado e machucado inclinado para o lado. ***Você roubou meu filho. Meu Romain. E depois os gêmeos… Nunca os verei crescer.***

— Você tentou matá-los — ela coaxa. — E a mim. Você tentou me matar, Matthias.

Você está reescrevendo a história para se fazer de mártir.

— Não — grita. — Mentiroso!

— O que ele está dizendo? — Rainier pergunta para Cadence que está rígida como um poste de luz ao seu lado.

Sussurra as palavras que o pai não pode ouvir.

Os olhos dele colidem com Gaëlle.

— Ele está tentando lhe atingir. Não ceda à culpa. Ele mereceu o que teve.

— Eu... eu… — Gaëlle dá um passo para trás, as botas triturando um dos gravetos.

O fantasma olha para Rainier, depois de volta a sua executora. ***O que você contou a eles? O que você disse de mim a eles?***

— Por favor, Matthias… — Dá mais dois passos para trás e levanta as mãos.

O marido morto começa a chorar, com longos uivos que soam como o mistral quando sopra por Marselha.

Sou eu ou o vento aumentou? Puxo o colarinho do casaco mais apertado em volta do pescoço, olhos ardendo com o frio violento.

O fantasma passa as mãos pelos lados do rosto, os dedos afundando nas bochechas até uma parte do corpo se tornar indistinguível da outra. E depois ele passa as mãos pelo pescoço, peito e para longe do corpo outra vez. ***Você algum dia me amou?***

Como se para ouvir Matthias, Rainier se inclina um pouco para frente. Um pouco mais e arrisca ajoelhar na neve, bem nos pés de Matthias. Considerando que o pai de Cadence já foi amaldiçoado uma vez, é bom manter a bunda colada na cadeira.

— Claro que te amei. — O tom de Gaëlle é feroz.

Matthias avança para ela. ***Então junte-se a mim, chaton.***

— Agora! — Cadence grita, e Gaëlle dá um passo para o lado.

Matthias para no x de gravetos.

Adrien e Cadence despejam os conteúdos dos saleiros na neve. Demoro meio segundo para lembrar do frasco que Cadence me deu. Ao desenharem um círculo com a mistura de temperos, pego meu frasco, tiro a tampo, e viro, o cheiro de alho e o ardor da pimenta fazendo cócegas no meu nariz.

Surpresa enche os olhos vazios de Matthias. Gaëlle pega a corda. Não tenho certeza o que vai fazer com isso, já que não participei do debate de espectro deles.

Matthias joga a cabeça para trás e ri. Antes que alguém possa reagir, ele está fora do círculo. Gaëlle instintivamente ergue os braços e acaba enfiando as mãos direto pela cintura de Matthias. Ele a empurra para o chão e fecha as mãos em volta do seu pescoço, bem acima do cachecol. Diferente do próprio corpo, seus dedos não afundam na pele da esposa.

Pulo para frente para derrubá-lo, mas assim que estou prestes a fazer contato, um par de mãos fortes me seguram pelo ombro.

— Não seja um idiota. — Os dedos de Adrien afundam mais do que o necessário na minha clavícula. — Não toque nele.

Certo. Merda. Esfrego a nuca, acordando a ferida sob o curativo gigante.

Gaëlle se contorce na neve, ofegante, tentando enrolar o marido com a corda. Infelizmente, o cordão áspero passa direto pelo seu corpo.

Cadence joga o que parece ser uma colher de cobre cheia de furos em Matthias o acertando no meio da parte de trás da cabeça. Ele efervesce e estoura como um fio elétrico partido antes de desaparecer. Gaëlle solta um gemido de alívio.

Solto as mãos de Adrien.

— O que diabos foi aquilo?

— Um escudo eletromagnético. Bem pensado, Cadence — Adrien diz.

Rosa mancha suas bochechas.

— Foi ideia de Papa.

Estudo o negócio que agora está parado na neve ao lado da perna de Gaëlle.

— Um escudo eletromagnético? Parece um coador de chá.

— *É* um coador de chá — Cadence fala. — Mas não é por isso que funciona. É o material do qual é feito. Bronze bloqueia as

frequências de rádio e radiação eletromagnética.

Orgulho curva os lábios de Rainier. Está satisfeito de ter sido mais inteligente que um fantasma, ou que sua filha conhece tão bem metal corrosivo e aparições de zumbis? E o que diabos frequências de rádio e radiação eletromagnética tem a ver com fantasmas mesmo?

Ainda no chão, Gaëlle limpa as bochechas molhadas.

— É só temporário. Ele vai voltar. O cobre interrompe as ondas eletromagnéticas que usa para aparecer, mas não vai mantê-lo afastado. — Adrien porta seu ar de sabe-tudo costumeiro.

Meus olhos vão para os de Cadence. Pela primeira vez, não parece tão perplexa ou impressionada.

— Mas Gaëlle ainda não derrotou a maldição, né? — pergunto, o que é uma pergunta boba já que nenhuma folha brilhante saiu do fantasma.

Adrien acena para os gravetos na neve que formaram um X.

— Levá-lo para os ossos deveria prendê-lo tempo o suficiente para Gaëlle o atar.

Rainier solta um longo suspiro.

— Temo que precisamos desenterrá-lo para isso funcionar.

Silêncio cobre a clareira branca. Olhares de horror combinando surgem no rosto dos meus parceiros. Eu, por outro lado, não estou muito incomodado. Não vai ser a primeira vez que perturbo os mortos essa semana. Não que me ajudou muito na primeira vez.

— O chão está congelado, Papa — Cadence fala. — Não tem jeito nenhum que podemos cavá-lo.

— Acho que vamos ter que descongelá-lo. — Tiro uma luva e pego o telefone. O anel de ovo de ganso emite luz como uma bola de discoteca encharcada de sangue.

Gaëlle se senta, esfregando o pescoço. Tem um colar feito de hematomas surgindo abaixo da sua mandíbula.

— O corpo dele… não está enterrado muito fundo. — Ela olha para cima, para nós, um olhar assombrado no rosto. — E-eu só cavei alguns metros.

Abrindo um link, toco na tela do celular.

— Aqui diz para tentar um fogo de carvão e depois água fervente para amolecer a terra.

Rainier acena para o depósito no final da garagem.

— Ainda podem ter alguns sacos de carvão ali dentro. Se eles ficaram secos, talvez funcionem. Também terão pás. — Procura em um bolso de couro preso no assento da motoneve. — Aqui, Roland. — Ele me dá um jogo de chaves brilhante. — Tinha intenção de dá-las a você, mas entre o anel e a *groac'h*, bom… esqueci.

Bufo porque de Morel não me parece como alguém que esquece alguma coisa. Afinal, são suas pernas amaldiçoadas, e não sua mente.

— Tem certeza que ia mencionar isso para mim?

Ele faz uma careta tão grande que linhas verticais e horizontais aparecem na sua testa.

— Não é própria para viver no momento. Nada de aquecimento, nada de água, nada de eletricidade. Mas está na sua lista de bens. Os papéis estão em ordem. Depois de cuidarmos do Quatrefoil, vou reunir toda sua herança.

— Certo. Você disse que faria isso há dois dias.

— Estive ocupado, Slate.

— Sim. Eu também. Mas, ei, entendo. O Quatrefoil é mais importante.

— Se você quiser viver, é sim.

— Conveniente que minha vida está atrelada…

— Slate, vamos... — A voz suave de Cadence desvia minha atenção do seu pai. — Deixe essa conversa para depois, tudo bem? Matthias vai voltar a qualquer momento.

Os lados serrados da chave afundam na minha palma quando me viro e atravesso a neve na direção do depósito. Sinto uma presença atrás de mim. Olho por cima do ombro para garantir que não é o fantasma. Quando vejo que é Cadence, a tensão nos meus ombros diminui.

— Pode, por favor, ter paciência com Papa?

Coloco o telefone de volta no bolso e pego a luva antes que acrescente queimadura por frio na minha lista de queixas.

— Você viu meu dormitório.

— É quente, limpo, e tem uma cama.

— Pfff. Ele realmente estendeu o tapete vermelho. Alguns dos quartos nos meus lares temporários eram melhores. — Não é verdade. Só quero reclamar. E quero que ela venha para meu lado.

Um lampejo de dor passa pelos seus olhos azuis pálidos. Quase me sinto mal, mas quando dá um sorriso compassivo, decido que não me sinto *excessivamente* mal. Quero perguntar a ela o que aconteceu no prédio de arte quando acena para meu punho.

— Vai precisar da chave.

Solto os dedos, pego a maior e enfio na fechadura na grande porta vermelha. Infelizmente, a porta abre para fora, então preciso puxá-la, depois fechar várias vezes para limpar a camada de neve antes que possa entrar. Cadence se esgueira atrás de mim, com o telefone erguido e a lanterna acesa.

Cheira a poeira e mofo e gasolina. Ferramentas de jardinagem estão penduradas em ganchos ao longo de uma parede. Um cortador de grama velho está de pé perto da janela dos fundos. Cadeiras de jardim fechadas cobertas por teias de aranha estão

apoiadas contra uma mesa de ferro trabalhado empilhada com um balde de prendedores de roupa, um regador e uma mangueira listrada. Duas bicicletas vintage com pneus murchos e raios tortos estão penduradas de ganchos no teto. Um carrinho de criança empoeirado está no canto ao lado de dois baldes empilhados uma pá, e um saco industrial de carvão. Um ursinho de pelúcia de um olho só está apoiado na cadeirinha de carro. Ele sorri para mim, e cutuca meu coração, porque imagino que era meu.

Alguém um dia me amou o suficiente para comprar um ursinho de pelúcia feliz para mim.

Cadence toca meu antebraço. Eu me sobressalto porque esqueci que não estava sozinho. Ela tira a mão, as bochechas corando. Ou pelo menos, parecem estar escurecendo. Difícil dizer na escuridão.

Eu me livro do torpor e ando até os baldes e a pá.

— Deixe-me ajudar. — Cadence segura a alça do balde e a madeira lascada do cabo da pá.

Deixo que os tire dos meus dedos, sentindo que está tentando compensar pelo comentário do quarto de dormitório-lar-temporário. Dessa vez, quando nossas mãos se tocam, uma careta não marca seu rosto. Envolvo o saco de carvão com os braços e ando como um pato para fora da porta, mas não perco tempo de trancar porque planejo explorar depois que terminarmos com a merda do fantasma. Estou prestes a perguntar para Cadence se quer se juntar a mim no meu passeio pelo passado quando acho que vejo Matthias, mas é só um pouco de névoa escapando da sempre presente parede de bruma engasgando essa maldita cidade.

Enquanto carregamos as ferramentas de volta para onde Adrien está preparando a área para um fogo, pergunto:

— Qual exatamente *é* o plano?

— De acordo com Papa, os ossos de um corpo podem sugar uma alma penada. Contanto que sejam os ossos do espírito.

Adrien pega o saco de carvão de mim, rasga para abrir e joga os pedaços pretos no chão congelado e limpo.

— …vincule aos seus ossos — de Morel está dizendo para Gaëlle.

— A corda passou direto por ele, Rainier.

De Morel faz uma careta.

— Talvez fio de cobre dê certo — Adrien sugere. — Pode ter um pouco na fiação elétrica da casa. Poderia ir checar.

Cadence coloca o balde no chão.

— Fio vai fazê-lo desaparecer. Não vai vinculá-lo.

Adrien está com o fogo aceso agora. Ele queima laranja, soltando fitas de fumaça lavanda no ar branco.

— Então como ela deve vinculá-lo?

— Talvez não precise de corda ou fio. Talvez os ossos magnetizem seu espírito. — Gaëlle soa mais esperançosa do que convencida.

Não dou minha opinião porque não sei nada de fantasmas. Bastian poderia ter algumas ideias – *Goosebumps* é sua série de livros favorita de todos os tempos. Se me lembro bem, alguns dos livros tinham um personagem espectral ou dois. Comprei a coleção inteira para ele no seu décimo segundo aniversário, não novos, mas também não muito amarelados e com páginas dobradas. Estou me coçando para ligar para ele e pedir conselhos, mas está claro que não posso ou entrará no primeiro trem para cá, e quero mantê-lo o mais longe possível dessa cidade perversa. Além do mais, duvido que o escritor algum dia lidou com fantasmas reais, a não ser que tenha visitado Brume na Idade Média. Ou dezessete anos atrás. Merda. A magia vai trazer mais fantasmas de volta? Eles são

estranhos, e isso vem de alguém que já compartilhou uma casa com umas pessoas bem estranhas.

Três horas passam, e Matthias ainda não apareceu. Todos nos transformamos em picolés, e o céu se transformou em um cinza profundo. Mas pelo lado bom, a terra finalmente está macia o suficiente para cavar. Sob o feixe do farol da motoneve, Adrien e eu nos revezamos, e com certeza, eu que estou com a pá quando alcançamos o corpo. Nem preciso dizer nada. Apenas ergo os olhos para o resto do grupo quando a borda do metal atinge o primeiro osso.

Todos observam enquanto limpo a terra com a pá. Qualquer tipo de tecido no qual Gaëlle enterrou Matthias está deteriorado para um preto esverdeado em alguns lugares e completamente desintegrado em outros. O corpo é osso em sua maioria, exceto onde o tecido está grudado. A terra embala o crânio, e noto que, como o fantasma, a maioria dos seus dentes foi arrancada.

Nota para si: nunca interfira com uma mulher fazendo torta.

— Sei que você não acha que corda vai segurá-lo, mas vou deixá-la a postos mesmo assim, Gaëlle. Coloque sob os ossos — Rainier aconselha.

— Ah. Não. — Vacila, ficando mais pálida do que o fantasma que deveria enfrentar. — Ah, acho que não consigo…

Ela se vira e vomita na neve. Por sorte o ar está tão frio que mascara o fedor.

— Cadence, pode me dar a corda? — Depois que a passa, com o nariz contorcido, ergo o tecido podre, os ossos chacoalhando dentro, e coloco a corda por baixo. Tudo o que Gaëlle precisa agora é amarrar em um laço bonito. — Tudo pronto. — Limpo as mãos para livrá-las da terra congelada e pessoa morta.

Cadence esfrega as costas de Gaëlle, sussurrando palavras calmantes no seu ouvido, enquanto jogo uma pá de neve fresca sobre o almoço meio digerido de Gaëlle.

O céu escurece um pouco mais, e a temperatura despenca. Aposto que o Polo Norte parece tropical em comparação com Brume.

Movimento ao lado da motoneve de Rainier chama minha atenção, meu coração acelera. Aperto a pá com mais força conforme meu sangue queima e Matthias ganha forma.

— Não se mova, Rainier. Ele está bem ao seu lado — falo, mantendo a voz baixa. Inferno, não acho que gritar faria Matthias sumir, mas ainda não vou arriscar. Quero acabar logo com isso.

O rosto do fantasma está a centímetros de Rainier, os olhos vidrados fixos no papai de Cadence. Matthias claramente não era fã do de Morel. Nunca pensei que teria alguma coisa em comum com um professor maluco. Ainda assim, nunca pensei que fosse ficar preso em uma cidade lutando contra monstros por causa de um anel.

— Matthias — Gaëlle coaxa.

O fantasma vira o rosto na direção da mulher que o matou.

— Ordeno que me deixe em paz. — Ela não está enganando ninguém com a voz trêmula, menos ainda o cara morto parado ao lado de Rainier.

Os lábios do fantasma se erguem em um sorriso assustador. ***Você ordena,*** **chaton*****? Você encurtou minha vida. Pretendo retribuir o favor.***

Ele se move, a silhueta do seu corpo se curvando e desmontando como fumaça antes de se reparar e apertar. De repente, está nela outra vez, uma mão apertada na sua boca e nariz; a outra envolvida na sua nuca.

Ela se contorce, encurralada nos braços dele, lutando para respirar. Forço meus pés a ficarem parados, porque cada célula no meu corpo quer ajudar. Ela está sufocando, porra.

Finalmente, se contorce tanto que os dois caem na cova rasa e esmagam os ossos dele. Ela rola até montá-lo e as costas dele estarem para o esqueleto. As mãos dele soltam o corpo dela e seus olhos esbugalham como se *ele* acabasse de ter visto um fantasma.

Rá. Luto contra meu sorriso porque sei que agora não é a hora. Não importa o quanto o fantasma pareça assustado. *Merda.* Estou sorrindo. Esfrego a boca até perceber que ainda estou usando as luvas que entraram em contato com os ossos. Isso acaba com minha diversão.

— Vincule-o! — Adrien grita.

Gaëlle está chorando. Os dedos escorregam repetidas vezes ao se ajoelhar e tentar amarrar a corda em volta do saco dos restos mortais e a forma espectral enrijecida dele.

— Não consigo!

— Consegue! — Rainier late.

Assim que consegue enlaçar a corda, o fantasma desaparece.

Merda! Não estou mais sorrindo. Alguém jogou o coador de chá nele outra vez?

O tecido pega fogo, e Gaëlle pula para trás, se encolhendo em um canto do túmulo, batendo nas coxas que fumegam com chamas. Em segundos, o tecido fino de enterro fumaça para fora da existência, deixando para trás o esqueleto. As partes persistentes de pele dissecada começam a se costurar juntas, e músculo reaparece, preenchendo o corpo até parecer o homem que enterrou.

Ela bate com a mão na frente da boca e fica verde como um marinheiro enjoado. Estou esperando que vomite em cima do

marido morto, mas ao invés disso grita. Poderia ser porque o dito-marido-morto pula e se contorce como uma minhoca.

— *Putain de bordel de merde* — murmuro, me afastando um pouco ao mesmo tempo que Adrien grita:

— Ele está nos ossos!

Como se para demonstrar que o professor está sempre certo, o queixo do corpo se abre e solta um grito de gelar os ossos: ***Assassina!***

Gaëlle tenta subir pelas paredes do buraco, mas fica escorregando na neve lamacenta e solo macio.

— Você precisa terminar isso, Gaëlle — Rainier diz. — Acabe com ele, ou vai lhe assombrar para sempre.

E incidentemente, vou bater as botas.

Gaëlle engole, lágrimas e ranho escorrendo pelo seu rosto.

Cadence agacha na beirada do buraco e pega a mão de Gaëlle.

— Acredito em você. Todos acreditamos em você.

Gaëlle inala trêmula, depois limpa o rosto com as pontas do cachecol e se vira, a mão escorregando da luva de Cadence.

Assassina! O corpo diz outra vez.

— Quieto! — Gaëlle grita.

Você me matou a sangue frio. A mandíbula abre e fecha, fazendo um clique com cada palavra.

Com os olhos ainda molhados, ela coaxa:

— Eu disse, *tais-toi!*

Você vai para o inferno pelo seu crime,* chaton*.

— Pare de falar, e não me chame de *chaton*! Perdeu esse direito no dia que tentou matar nossos filhos. — Gaëlle desenrola o longo cachecol do pescoço e se joga no corpo que se contorce. — Você não é real, então cale a boca. Apenas cale a boca! — Começa a enfiar o material amarelo na boca dele. *Todo o material.*

Mmmmfff.

— Você… Não… é… real — fala entre respirações ofegantes. Ela enfia o resto do cachecol entre os dentes quebrados e solta um longo e agudo grito que é tão cheio de dor e horror e arrependimento que faz meu estômago embrulhar.

O corpo para de se mover.

E depois fumaça sobe da pele e o envolve com Gaëlle até suas formas mal serem distinguíveis no cinza denso. Um funil de vento aparece sobre a nuvem e suga a fumaça. Gaëlle se arrasta do corpo do marido, os longos cachos estalando para todos os lados. O vento arranca a pele de Matthias, a carne, os ossos, desintegrando o homem até nada permanecer além da mortalha mofada e cachecol serpenteante e derrotador de maldições.

Quando o vento para de soprar, a folha dourada pisca em cima da lã amarela.

Ela conseguiu. Conseguiu, porra.

Solto um suspiro gigante, de repente me sentindo mais quente.

São duas peças.

Estamos no meio do caminho. E ainda temos doze dias.

Posso não morrer, afinal.

CADENCE_

Conforme a folha de Gaëlle tilinta na caixa que Papa trouxe, Slate pega seu cachecol com a pá.

— Não deveria deixar evidências na cena de um crime. — O raciocínio dele me lembra que é um homem acostumado a infringir a lei e não um garoto sem preocupações com uma juba de cachinhos saca rolha selvagens.

— Deveríamos queimar — sugiro.

— Gaëlle? — Papa desliza a caixa fechada de volta para um dos bolsos da moto de neve. — O que você gostaria de fazer com o cachecol?

— O que Cadence disse. Queime.

Slate o solta de volta sobre mortalha encardida, e Adrien acende um fósforo.

Enquanto observo as chamas devorarem as fibras, compreendo que Papa a ajudou a enterrar Matthias, o que o faz cúmplice de assassinato. Se alguém descobrir...

Não posso pensar dessa maneira. Ninguém sabe além de nós cinco. Gaëlle não vai falar já que tem mais a perder do que ele. Adrien também não vai, já que é quase família. E Slate… Analiso seu perfil afiado contornado pela pira funeral de Matthias, o vejo esquentar as mãos sobre as chamas. Ele odeia Papa e o culpa por

tudo de ruim que aconteceu na sua vida, então pode ameaçar meu pai com isso. Posso precisar de alguma moeda de troca para mantê-lo calado.

Ah Deus. Odeio esses pensamentos. Tento muito tirá-los da cabeça enquanto Adrien, Slate e eu enterramos as cinzas sob camadas grossas de terra e neve.

Slate é parte disso agora. Tenho que confiar nele. Não tenho outra escolha.

— Você está bem? — pergunta conforme viro um balde de neve fresca.

— É a primeira vez que vi alguém morrer, então… não exatamente.

— Não era alguém, Cadence. Era um fantasma.

— Você já viu… uma pessoa de verdade… morrer?

Ele assente. É um movimento lento. Cuidadoso.

Engulo.

— Sei que não o matei, mas sinto como se fosse. Você já matou alguém?

Seus olhos escuros adquirem um brilho perigoso.

— Não. Mas estive perto.

— Quem?

Seu queixo coberto de barba por fazer abaixa na direção do pescoço.

— Monstros. E não do tipo mágico.

O balde balança nos meus dedos adormecidos. Apesar das luvas, o vento me atingiu. Todas as minhas articulações parecem distendidas e a parte de dentro das minhas orelhas dói.

Ele tira o balde das minhas mãos.

— Deveria ir para casa. Seus lábios estão azuis, e você tem cristais de gelo nos cílios.

— O que você vai fazer?

Sua atenção vaga para a casa.

— Visitar o passado.

— Mas é noite. E não tem eletricidade.

Pressiona os lábios como se tivesse considerando ambos os fatores.

— Vou usar a lanterna do telefone. — E aí ele se afasta, pega a pá que Adrien terminou de usar e o segundo balde, e tritura neve até o depósito.

— Sinto muito pelo que disse a você, Gaëlle. Não sabia que ele tentou te machucar. — Culpa enruga os cantos dos olhos de Adrien. — Não sabia que estava amaldiçoado pela folha da minha mãe…

Toco na sua manga.

— Não é sua culpa.

Seus olhos vermelhos encontram os meus.

— Não é — repito.

— Ela está certa, Adrien. — Não posso ver a expressão de Gaëlle, já que sou cegada pelos faróis da motoneve, mas escuto seu suspiro. — Também não foi culpa da Camille, e fico devastada de pensar que viveu com tanta culpa. Que ela decidiu se matar por isso.

— Por que Maman se culpava? — O olhar de Adrien afunda no pedaço retangular ocre ao lado de suas botas.

Não precisaria de um especialista forense para adivinhar que algo ilegal aconteceu nesse campo deserto. Por sorte, é propriedade privada. E mais, com certeza logo nevará de novo.

— A peça dela fez um fogo começar no píer. Estava com Amandine, Rémy – quero dizer, Slate – e os pais dele quando começou — Papa diz enquanto a figura sombria de Slate emerge do depósito. — Camille pegou o pequeno Rémy e correu com ele para

segurança enquanto Amandine tentou juntar as pessoas. Eugenia foi direto para as chamas. E Oscar foi atrás dela.

Apesar de estar coberto pela noite, vejo Slate retesar, e meu coração aperta. Quase vou até ele, mas o que exatamente faria? Abraçá-lo como fiz depois que escalou para fora do poço? Isso seria desconfortável. Slate não é meu amigo. Se fosse, não estaria preocupada com ele entregar Papa para polícia. Ou só estou tentando me distrair de outros sentimentos confusos?

Slate se eriça.

— Então, meus pais correram para o fogo ao invés de ficarem com o filho.

— Pensaram que podiam enfrentar a peça. Pensaram que poderiam parar o fogo. Tinham *muitas* pessoas naquele píer. — Papa também soa bravo.

— E eu?

— E você o quê, Slate?

— Camille se importava, mas não meus próprios pais.

— Eles se importavam.

Ele bufa.

— É, com a magia.

— Queriam salvar você e Amandine e Brume inteira.

Ninguém diz nada por um momento.

— Também foi Camille que me tirou de Brume?

— Não. Ela só te tirou do fogo; não sei quem te levou daquele píer. Tudo o que sei é que Matthias também estava lá. Era adolescente na época. Cheio de entusiasmo e sentimentos de invulnerabilidade como os jovens costumam ter. Ele tentou ir ajudar seus pais, e ao fazer isso, tocou na peça. Camille correu de volta para as chamas e conseguiu tirá-lo com vida. No começo ela

pensou que era um milagre – ele tinha tão poucas queimaduras e nenhum efeito colateral óbvio da maldição.

Olho para as pernas de Papa, seu efeito colateral óbvio.

— Durante anos, nós o observamos, parecia ter saído ileso da maldição, mas aí segurou a mão do pai sobre a grelha da taverna. Nolwenn ficou assustada e o mandou embora. A distância não anula completamente a influência da maldição, mas diminui seu poder.

— O quê? — Inalo um excesso de ar gelado, e queima ao percorrer o caminho até meus pulmões. — Então, se você deixasse Brume…

— Brume é meu lar, *ma chérie*.

— Mas se você a deixasse, poderia andar outra vez?

Ele segura uma de suas coxas inúteis com uma mão enluvada.

— Mancando.

— Ah meu Deus, Papa. Por que ficamos aqui?

— Porque sua mãe está aqui, o Quatrefoil, meu trabalho, nossos amigos. Posso ter uma vida mais fácil em outro lugar, mas mais fácil não significa melhor.

A escolha dele de ficar confinado a uma cadeira de rodas quando poderia recuperar o uso das pernas me embasbaca.

— Posso ver os pensamentos rodando no seu cérebro, Cadence. Pode parar, porque não vamos embora.

— Mas, Papa…

— *Non* — fala firme, afiado.

Aperto os lábios fechados. Não vou brigar agora, na frente dos outros, mas posso fazer isso depois.

Papa volta a atenção para Adrien.

— Onde eu estava?

— Nolwenn fez Matthias ir embora — Adrien ajuda.

— Isso mesmo. Acho que ele foi para Suécia. Lá, conheceu alguém, teve Romain com aquela pessoa, e voltou depois que ela… o *deixou*.

Ah, Deus. Ele acha que Matthias matou a mãe de Romain?

— Espero que tenha sido isso que aconteceu. — Ele olha para Gaëlle.

Seus braços estão cruzados e está olhando para o nada.

— A mente dele parecia inteira outra vez, e Romain não parecia afetado por um pai imprevisível. Na verdade era uma criança feliz. De qualquer forma, Gaëlle era babá dele enquanto Matthias lecionava na universidade. Não tiveram mais incidentes. Pelo menos nenhum que tivéssemos visto, e estávamos observando. E depois ele e Gaëlle entraram em um relacionamento, e o resto — solta a respiração com um assobio —, bom, agora vocês sabem o resto.

— Morte por rolo de massa — Slate murmura, mas acho que só eu escuto.

— Ele não estava bem. Deveria ter previsto. Estava sempre obcecado com atear fogo nas coisas. Usava o maçarico nos insetos. Fogo fascinava Romain, o que fazia a paixão de Matthias por queimar coisas aflorar. Isso me assustava. — As bochechas de Gaëlle brilham com novas lágrimas. — Deveria saber. Deveria saber que sua mente não estava inteira.

O ar frígido assobia pelos pinheiros altos e oscilantes, depois roça pela crosta de neve e lambe o comprimento dos nossos corpos.

— Deveríamos todos ir para casa agora. Só o Quatrefoil sabe quando a próxima peça vai se manifestar. — Papa dá um pequeno sorriso, provavelmente tentando dissipar a tensão.

— Vou caminhar com você, Gaëlle — Adrien oferece.

Ela concorda. Chegamos juntas na motoneve de Papa. Carros não são permitidos no coração da cidade, mas a motoneve é; a motoneve de Papa, pelo menos. Assim que roncou pela rua, Matthias fez puf para fora da existência.

Papa acelera o motor.

— Está pronta para ir, *ma chérie*?

Mordo o lábio, olhando para Slate.

Como se estivesse pressentindo a direção dos meus pensamentos, Adrien afirma:

— Slate pode caminhar comigo e Gaëlle.

— Obrigado, Prof, mas estou planejando ficar por aqui mais um tempo.

Olho entre Papa e Slate por alguns segundos antes de me afastar da motoneve.

— Vou mostrar a casa a ele e depois voltamos juntos.

A boca de Papa forma uma linha.

— Não. Está escuro e…

— Tenho dezessete anos, Papa. E é *Brume*. Relativamente segura.

— Não quero você andando por Brume no escuro enquanto o Quatrefoil ainda não estiver inteiro.

— Ele está certo — Adrien diz. — Brume se torna perigosa com o Quatrefoil ativo.

— Deveria ouvi-los, Cadence. — A voz de Slate ecoa na escuridão. — Além do mais, só vou ficar por meia hora, estourando.

Vejo Adrien e Gaëlle trocando palavras rápidas, e depois ela anda na direção do motoneve e sobe.

— Vou esperar com eles, Rainier — Adrien afirma.

Papa demora para aceitar a oferta de Adrien.

— Você a leva até a porta da frente, certo, filho?

Adrien concorda. E aí a motoneve corta a neve, criando uma onda de flocos no seu rastro. Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco fofo, vou até Adrien e Slate. Acho que nunca senti tanto frio. Meus dentes batem e meus músculos parecem sacos de ervilha congelados.

— Leve-a para casa, Prof.

— Oi, estou bem aqui. Além disso, mais alguns minutos não vão me deixar mais fria. — Pego o telefone, tiro um dedo da luva e pressiono no app da lanterna. Assim que acende, enfio a mão de volta na lã úmida e vou até a frente da casa.

Bato os pés enquanto espero Adrien e Slate me alcançarem. Estão conversando. Sobre o quê, não faço ideia. Suas vozes são baixas demais e o vento alto demais e meus tímpanos anestesiados demais.

Slate já está pegando as chaves. Escolhe a chave correta de primeira. Até aí, a terceira chave é da caixa de correio, pequena demais para fechadura de uma casa. As dobradiças gemem conforme a porta da frente abre para dentro, esticando uma teia de aranha tão grossa e branca que parece uma das cortinas de renda da taverna. Eu ilumino o átrio, direcionando a luz para um lance de escadas que levam ao primeiro andar.

Vim só uma vez antes com Papa para ajudar a instalar a rampa que permite que entre em lugares impróprios para acessibilidade de cadeiras de rodas. Enquanto ele mostrava a casa para um homem de terno escuro, bifocais dourados e uma maleta, fui explorar.

— Ali é a sala de estar e a sala de jantar formal. — Direciono o telefone para a direita. — Do lado oposto é a cozinha e a sala de café da manhã.

— Não sabia que você já tinha vindo aqui. — Adrien esfrega as mãos energeticamente para mandar calor para os dedos, que com

certeza estão tão dormentes quanto os meus.

— Vim com Papa há alguns anos. Estava reavaliando a casa.

— Reavaliando? Se está quitada então não tem motivo para reavaliar. — Claro, Slate chega na conclusão que não mostra o melhor do meu pai. — A não ser que estivesse tentando pegar um empréstimo. Ou vendê-la.

— Talvez estivesse atualizando o seguro. Não me lembro.

Além de uma camada mais grossa de poeira e mais teias de aranha, tudo está exatamente igual – as paredes ainda são pintadas de um azul-celeste, os móveis de madeira patinada, o piso de carvalho claro. Ando na frente dele para a sala de estar, na direção da chaminé de granito na qual estão várias fotos em porta-retratos. A maioria foi desbotada pela luz do sol, mas o casal feliz sorrindo para câmera ainda é reconhecível. Eugenia, como o filho, tem uma juba selvagem de cachos pretos, mas seus olhos eram verdes. Slate ficou com os olhos do pai e a maior parte das feições do homem.

— Sua mãe costumava fazer esse sorvete caseiro de damasco no verão — Adrien diz enquanto Slate ergue uma das fotos da cornija.

— Esqueço que todo mundo conhecia eles por aqui. — Um nervo pula ao lado do seu olho. Ciúmes? Tristeza?

Adrien suspira.

— Brume é uma cidade pequena, Slate. Os dois eram professores muito amados.

— Os dois?

Ergo uma sobrancelha.

— Papa não te contou nada deles?

— Ele não foi muito livre com as informações. Fica prometendo que vai contar tudo depois que terminarmos de reunir o Quatrefoil.

Mordisco o lábio inferior, meu olhar indo para o anel fazendo uma tenda na sua luva.

— Sua mãe lecionava matemática e seu pai astronomia — Adrien diz. — Maman cresceu com seu pai. Sua mãe era do sul. Espanha, ou talvez Portugal? Meu pai os conhecia bem, caso queira conversar com ele. Tenho certeza que poderia contar algumas histórias.

Quero avisar a Slate para ficar longe de Geoffrey Keene, mas é óbvio que não posso fazer isso na frente de seu filho.

— Amandine de Morel e Eugenia Roland eram as beldades mais renomadas de Brume. Minha mãe sempre teve ciúmes. — Adrien sorri. — Mas amava demais as duas para não gostar delas de verdade.

— Sua mãe não tinha por que invejar as nossas, Adrien. — Sim, Eugenia era linda, mas Camille era notável e muito gentil. — Queria que todas ainda estivessem aqui.

— Mas não estão. — Slate retorna o porta retratos para a cornija tão abruptamente que confiro o vidro por trincos em teia.

Ele vai para a estante de livros aberta que separa as salas de estar e jantar. É cheia de volumes poeirentos sobre galáxias e buracos negros. Apesar da professora atual de astronomia ser fascinante, ouvi dizer que Oscar era bem animado e um ótimo professor. Seus estudantes o chamavam de encantador. Esse era o termo que com frequência era associado a ele. Mas até aí, brumianos tem tanto fascínio por magia que consideram tudo e todos nessa cidade mágicos. Mal sabem que não estão completamente errados. Reconheço, ninguém é mágico ainda. Mas se formos bem-sucedidos… *quando* formos bem-sucedidos…

O telefone de Adrien toca. Imagino que seja Papa.

— Oi, *bébé*.

Acho que não.

Algo pesado cai nos meus ombros e me sobressalto, quase derrubando o telefone.

— Está maluco? — Tento tirar o casaco que Slate colocou em cima de mim, mas ele segura as lapelas. O ar dentro da casa é frio o suficiente para fazer mercúrio solidificar, então não pode estar com calor. — Você vai congelar.

— E você vai bater os dentinhos bonitos até gastar o esmalte.

Começo a tirar o casaco, mas ele estica as mãos.

— Prometo que estou bem.

Antes que possa protestar mais, ele recua para o átrio e depois rodopia na direção da cozinha, iluminando o próprio caminho. Passo por Adrien, que ainda está conversando com Charlotte, atravesso a sala de café da manhã com a mesa redonda e as cadeiras de vime, depois irrompo na cozinha. Slate está passando a luz pela bancada de granito claro e armários de madeira pintados com um amarelo alegre.

— Eles gostavam mesmo de cores claras — diz.

— Não é seu estilo?

Um lado da sua boca engancha para cima.

— Sou uma cara mais para cinquenta-tons-de-cinza.

Meu rosto formiga com um rubor que tento conter com tudo. Por que não posso ser como Alma, que nem sabe o que é vergonha? Além disso, era óbvio que estava falando da cor e não do livro. O fato que minha mente foi para o livro é todo tipo de perturbado. Eu nem *li* o livro.

Culpo o frio e o fantasma.

Desvio o olhar, já que ele não o fez.

— Quer ver os quartos?

— Pensei que nunca fosse perguntar, Mademoiselle de Morel.

Reviro os olhos mesmo que não possa me ver fazendo isso já que estou de costas para ele.

Já que Adrien ainda está no telefone, somos só Slate e eu explorando.

— Você devia mesmo colocar o casaco. — Eu o tiro dos ombros e tento devolver, mas ele passa reto, o olhar percorrendo todos os centímetros do quarto dos pais, do colchão sem lençóis até a cabeceira entalhada, até o baú no pé da cama com as iniciais E.H.

Ele ergue a tampa e poeira sai numa lufada. Tossindo, bate o ar até desaparecer. Dentro tem pilhas organizadas de lençóis amarelados orlados com bordados chiques.

— Quer jantar depois daqui? — Não sei de onde *isso* saiu. Só pulou da minha boca enquanto estava analisando uma pintura preto e branco da universidade.

A tampa do baú fecha com um baque.

— Está me convidando para um encontro?

Calor novamente percorre meu corpo.

— Não um encontro. Apenas um jantar amigável.

Ele ri.

— Na taverna?

— Ou na minha casa. Estou certa que tem uma refeição quente nos esperando.

— Preciso mesmo de um elfo doméstico.

— Elfo doméstico? — Rodopio, e o feixe do telefone passa por sua garganta e camisa social preta.

— Nada. E sim, adoraria sair com você, Cadence, mas vamos para *La Taverne*. Não estou a fim de jantar à luz de velas com seu papa. Três é demais.

— Não é um encontro.

Ele sorri para mim.

— Uh-huh.

— Você é tão…

— Encantador?

— Não faça eu me arrepender de sugerir o jantar.

Passa o braço em volta dos meus ombros e me vira na direção do corredor.

— Notei mais uma porta neste andar.

Eu sei aonde leva.

— Por que não deixa para próxima visita?

Ele segura a maçaneta e vira, e já que o braço ainda está em volta dos meus ombros, quando para, eu também paro. A luz do seu telefone espalma sobre o berço azul marinho com o mobile de planetas, as quatro letras de madeira pintadas a mão sobre uma prateleira cheia de livros infantis, e o papel de parede roxo e azul de galáxia que está estufado em uma parede devido a uma infiltração recente.

Inclino o pescoço para olhar para ele. Só seus olhos se movem. O resto ficou sólido. Até mesmo seus lábios, normalmente macios, estão pressionados em uma linha firme. Enlaço os dedos na mão que colocou no meu ombro e aperto. O gesto o traz de volta à vida. As linhas no seu rosto suavizam primeiro, e depois o resto do corpo segue.

— É estranho que tenho ciúmes dessa criança? — A voz dele está tão rouca que faz meu coração se agitar.

Dou um sorriso, que não vê porque está olhando para o R, E, M e Y na prateleira. Deixo que olhe e depois aperto sua mão outra vez antes de soltar.

— Vem. Vamos tomar banho para tirar a sujeira de fantasma do corpo e colocar um pouco de comida nas nossas barrigas.

Seu pomo de Adão sobe e desce ao olhar pelo quarto uma última vez.

— Estamos falando de banho compartilhado?

Saio de baixo do seu braço.

— Você nunca para.

— Tem dois métodos garantidos de conseguir uma mulher: conquistando-a ou cansando-a. Já que continua a objetar ser conquistada, decidi te cansar.

Ergo uma sobrancelha.

— Tenho muito a dizer a esse respeito, mas antes, *quando* e *como* você tentou me conquistar?

— Paguei o jantar.

— Você quer dizer, depois de me chamar de bibliotecária adolescente e me deixar sentada sozinha na mesa?

— Você parecia que preferia estar sentada com outra pessoa. — Está me perguntando sobre Adrien e minha paixonite não correspondida. Uma pergunta que é óbvio que não posso responder quando o homem em questão está parado no andar abaixo de nós, batendo o telefone desligado na coxa e olhando para cima.

— Vocês dois estão prontos para irem?

Concordo lentamente.

— Vamos sair em um minuto.

Ainda batendo o telefone, ele dispara para fora da casa.

Eu me viro para Slate, com as mãos escorregando para a cintura.

— Tudo bem… então deixe-me retornar a pergunta. Por que você me paqueraria quando está interessado em outra pessoa?

Cruza os braços na frente do peito, amassando o algodão preto.

— Estou interessado em outra pessoa? Em quem estou interessado?

— Na garota que viu no poço. Sei que continua a dizer que não a ama, mas é claro que sente algo forte por ela se é a pessoa que apareceu.

Um cacho grosso cai em seus olhos.

— Ela é do tipo que você conquista ou que cansa? — falo entredentes.

Poderia soar mais ciumenta? E por que estou falando dela outra vez? Certo. Porque não quero ser a outra mulher… o caso de Brume. Ele disse que não estava namorando ninguém, mas isso não significa que não estava envolvido com ela de algum outro jeito.

— Ela é do tipo que cansa.

Não que gostasse de ser o tipo que cansa, mas agora estou com ciúmes de compartilhar o status com essa outra garota.

— Na verdade, é bem parecida com você.

Ótimo.

— Tem esses olhos azuis bem intensos. Tão claros que parecem geleiras, mas cercados por esse azul escuro e profundo como oceano. — Os lábios mal se movem quando acrescenta: — Nunca vi olhos como os dela. Bom, até a *groac'h* no poço usá-los para me atrair.

Isso não é verdade. Ele os viu em mim.

Seus braços soltam o nó, e aí ele está enfiando uma mão pelo cabelo.

— E eu que pensei que você tivesse descoberto.

— Descoberto o quê?

Ele solta um longo suspiro.

— Foi *você* que vi naquele poço, Cadence.

Minha respiração falha. Meu coração também. Todas as funções dos meus órgãos ficam suspensas conforme a confissão de Slate corre por mim. E depois tudo volta ao mesmo tempo, e meu coração

detona e eu arfo e depois que parei de fazer barulhos estrangulados, minha mandíbula se solta e os lábios se abrem.

— Eu? — Sai esganiçado. — Mas você disse que era… que ela não era de… que…

Sou inundada por memórias de como agiu estranho comigo a primeira vez que olhou no poço, e como ficou bravo quando Adrien mencionou que parecia com alguém por quem tínhamos sentimentos fortes.

Bato no seu peito.

— Ai. Pra que foi isso? — Slate esfrega o peito, dramático. Não bati com tanta força assim.

— Isso foi por me deixar com ciúmes.

— Como isso é *minha* culpa?

— Você mentiu sobre quem viu lá dentro.

— Mas é claro que menti. Mal te conheço, Cadence. Se admitisse isso, você teria surtado.

Totalmente.

— Mas quer saber o que me faz surtar mais ainda?

— Conte, o que te faz surtar mais do que minha confissão sincera?

— O tanto de ciúmes que senti da sereia e depois de Jasmine.

— Quem é Jasmine?

Ele está falando sério? Parece sério.

— A garota que estava em cima de você quando estava te mostrando o campus.

Ainda está esfregando o peito.

— Ah. Ela. Nem lembro se era loira ou morena.

Acertei um dos seus machucados? Poxa, devo ter acertado.

— Eu te machuquei?

Um sorriso torto toma conta.

— Muito. Acho que posso precisar de cuidados médicos, doutora.

Estou dividida entre o desejo de estrangulá-lo e beijá-lo.

— Deveríamos ir. Adrien está esperando.

— Ele está bem. — Finalmente para de esfregar o peito. — Pode esperar. — Coloca mão na minha mandíbula e a inclina para cima.

As batidas do meu coração estão tão altas e perto uma da outra que devem estar fazendo todas as seis camadas da minha roupa vibrarem.

A ponta do seu nariz toca na ponta do meu, e seu hálito esquenta meus lábios abertos. O único garoto que beijei foi Romain, e aqueles beijos sempre foram doces e amigáveis. Acho que beijar Slate não vai ser doce ou amigável. Lambo os lábios em preparação.

— Mal posso esperar pelo nosso encontro. — Ele se afasta, solta minha cabeça, mas encontra minha mão nas dobras do seu casaco e me arrasta para baixo.

Yep. Vou estrangulá-lo.

Provavelmente enquanto o beijo.

SLATE_

Controle-se, cara. Controle-se. Estou lutando contra mim mesmo. Não quero nada além de sentir o gosto de Cadence, enrolar meus dedos no seu cabelo, e beijá-la até que gema. Mas não o faço. Por quê?

Porque sou um cavalheiro.

Ou um masoquista.

Um dos dois.

Talvez os dois.

Ela sabe. Sabe que a vi no poço e não saiu correndo gritando. Isso já é um milagre. E ainda por cima estava com *ciúmes*? As coisas enfim estão melhorando para Slate Ardoin.

A não ser que minha confissão a tenha chocado para mentir. Ou talvez, só está tão afetada quanto eu e está se apaixonando muito forte e muito rápido por alguém que mal conhece. Eu a quero tanto que dói, mas sei quando não insistir. Ela precisa ditar o ritmo.

Saímos na sopa de névoa permanente, e solto a mão de Cadence para trancar a porta da casa.

Adrien está pulando nos calcanhares, provavelmente tentando evitar que o sangue congele.

— Até que enfim.

Meu telefone vibra: *Bastian.*

Enquanto pisoteamos a neve ao descermos pelo acesso de carro, respondo.

— Yo, maninho.

— Advinha onde estou?

— Euro Disney?

— Perto, mas não. Estou em Brume!

Paro de andar.

— O trem está chegando na estação. — Fala com a satisfação de alguém que acabou de limpar o estoque inteiro de madeleines do Carrefour para o irmão viciado em açúcar.

Pela primeira vez em muito tempo, nem consigo falar. Um milhão de pensamentos colidem na minha cabeça. Bastian não pode estar aqui. Pode se machucar. De nenhum maldito jeito vou deixar meu irmãozinho chegar perto de magia negra.

Adrien acena para continuar me movendo. Cadence ergue as sobrancelhas para mim como se para perguntar o que está acontecendo. De alguma maneira, encontro os atributos necessários para colocar um pé na frente do outro.

Cadence remove meu casaco e me entrega. Seguro firme, mas não o coloco.

— Hm… Slate? Ainda está aí, cara? — A voz do Bastian soa na minha orelha, ou talvez é meu ouvido que está zumbindo.

— Quem está tomando conta de Spike? — vocifero.

— Bom… ele é um cacto, então… imaginei que pudesse ficar alguns dias…

— Ele não é só um cacto. Ele é um *Agulha de Eva*, e precisa de cuidados. Dê meia volta, Bastian. Pedi para você fazer uma coisa, caralho: cuidar do Spike. Volte e faça isso. — Medo trás meu babaca interno à tona.

Ele não se afeta, acostumado demais com meus humores.

— Não. Ainda tenho duas semanas até as aulas começarem. De jeito nenhum volto para Marselha até ver Slate Nerd sentado em uma sala de aula. Quero prova que você está melhorando sua vida, e não surrupiando alguém.

— Surrupiando não é uma palavra.

— Na verdade é. O trem parou. Vou descer agora. Devo esperar aqui, ou quer me mandar o endereço do seu dormitório?

Suspiro.

— Merda. Tudo bem. Só me espere. Chego em dez minutos. — Desligo, depois coloco o casaco. — Vocês podem ir. Tenho que ir na estação de trem buscar meu irmão mais novo.

Agora é a vez de Adrien parar de andar.

— Irmão? — A voz dele é tão tensa quanto sua testa.

— Sim. Irmão. Irmão *adotivo* — acrescento, para que não comece a pensar que Bastian é páreo para próxima rodada dessa adorável caçada.

— Não é uma boa hora para visitas, Roland. Com a gente tentando reunir o Quatrefoil…

— Acha que não sei disso, porra? — Evito dar um soco nele e acelero. — Ele simplesmente deu as caras aqui. E não vai embora sem me ver.

— Vai ficar tudo bem. — Cadence toca o antebraço de Adrien, e apesar de saber que é para acalmá-lo, me irrita. — Vamos te acompanhar.

Adrien bufa, mas concorda.

Eu me toco que a presença de Bastian atrapalha os planos que tinha com Cadence.

— *Putain*. — Eu me viro para ela. — Nosso encontro.

Adrien tropeça. Se não o conhecesse, pensaria que não gostou da ideia de Cadence ir em um encontro.

Mesmo no escuro, vejo manchas vermelhas subindo pelos lados do rosto dela. Poderia ter usado a palavra jantar, mas foi uma escolha deliberada. Reconheço que isso me deixa no mesmo nível de um cachorro marcando o território, mas quero que Adrien saiba.

Ele me dá um olhar atravessado, e juro que seus olhos lampejam com um aviso: *não brinque com ela*.

— Não sabia que vocês dois estavam… *namorando*.

— Não estamos — Cadence tagarela, e caralho se isso não lasca um pedacinho do meu ego. — Só íamos dividir um jantar amigável na taverna. Você é mais do que bem-vindo a se juntar a nós.

Para o caralho que é.

— Vou encontrar Charlotte. — Ele me dá outra olhada. — E se não nos apressarmos, vou me atrasar.

Acho que acabei completamente com o encontro, mas aí Cadence vira para mim.

— Que tal se ligar para Alma? Quatro é um número melhor do que três.

Meu ego lascado se reforma e solidifica.

— A não ser que você queira um tempo a sós com seu irmão? — Seu olhar me cobre como a maré.

Eu me controlo para não gritar *não, porra*, não quero exalar desespero, um sentimento que é muito novo e indesejado.

— Se ficar sozinho com ele, vai pressentir que tem alguma coisa errada, então com certeza chame sua amiga. — Depois acrescento: — Preciso tirá-lo da cidade. Talvez possamos deixá-lo bêbado o bastante para entrar em um trem de volta a Marselha antes do alvorecer.

A estação já está em vista. Posso ver as letras brancas brilhantes soletrando *GARE*, como espectros na névoa Brumiana.

Um punhado de minutos depois, estamos parados na frente do prédio.

— Sua parada — Adrien anuncia.

Eu me afasto. Apesar de não esperar que Cadence siga, ela o faz.

— Cadence, prometi a Rainier que te levaria até a porta da sua casa.

Ela dá um sorriso tranquilizador para Adrien.

— Estou bem. Estou com Slate.

— Seu pai disse…

Inclino a cabeça para ele.

— Não achava que você era desse tipo, Mercier.

— Que tipo? — Adrien fala amargo.

— Do tipo que pergunta “quão alto” quando alguém diz “pule”.

Cadence semicerra os olhos para mim.

— Se chama ser responsável. — Baixinho, acrescenta: — Talvez isso foi uma má ideia. Talvez devesse ir para casa.

Pânico flameja no meu peito. Apesar das palavras não quererem sair, eu as forço entredentes.

— Desculpe por descontar em você, Prof, mas todo mundo sempre presume que sou irresponsável, e isso cansa.

Os dentes de Adrien permanecem apertados. Espero que sua luta interna se dê por dever e não ciúmes.

Depois de mais um minuto carregado, a respiração de Cadence bufa como o fantasma do marido morto da Gaëlle.

— Vou ligar para Papa, então você está liberado, Adrien. Obrigada por andar conosco, e por se preocupar comigo.

— Sempre vou me preocupar com você.

Ela sorri para ele, que segura seu olhar por um segundo a mais do que devia.

— Se precisar de alguma coisa, me ligue. — Os olhos de Adrien se voltam para mim. — E garanta que ela chegue bem em casa.

— Aye aye, Prof.

Ela acena conforme ele parte.

— Não faça eu me arrepender de ficar. — Suas palavras sussurradas batem forte em mim.

— Talvez também esteja com ciúmes. — Com ciúmes de como ela se sente sobre ele e como ele se sente sobre ela. Com ciúmes da história compartilhada e familiaridade deles.

Ela inclina a cabeça para cima.

— Adrien é importante para mim, Slate – sempre será importante para mim –, mas você é o cara com quem estou indo jantar. Não ele.

Mas isso é por que ele está ocupado com Charlotte? Engulo a pergunta, que parece amargar a boca.

Enquanto estudo seu rosto com formato de coração, me pergunto se minha atração por Cadence poderia ser outra maldição Brumiana. Quero dizer, eu *nunca* desejei nada ou ninguém mais do que essa garota, e sou um homem com muitos desejos. Bastian diz que é para compensar não ter possuído muito durante a infância.

Merda! Bastian.

Eu me viro na direção da estação, que é bem grande para uma cidadezinha no meio do cu do mundo. Como todas as coisas aqui, é feita de calcário cinza envelhecido e parece que saiu daquelas vilas de Natal de miniatura colecionável que Bastian adora. Nunca entendi o fascínio com cidadezinhas falsas de Natal, muito brega e enjoativo para mim. Mas Bastian tem uma queda por elas. Inferno, lembro do seu rosto quando o surpreendi no seu aniversário de quatorze anos com uma caminhada noturna por uma daquelas lojas chiques que tinha dezenas dessas cidadezinhas montadas.

Trabalhara temporariamente lá durante as festividades e conseguira afanar não só a chave, mas o código do alarme. Ele passara bem mais que uma hora babando nas pequenas catedrais e pistas de patinação no gelo e casas de gengibre, com os olhos lacrimejando e lábios trêmulos. Disse a ele para pegar uma, que me preocuparia com as consequências. Honesto como era, se recusou. Então, voltamos de mãos vazias, para uma casa que sempre cheirava a pé de atleta, cerveja quente e camembert vencido.

Desalojo a memória da cabeça conforme Cadence e eu passamos sob um relógio iluminado com um bruxo mecânico alegre que bate um sino a cada hora. Percebo que são apenas sete horas, apesar de parecer meia noite. O cheiro de castanhas quentes explode em mim e faz meu estômago roncar como um rottweiler.

Cadence sorri.

— Com fome?

— Poderia comer. — Estou tão aliviado com a aparição do seu sorriso que quase não escuto o som do meu nome.

Bastian está parado ao lado da sala de informações no outro lado da estação, um panfleto pendurado na mão. Só a imagem dele faz meus lábios se curvarem – óculos de armação preta tortos no seu nariz e casaco de lã azul marinho engolindo o corpo de espantalho. *Putain*, eu amo esse garoto. Mas meu sorriso se transforma em uma grande carranca. Por mais que esteja feliz de vê-lo, preciso mandá-lo embora o mais rápido possível.

Enfia o panfleto de volta no suporte, joga a mochila no ombro, e me encontra no meio do caminho.

— Irmãozão! — Ele me soca no ombro, me dando um meio abraço, mas aí seu sorriso desfalece. — Você arrumou uma briga?

Coloco a mão na mordida no queixo, grato por ele não ter visto o curativo na minha nuca que parece encharcado outra vez.

— A boa notícia é: ganhei.

— E eu que pensei que um pouco de aprendizado poderia te civilizar.

— E eu que pensei que você me conhecia.

Seu olhar passa por cima do meu ombro até Cadence, que está afastada nos dando um pouco de privacidade.

— *Bienvenue*. — Ela dá um sorriso a Bastian que o faz ficar um pouco vermelho.

— Nem me surpreende que você não estava retornando minhas ligações — fala baixinho ao desviar de mim para alcançá-la. — Oi. Sou Bastian.

— Cadence. — Ela se aproxima e dá um beijo em cada bochecha dele, o cumprimento normal francês, nada mais, mas me pego fazendo uma careta.

Bastian, um expert em todas as coisas Slate, ergue uma sobrancelha. Cruzo os braços e aperto os lábios em uma linha firme. Ele me dá o mais leve dos acenos, que é conversa de manos para: *Entendi. A garota está fora do páreo.*

— Estávamos pensando em jantar hoje à noite. — Cadence coloca uma mão no meu braço, um ponto de calor na estação congelante. — A não ser que queira matar a saudade de Slate sozinho.

— Não. Jantar com você e Slate parece incrível. — O início de um sorriso cresce em seus lábios.

Eu sei o motivo desse sorriso. Nunca jantei com uma mulher de quem não quisesse arrancar informações. Cinco dias em Brume, e sou um novo homem.

A parte mais louca é que eu meio que gosto desse novo rapaz.

Um nó se forma na garganta. Quem diabos estou enganando? Estou *preso* aqui e tentando fazer o melhor da minha contenção.

Toda essa cena não condiz com minha vida. Esse novo eu não condiz com minha vida. Não é como se fosse ficar um segundo além do necessário depois que tirar o anel do dedo.

Cadence solta meu braço para puxar o pompom do gorro.

— Vou para casa trocar de roupa, depois encontro vocês dois na taverna. Oito horas está bom?

— Fui encarregado — ou melhor, me encarreguei — da sua segurança, então vamos com você.

Os lábios de Cadence se abrem como se para protestar.

— Bastian adora turistar quase tanto quanto você ama seus velhos livros poeirentos, então vai dar a ele a chance de ver todos os melhores lugares de Brume.

— Não tem nenhum lugar bom — diz, com uma pequena curva nos lábios.

— E eu não sei. — Quero colocar o braço em volta dela outra vez, ou pegar sua mão. Não faço nenhum dos dois. Em parte, porque não tenho certeza se quer o contato, e em parte, porque eu *nunca* andei de mãos dadas com ninguém antes. Como sempre, meus olhos congelam quando saímos da estação. — Bem-vindo a Brume, também conhecida como Fenda Gelada do Inferno.

Cadence sorri e balança a cabeça enquanto Bastian dá uma risadinha.

— Fenda Gelada… — repete, sorvendo os postes de luz brilhantes, os paralelepípedos, a névoa rastejando por nós como uma serpente gigante. — Você é tão dramático.

Pela primeira vez, não sou. Pela primeira vez, sou terrivelmente realista.

Conforme entramos na parte fortificada da cidade na base da colina, Bastian inunda Cadence com perguntas sobre Brume, e ela responde alegremente. É só quando diz:

— Então, você acha que tinha mesmo magia aqui no passado? — Que ela morde o lábio inferior e dá de ombros, sua alegria se transformando em desconforto.

E aí, porque a cidade é do tamanho de um ovo, chegamos na frente dos grandes portões de ferro da *Manoir de Morel*.

— Uau. — Bastian solta um assobio de aprovação para a casa.

Diferente de mim, riqueza não provoca inveja nele. Não que ainda seja pobre. Apesar de ainda não saber o quanto é rico. Com sorte, não vai saber por um bom tempo, porque ele descobrir significa que morri, e não tenho intenção de morrer.

— Vamos te buscar dez pras oito — informo enquanto ela pega as chaves.

— Slate…

— Cadence.

— Isso é desnecessário, de verdade.

Quero tocá-la, mas mantenho as mãos nos bolsos e me afasto.

— Dez pras oito.

Uma lufada sai dos seus lábios e branqueia o ar.

— Tá bom.

Depois que Cadence está em segurança dentro de casa, Bastian praticamente me atropela com perguntas sobre a universidade. Respondo o mais honestamente possível, deixando de fora a parte de não estar frequentando as aulas de verdade e objetos mágicos amaldiçoados.

Eu o levo pelas escadas até o Segundo Kelc'h, e rodeamos a praça. Ele fica maravilhado com o estado de vila de Natal desse lugar, dos telhados inclinados que brilham como escamas de peixes até os paralelepípedos cintilantes polvilhados com neve fresca. Brume, pelos seus olhos, é um lugar mágico. Se ele soubesse até onde vai a magia.

Passamos um grupo de garotas que olha para nós. Ele endireita os óculos.

— Então, a melhor amiga da Cadence vai no jantar hoje.

— É?

— Acho que vai gostar dela. — Apague isso. Eu sei que vai gostar dela. Mas de repente, não quero que goste porque gostar dela o faria querer ficar, e não quero que fique. Talvez devesse cancelar o jantar.

— E aí, como você e Cadence se conheceram?

— Lembra daquele reitor pomposo que mandou meu envelope de boas-vindas? É a filha dele.

— Nem pensar. Quer dizer, *dãr*. A mansão tinha o nome no portão.

Coloco o código na porta do dormitório.

— Antes que pergunte, não estamos juntos.

— Mas é óbvio que você não faria objeções a isso. — Ele me segue pelo lance de escadas instáveis.

— A única coisa que é óbvia é que não quero que ela fique com ninguém mais. — Viro a chave no trinco e apresento meu dormitório do tamanho de uma caixa de fósforo para Bastian com uma grande mesura.

Um sorriso ameaça partir seu rosto no meio. Acho que não tem nada a ver com a aparência da minha presente acomodação.

— Nunca pensei que o mulherengo Slate Ardoin fosse querer compromisso.

Faço um barulho zombeteiro.

— Ninguém está se comprometendo. — Tiro o casaco, luvas e camisa e os jogo na cama, depois tiro as botas enlameadas e jeans, mas fico de cueca. — Preciso de um banho.

Bastian se deita na pequena cama.

— Vai ser como nos velhos tempos.

O que ele quer dizer com isso é: ele vai se enrolar no chão ao lado da minha cama, o que era algo que costumava fazer quando tínhamos quartos separados nos nossos lares temporários. Todas as vezes eu o encontrava, pegava e deitava na minha cama, depois tomava seu lugar no chão de madeira, e já que sempre teve sono pesado, não percebia até o amanhecer.

Penso em emprestar o quarto de hóspedes de Cadence outra vez, mas deixar Bastian sozinho em uma cidade má não parece certo para mim. Engancho a toalha em volta do pescoço para que Bastian não veja o curativo, depois pego o frasco de sabonete e o saco de papel cheio de curativos, lenços umedecidos com álcool, e pomada antibiótica.

— Onde você conseguiu esse negócio feio?

Meu olhar vai para a mão que curvei na maçaneta e a grande pedra vermelha piscando como um olho de cobra.

— Encontrei em uma loja vintage.

Bastian o estuda, depois os acres de hematomas no meu corpo.

— A loja vintage tinha um bom gancho.

Dou um sorriso.

— Já pregaram cartazes de procurado com sua cara?

Dou uma risadinha.

— Nope. — Estalo a palavra. — Precisariam tirar uma foto minha em ação, e me conhece: sou a furtividade em pessoa.

— Slate…

Pressentindo um sermão, digo:

— Prometo, não estou em problemas. — Pelo menos não do tipo que está pensando. Odeio mentir para ele, mas preciso mantê-lo a salvo. Se isso significar desonestidade, que seja. — Fique confortável. Volto logo.

CADENCE_

Quando chegamos na *La Taverne*, Alma está parada do lado de fora usando botas até as coxas, meia calça preta translúcida, e uma mini saia jeans que faz meu jeans preto justo, uma blusa gola em V, e cardigã sobretudo parecerem roupas de usar em casa. Pelo menos Slate não a olha da cabeça aos pés como fez comigo quando me buscou.

Durante a curta caminhada até a praça da cidade, ele mal tirou os olhos dos meus. Provavelmente porque fiz um penteado no cabelo e passei um pouco de rímel e delineador.

É óbvio que Alma percebe.

— Uau. É maquiagem que estou vendo?

Estou um pouco tentada a tirar.

— Mana, seus olhos — fala, antes de se virar para os garotos. — Oi, Slate. — Ela inclina a cabeça para o lado para dar uma olhadela em Bastian, que no momento está estudando o poço como uma criança em uma loja de doces, pescoço virando para todos os lados e olhos grandes como bolas de chiclete.

Slate segue o olhar de Alma até Bastian, e seu corpo fica tenso. Envolvo seu braço com a mão, roubando sua atenção da arena na qual lutou, e digo sem som: *Ela morreu*.

Seu pomo de Adão se move.

Quando Bastian, que está correndo até nós, vê Alma, pausa no meio do passo e ajeita os óculos – *duas vezes*. Ela o cumprimenta com o costumeiro *bise*. De salto, é só meia cabeça mais baixa do que o magrelo Bastian.

Magrelo, *deslumbrado* Bastian.

— Ouvi dizer que você é irmão do Slate. — Ela olha entre os dois garotos, de certo procurando alguma semelhança. Não vai encontrar uma. A pele de Bastian não só é vários tons mais escura mas também não compartilham nenhuma feição similar. Ela deve decidir não bisbilhotar, porque continua: — Quero *todas* as histórias. Quanto mais vergonhosas melhor.

— Não, nada de histórias — Slate diz, abrindo a porta para todo mundo.

Quando passo por ele, seu cheiro limpo e amadeirado flutua até mim, me fazendo respirar tão fundo que acho que percebe, apesar de nenhum comentário presunçoso sair de sua boca. Mas até aí, sua boca ainda está tensa e o olhar continua a pular para o poço. Mordisco o lábio, desejando que tivesse uma maneira de escondê-lo do seu olhar.

Alma abre a cortina pesada, dispersando o aroma de manteiga derretida, cebolas douradas e alho frito. Muito, mas muito alho. Nós Bretões amamos nosso alho. Quase tanto quanto amamos nossas músicas francesas. Sobre o retinir de vozes se derrama uma música vintage da banda de folk rock *Louise Attaque*.

Nolwenn, que está passando com uma panela pesada de argila, acena para a área do segundo andar.

— Guardei uma mesa de canto ao lado da escada para você.

— Obrigada, Nolwenn.

Ela sorri, mas não ajuda muito a alisar a miríade de pequenas linhas cruzando seu rosto. Está preocupada e cansada. Acho que

não deveria estar trabalhando, mas a última vez que mencionei tirar uma folga, ela disse que ociosidade é o mal dos franceses, e que vai descansar quando os ossos forem colocados em seu descanso eterno na cripta da família. Isso me faz pensar que um dia, deveríamos transportar os ossos de Matthias da propriedade de Slate e para aquela cripta.

Balanço a cabeça, dissipando pensamentos de cemitérios e morte. Quero celebrar a vida esta noite.

Viver.

Sobreviver.

Devo ter deixado alguma coisa passar, porque Bastian e Alma estão rindo, os olhares indo para Slate que não está dando risada, mas *está* sorrindo.

— Pode rir, maninho — fala, subindo as escadas. — Tenho muitas histórias suas para compartilhar.

Bastian fica sério, mas depois olha para Slate e volta a gargalhar.

— Posso rir como uma garota, mas pelo menos não me visto como uma.

Alma joga a cabeça para trás e derrama aquela risada alta e contagiante dela por todo restaurante. É o tipo de risada que faz todo mundo olhar e querer se juntar a ela, mesmo que não façam ideia do que é engraçado.

— Um kilt não é uma saia — Slate resmunga. — E mais, tenho ótimas pernas. Estava gostoso em uma saia.

— Não duvidamos que você estava gostoso — Alma ronrona, me dando uma cotovelada antes de escorregar no banco de madeira ao longo da parede.

Slate tira o casaco e o joga no assento de banco do lado de Bastian, depois me surpreende ao me ajudar a tirar meu casaco fofo

prateado. Ele o entrega para o irmão, que o coloca sobre a pilha crescente de casacos.

Sento na cadeira na frente de Alma, e depois Slate se acomoda ao meu lado, casualmente passando o braço sobre o encosto da minha cadeira.

Nervosa, me empertigo, mantendo distância do seu braço.

— Não ouvi a parte do por quê você usou um kilt.

— Foi para um trabalho.

— Que tipo de trabalho requer um kilt? — Por acaso eu quero saber?

Alma serve água da jarra já colocada em nossa mesa.

— Você era um acompanhante?

— Não era esse tipo de trabalho.

Ela repousa a jarra e coloca os dois cotovelos sobre a mesa.

— Que tipo de trabalho era?

— Um lucrativo — fala enigmático.

Minha mente vai direto para um roubo. Afinal, é isso que Slate faz.

Ele ergue a mão para chamar atenção da garçonete temporária que Nolwenn contratou da universidade. Enquanto pede um vinho e um prato de aperitivos de queijos e carnes curadas, vejo Alma apontando os outros clientes para Bastian, dando a ele nomes e anedotas. Algumas vezes, acho que Alma deveria estar estudando jornalismo, e não ciências políticas. Seria uma ótima colunista de fofocas.

Escuto o nome Liron escapar de seus lábios e me viro para onde está olhando. O ex dela está sentado à mesa com alguns de seus amigos, um deles é Paul. O rosto dele se enche de calor quando nossos olhares se encontram. Até suas orelhas ganham um tom de vermelho mais intenso do que seu cabelo. Dou um sorriso e aceno.

Sua testa franze, como se estivesse surpreso com a atenção, o que é estranho porque sempre digo *oi*. Ao me voltar, pego Slate o fuzilando. Acho que os dois se conheceram e não se deram bem. Suspeito que Slate não se dá bem com muitas pessoas.

O vinho chega e é servido. Alma ergue a taça e brinda à novas amizades. Tocamos as taças e bebemos. Começo a me reclinar, mas sinto o braço de Slate e praticamente pulo de volta para frente. Seco o vinho mais rápido do que devia, mas meu dia foi difícil, e estou esgotada. Slate enche meu copo antes de virar o dele e se servir de mais um pouco.

Enquanto Alma conta a história da taverna para Bastian, Slate estica a taça para a minha e murmura:

— Dois já foram, faltam dois.

Inclino minha taça contra a dele, mesmo que seu brinde tenha acabado de desencadear as reviravoltas do meu estômago. E se for a próxima?

— Estou assustada — murmuro.

Sua mandíbula fica mais quadrada ao se aproximar e empurrar uma mecha de cabelo para trás da minha orelha.

— Vou estar ao seu lado o caminho todo. Assim como você esteve do meu.

Não estava só ao lado dele; também estava na sua frente. *Eu* era sua maldição.

— Como pode suportar olhar para mim depois daquilo? — Mantenho a voz baixa, não que estejam prestando atenção em nós.

Minha pergunta atenua a faísca em seus olhos escuros.

— Ela pode ter usado seu rosto, mas não era você, Cadence.

Deslizo o lábio inferior na boca.

— Ainda assim.

— Acredite em mim, ela precisava de um dentista. Urgente. — Esfrega o queixo, roçando a cicatriz que criou casquinha sob a barba preta.

Quero pressionar os lábios na ferida, trocar a memória da boca dela pela minha, mas os aperitivos chegam junto com uma cesta de baguete e varrem para longe minhas contemplações audaciosas. Eu quase me jogo na comida, antes de me jogar de volta no vinho. Deveria ir devagar, mas quero que o álcool acalme meu estômago e destrua minhas inibições. Depois da terceira taça, minha cabeça começa a parecer deliciosamente difusa, e me reclino na cadeira, sem me contorcer para longe do braço dele desta vez.

Alma ergue o copo de água.

— Mas não é real.

Bastian pega um picles e morde.

— Cadence disse que pode ser.

— O que pode ser? — pergunto.

— O Quatrefoil — Alma responde.

— Ah. — Tusso, mas ainda soo como se tivesse um pedaço de pão preso na garganta quando digo: — Quem sabe.

Alma enrola uma mecha de cabelo castanho claro no dedo.

— Quão incrível seria se *fosse* real?

Seus olhos brilham com o prospecto ou pela quantidade de álcool que consumiu. Ou talvez seja a proximidade de Bastian. Posso ver que Alma acha que é bonitinho porque deu tapinhas na sua bochecha, tocou seu bíceps, apertou o ombro mais de uma vez. Acho que ele não se importa com a atenção tátil da minha amiga, tendo em vista que todo seu torso está angulado na direção dela.

Slate limpa a garganta.

— De acordo com a história da cidade, a magia só pode ser trazida de volta ao se reunir quatro folhas douradas.

— E se elas foram reunidas? — Alma sussurra conspiratória.

Enrijeço. O polegar de Slate roça nas minhas costas, batendo na alça do meu sutiã antes de descer outra vez. A Cadence sóbria de pedra, que não passou a tarde desenterrando um túmulo, teria se afastado, mas a Cadence meio embriagada, que ajudou a matar um monstro, se derrete no toque.

Seu cheiro me atinge de novo, e respiro fundo. Apesar de provavelmente ser o vinho, sinto como se todas as minhas veias estivessem dilatando. Olho para ele, o encontro já olhando para mim. O ambiente embaça ao redor de nós dois – a música de rock suave grunhida por Johnny Halliday se torna um retumbar distante e os rostos de Alma e Bastian se misturam.

— Folhas douradas — escuto alguém dizer na névoa da minha mente.

Não é Slate, porque seus lábios estão imóveis. Só a mandíbula e pomo de Adão se movem, e seu polegar. Deus, aquele polegar.

— Se são de ouro mesmo, aposto que Slate pode encontrá-las. Eu juro, meu irmão é tipo um detector de metal humano. O que diz de as procurarmos?

O dedo de Slate congela no meio de uma passada, e o mundo desmorona ao nosso redor.

— Não. — Ele volta a atenção para Bastian. — Magia não é real. Seu amiguinho Harry Porter não é real.

— Potter — Bastian corrige. — Você sabe muito bem que é Potter.

— É, tá. Ele. — Slate se move no assento, o braço caindo do encosto da minha cadeira.

— Você é um grande estraga prazeres de vez em quando.

Slate empurra os ombros para trás, que na sua blusa de gola rolê preta, parecem bem largos.

— Apenas me atendo a realidade, maninho.

— Eu sei. — Bastian dá um sorriso cheio de afeição a ele.

— Quanto tempo vocês dois se conhecem? — pergunto.

— Desde que eu tinha onze anos, e Slate tinha treze mas parecendo quarenta.

Apenas dois anos de diferença… Teria dito mais.

Alma envolve uma fatia de Emmental em um *cornichon* e morde.

— E conseguiram ficar juntos no sistema? É fácil de se fazer?

— Não. Mas se alguém pode fazer as coisas acontecerem – *qualquer coisa* acontecer – é esse cara. — Bastian aponta para Slate com o polegar.

Aparentemente, receber elogios deixa Slate desconfortável, porque cruza os braços.

— Sabe o que ele fez quando entrei na faculdade? — Bastian continua.

— Conte. — Alma enche a água e o vinho de todo mundo.

Slate está estranhamente quieto, e apesar de seus olhos estarem fixos em Bastian, parece estar em outro lugar, perdido no passado.

— Mudou para Marselha para morar perto de mim. Comprou um apartamento onde tenho meu próprio quarto sempre que quiser sair dos dormitórios.

É esclarecedor ver Slate pelos olhos de Bastian, por quem está claro que significa o mundo, mas também é perigoso. Perigoso, porque tenho sentimentos por este garoto insuportável, e vão além da fase de uma simples paixonite. Muito além de qualquer sentimento que algum dia tive por outro homem. Até mesmo por Adrien.

O que me preocupa não é que não são mútuos. O que me preocupa é o que vai acontecer quando o anel sair. Pode ter uma

casa aqui, conexões nesta cidade, mas ele odeia tudo em Brume.

— Isso é bem legal da sua parte. — Minha voz está embargada com emoção.

Com uma piscada lenta, Slate desliza de volta para o presente.

— Nada de legal nisso. Apenas normal.

— Não, não é, Slate. — Bastian empurra os óculos com armação de plástico mais para cima no nariz. — Mas até aí, você não é normal.

Slate balança de leve a cabeça.

— Só estava contente de ter uma desculpa para deixar St. Tropez. Que maldita espelunca era aquilo. — Slate ergue a garrafa de vinho vazia e dá um tapinha. — Precisamos de mais. Não aguento toda essa sentimentalidade.

Alma chuta meu tornozelo sob a mesa para chamar minha atenção. No segundo que olho na sua direção, ela forma um coração rápido com os indicadores e polegares. O vinho subiu minha temperatura corporal, mas o gesto faz alcançar um novo patamar de quente. Por sorte, nossos pratos principais chegaram, o que deixou os garotos distraídos.

— Você reservou um quarto de hotel, Bastian? — Alma pergunta de repente sobre uma mordida de tamboril frito.

— Tem um hotel em Brume? — Slate pergunta.

— Em Brume? — Alma dá uma risadinha. — Não. Na próxima cidade.

— Tenho um quarto de hóspedes. Se você ou Slate precisarem de uma cama extra. — Meu coração acelera com a ideia de Slate dormir na minha casa outra vez.

— Bastian e eu estamos acostumados com dormir em locais apertados.

Não sei bem o que isso significa, mas mesmo assim não insisto.

— A oferta não expira, caso mude de ideia.

Assentindo, Slate engole uma grande porção de carne ensopada, depois limpa a boca no guardanapo xadrez. Por um momento, fico presa olhando para seus lábios, me perguntando como a noite teria sido se Bastian não tivesse aparecido em Brume. Não que me arrependo de alguma coisa deste jantar. Minha melhor amiga está aqui, e aprendi muito sobre Slate.

Ele se inclina para frente e coloca a boca na minha orelha.

— É melhor parar de olhar para mim desse jeito, Mademoiselle de Morel.

Meu corpo se inunda com mais calor, o que me faz tirar meu cardigã. Alma se levanta num pulo, informando que vai sair para fumar, e se Bastian quer ir? Ela é uma fumante social, não que isso faz seu hábito ser bom, mas pelo menos não é viciada. Bastian nem hesita.

Depois que se foram, Slate angula o corpo na minha direção e suas pernas se abrem em volta da minha cadeira.

— Bastian nem mesmo fuma.

— Não? — Meu pulso está batendo tão loucamente que tenho cem por cento de certeza que os contornos do meu corpo estão difusos.

Slate solta os dedos com os quais estou estrangulando o garfo na haste fina e os enlaça com os dele, os puxando para sua coxa dura.

— Não é a noite que tinha em mente — fala, todo baixo e rouco.

— Estou gostando bastante. — Como queria que minha voz não estivesse tremendo tanto quanto meu corpo.

Ele sorri, mas não com a boca… com os olhos.

Lambo os lábios, o que faz seu olhar ir nesta direção. Ele não está mais sorrindo quando volta o olhar para o meu; está cogitando.

Estou ocupada demais passando por um colapso total do organismo para fazer muita cogitação. Isso sequer é uma palavra?

De repente me pergunto por que estou esperando a deixa dele quando sou muito capaz. Dedos apertando em volta dos dele, começo a me inclinar para frente, mas entro em pânico e congelo a quatro centímetros da sua boca.

A mão de Slate se enrola no meu cabelo, ancorando meu rosto perto do seu.

— Sou problema, Cadence.

— Eu sei.

— Acho que não sabe. Não sou o tipo de cara que você leva para casa para conhecer o Papai.

Balanço a cabeça, ou pelo menos tento.

— Você já foi na minha casa e conheceu *Papa*. Além do mais, não preciso da aprovação dele, Slate.

Seus olhos vagam pelos meus.

Pressentindo sua dúvida, eu o desafio.

— Mas, bom, se precisa da aprovação dele…

— Não preciso da aprovação de ninguém além da sua. — Suas feições endurecem com a aquela autoconfiança que costumava achar tão ofensivo até compreender o quanto precisou lutar para merecê-la.

— Você tem a minha, Slate.

Ele se move para perto. Quando sua boca está a um fio de cabelo da minha, murmura:

— Acho que pode ter me enfeitiçado, Mademoiselle de Morel.

Sorrio, o coração acertando as costelas com tanta violência que temo que possa me tornar uma pilha de ossos estilhaçados e carne fumegante.

As pontas dos seus dedos enrijecem no meu cabelo, e depois inclina a cabeça e encaixa a boca na minha. Minha respiração entrecorta; minha pulsação também.

Isso está acontecendo.

Isso está acontecendo mesmo.

O beijo é gentil no começo, como se estivesse aprendendo a forma da minha boca, e depois sua pressão firma, moldando meus lábios aos dele. Ergo a mão que não está segurando para seu ombro e o aperto, preocupada que possa cair da cadeira. Em perfeita sincronia, nossos lábios se abrem e nossas línguas se encontram.

O beijo se torna sujo, quase violento. E estou assustada com o quanto adoro. Com o pouco me importo que estamos aos amassos no local mais popular da cidade.

Afundo os dedos com mais força em seu ombro, e ele geme, e acho que acertei um hematoma e começo a me afastar, mas os dedos flexionam na minha nuca, apertando a boca contra a dele. Suponho que não deva estar sentindo dor. Ainda assim, eu o toco com mais leveza, e depois deslizo a mão na direção do seu pescoço. Quando roço a ponta do curativo sob a blusa de gola rolê de algodão, ele pula para longe de mim.

Bato a mão na boca.

— Desculpa. Você está bem?

Ele está ofegante, e eu também.

— Sim. Só um reflexo. — Arrasta meus dedos para longe da boca e os enlaça com os dele. — Quem diria que bibliotecárias poderiam ser tão lascivas?

Sua boca caça a minha outra vez, e a pega. A segunda rodada é mais lenta, doce, ainda mais com nossas mãos unidas e seus dedos roçando os nós dos meus dedos.

Um leve gritinho me faz pular para longe e corar até as raízes do cabelo. Alma está subindo titubeante as escadas, Bastian logo atrás.

Procuro em seu olhar de óculos por desaprovação, mas não encontro.

Quando os dois se sentam, ele diz:

— E eu que vim para Brume porque estava preocupado com Slate. Deveria saber que não precisava.

— Agora que está tranquilizado, pode ir embora. — Slate solta uma das minhas mãos, mas não a outra, e se reclina, parecendo um homem satisfeito enquanto eu devo parecer uma pré-adolescente com alergia no rosto.

— Poderia. — Bastian se inclina para frente, braços cruzados na mesa. — Mas acho que vou ficar mais um tempo. Só até a aula começar. Spike não chega nem aos pés do tanto que vocês são divertidos e tagarelas.

— Spike? — Alma pergunta, sobrancelhas se erguendo.

Bastian sorri.

— Spike é o orgulho e alegria de Slate.

Slate balança a cabeça, mas um canto da sua boca virou para cima. Lembro vagamente dele mencionar o nome pelo telefone mais cedo.

— É um cachorro? — Alma pergunta.

— Uma mistura de Pastor Alemão com Pug, talvez? — Pisco para Slate.

Bastian franze o cenho.

— Ignore a Mademoiselle de Morel. O vinho subiu à cabeça.

Aperto suas costelas, mas depois empalideço porque é provável que tenha acabado de acertar um hematoma.

— Desculpe.

Ele aperta minha mão, o sorriso chegando aos olhos.

— Spike é um cacto — Bastian finalmente anuncia.

— Você deu nome a um cacto? — solto de uma vez.

— Um Agulha de Eva — Slate diz, como se isso de alguma forma fizesse seu batismo de planta mais normal.

Outra vez, pergunto:

— Você deu nome a um cacto?

— Sim. Dei nome ao meu cacto.

— Você dá nome a muitas coisas inanimadas, Slate? — Alma pergunta.

Bastian dá risadinhas, mas Slate não.

Bem sério, responde:

— Spike é muito animado. Como todas as outras coisas que nomeio.

Alma joga a cabeça para trás e gargalha, o que faz Bastian rir. Eu me pego sorrindo. E não só com este momento, mas pelo resto do jantar. Apesar de hoje ter sido um dos piores dias da minha vida, esta noite foi uma das melhores noites.

Aperto a mão de Slate, e o formato e calor do anel me lembram de como entrou na minha vida. Todo pedacinho da raiva e ódio que senti por ele há alguns dias desapareceu.

Eu me inclino na sua direção, mas não para beijá-lo… para sussurrar:

— Odeio o motivo pelo qual ficou, mas não posso imaginar você longe.

Solta minha mão para colocar outra mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Cadence de Morel, se eu sobreviver…

— Você vai. — Espalmo seu peito, sorvendo os batimentos constantes do seu coração. — Você vai.

Seu olhar suaviza. Não gosto dele suave; eu o quero firme e resoluto.

— Só porque a última geração falhou, não significa que nós falharemos — acrescendo baixinho, mas não gentilmente. — Estamos muito mais preparados do que eles estavam.

Slate solta um suspiro profundo, depois me puxa contra si e afunda o queixo no encontro do meu pescoço com o ombro.

E me abraça.

Só me abraça.

Deslizo os braços nas suas costas, esperando não roçar em nenhum machucado.

É loucura, mas não quero que ele solte, jamais. Não quero que entre em um trem e vá embora.

Por enquanto, um anel o mantém em Brume, mas o que acontece quando sair?

Porque *vai*.

Tem que sair.

SLATE_

Só preciso insistir uma vez para que Bastian fique com a cama. No segundo que chegamos em casa, ele tira as botas, solta o casaco no chão, e se joga no colchão, roncando como uma maldita Harley-Davidson. Vou precisar controlar sua ingestão de álcool daqui para frente. Ele só faz tanto barulho quando está inebriado.

O piso de madeira é duro e frio como pedra, mas saber que Bastian está confortável me relaxa. Depois de um torneiro ocular de justa com uma barata arruaceira que termina com uma sola cheia de casca esmagada, finalmente pego no sono.

E acordo com Bastian gritando meu nome.

Meu corpo pula com prontidão e *bam!* minha testa bate na madeira. Rolei parcialmente para baixo da cama durante a noite. Eu me arrasto para fora, e coloco a mão na cabeça. *Putain.* Vou ter um galo em cima do galo.

— Odeio esse maldito lugar.

— Slate! Você… ? — Bastian pula da cama e para os pés com a destreza de alguém acostumado a estar em alerta pleno e pronto para correr com o menor estalo de uma tábua do chão.

Diferente dos nossos lares temporários, nossa porta está trancada, e nenhuma desculpa de ser humano que mal funciona

está pairando sobre nós, exalando vapores tão potentes que alguém poderia ficar bêbado com eles.

— Por que você está gritando no meu ouvido logo ao amanhecer?

— Tinha essa garotinha. Ela estava aqui. No quarto. — Pega os óculos da penteadeira e os coloca no rosto.

Nunca o vi tão pálido. Mas até aí, tem luz do sol entrando pela janela imunda, luz solar fraca filtrada por fitas de névoa, mas ainda assim luz solar. Mesmo o corpo esmagado da barata na sola do meu sapato não parece tão preto quanto ontem.

— Tem certeza que não era um pesadelo? — O garoto teve sua parcela de noites ruins. Durante três longos anos, precisamos dormir com as luzes acesas.

— Não, cara. Eu a vi. Estava bem aqui. — O dedo balança no ar ao apontar na direção do canto do quarto, o pequeno recesso entre a janela e o guarda-roupa espelhado. A única coisa *ali* é uma teia de aranha gigante digna de uma decoração de halloween. Nem quero saber qual poderia ser a aranha, ou se está passeando no meu quarto no momento.

Estou prestes a me enrolar outra vez quando uma pontada de calor sobe pelo meu braço. A Pedra de Sangue pulsa e brilha como um adereço estranho em um filme de terror. Está sinalizando a chegada da terceira peça? Mantenho o anel longe da visão de Bastian, já pensando em jeitos de levá-lo para a estação de trem.

Vento açoita a janela, depois escapa pela esquadria e estala pelo quarto. O ar frio bate no meu rosto, fazendo os olhos lacrimejarem. *Merda. merda, merda, merda.*

Eu me visto rápido.

— Fique aqui. Eu vou…

Antes que termine a frase, o quarto inteiro parece borbulhar e estourar com uma TV velha. E depois, do nada, uma garotinha de seis ou sete anos está parada no piso de madeira antigo na alcova que Bastian apontou, a que está sob a teia. Está usando um pijama rosa felpudo de unicórnio, e suas bochechas estão molhadas de lágrimas. Ela dá uma olhada para mim e Bastian e grita.

— Você a vê, né? — Bastian tropeça na cama.

E *presto whamo*, a garota desaparece.

Que merda foi essa?

— Você a viu, né? Você viu a garotinha? — Os olhos de Bastian estão redondos como frisbees.

Quebro a cabeça para pensar em alguma coisa, qualquer coisa que o tranquilize, mas não estou acostumado a tirar justificativas para o sobrenatural da bunda. Ao invés disso, pego o telefone e mando uma mensagem rápida para a trupe do Quatrefoil. *Venham para meu dormitório. AGORA.*

— Slate — Bastian murmura.

A garota está ali outra vez, oscilando como um holograma ruim. Pânico lampeja em seu rosto, tirando toda a cor de suas bochechas. Depois, *zap!* Um vento sobe, e escuto um choro atrás de mim. Eu me viro. Agora ela está do outro lado da cama, chorando.

Meu dedo do meio está quentinho, o anel quente como o inferno, mas não tenho nenhum dos outros sintomas que tive com as outras peças – nenhuma cãibra cruel ou querosene aceso nas veias.

Sinto um peso no ombro e quase pulo para fora do corpo. É só a mão de Bastian. Suas pupilas se expandiram até as bordas das íris.

— Ela é um fantasma? Tipo um de verdade? Ou eu sou o fantasma? Pensei que estava vivo, mas… — Ele da tapinhas no próprio corpo para verificar que é sólido, e sua voz sobe uma oitava. — Estou morto, não estou?

— Sobre o que você está tagarelando? Não está morto.

— *Ela* está morta? — Ergue o queixo para indicar a garotinha.

— Não. Ela também não está morta. — Pelo menos acho que não, mas agora que mencionou…

— Então, o que está acontecendo?

— Jesus, Bastian. Nada!

— Não é nada! — Bastian se volta para mim. — Você também está assustado pra caramba. Algo bizarro está acontecendo.

Endireito os ombros.

— Eu, assustado? Não estou assustado.

— Suas narinas dilatam quando está em pânico. E neste momento, profissionais poderiam espeleologizar nesses cânions peludos.

Coloco uma mão no nariz. *Sério?*

Meu coração bate nos ouvidos quando vejo acontecer outra vez – a garotinha está parada em um lugar, depois *puf,* se materializa em outro, o corpo ficando mais claro e depois desbotando.

Sua boca vira para baixo, e outra vez, aparece em outro lugar, um uivo de vento no seu encalço. Ela parece enjoada e aterrorizada.

— Me ajude!

Bastian – empata irresponsável que é – tenta alcançá-la. Ela se vaporiza e solidifica em outro lugar.

Como um maldito fantasma. Como Matthias. Isso parece a maldição do ar tudo outra vez, mas Gaëlle derrotou aquela maldição. Não derrotou.

— *Putain de merde.* — Pego o braço esticado dele e bato do seu lado. — Não toque nela!

A criança desaparece outra vez. Depois uma rajada de vento congelante colide comigo e Bastian, nos derrubando para trás, e a garotinha se materializa bem no meio de nós.

Ranho e lágrimas estão grossos como lama no seu lábio superior.

— Ajuda — choraminga.

Não sou fã de pequenos humanos. São barulhentos, sujos e egoístas. Mas uma criança chorando? É um soco no âmago. Vejo Bastian tudo outra vez, e me eriça.

Preciso parar sua dor.

Ignorando meu próprio aviso, pego a mão da garotinha. Espero que ela se teleporte. No lugar, seu corpo falha e pula como um velho disco de vinil, de sólido para transparente e de volta, mas fica no lugar, sua mão apertando mais forte, as unhazinhas marcando crescentes na minha pele.

— Não solte, *monsieur*. — Mais lágrimas escorrem pelo seu rosto. Pisca, e ao fazê-lo, posso ver através dela.

Maldição. Engulo e sinto minhas narinas dilatarem mais.

— Não vou, pequena. Vou cuidar de você.

Um som agudo monótono sai da Pedra de Sangue, irritando meus ouvidos, a pedra se inflama, brilhando mais do que lava derretida. Ainda assim, mantenho sua mão na minha.

Bastian suspira chocado.

— Seu anel! Por que está brilhando?

— Brilhando? Você precisa ajustar o grau do seu óculos.

O anel ilumina o rosto da garota, o deixa carmesim e não branco mareado.

— Tá, tudo bem. Pode estar brilhando. Um pouco. Posso explicar. Mas antes…

— Magia Brumiana é real — sussurra reverente. — Todas as histórias sobre esse lugar são reais.

Aperto a ponte do nariz com a mão livre e fecho os olhos por meio segundo.

— Sim. Sim! E é por isso que você precisa levar seu traseiro de volta para Marselha.

Bastian balança a cabeça outra vez, e a garota oscila como o wifi no meu apartamento antes de eu encurralar o cara do cabo e o persuadir, na ponta da faca, a consertar.

Eu me agacho para sua altura.

— Ei, qual seu nome, garota?

Ela limpa a meleca do nariz com o dorso da mão livre.

— Emilie.

— Onde você vive, Emilie?

— Brume.

— E qual é a última coisa que você se lembra antes de aparecer aqui?

Emilie não pula para uma parte diferente do quarto, e apesar do quanto fica transparente, sua mão nunca parece menos sólida na minha.

— Estava escovando os dentes. — Seu lábio inferior começa a tremer.

A maçaneta chacoalha, depois a voz da Cadence soa.

— Slate? Estamos aqui!

— Abra a porta — digo a Bastian.

Ele corre até lá e a abre. Adrien e Cadence invadem. O gorro de Cadence está torto, e seus olhos marcados pelo sono. Estou satisfeito em observar que Professor Pintão não está arrumadinho com gel, e seu cabelo está espetado como feno seco. Exalo, aliviado de ver os dois. Eles, por outro lado, não parecem aliviados. Seus olhos se arregalam ao verem a pequena Emilie.

Adrien franze a testa.

— Por que tem uma garotinha no seu dormitório, Slate?

O que exatamente ele pensa? Que sequestrei alguma criança aleatória e estou pedindo resgate? Estou prestes a ralhar com ele quando meu olhar pousa na Cadence.

— *Oh*… — Sua mão cobre a boca. — Ah, não, não, não, não. — A voz está abafada, mas cada vogal é extremamente distinta.

Sua expressão faz minha mão afrouxar na Emilie, que na hora desaparece com outra rajada de vento antes de aparecer entre Adrien e Cadence. Ele pula; ela grita.

Portas rangem no corredor.

— Precisamos conter isso. — Adrien rodopia, as botas chiques rangendo, e trota para fora do quarto. — Temos um morcego raivoso à solta! Por favor, fiquem em seus quartos! — Seu modo de *assumir o controle* normalmente me irrita para caramba, mas pela primeira vez, fico grato por ele.

Emilie desaparece, depois reaparece do outro lado de Cadence. Cadence começa a esticar o braço, mas puxa a mão de volta, suas feições tão enjoadas que tenho medo que vomite.

A garota desaparece como um puf de fumaça, e depois sua voz aguda e trêmula se ergue da escadaria.

— Ajuda!

Merda. Estou indo na direção da porta quando os joelhos de Cadence cedem. Eu a pego por pouco, passando um braço na sua cintura. Eu a levo até a cama e a sento com cuidado. E depois me agacho na sua frente e pego suas mãos em punho nas minhas.

— Ei, olhe para mim. Sei que é estranho. Até mesmo bizarro. Mas já vimos mais estranho. Fique comigo, princesa.

Seus olhos azuis finalmente encontram os meus.

— Vai ficar tudo bem. Respirações lentas e controladas. Para dentro… Para fora… Para dentro… Para fora.

É. Não está mesmo seguindo meu ritmo. Ela nunca entrou em pânico desse jeito antes. É por que estamos lidando com uma criança?

— Monsieur? — a garotinha pranteia.

Bastian se assusta como se estivesse saindo de um sono profundo e avança na direção do patamar.

— Fique de olho nela, mas não a toque — ordeno.

Ele me dá um olhar que diz, *posso estar de acordo agora, mas espero uma explicação detalhada mais tarde*, ele sai do quarto assim que o professor retorna.

Fricciono as mãos de Cadence, que parecem bolas de neve compactadas.

— Vamos, Cadence. Respire fundo.

— Slate… a garota… — ela geme. — A peça…

Claro, Pintão precisa se intrometer. Ele se senta na cama ao lado dela e esfrega o local entre suas omoplatas. Não achava que era do tipo possessivo, mas quero arrancar sua mão.

— Não acho que a garotinha seja sua peça ou a minha, Cadence. Eu…

— N-não! Não é isso… — Ela mal consegue falar entre a respiração soluçante.

Abro seus dedos, depois enlaço os meus neles, pressionando nossas palmas juntas.

— N-não ela… M-Matthias.

Adrien faz uma careta.

— Eu não entendo.

— N-na loja… de Gaëlle.

Pavor sobe pela minha coluna.

A mão de Adrien para nas suas costas.

— O que aconteceu na loja de Gaëlle?

Ele treme mais do que Emilie, e por meio segundo, fico com medo que também vai efervescer e desaparecer.

— Cadence, o que aconteceu? — repete, mais alto desta vez, como se ela tivesse problemas de audição.

— Não grite com ela! Está a deixando estressada — rosno, antes de voltar o foco para ela. — Shh. Apenas respire. Pode nos contar daqui um minuto.

Atrás de nós, pequena Emilie está teleportando para dentro e para fora do meu quarto como uma bola de pinball humana, Bastian correndo atrás dela. Cadence encara a garota fantasmagórica sem piscar, as respirações silvando para dentro e para fora.

— Na loja da Gaëlle… uma garotinha atravessou Matthias. *Aquela* garotinha.

Meu estômago revira como se o chão tivesse acabado de cair, e Adrien fica mais branco do que o edredom amassado sob seu traseiro. *Ah, caralho*. Pequena Emilie está amaldiçoada.

Olho para o anel no dedo. Se não tivesse sido um babaca tão egoísta e esnobe… Se não tivesse invadido a cripta de Morel…

Engulo bile, e queima. E eu que pensei que o pai da Cadence estivesse exagerando as consequências. Essa merda é real, e essa garotinha está condenada por causa do que eu comecei.

— Emilie! — Eu me levanto e grito. Não sei como ajudá-la, mas sei como lhe dar um pouco de descanso. Se segurar sua mão a mantém no lugar, vou segurá-la até que seja adulta. — Emilie!

Surge à minha direita. Solto a Cadence e avanço na direção da criança, conseguindo pegar seu pulso assim que pisca. Ela permanece sólida e passa os braços magros pela minha cintura, chorando na minha barriga, encharcando o algodão da minha camiseta.

— Feche a porta, Bastian — digo.

Conforme a maçaneta clica, Adrien passa uma mão pelo cabelo, mas depois foca no anel brilhando.

— A Pedra de Sangue. Mantém ela no lugar.

Bra-vo, Prof.

Uma veia lateja na sua têmpora.

— Mas você não pode segurá-la para sempre.

— Vou segurar o tempo que for preciso — rosno.

— Precisamos tirá-la de Brume — Cadence diz de repente. — Distância…

— Só que não consigo sair de Brume, princesa. E se a soltar, vai continuar oscilando.

Um momento de silêncio cobre o quarto, pontuado pela respiração ainda muito forte de Cadence e os choramingos fracos de Emilie.

— Não deveríamos chamar um médico? Ou a polícia? — Os lábios tensos de Bastian mal se movem ao falar.

— Um médico não vai saber como curá-la — Cadence murmura — e não podemos envolver a polícia.

— Então quem saberia? — O tom de Bastian é tão frenético quanto seu olhar que está pulando entre nossos rostos.

— Papa — Cadence afirma baixinho.

Adrien tira o telefone do bolso do sobretudo e toca a tela.

— *Merde.* — Acho que nunca ouvi o Prof xingar. — Meu telefone está sem bateria. Cadence, está com o seu?

Ela enfia as mãos nos bolsos do casaco e depois bate no jeans.

— *Non.* Devo ter deixado em casa.

— Use o meu. — Inclino a cabeça para a mesa de cabeceira. — Bastian sabe a senha.

Os olhos de Adrien piscam na direção de Bastian como se estivesse se perguntando se é confiável. Hesitante, entrega o

telefone, que Bastian desbloqueia, dando a Adrien e todos nós um olhar feio. Acho que merecemos.

Suspiro. Jurei que sempre o protegeria, mas por minha culpa, porque não tive coragem de forçá-lo de volta no trem ontem à noite, ele está em risco.

Enquanto Adrien liga para de Morel, o olhar de Bastian queima um furo do lado do meu crânio.

— Magia é real. — Não é uma pergunta. É apenas uma afirmação sem emoção. Mas conheço meu maninho. Sei que está sentindo um monte de emoções. Posso ver no tique intenso da sua mandíbula que parece ter perdido toda a suavidade de garoto pela noite, ou melhor, pela Emilie.

— O que é por que você precisa entrar em um trem e…

— Cale a boca, Slate. Não vou a lugar algum. Não vou te deixar.

Esfrego a mão pelo rosto.

— Bastian, não estamos lidando com criações de poções divertidas. Isso é sério. E perigoso. — Aceno para Emilie tremendo em meus braços para intensificar o que digo.

— Rainier, espere um segundo. Gaëlle está na espera… Tudo bem. Chegaremos em dez minutos. Tudo bem. — E depois Adrien toca no telefone e diz: — Gaëlle, estamos a caminho da *manoir*. Nos encontre lá.

Os olhos castanhos de Emilie nadam em lágrimas.

— Estou com tanto medo.

— Eu sei — falo. — E tem todo o direito de estar. Mas vamos resolver isso, certo? Vou garantir isso.

Ela não fala nada. Apenas aperta minha cintura como se fosse uma boia, e estivesse no meio do oceano.

— O que Papa disse? — Cadence pergunta.

Adrien abaixa meu telefone apesar dos seus dedos não o terem soltado.

— Bom? — Apreciaria uma resposta.

Emilie apreciaria uma resposta.

Todos apreciaríamos a porra de uma resposta.

— A folha. Rainier acha que pode precisar tocá-la. De novo.

CADENCE_

Slate não soltou da garota amaldiçoada, e ela não soltou dele.

Segurou a mão dela enquanto colocava o casaco e botas. E depois a pegou nos braços e a carregou para minha casa, a escondendo dentro do casaco para que não pegasse um resfriado ou fosse vista por transeuntes.

Embora, fantasmas podem pegar resfriados? Ela é um fantasma? Meu estômago embrulha, e todo o vinho que bebi a noite passada se junta no fundo da minha garganta.

A garotinha está sendo corajosa, mas pediu por sua maman várias vezes. Está partindo meu coração não a procurar e ligar para ela – deve estar doente de preocupação –, mas quanto menos pessoas souberem do que está acontecendo na nossa cidade, mais seguros estão. Ou pelo menos, mais seguros deveriam estar…

Vejo a garotinha passando por Matthias tudo outra vez, e estremeço com tanta força que meus dentes batem.

— Você está bem? — Escuto Slate perguntar.

Demoro um momento para perceber que está falando comigo. Assinto para tranquilizá-lo, mas a verdade é, não vou ficar bem até que essa garota seja curada. Rezo para que tocar a folha ajude seu

corpo a parar de oscilar, do mesmo jeito que impediu que a maldição de Papa se espalhasse para o resto do seu corpo.

Sinto os olhos de Slate na minha bochecha, mas não olho para ele, com medo que veja o quanto estou assustada. Estou tentando pensar em cenários positivos, não porque particularmente seja uma otimista fervorosa, mas porque está mantendo minha mente afastada de casos pessimistas.

Quando chegamos na minha casa, Gaëlle está parada do lado de fora, círculos pretos margeando os olhos. Acho que dormiu o mesmo tanto que eu. Provavelmente não pelos mesmos motivos. Enquanto passei horas demais reprisando a sensação da boca de Slate na minha, ela deve ter passado a noite reprisando a sensação dos ossos do marido morto contra si.

Seus olhos vão para o pacote enrolado de pequenos membros e pijama rosa espreitando do casaco de Slate, depois para Bastian, e todos os tendões do seu pescoço enrijecem. A porta se abre antes que possa pegar minhas chaves. Papa desliza para trás para abrir espaço para todos nós. No momento que nota o irmão de Slate, olha para mim, e sei o que está pensando porque também estou pensando isso: Bastian não deveria estar aqui. Deveríamos ter insistido para que ficasse no dormitório, não que Bastian teria dado ouvidos, e infelizmente, não somos dotados com a habilidade supernatural de apagar memórias, então não tinha muito sentido discutir.

— Lá em cima. Meu escritório — Papa diz.

Gaëlle vai com ele para o elevador enquanto o resto de nós vai pelas escadas. Adrien não disse muito, mas a tensão no seu rosto me diz que está preocupado. Possivelmente mais do que eu, o que é preocupante por si só.

Quando chegamos no patamar do primeiro piso, Slate finalmente coloca Emilie no chão com suas pantufas. A pobre criança treme como uma folha, e não do tipo feito de ouro e magia que está prestes a tocar.

Por que não bati na janela da loja ontem? Por que não gritei? Deveria ter saído ao invés de me acovardado do lado de dentro. Calor substitui o frio que me cobria desde a manhã. Arranco o gorro e tiro o casaco, depois jogo os dois na balaustrada de ferro e invado o escritório de Papa antes que as portas do elevador sequer tenham soltado ele e Gaëlle.

Adrien toca no meu braço.

— Cadence, vai ficar tudo bem.

— Tudo bem? — grito, e ele recua. — Eu a vi andar através de Matthias. E só fiquei parada dentro da loja e não fiz *nada*. — As lágrimas que não vieram mais cedo se acumulam e derramam.

Adrien me dá um abraço, e deixo a cabeça cair no encontro de seu ombro e pescoço, umedecendo o tecido do seu casaco bege com minha culpa e inalando o cheiro familiar da sua loção apimentada.

— Isso não é sua culpa — fala suave, depois repete mais duas vezes.

Não sei se está tentando convencer a mim ou a si mesmo.

— Eu estava lá. Bem ali.

Seus dedos passam pelo meu cabelo embaraçado, parando em todos os nós, mas é gostoso.

— Odeio magia — sussurro.

A borracha dos pneus da cadeira de Papa rangem no piso de mármore rajado, e me afasto de Adrien. Ao esfregar as bochechas molhadas, pego Slate nos encarando. Dou mais um passo para trás, mas depois me pergunto o que diabos estou fazendo. Adrien é meu

amigo. É meu amigo há anos. E tudo o que fez foi me abraçar. Não tem motivo para Slate estar parecendo que quer esganar o pobre rapaz.

Os bipes do teclado do cofre carregam minha atenção para longe de Slate e para Papa, que está abrindo a porta. Atrás dos montes coloridos de euros, piscam as duas folhas douradas.

— Gaëlle, pode pegar sua peça?

Não posso acreditar que já temos duas.

Não posso acreditar que ainda faltam duas.

O braço dela treme ao colocá-lo dentro do cofre.

— Qual prateleira? Ah, *mon Dieu* não lembro qual prateleira… — Sua voz treme tão brutalmente quanto seu braço estendido.

— A segunda, Gaëlle — Papa fala calmo.

Ela pega a folha, segurando na ponta dos dedos como se fosse um rato morto, lábios curvados com repulsa.

— Precisa soltar a mão da garota, Slate — Papa avisa. — Corpos são condutores.

Os nós dos dedos de Emilie ficam brancos.

— Vo-você di-disse que n-não soltaria, *monsieur* — gagueja, lágrimas fazendo uma curva na sua boca em formato de coração. Pressinto Slate relutar com a promessa que fez a ela.

Ele se agacha e segura a nuca do seu pescocinho.

— Essa moça legal vai segurar sua mão, e depois assim que você tocar a folha dourada bonita dela, vai voltar direto para mim, está bem? E depois vamos encontrar sua maman.

As sobrancelhas de Emilie se contorcem como se a estivesse devastando soltá-lo.

— Prometo. — Ele limpa suas lágrimas com o polegar. — Vou estar bem aqui, pequena.

Uma respiração chocalha sua garganta conforme seus dedos se soltam.

— Gaëlle, no segundo que a mão dela sair da minha, vai teleportar para algum lugar. Você precisa pegá-la.

Gaëlle pisca e depois balança a cabeça em um aceno e se aproxima da garota. Mas e se os dedos dela passarem direto?

— Pronta? — Não estou certa se Slate está perguntando para Gaëlle ou Emilie. As duas, é provável. — Agora! — Ele solta a mão da garota, depois se empertiga.

Emilie tenta jogar os braços na sua cintura, mas ao avançar na direção de Slate, oscila, desaparece, e depois reaparece atrás da mesa de vidro de Papa, seus soluços o único barulho na sala.

— Gaëlle, vamos! — Slate enfia as mãos nos bolsos do casaco como se para se impedir de pegar Emilie.

Gaëlle se vira, o cabelo preto cacheado flagelando o pescoço sem cachecol. Pensei que estava faltando alguma coisa, mas só agora me toquei o quê. E depois é claro, me lembrei do porquê está faltando, e sinto gosto de cinza. Cinza e uva azeda. Emilie desmaterializa e depois aparece entre Gaëlle e eu.

Gaëlle soca o ar, enfiando a folha de ouro no esterno da criança.

— De-desculpe — sussurra.

Emilie abaixa o queixo no pescoço e encara a folha brilhante.

Gaëlle envolve a outra mão no ombro da garota.

— Você precisa tocá-la, Emilie.

Apesar da garota oscilar, não desaparece. Emilie olha por cima do ombro, os olhos indo direto até Slate.

— Estou bem aqui — ele afirma, agora com os braços cruzados, mãos enfiadas sob as axilas.

Por algum motivo, o galo na sua testa parece ter inchado outra vez. Faço uma nota mental de pegar alguma coisa do nosso armário

de remédios e um pacote de gelo depois disso. Cuidar de Slate é uma distração agradável, mas ainda assim uma distração. Volto a focar em Emilie, que está se aproximando aos poucos a mão da folha.

Por favor, dê certo. Por favor, dê certo.

Ela a segura, e seu corpo se aguça, para de tremer. Solto um suspiro, alívio afundando por mim tão rápido e inebriante quanto o álcool da noite passada. Mas aí a boca se abre em um suspiro mudo e os olhos ficam vidrados. E ela desmorona no chão.

Gaëlle é a primeira a gritar.

— Rainier? Rainier! O que eu faço?

Slate começa a avançar, mas me coloco no seu caminho, plantando as duas mãos no seu peito caso tente passar por mim como um buldôzer. Não tenta. Ele congela, os olhos indo de Emilie, para mim, e depois de volta para a garotinha.

— O que está acontecendo, de Morel? Por que ela não está se movendo? — grunhi, os batimentos rápidos enchendo minhas mãos.

Olho por cima do ombro para Papa que está encarando Emilie, uma tensão entre suas sobrancelhas. Ele esfrega a fenda vertical como se estivesse tentando passá-la.

— Talvez a magia ainda esteja passando por ela…

— Talvez? — Slate urra.

Seguro a camiseta cinza que deve ter usado para dormir porque está amassada.

— Tire a folha de perto dela! — vocifera.

Gaëlle puxa a mão para longe, e a folha voa pelo ar, atinge a moldura grossa de acrílico protegendo o rolo de pergaminho antigo na parede, depois tilinta contra o piso mármore rajado. O som é ensurdecedor no silêncio pavoroso.

Apesar de estar lívido, Slate solta meus dedos da sua camiseta com gentileza e desvia de mim para chegar até a garota. Eu me pego olhando para Bastian e Adrien que estão parados enrijecidos lado a lado perto da parede de prateleiras.

— Gaëlle, pegue a folha — Papa ordena.

As botas dela rangem.

— Ela não tem um maldito pulso, de Morel! — A voz do Slate estala como um chicote, faz Bastian e Adrien retesarem. Estou meio esperando que a força da sua fúria oblitere a mesa de vidro.

— Talvez se a fizer tocar a folha outra vez… ou colocar sobre seu coração? — A sugestão de Gaëlle não é respondida.

Papa está encarando Emilie, cujo cabelo loiro está esparramado em volta do seu rosto pálido e imóvel como raios de sol.

— Rainier? — A mão de Gaëlle treme em volta da folha.

— Quando toquei, impediu que a maldição progredisse na hora — Papa diz.

Slate está curvado sobre Emilie, obscurecendo a maior parte de seu corpo.

— Tente, Gaëlle! Pelo menos tente.

— Tudo bem. Se afaste. Por favor. Não quero… não quero que…

Slate se levanta e dá um passo em miniatura para trás. Gaëlle se ajoelha ao lado de Emilie, puxa a blusa de pijama de unicórnio, e pressiona a folha contra suas costelas.

Espero o farfalhar dos lábios de Emilie.

Não acontece.

Gaëlle pega o pulso mole da garota e coloca seus dedinhos gordos no metal brilhante.

Nada.

— Foda-se! — Slate rosna.

Gaëlle pula para longe da garotinha ao mesmo tempo que ele cai de joelhos e começa a fazer massagem cardíaca.

— Vamos, pequena.

Não sei quanto tempo esperamos. Talvez dura um minuto inteiro, ou talvez meia hora passa. Quando Gaëlle deposita a folha de volta no cofre, me sinto enraizada no mármore. Não posso nem me mover de tão… chocada… revoltada… decepcionada… desanimada. Tudo isso e mais.

Quero destruir o Quatrefoil e derrotar a magia de uma vez por todas. Penso na Maman, e apesar de não me lembrar dela, sinto como se eu estivesse olhando para seu corpo. Sinto como se a tivesse perdido tudo outra vez.

Papa fecha a porta do cofre com um baque, e ainda assim ninguém diz nada.

Rosnando de raiva, Slate para as compressões inúteis e se senta nos calcanhares, mãos fechadas em punhos nas coxas. Ele olha para a criança amaldiçoada. Apenas olha, e depois seus dedos se movem para sua testa e afasta uma mecha de cabelo antes de abaixar suas pálpebras inchadas com delicadeza.

O silêncio na sala é ensurdecedor.

— Aveline precisa ser avisada… — Adrien começa.

Papa o interrompe.

— Que sua filha fugiu.

— Ela tem seis anos, Rainier. Tinha seis anos. — Adrien estremece. — Garotas de seis anos com lares alegres não fogem.

— Aveline passou anos fazendo fertilização in vitro para engravidar da Emilie. Se contarmos a ela que a filha está morta, teremos mais sangue em nossas mãos. Deixe que tenha esperanças.

— Esperança? — Slate solta. — Esperança é algo cruel, de Morel.

— Esperança é melhor que nada, Rémy.

Os ombros de Slate se endireitam.

— Não me chame de Rémy, porra.

Papa fecha os lábios e aperta os braços da cadeira de rodas como se fossem o pescoço de Slate. Vai odiar descobrir que Slate e eu somos… o que somos Slate e eu? Além de dois estranhos que se beijaram em um restaurante. É cedo demais para um rótulo.

Slate por fim se levanta, e os olhos vão direto para os meus. Quero esticar o braço, mas Papa está observando, então deixo as mãos pendendo aos meus lados. Slate enfia os dedos pelos cachos bagunçados, os afastando do caroço roxo. *Gelo.* Ele precisa de gelo. E eu preciso de um motivo para sair dessa sala e me afastar dessa criança inocente e morta. Estremeço quando um raio de sol atinge seu cabelo e o faz brilhar dourado.

— Adrien, ligue para seu pai e o diga para vir aqui. — Encontro o olhar azul de Papa enquanto fala. — Está na hora do prefeito se envolver mais. Precisamos preparar um lockdown da cidade inteira para garantir que ninguém mais se machuque.

Slate bufa.

— Machucar? Você quer dizer, letalmente enfeitiçado?

Adrien se afasta da parede cinza, com o telefone já na mão.

— E a garota, Rainier?

— Cadence, *ma chérie*, pode pegar um lençol do armário?

Concordo e sigo Adrien até a porta quando escuto Papa perguntar:

— Agora, alguém pode me dizer quem é esse garoto e o que está fazendo no meu escritório?

Paro e me viro para Slate, que está de costas para Papa.

— Esse garoto é meu irmão. — Seus dedos se fecham e abrem. — É a pessoa que quero que receba meu fundo fiduciário caso a Pedra de Sangue não saia, de Morel.

— E pensou que trazê-lo aqui para me forçar a transferir o fundo durante a caçada pelo Quatrefoil fosse uma boa ideia?

— Papa! — Como meu pai poderia pensar em tal coisa?

Slate sorri, mas não é um sorriso.

Sinto muito, movo a boca, envergonhada

— Tem uma criança morta na sala, Rainier. Talvez possa discutir isso depois que nós… — Os olhos de Gaëlle estão tão vermelhos que parecem a Pedra de Sangue. — Depois que a enterrarmos?

— Não podemos enterrá-la. A não ser que você queira escavar o quintal dos Roland outra vez.

Um nervo tem um tique na mandíbula de Slate.

— Precisamos colocá-la na cripta ou no lago; voto pelo lago. — Papa olha pela janela panorâmica para o lago coberto de gelo que limita nossa propriedade. — Cadence, o lençol.

Minha pele se arrepia com pavor ao sair do escritório. Fico pensando que não pode piorar, mas parece que pode. Penso na mãe de Emilie ao pegar o elevador para a lavanderia, e o nó na minha garganta aumenta. Aumenta tanto que não volto para o escritório imediatamente. Pressiono a testa nos azulejos frios na parede e vadeio pela minha tristeza enlaçada com culpa até se converter a raiva, depois aperto o lençol lavado contra a boca e grito. Várias e várias vezes.

Quase desejo que minha peça aparecesse agora, porque estou me sentindo extremamente pronta para derrotá-la.

Fiz algumas coisas escusas na vida. Quebrar ossos. Vender segredos. Mentir. Trapacear. Roubar. Trair.

Nada sequer se compara a isso.

Nem. De. Longe.

Matei uma criança.

Uma criancinha inocente.

E não só isso, menti para ela. Disse que ficaria tudo bem. Disse que não soltaria da sua mão. E depois soltei, porra.

O olhar em seus olhos logo antes de morrer foi uma marreta no meu coração. O olhar dizia:

— Mas você prometeu, *monsieur*.

Não deveria ter soltado. Deveria ter segurado. Se tivesse mandado de Morel se foder e mantido os dedos de Emilie nos meus quando Gaëlle deu a folha a ela. Talvez Emilie ainda estaria viva. Talvez eu estaria morto no lugar, e toda essa merda teria um final decente e merecedor.

Por que eu não poderia ter morrido no lugar? *Por quê?*

Mordo o lábio inferior até sentir gosto de sangue. Quero enfiar o punho por uma janela. Ou arrancar as rodas da cadeira de Rainier. Mas Bastian está aqui, parado ao meu lado, os olhos arregalados e perturbados. Tenho que me manter em controle por ele. Por

Cadence. Inferno, até mesmo por Gaëlle e Professor Pintão. Não posso perder a calma ou cometer qualquer erro. Não mais.

Um movimento em falso e alguém mais poderia morrer.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, de Morel me dá um sorriso cruel.

— Se arrependendo da decisão de trazer seu irmão aqui, Monsieur Roland? — Sua voz é aço serrilhado.

Bastian pigarreia.

— Ele não me trouxe aqui. Vim por vontade própria.

Os olhos de Rainier piscam para Bastian.

— Então posso sugerir que *vá embora* por vontade própria.

— Vou ficar. — Mal é um pouco mais do que um sussurro, mas sei que Bastian está falando sério. Quer eu goste ou não, ele nunca desiste de mim.

Queria que dessa vez desistisse.

O olhar de Rainier desliza para o corpo de Emilie.

— É uma cidade perigosa, mocinho.

— *Non.* — A voz de Gaëlle está partida, mas forte. Coloca uma mão no pescoço desnudo, acariciando a pele que não é mais protegida pelo cachecol. — É uma cidade ruinosa.

Rainier não nega.

Cadence está de volta, o rosto da cor do lençol branco dobrado em seus braços.

— Para sua testa. — Ela me entrega uma daquelas garrafas de água quente antiquadas.

Certo. A mais nova adição a minha coleção. A dor não desapareceu, mas empalidece em comparação com o apertar do meu âmago.

— Obrigado.

Ela assentes, mas evita olhar para mim, mantendo os olhos fixos no pedaço de algodão que desdobra. Suas mãos tremem, e marcas de lágrimas secas mancham suas bochechas.

Começo a esticar o braço para ela, mas paro, culpa corroendo meu peito. Outra vez, é minha culpa que está neste estado. Primeiro, a cripta da mãe. Agora… Emilie.

Não é surpresa que não pode me olhar nos olhos.

Enfio o gelo sob a axila e pego duas pontas do lençol. Juntos, soltamos com gentileza sobre o corpo de Emilie. As pontas flutuam como asas angelicais antes de pousarem no piso de mármore rajado.

Conforme encaro silenciosamente a pequenez impossível do corpo coberto, ergo a bolsa forrada de algodão para a testa, desejando que adormecesse mais do que apenas minha pele.

Passos e conversa baixa ecoam no corredor, e depois Adrien e uma versão mais velha dele entram no escritório. Mesmas roupas de tweed, mesma postura pomposa, mesmos olhos cor de mel. Só o cabelo loiro transformado em cinza é diferente.

Rainier acena para o prefeito.

— Geoffrey, obrigado por vir.

O olhar de Geoffrey passa pela sala, vendo Gaëlle, pausando em mim, depois em Bastian, antes de grudar em Cadence. Seu olhar se demora um pouco demais, e não só no rosto dela. Ele sobe e desce pelo seu corpo. Que porra é essa? Aperto a mandíbula e seguro o gelo com mais força.

— Presumo que Adrien tenha lhe atualizado? — Rainier pergunta.

A larva humanoide assente e se agacha para dar uma olhadela sob o lençol.

— Infortúnio. — fala sem emoção nenhuma. — Deveríamos ter preparado a cidade quando o poço transbordou. Atrasado o novo semestre e criado uma desculpa para manter os residentes permanentes presos em suas casas.

Rainier bate dois dedos no braço da cadeira de rodas.

— Estávamos lidando muito bem com isso. — Pela sua pose enrijecida, vejo que os santos deles não batem.

— Nota-se. — Geoffrey acena para a criança encoberta.

A mandíbula de Rainier tica, e seus olhos vagam para a superfície limpa da mesa.

Geoffrey solta um suspiro dramático.

— Suponho que poderia colocar a cidade em lockdown. Dizer a eles que tem algum tipo de infecção viral nova que precisa ser contida. Dar vinte e quatro horas para saírem de Brume ou ficarem enfurnados em suas casas. — Geoffrey passa a mão na mandíbula. — Mas esse é um pedido com consequências, Rainier. Um que pode prejudicar minha carreira política.

Raiva distende a forquilha de veias nas mãos do de Morel.

— O que você quer?

O olhar de Geoffrey volta para Cadence outra vez.

Se ele sequer…

Mas ele volta a olhar para Rainier e diz:

— Depois que restabelecerem a magia, quero me tornar um *diwaller*.

A testa de Gaëlle enruga.

— Você não pode se *tornar* um *diwaller*; precisa nascer um.

— Na verdade, depois que o Quatrefoil estiver inteiro, um de vocês pode conceder o assento no Conselho para mim.

Já que seu olhar desliza para mim, acho que é o meu que ele quer.

— Vai ter uma pequena troca de sangue; nada ultrajante. — Volta a atenção para o pai de Cadence. — Graças a pesquisa minuciosa de Rainier há duas décadas, aprendemos como tudo funciona.

Uma veia enlouquece na têmpora de Rainier e faz seu cabelo rajado de cinza pulsar.

— Não que ele a tenha compartilhado com algum de nós, veja bem. Amandine descobriu quase ao acaso. Mas por sorte, ela compartilhou a informação com Camille, que compartilhou comigo, já que *minha* esposa confiava em mim.

Esqueça os santos deles não baterem, os santos deles se odeiam.

— E você se pergunta por que Maman escolheu meu pai e não você, Monsieur Keene?

Esses dois competiram por Amandine de Morel? Não é surpresa que se odeiem.

A postura de Cadence nunca foi tão ereta, e seu queixo, tão alto.

— Ela não gostava de homens mesquinhos.

Geoffrey a encara firme e por muito tempo. Tem raiva ali, mas também tem outra coisa… frustração, tristeza.

— Não estou aqui para discutir o passado, Cadence. Estou aqui para discutir o futuro. *Meu* futuro.

— Mas Adrien já está no conselho — Gaëlle afirma, incisiva.

— Até onde sei, meu filho e eu não somos gêmeos congênitos, e não sou um Mercier. Nem em nome. — A última parte é uma patada direta para Rainier.

Uma patada que faz cor raiar pelas maçãs do rosto de Cadence.

— *Nunca.* Nunca vamos fazer de você um *diwaller*.

— Então eu acho — acena para a pequena forma sob o lençol branco — então eu acho que vou ligar para meu amigo de golfe, o

chefe da polícia. — Geoffrey tira o telefone do bolso e toca na tela. — Estou certo que depois de ver o corpo da garota, Henri não vai perder tempo em colocar vocês todos atrás das grades.

— Pai! — Adrien solta um suspiro surpreso.

Acho que o prefeito está blefando. Afinal, ele quer magia. Prender a gente seria contraproducente. A não ser que planeje prender Gaëlle e eu já que já recuperamos nossas peças.

— Se estivermos atrás das grades, *Monsieur le maire* — falo calmo — então pode dar adeus a ser um *diwaller*.

— É mesmo? Por que se não estou enganado, Roland, você já recuperou sua peça.

O homem poderia ser mais previsível? Estou meio tentado a forçar de Morel a abrir o cofre para que eu possa enfiar a peça no verme de tweed. A expressão no rosto de Rainier me diz que não faria objeções.

— Se o prender, Monsieur Keene… ou *qualquer* um de nós — a voz de Cadence é tão escura quanto a mancha de tinta no pergaminho atrás dela — quando minha peça aparecer, vou ficar parada vendo-a destruir nossa cidade.

Se não a conhecesse bem, se não soubesse que condenaria a si antes dos inocentes, me preocuparia que fizesse isso mesmo. Afinal, ela não exibe nenhum dos sinais costumeiros de um mentiroso: suas pálpebras não tremem; o olhar não se move; a pele não enrubesce.

— Um assento para salvar uma cidade. Minha oferta não é *terrivelmente* cruel.

— Até o Quatrefoil ser reunido, não existe Conselho. Não podemos prometer algo que não temos — Gaëlle afirma.

Ele bate na tela do celular com uma unha polida.

— Querem mais mortes nas suas consciências?

— Pai, pare. Isso é difícil o suficiente.

Empurro o gelo no Bastian, que sobressalta do seu estupor, depois fico cara a cara com o prefeito.

— Sou o único responsável pela morte de Emilie. Quanto a um assento, pode ficar com o meu. Magia matou meus pais. Matou a mãe de Cadence. Matou esta criança. Quando tudo isso acabar, vou dar o fora daqui. — Tenho que dar o fora. Chega de machucar as pessoas. — Apenas faça a porra do seu trabalho e proteja as pessoas de Brume de mais perigos.

— Slate! — Cadence suspira em choque.

Geoffrey sorri e devolve o telefone no bolso do casaco.

— Combinado. E não renegue, ou vou mandar te prender. — Ele dá tapinhas no bolso. — Tenho toda nossa conversa gravada e já mandei para minhas contas de email. Plural.

— E você se pergunta por que Camille cometeu suicídio. — O sorriso do de Morel é tão imoral que apaga o de Geoffrey.

— Rainier, isso foi desnecessário — Adrien ralha.

— Perdão. — De Morel não soa arrependido. — Obrigado por sua visita e subordinação, Geoffrey. — A cadeira range conforme se reclina nela.

O prefeito não dá um sorriso. Nem mesmo um presunçoso. Para alguém que conseguiu o que queria, não parece muito vitorioso.

Ele olha para Emilie, um músculo pulando na sua mandíbula.

— Vou deixar vocês descartarem o corpo. E não me digam o que fizeram com isso.

— *Ela*, não *isso* — falo entredentes

Os olhos de Geoffrey encontram os meus.

— Não quero saber o que vocês fizeram *ela*. — E depois se vira e sai do escritório.

Depois que a porta da frente bate, Adrien pergunta:

— Então, o que fazemos com ela?

Gaëlle mastiga o lábio inferior.

— O lago.

Tem algo inumano em desovar um corpo na água. Ainda mais o de uma garotinha.

Quero fazer igual nos contos de fadas: cobri-la com pétalas de rosas e mantê-la em um caixão de vidro.

— Jogue-a no lago e vai virar comida de peixe. Sem contar que durante o derretimento da primavera, partes dela podem ressurgir.

— Então o que você sugere, Roland? Talvez incinerá-la? — de Morel sugere.

— E se depois que o Quatrefoil for reunido. — Cadence estuda a foto emoldurada na mesa do de Morel, de uma mulher segurando um bebê, uma mulher que se parece muito com Cadence. — E se reverter a maldição?

Quero dizer a ela que ter esperança é algo perigoso, que desaponta mais do que gratifica, mas mordo a língua.

Gaëlle estica o braço para Cadence e aperta sua mão.

— A não ser que tenhamos sucesso rápido, seu corpo vai começar a se decompor. Tem um motivo pelo qual necromancia sempre foi considerada uma arte proibida.

— Quer dizer, ela voltaria um zumbi? — Essas são as primeiras palavras que Bastian disse em quase uma hora.

— É só uma hipótese.

— Uma que faz sentido. — O olhar do de Morel vaga para a moldura em sua mesa, e recordo do estado de decomposição de sua esposa.

Ah, se eu conseguisse deletar aquela imagem da minha mente. Aquela noite inteira. Exceto a parte que fiquei parado ao lado de Cadence durante a contagem regressiva. Quero lembrar daquilo.

— E aí, cripta ou o lago? — Adrien pergunta.

— A cripta é fácil demais de invadir. Não queremos que um vagabundo bêbado tropece no corpo dela. — O olhar de Rainier, apesar de não ser tão venenoso quanto o que dirigiu a Geoffrey, acerta o alvo: eu.

Não reajo, porque mereci isso.

Adrien solta um suspiro profundo.

— Então é o lago. — Ele se agacha e enrola Emilie, fazendo uma careta todas as vezes que os dedos roçam seus membros.

Engulo um incomodo doloroso na garganta.

— Eu faço isso.

Empurro Adrien. Ele não reluta. Eu me inclino e embalo o corpo pequenino, tentando desesperadamente abstrair para um lugar onde nada pode me tocar, um lugar que me salvou de enlouquecer mais de uma vez nos lares temporários. Mas ela é tão leve… e o comprimento do seu cabelo que cai sobre meu antebraço cheira como uma criança: pasta de dente de morango, giz de cera, e arco-íris.

Cadence enrola o lençol mais apertado em volta do corpo de Emilie.

— Vou com você.

— Não.

— Isso não fui eu te dando uma escolha, Slate.

— Também vou — Bastian palpita.

Aperto os dentes, desesperado para discordar, para preservar a inocência deles só mais um pouco, mas a firmeza nas feições de Cadence e a determinação nos olhos de Bastian me fazem calar a boca. O único jeito desses dois não irem comigo é se eu os amarrar, o que duvido que algum deles gostaria, então cedo.

Conforme saímos, de Morel pega um jogo de chaves de uma gaveta e entrega para Cadence.

— Não jogue o lençol com ela. E coloque algumas pedras em sua roupa, para…

— Chega — digo. — Sei o que fazer.

Cadence empalidece.

Rainier sorri malicioso.

— Não tenho dúvidas que sabe, Roland.

Cadence é doce, e sou corrupto até os ossos. Mais um motivo que preciso deixar a cidade…

Pego o elevador enquanto Cadence e Bastian descem as escadas. Na cápsula chique de vidro e ouro, pisco como na vez que Bastian me encheu de spray de pimenta, pensando que era um ladrão tentando roubar o apartamento.

Controle-se, Slate.

Respiro fundo, colocando oxigênio muito necessário nos pulmões.

Cadence já colocou o casaco outra vez quando chego no átrio, e já está segurando a porta da frente aberta. Ela nos guia ao redor da casa, por um gramado íngreme e coberto de neve visível do escritório de Rainier. Não olho por cima do ombro para ver se ele está nos observando. Não que o veria, considerando a força com que neva.

De novo.

Para onde foi o sol de mais cedo?

Cadence se segura no braço de Bastian enquanto firmo Emilie em meus braços. Ao nos aproximarmos, a névoa adensa. Logo, mal posso ver mais do que um metro na minha frente.

Quando chegamos na doca privada dos de Morel, Bastian se agacha para pegar pedras da margem apedregulhada.

— Não vamos colocar peso nela — digo.

— Não vamos? — Os dedos nus de Cadence já estão vermelhos com o frio cortante.

— A mãe de Emilie merece um desfecho. Merece saber que a filha não vai voltar para casa.

Os cílios grossos de Cadence sombreiam seu olhar baixo, mas a pego secando-os com o dorso da mão.

— Queria que pudesse acordar e descobrir que tudo isso foi um pesadelo.

E *eu* queria poder fazer isso uma realidade.

Cadence destranca o portão, e atravessamos as tábuas congeladas da doca. Na névoa, o barco não é nada além de uma massa sombreada até praticamente estarmos em cima dele. Depois de estar na *manoir*, esperava que o barco fosse uma demonstração de navegação do tamanho de Golias. Mas, pela primeira vez, Rainier parece ter contido seus gostos ostensivos. Uma lancha de médio porte flutua no final da doca, entre um degelador e uma rampa customizada para acesso de cadeira de rodas.

Abraço o corpo de Emilie contra o peito ao cruzar a amurada. Cadence já está abrindo a porta da cabine, e Bastian começa a erguer as boias e soltar as cordas que prendem o barco na doca. Acima de nós, um corvo mancha a névoa como um borrão de tinta, voando tão baixo que juro que sinto o bater de suas asas contra minha testa. Seus grasnados são altos e irritantes e fazem minha nuca se arrepiar. Bastian xinga e bate os braços. Ele corta pela névoa outra vez, mas me deixa com um punho apertando meu âmago.

O motor ronca, soltando uma lufada pelo escapamento. Cadence está no leme, sobrancelhas unidas em concentração. Qualquer

outro dia, estaria comentando como ela parece sexy no comando. Mas agora, a única coisa na minha mente é o horror da situação.

Cortamos pela névoa, Cadence guiada pela luz brilhante do GPS.

O barulho do motor é abafado pelo bater do meu coração. Eu me lembro de respirar, mas quando inalo, sinto o cheiro de Emilie.

— Vamos mesmo fazer isso, hm? — Bastian pergunta.

— Tem outra sugestão? — Sai mais afiado do que necessário.

Bastian desvia o olhar para a nuvem branca que nos cerca. Deveria me desculpar, mas não o faço.

O barco estremece até parar, e Cadence volta os olhos vermelhos para nós.

— É a parte mais funda do lago.

Com o motor desligado e a névoa nos sufocando como um travesseiro, o único som são nossas respirações tensas. Só fui na igreja algumas vezes na vida – mãe temporária número dois nos arrastava até lá aos domingos para expiar seu uso regular de substâncias ilegais –, mas me ajoelhar no piso frio da popa me leva direto de volta para aqueles bancos de madeira e longas orações silenciosas. Não importa quantas vezes engula, não posso me livrar do formigamento na garganta.

Tiro o lençol, expondo a pele pálida como a lua da criança. Emilie parece dormir, os olhos fechados, a pequena boca de botão de rosa levemente aberta. Eu a ergo, a embalando contra meu coração acelerado e me inclino pela amurada. Hesito, mas depois relaxo os braços e seu corpo rola para longe e espirra na água cinza ferro.

Seu cabelo se espalha e dança a sua volta como mel derramado. O pijama rosa cria um ponto brilhante e incongruente na

névoa prateada. Mas depois a água a pega e puxa para baixo. Observamos até a superfície da água estar suave e cinza outra vez.

Cadence abafa o choro no colarinho do casaco ao dar partida no motor e fazer uma meia volta na direção da doca. Nenhum de nós diz uma palavra.

O ar frio açoita meu rosto, arrancando lágrimas de mim. Aperto a ponte do nariz e fecho os olhos, mas só consigo me controlar quando estamos atracando o barco.

Nós três encaramos a doca mas não nos movemos para sair.

Rastros úmidos brilham nas bochechas de Cadence. Até Bastian está chorando. Seguro seu ombro e aperto. Depois deslizo os braços pela cintura de Cadence e a puxo, inalando seu calor, me deleitando com o som do seu coração batendo. Eu a seguro firme, para evitar que ela, e eu, se despedace.

CADENCE_

Passaram cinco dias desde que demos Emilie para o lago. Cinco dias desde que todos retraímos para nossas cabeças, tentando lidar com a morte da garotinha, mesmo sabendo que não podemos nos esconder da magia negra do Quatrefoil para sempre.

Cinco dias tranquilos.

Aulas foram canceladas, e metade do corpo estudantil fugiu de Brume no momento que Geoffrey anunciou o novo surto viral. Os que ficaram, em sua maioria, permaneceram com as portas fechadas, se enfurnando atrás de janelas enevoadas, observando a cobertura de nuvens derrubar uma neve tão densa que parece montes de penas.

Ou pelo menos, foi o que eu fiz.

Estive andando entre minha cama, assento na janela e cozinha, tentando não pensar na garotinha flutuando entre os peixes.

Nos primeiros três dias, consegui evitar Papa, mas não no quarto, me encontrou espalhando maionese em um pedaço de pão e me forçou a falar. Disse a ele que o jeito que tratou Slate não era justo, que foi vergonhoso. Ele me lembrou que Slate era um extorsionário e que não deveria confiar em uma palavra que saísse de sua boca.

— Pare, Papa.

— Parar o quê? De proteger minha garotinha? Vejo o jeito que ele olha para você, Cadence, e não gosto nadinha.

Voltara a lambuzar o pão com maionese, raiva fazendo montes do molho espirrarem na bancada.

— Estou de olho no garoto há um bom tempo, *ma chérie*. Sei tudo sobre suas atitudes desonestas. Ele não se importa com você. Ele a vê como presa. Sabe quantas mulheres encantou para a cama só para deixá-las magoadas e sozinhas quando foge com o anel de noivado de suas avós ou as pérolas das tias avós? Ele dorme com as mulheres por suas joias e carteiras.

— Isso não é verdade.

— Ah, Cadence. Pense bem. Que tipo de homem abre um sarcófago para roubar de um cadáver? Não um honesto.

Minha pele se eriçou com irritação. Só estava falando mal de Slate para me manter afastada. Bom, não iria funcionar. Rangendo os dentes, bati rodelas de tomate e frango desfiado entre minhas fatias de pão, depois apertei o sanduíche e deixei meu pai sozinho na cozinha.

O sanduíche permanecia intocado na mesa de cabeceira. Do mesmo jeito que as últimas duas mensagens de Slate – *Ei, como você está? Está a fim de jantar?* – permaneciam sem resposta

No fundo da minha cabeça, continuava a ouvir Slate dizer para Geoffrey, *Quando tudo isso acabar, vou dar o fora daqui*. E a acusação de Papa afundou mais e mais sob minha pele.

Liguei para Alma, que atravessou pela neve até o joelho para me confortar. No minuto que chegou, contei a ela sobre minha conversa com meu pai. Pela testa enrugada, pressenti sua hesitação em ignorar suas alegações.

— Eu não sei. Eu gosto dele. É engraçado. E gostoso. E com certeza intrigante. Mas algumas pessoas são boas em esconder

seus objetivos. E se extorque pessoas para viver… bom, então, talvez seu pai esteja certo.

Liguei para ela em busca de conforto, não para se aliar com meu pai. Mas Alma pensa que Papa não pode errar. Para ela, as palavras dele têm peso. O suficiente para que duvide das próprias opiniões.

— Você pode tirar o garoto das ruas, mas não pode tirar as ruas do garoto, docinho.

Sabia que ela estava cuidando de mim, mas isso só me fez fervilhar mais.

— Lembra quando ele roubou meu anel na festa de Ano Novo?

— Devolveu na hora.

— Porque você disse para devolver. Não faz dele mau, mas com certeza faz seu motivo para ficar em Brume questionável.

— É o filho dos Roland! É por isso que ficou. — Não menciono a Pedra de Sangue, que ele *tinha* roubado da minha mãe. Ah, Deus, eles estavam certos… Ainda assim, disse: — Ele não está aqui para roubar minha herança. Tem a própria.

— Você ainda pode se divertir com ele, só tome cuidado. — Alma tocou na pulseira de berloques que herdei de Maman. — Pode querer tirar isso.

Ela e meu pai conseguiram plantar a semente tóxica que cresceu conforme as horas passaram. Ele era um ladrão e um gigolô. Não pertencia a Brume.

No quinto dia, precisava sair de casa. Mas aonde ir? As ruas não haviam sido desobstruídas e o clima estava sombrio, como meu humor. Como se tivesse transmitido meu desejo por um escape, recebi uma oferta na forma de mensagem de texto.

CHARLOTTE: *Festa surpresa de aniversário na casa do Adrien hoje. 19 horas. Sei que vocês são próximos, então venha. E pode*

trazer Slate. ;)

EU: *Estarei lá.*

Não disse nada sobre Slate ou *para* Slate. Mas liguei para Alma.

Abraço a garrafa magnum de champanhe que peguei da adega de Papa contra o peito ao vadear pela neve até o Terceiro Kelc'h. O clima está péssimo, mas ainda assim usei um vestido e coloquei um par de botinhas de salto dentro da bolsa de tecido para trocar as botas de neve de plástico.

— Cadence! — Eu me viro para encontrar Alma atravessando a neve na minha direção. — Olhe para você. — Solta um assobio galanteador.

Fico tentada a revirar os olhos.

— Alisei o cabelo e passei rímel.

— E batom.

— Apenas gloss.

— Ugh. É mesmo. Seus lábios já são estupidamente vermelhos. Sabe que te odeio por isso. — Ela me alcança, e continuamos a andar. — Como você está se sentindo hoje? Sobre… você sabe… *ele a quem não devemos nomear*.

Fiz minha paz com o fato que o beijo que Slate e eu trocamos foi nosso último.

— Bem — minto. Meu coração parece tão triturado quanto a neve sob minhas botas. Penso na Emilie, e seu destino coloca meu dilema em perspectiva.

— Sabe qual é o melhor jeito de superar alguém?

— Não. Qual?

— Entrar de baixo de outro alguém. — Alma move as sobrancelhas.

Suspiro, porque está certa. Superei minha paixonite por Adrien com uma paixonite por Slate. Agora, preciso encontrar outra pessoa. Só que conheço todo mundo em Brume, e considerando que nossa cidade está sob falsa-quarentena, não tem jeito nenhum que Charlotte convidou pessoas de outra cidade para sua festinha.

— Tenho o pior gosto para homens.

Alma bate o ombro no meu.

— Não tem. Brume só oferece uma variedade limitada.

— Você também mora aqui, e não acaba gostando de todos os errados.

— Porque sou *muito* menos exigente. Sem contar, não estou procurando algo que dure.

— Não quero algo que dure.

Alma ergue uma única sobrancelha.

— Sério?

— Sim, sério.

Ela solta uma zombada eloquente.

— Desde quando?

— Desde esta noite. Quer saber? Esta noite, vou ficar com alguém, apenas por uma noite.

Os olhos dela ficam muito redondos e muito arregalados.

— Cadence de Morel, um espírito te possuiu?

Aperto os molares com a menção de espíritos e possessão. Por quê, ah por que ela precisou mencionar o oculto?

— Não. — Meu tom é tão seco quanto a parte de dentro da minha boca. Seguro o braço com mais firmeza em volta da champanhe e pisoteio a neve na direção da casa de pedra cinza de

dois andares, de Adrien, que brilha como um farol na noite fria de inverno.

— Você está bem? — Alma tem que trotar para me acompanhar.

Solto uma respiração que paira no ar.

— Só acabei de perceber que a vida é curta. — O corpo de Emilie flutua atrás das minhas pálpebras. — E não quero morrer virgem.

— Tudo bem. — Posso ver que ainda está confusa, porque suas sobrancelhas ainda não se igualaram. — Caso mude de ideia, vamos pensar em uma palavra segura, e vou te afastar de possíveis arrependimentos. Que tal… *raposa-branca*?

— Vai ser fácil colocar isso numa conversa.

Meu sarcasmo reinicia o bom humor de Alma. Enquanto esfrega as botas de salto plataforma contra o capacho hirsuto, enfio a garrafa em seus braços para trocar de sapato, depois bato as botas de borracha juntas.

Mais duas pessoas aparecem atrás de nós: Liron e seu irmão mais velho, um veterano como Charlotte. Se não estou enganada, ele costumava namorar a melhor amiga de Charlotte, Jasmine.

— *Salut*. — Liron sorri para nós. — Caleb estava preocupado que não teria ninguém nesta festa. Além de Jas, Char, e Adrien, quer dizer.

Alma respira fundo.

— Deus, nem pensei nisso.

Eu também não.

— Isso teria sido…

— Embaraçoso? — Caleb opina com um sorriso que não curva seus olhos ou os faz brilhar como os de Slate.

O que é algo bom, já que não quero um segundo Slate. Aperto o dedo na campainha. A porta se abre, soltando uma rajada de ar

quente com cheiro de cigarros, maconha e queijo derretido.

— Entrem, entrem! — Charlotte fala sobre a música alta, os olhos tão vidrados que presumo que o drinque na sua mão não é o primeiro. Conforme passo por ela, pergunta: — Cadê o Slate?

Coloco meus sapatos molhados sob a arara de casacos ao lado da porta que está transbordando com casacos de inverno e acrescendo o meu a pilha.

— Não conseguiu vir.

— Ah, cara. Jas vai ficar tãaaaao decepcionada — arrasta.

Sei que é mesquinho, mas não posso evitar pensar: *ótimo.*

— Onde está Adrien? — Pego a garrafa gigante de Amour de Deutz das mãos de Alma.

— Na cozinha, está tentando salvar os miniquiches que deixei passar do ponto. — Ela franze o nariz. — De qualquer maneira, pegue uma bebida, ou um baseado. Fiquem à vontade. E tirem essas máscaras medonhas. — Já que nem Alma ou eu ou os garotos estão usando, imagino que está se dirigindo a outro convidado. Com certeza, mais duas pessoas estão paradas na soleira da casa. — Sei de fonte segura que esse vírus não é tão contagiante quanto pensamos. Geoffrey me disse — acrescenta com uma piscadela preguiçosa.

Se eu fosse Jasmine ou Adrian, removeria a força seu copo e a faria beber um pouco de água. Quer dizer, é só 19:15.

Passo pela sala de estar até a cozinha aberta onde Adrien sibila uma série de palavrões quando os dedos conectam com uma bandeja.

Dou um sorriso. Não posso evitar. Não é sempre que posso ver o calmo e controlado Adrien tão domesticamente estabanado.

— Quer um pouco de ajuda?

Desvia o olhar dos quiches queimados. Por meio segundo, me encara como se não me reconhecesse, depois pisca e grunhi:

— Obrigada por vir na minha festa surpresa.

Meu sorriso cresce. O fato que Charlotte não sabia que ele odiaria aumenta minha opinião sobre sua falta de durabilidade.

— Não era o que tinha em mente para comemorar o grande 2-4?

— Nem de longe. — Olha para além de mim, para a multidão que aumenta como a neve no peitoril das suas janelas. — Com toda honestidade, esperava que o surto falso atrapalhasse os planos dela, mas aí meu pai precisou mencionar que esse vírus…

— Não é tão contagioso. Ouvi. — Coloco a garrafa de champanhe no bar.

— A maior parte dessas pessoas são meus alunos — acrescenta em uma voz baixa.

— Sua namorada é sua aluna, Adrien.

— Não. Ela *era* minha aluna. Nunca passei desse limite. — Empurra uma mecha de cabelo com gel para trás com o antebraço desnudo e lê o rótulo na garrafa dourada. Seus olhos se voltam para os meus. — É bom demais para beber esta noite. Vou guardar para quando tivermos terminado o… *quebra-cabeça*.

— Ah, o quebra-cabeça. — Suspiro enquanto ele coloca a garrafa sob a pia, ao lado do extintor de incêndio e produtos de limpeza. — Queria que já tivesse recuperado minha folha.

Ele sorri, mas é envolto de tensão.

— Queria ligar e ver como você estava depois do outro dia.

Pego uma espátula de metal do jarro grosso de cerâmica acima do fogão e começo a ajudá-lo a deslizar os quiches salváveis do papel manteiga escurecido para a bandeja de servir.

— Eu estou bem. E você?

Ele para.

— Trombei com a mãe dela. Estava em uma reunião com meu pai.

Mordo o lábio, depois solto para sussurrar:

— Ela acredita que Emilie fugiu?

— Não. Acha que alguém a sequestrou. Contratou um detetive particular. Papa estava tentando acalmá-la, mas disse a ele que fosse se ferrar com seu vírus. Que se a filha dela estava lá fora, a encontraria. — Passa uma mão pelo rosto, transferindo um pouco de crosta queimada para o queixo. — É tão horrível.

Estou prestes a falar para ele do borrão preto quando Charlotte se apressa para seu lado, choramingando:

— *Bébé*, está perdendo sua própria festa.

— Nem um pouco. Cadence e eu estamos nos divertindo garantindo que seus convidados não comecem a mastigar meus móveis Tudor.

— *Nossos* convidados.

— Sim. Nossos convidados.

Ela engancha um braço magro no pescoço dele e arrasta o rosto para o seu. Desvio o olhar, congelando quando meus olhos conectam com um par muito, *muito* escuro. E não estou falando da sua cor.

Porcaria.

Slate caminha até a cozinha, Bastian no encalço, atraindo bastante atenção no caminho. Enrijeço a coluna e cruzo os braços, tentando acalmar meu coração revoltado. Não deveria me sentir culpada por ter deixado suas mensagens sem resposta, ou ter falhado em estender o convite de Charlotte, ainda assim, culpa é exatamente o sentimento borbulhando em mim. Isso, e um pouco de luxúria, porque o garoto se arruma muito bem. Até mesmo o machucado amarelado na testa não diminui seu apelo.

— Ah, eba! — Charlotte rodopia para longe de Adrien e sorri para Slate. — Conseguiu cancelar seu compromisso! — Os olhos dela vão direto para a pequena multidão pendurada nos móveis de nogueira esculpida que Adrien herdou da família do lado do pai.

— Bonita casa — Bastian diz, olhando em volta antes de focar no chão. — Esses azulejos são incríveis.

Estudo as estampas de arabesco azul escuras contra o fundo branco cremoso.

— Adrien os trouxe de Marrakesh. — Quando volto a olhar para cima, o desgosto de Slate colide comigo como novo. Está imaginando que eu os cimentei ao lado de Adrien? Talvez…

— Cadence, posso falar com você?

Quero dizer não, mas seria infantil, e estou tentando muito agir como um adulto, então assinto e ando para o outro lado da cozinha.

— O quê?

Ele faz uma careta.

— Como você está?

— Bem.

— Pensei que pudesse não ter visto minhas mensagens, mas acho que escolheu não as responder. Do mesmo jeito que escolheu não me convidar esta noite. — Sua voz tem uma pontada inconfundível.

Ao invés de me acovardar, me faz endireitar e alongar o corpo.

Seus olhos não se desviam dos meus.

— Tem um motivo pelo qual está me evitando?

O desejo de ser direta e perguntar a ele se é mesmo um gigolô glorificado está na ponta da língua, mas ele vai embora em uma semana. Talvez mais rápido dependendo do Quatrefoil temperamental. No lugar, falo:

— Olha, pensei no assunto e não quero começar nada que não tem chance de ir a algum lugar. — Não é toda a verdade, mas é a plena verdade.

— Então vai me ignorar até eu ir embora?

Meu pulso bate contra meus antebraços tensos, contra meu pescoço tenso. Não sei como responder, então fico quieta.

— Isso é por causa do… que aconteceu no lago? — Sua voz quebra.

Posso não querer ficar com ele, mas não posso deixar que pense que tem algo a ver com pequena Emilie. A culpa seria demais.

— Não.

Fica quieto por um segundo, depois suas sobrancelhas se inclinam sobre os olhos, os sombreando mais.

— Seu pai disse alguma coisa, não disse?

Engulo. Como diabos adivinhou?

— Posso ao menos saber do que fui acusado? Sem dúvida sou culpado, mas digamos que sou curioso.

Minhas narinas dilatam em aflição, e o cheiro de especiarias e café preto sai da sua pele e atravessa direto para meu peito.

— Acho que não é necessário discutir isso, Slate. Logo você vai embora e…

— Cadence, apenas acabe logo com isso.

— Tá bom. — Meus braços ficam ainda mais tensos. — Ouvi dizer que você seduz mulheres para as extorquir. E quando digo seduzir, quero dizer… — Não termino. Não posso.

Suas pupilas parecem ter se espalhado, apesar de suas íris serem tão escuras e a luz da cozinha tão fraca, pode ser minha imaginação.

— Seu pai te disse isso?

— Sim.

Durante um minuto inteiro, nós dois ficamos em silêncio, mesmo que por dentro esteja gritando “é verdade?”

Atrás dos ombros retos de Slate, pego Charlotte e a amiga, Jasmine, tentando passar por Bastian, que está fazendo um trabalho maravilhoso em distraí-las com perguntas educadas sobre as aulas e cursos.

— Olha, não importa. É sua vida.

— É minha vida. Meu negócio. — Ele parece irritado mas não arrependido ou surpreso. — Mas também é meu *negócio*.

Meus lábios se abrem com um suspiro chocado.

— Então é verdade?

Ele aperta a mandíbula.

— Bom saber. — Vou desviar, mas ele se move, bloqueando minha escapatória.

— Caso esteja se perguntando se foi por isso que te beijei, Cadence, não foi.

Inclino o pescoço.

— A única coisa que odiaria perder é minha pulseira. — Minha pulseira, cujas pontas estão afundando desagradavelmente na pele, cujo berloque de trevo de quatro folhas esmeralda brilha baixo. — Então se decidir levar algo antes de ir embora, pelo menos tenha a decência de me deixar isso.

E aí empurro para passar por ele, calor cobrindo os olhos, odiando que Papa estava mesmo certo.

Odiando que beijei uma boca usada em mulheres desavisadas para despojá-las das suas posses valiosas.

Alma me alcança assim que chego na porta.

Ela me dá um sorriso cheio de remorso.

— Raposa-branca?

— Sim. — Tento pegar meu casaco do suporte, mas todos os tecidos se misturam. Por fim vejo prata e puxo. Seis casacos caem. O meu entre eles. Alma me afasta com cuidado para evitar que crie um massacre maior, pega meu casaco, depois pega as peças caídas e as joga de volta no suporte.

Uma lágrima escorre assim que uma mão circula meu bíceps.

— Cadence? O que aconteceu? O que Slate fez? — Os olhos de mel de Adrien estão semicerrados e assassinos.

— N-nada.

— Mentira. O que o babaca fez?

Olho boquiaberta para Adrien, tão desacostumada a ouvi-lo xingar.

— Sério. Não é nada demais.

— Você está chorando, Cadence. O quê? Ele. Ele. Fez?

— Estou exagerando.

— Cadence.

— Prometo. Estou. Juro que não fez nada. Não para mim.

— Mas para alguém?

— Adrien, por favor… aqui não. As pessoas estão olhando.

— Não ligo para nenhuma dessas pessoas. A única pessoa com quem me importo é você.

E Charlotte.

Quero corrigi-lo, mas não o faço, porque é óbvio que não percebeu que me destacou.

— Está bem — fala. — Vamos sair, para que você possa…

Um grito agudo corta a sala de estar, o interrompendo. Só a música permanece, batendo junto com meu coração.

Nossos corpos enrijecem conforme nos viramos e vemos o suéter de angorá rosa que mostra o umbigo de Charlotte pegar fogo.

Charlotte solta a garrafa de champanhe que enfeitou com uma vela faísca gigante e começa a bater no suéter. Brume me perturbou tanto que, por cinco longos segundos, ver uma garota em chamas não me parece estranho.

Minha primeira reação é: *Huh? Isso é divertido.*

Mas aí fico: *Ah, caralho!*

A reação de Adrien é instantânea. Em questão de segundos, pula sobre seus móveis volumosos de velho, desliza pela espuma de champanhe, e derruba Charlotte com tudo, gritando:

— Cadence! Slate! É minha peça! Tirem todos daqui, agora!

Putain de merde. Isso me coloca em ação.

— Para fora! Todo mundo para fora! — Empurro a amiga da Charlotte para longe de Adrien e sua namorada iluminada, em todos os sentidos, depois estico os braços para cercar a multidão.

Cadence e Bastian estão jogando casacos e cachecóis aleatoriamente para os alunos afunilando para fora da casa. A amiga da Charlotte – não lembro o nome, talvez algo com G – se oferece para ajudar, mas faço um sinal para Bastian que a guia para fora com calma, evitando que eu a empurre na neve. É um maldito circo, mas é um pequeno. Em menos de um minuto, a festa acabou

e a porta está trancada. Não sobrou nenhum convidado exceto Alma, Cadence, Bastian e eu.

Merda. Alma. Ela deveria estar aqui?

Olho para Cadence, cujos olhos vermelhos estão arregalados com alarme. Odeio que fiz isso. Que fiquei parado e usei a saída covarde do nosso relacionamento condenado ao aceitar minha reputação de arrombador Casanova, porque perder seu respeito é melhor do que partir seu coração.

Deixe-a ir. Está melhor sem você.

Todos estão.

A amiga de Charlotte bate na janela.

— Me deixe entrar!

Eu a ignoro. Todos ignoramos.

— Uma ajudinha! — Adrien grita, montando em cima da Charlotte, batendo no suéter com as mãos.

Pego o balde de gelo da mesa de centro e viro, transformando-a em uma bagunça raivosa e cuspindo. As chamas se apagam, deixando para trás os resquícios esfarrapados do suéter felpudo e pedaços de pele empolada. *Puta merda.* Isso deve doer. *Espera.* Isso significa que está amaldiçoada, ou essa é uma Charlotte-falsa? O corpo apático de Emilie lampeja atrás das minhas pálpebras, e enrijeço como uma escultura de gelo.

Olho para o anel no meu dedo médio.

— Adrien, espera. O anel. Não está brilhando.

Adrien segura Charlotte no chão, um braço empurrado na sua garganta.

— Vou te matar *diaoul* — rosna. — Sal! Preciso de sal!

— Adrien… — Estou prestes a repetir o aviso quando a pedra faísca e cãibra sobe pelos meus dedos e tendões. Aperto a mandíbula, respirando pela dor. *Putain de merde,* estava errado. —

Continue a fazer o que seja que está fazendo — murmuro entredentes. — Pedra de Sangue está brilhando.

Os olhos de Charlotte esbugalham conforme se retorce, saltos altos e punhos pálidos se alternam ao bater no piso de madeira envernizada e o colete de lã azul claro de Adrien.

Cadence entra em ação, desviando de mim e do par se contorcendo no chão. Um segundo depois, retorna segurando um moedor cheio com flocos rosa chiques. Ninguém tem sal normal nessa cidade?

Alma puxa o suéter de Adrien, esticando o colarinho.

— Adrien, você a está machucando!

Bastian se aproxima por trás dela e coloca uma mão em seu ombro, provavelmente para afastá-la antes que faça contato com a peça e fique amaldiçoada. *Garoto esperto*.

— Ela é um *diaoul* de fogo. — Uma mecha de cabelo voa nos olhos semicerrados de Adrien. — Um demônio!

A cashmere esticada escorrega por entre os dedos de Alma.

— Um de-demônio?

Bastian a puxa para trás, e ela tropeça com aqueles saltos de palafita.

— Algo não parece certo — Cadence sussurra ao meu lado.

Olho para ela, meu coração amassado dentro do peito como chiclete mastigado. Ela está certa. O fogo apagou, e Charlotte está aterrorizada. Minha *groac'h* era muitas coisas, a maior delas ruins, mas nunca entrou em pânico. Não tem magia sedutora ou maldade estranha.

Cadence dá uma olhada no anel, que parou de emitir luz e pontadas de dor aleatórias. Estico a mão na minha frente, mais perto de Charlotte. A Pedra de Sangue não faísca outra vez de forma macabra, mas um ponto de escarlate brilhante permanece no

centro, e apesar dos meus músculos não estarem mais se contraindo, com certeza parecem um pouco tensos. Mas isso poderia ser devido as trezentas flexões que fiz antes de vir para essa bosta de festa de aniversário. Estava tentando gastar meu excesso de… vamos chamar de *energia*, e o vinho não estava fazendo muito efeito.

Adrien pega o sal e joga um pouco em Charlotte mesmo assim. Nada acontece. Nenhuma fumaça. Nenhum grito. Nenhum derretimento. Nada.

O rosto de Charlotte está ficando o mesmo tom de azul dos azulejos elegantes da cozinha. Demônios não podem sufocar, podem? Podem sequer respirar?

— Adrien, saia de cima dela. — Quando não sai, fecho a mão no seu cabelo cheio de gel e puxo com tanta força que ele berra. O meio segundo de distração é o suficiente para Charlotte rastejar para longe dos seus braços.

Cadence a ajuda a sentar.

— Não toque nela! Vai te amaldiçoar, Cadence. Não. Toque. Nela. — Adrien se solta de mim, mas o seguro outra vez, dessa vez o prendendo em um mata-leão. O cara fica feroz, rosnando e arranhando minha manga com suas unhas polidas.

Gosto deste lado selvagem do Professor Pintão porque fez o lábio superior de Cadence se mover com desgosto. Sim, eu a afastei, mas com certeza não quero que acabe no colo de Adrien.

No colo de qualquer homem…

— Ela não é a peça, Adrien. — A voz de Cadence é firme, os olhos límpidos irradiando simpatia e repugnância ao mesmo tempo.

Charlotte está tremendo e chorando. Entre soluços, grita:

— O que diabos há de errado com você, Adrien?

O corpo dele relaxa, a luta e convicção se esvaindo. Eu o solto, e se ajoelha no chão molhado ao lado de Charlotte, que está segurando Cadence como se fosse um salva vidas.

— *Merde.* Ah, *bébé*, me desculpe. Eu…

— É um maldito lunático! Um demônio? *Você* é o demônio. Poderia dar queixa, sabia? Agressão. Você não estava tentando apagar o fogo. Estava tentando me *machucar*. Talvez até me matar. — A voz de Charlotte fica mais aguda com cada palavra.

— Não, nunca iria… pensei… pensei...

Cadence a ajuda a se levantar, depois mantém um braço em volta de sua cintura, porque Charlotte parece um adolescente depois da primeira cerveja da vida. Pernas bambas. Corpo oscilante. Nenhum senso de profundidade. Os saltos deslizam na poça espumosa, e apesar do braço de Cadence apertar, as duas se inclinam para o lado e batem no aparador com um prato de tagine de prata batida. Adrien se levanta de um pulo e estica o braço para equilibrá-las, mas Charlotte bate em sua mão para afastá-lo.

Cadence a ajuda na direção do sofá.

— Precisamos tratar suas queimaduras…

O olhar repentino de Charlotte para Cadence no meio da frase.

— Entendi. — Ela cacareja, juro por deus, cacareja. — Você sabotou a vela faísca.

— Me desculpe?

— Você quer o meu namorado, então sabotou a vela.

— Estava na porta quando…

— Viu. Não está nem contradizendo a primeira parte do que disse. Sua putinha mirim.

Minha barriga se aperta junto com os punhos.

— Cuidado com o que diz — rosno, baixo e ameaçador.

Charlotte observa Adrien, o corpo tremendo com adrenalina e raiva.

— Você disse o nome dela uma vez quando estava enterrado até as bolas em mim, caralho. Fingiu que estava pensando nas aulas e em corrigir trabalhos.

— Char, isso não é verdade. — A voz do Adrien é fina, e ah nada convincente.

Infelizmente, não posso ver o que a novidade está fazendo com Cadence, porque está de costas para mim.

— Charlotte! — A voz da amiga está abafada pelo vidro, no entanto parece ecoar pela casa silenciosa. — Os bombeiros estão aqui! Vão derrubar a porta se não os deixar entrar.

Com certeza, soa uma batida alta.

— Bastian. — Inclino o queixo na direção da porta. Ele ajuda Alma a se sentar em um sofá, depois vai para a porta.

Charlotte funga.

— Talvez devesse chamar a polícia. Ou seu papai. Tenho certeza que adoraria saber tudo sobre o casinho de vocês.

— Nada está acontecendo entre Adrien e eu, Charlotte. — A voz de Cadence é inflexível.

— Ainda.

Meus molares rangem.

— Você está em choque, *bébé*.

— Não me chame de bebê, porra. Não sou sua *bébé*. Não sou nada sua.

Os mesmos homens que protegeram o poço transbordante na semana passada agora estão parados na sala de estar, armados com extintores de incêndio e máscaras cirúrgicas.

A amiga serpenteia por eles e gruda na ex fervilhante do Adrien. E depois a sala irrompe em perguntas: O que aconteceu? A fonte da

chama foi controlada? Alguém tem algum ferimento físico?

A última pergunta rende um olhar afiado da Charlotte.

— Acha que pintei bolhas na porra do meu corpo?

— Além de você, mademoiselle — o bombeiro diz.

— Não. Foram poupados. Só eu.

— O paramédico vai te atender. — O chefe estala os dedos.

Um dos homens cobre os ombros de Charlotte com um lençol prata, do tipo que entregam depois de maratonas, e depois escolta ela e a amiga para fora da casa.

O chefe puxa Adrien para o lado para mais algumas perguntas enquanto Cadence vai até a cozinha e pega um rolo de papel toalha e o balde de gelo que deixei de lado. Ela se agacha para juntar os cacos de vidro, os jogando no balde vazio. Vou ajudá-la, esperando que me ataque e mande eu me foder. Não faz nada disso. Não tenho certeza se percebe que estou agachado ao seu lado.

O volume do barulho diminui e depois a porta se fecha com um clique. Adrien fica parado encarando-a por um bom tempo. Os ombros estão tensos e ainda assim tremores descem pelos seus braços. Quase me sinto mal por ele. *Quase* porque se o que Charlotte disse for verdade, então ele é um maldito sacana.

Escuto Alma e Bastian conversando em tons baixos, as únicas outras pessoas que ficaram. Cadence se levanta e leva o balde para a cozinha, onde o esvazia no lixo. E depois está amassando toalhas de papel e secando o champanhe derramado. Pego o rolo e arranco algumas folhas, olhando para Adrien a cada poucos segundos. Ainda está de costas para nós, mas as mãos estão erguidas, segurando a cabeça. Vergonha exala dele em ondas densas.

Por fim, diz:

— Pensei que ela fosse minha peça.

Depois de um minuto de silêncio, Alma pergunta:

— O que isso quer dizer: sua peça? O que está acontecendo?

Cadence olha para a melhor amiga.

— Te conto depois, querida.

Alma bufa.

— Que tal me contar agora, *querida*?

Cadence se vira para mim. Está procurando conselho ou conforto?

Quero dar os dois.

— Bastian, por que não explica o que sabe?

Depois de quase uma semana nesse inferno, ele está atualizado. Enquanto passei os últimos cinco dias pensando na Emilie, me refugiando sob o edredom, comendo nada além de madeleines baratas e vinho de cinco euros, ele vadeou até o Quinto Kelc'h para usar a biblioteca, só para encontrá-la fechada. Aí, vadeou de volta e fez uma pesquisa completa na internet sobre o lugar. Ele é uma completa esponja de informações; cada pedacinho gruda no seu cérebro, não importa o quanto seja insignificante. E normalmente consegue ligar os pontos que ninguém mais vê. No quinto dia da minha deprê, arrastou meu traseiro infeliz da cama e me fez tomar um banho muito necessário.

Eu o vejo enfileirar os copos de vinho descartados na mesa de centro com as cervejas pela metade. Sempre fica inquieto quando é o foco da atenção. Quando éramos crianças, e nossos pais temporários o interrogavam se trapaceou na aula – suas notas eram perfeitas demais – ele cuidava de uma planta murcha ou organizava a dispensa por cor.

Conforme explica para Alma o Quatrefoil e a maldição, Adrien enfim retorna para a cena do crime.

— Não acredito que fiz aquilo com Charlotte. — Bate na borda da bancada da cozinha. — Ela nunca vai me perdoar.

— Por dizer o nome de outra garota durante o sexo ou chamá-la de demônio?

Cadence me fuzila, cor subindo para suas bochechas, até os olhos. Juro que estão mais azuis. Sim, foi uma coisa babaca de se dizer, mas me arrependo? Nem um pouco.

— Por que você a chamou de demônio, Adrien? — Seu olhar quente não desvia do meu rosto.

Adrien passa uma mão pelo cabelo bagunçado.

— Nesses últimos dias, tenho pesquisado maldições para a peça de Fogo. Um *diaoul* – ou demônio – feito de fogo é um jeito que a magia negra protege o Quatrefoil. Quando vi a camisa dela em chamas, tive certeza que era um truque.

— Isso é completamente insano! — Alma solta com a admissão de Bastian. — Magia é real. Maldições são reais. E vocês são os escolhidos! Uau. — Animação suplanta o choque.

Cadence faz uma careta enquanto eu suspiro e jogo as últimas toalhas de papel encharcadas no balde de gelo.

— Adrien, você tem um esfregão? Precisamos limpar seu chão, ou vai ficar grudento.

— Faço isso mais tarde. Não se preocupe. — Pela primeira vez desde o confronto, Adrien olha para Cadence, e ela para ele. — Cadence, sinto muito. Sobre o que ela disse — acrescenta por lábios que estão tão apertados que estou surpreso que ele consegue produzir palavras.

Ela dá um sorriso chocho.

— Não se preocupe. Sei que não é verdade.

Pro inferno que não é. Vejo como olha para ela. É do mesmo jeito que eu olho.

Ele puxa a barra do colete azul bebê, depois reajusta as mangas enroladas da camisa, como se para parecer um daqueles modelos

de professor nerd nas capas de livros de romance.

Ignoro a dor serrando pelo meu peito, braços, por todo meu corpo. *Cadence acha que você é escória, Slate.* E sou. Mas, ao contrário do que Rainier disse a ela, esvazio bolsos e não corações, e não levo inocentes para cama. As mulheres que acabam enroladas nos meus lençóis são tão sem coração quanto eu – ali por um motivo. O mesmo que eu. Gratificação sem compromisso.

Cadence é diferente. Merece mais. Mais do que eu.

Sem arrependimentos, Slate.

Mas também merece mais do que Adrien.

Pego o balde de toalhas de papel sujas e jogo tudo no lixo. E depois, quando me viro, prestes a sugerir levar as garotas para casa, meus dedos empalidecem em volta do balde de metal e o anel cospe tanta luz vermelha, que mancha de verdade o ar ao meu redor.

Putain de bordel de merde.

A chaminé de pedra, cornija, até a lareira estão expandido e retraindo como se a lareira estivesse… respirando. Línguas de fogo lambem a proteção antes de se contorcer e girar, se tornando uma esfera enorme.

— Cuidado! — Meu braço contrai e contrai. Fecho os dedos.

Bastian pega Alma e se abaixa atrás do sofá enquanto solto o balde e colido com Cadence, a jogando no chão ao mesmo tempo que uma bola de fogo atravessa a sala de estar, fumaça e faíscas a centímetros das minhas costas. Fico tenso sobre Cadence, garantindo que todo o seu corpo esteja em segurança sob o meu, o quadril contra minha virilha, a cabeça no ângulo do meu ombro.

Apesar do Quatrefoil estar de volta, não sinto nada além da pressão do seu corpo contra o meu. Ergo a cabeça para ver como está. Suas pupilas estão dilatas, as bochechas coradas, e os lábios

vermelhos com gloss apenas a centímetros dos meus. Maldição, mesmo no meio de todo esse caos, a primeira coisa que penso é o quanto a quero.

— Slate, precisamos nos levantar.

Não quero mesmo. Vou machucar seu quadril com o tanto que não quero.

Seus olhos semicerram, as mãos espalmam minha camisa social e depois me empurra.

— Precisamos ajudar Adrien.

Com as narinas dilatando, falo rouco:

— Tudo bem. Eu vou. Você fica abaixada.

— Pro inferno que vou ficar.

— Cadence… — rosno.

— Slate — ela rosna de volta, me socando com meu próprio nome.

Quero lamber o som dos seus lábios, depois fazê-la gritá-lo por um motivo completamente diferente.

Sem arrependimentos, meu cu. Assim que isso terminar, vou recuperar a reputação que permiti que de Morel manchasse e corrigir esta garota. Cadence e eu, é provável que vamos nos destruir e queimar como a casa de Adrien, mas prefiro me acabar em chamas com ela do que apagar a labareda sibilante.

Enquanto olho feio para Slate, um gemido vem da cozinha onde uma bola de fogo está fazendo pingue pongue contra os armários pintados de azul e esquadrias da janela, zumbindo pela cabeça de Adrien como um morcego lívido e escaldante. As cortinas incendeiam, e depois a bola de fogo volta com tudo pela sala de estar, bate na grande mesa de jantar de nogueira antes de ricochetear contra o quadro a óleo da sua mãe.

As chamas comem a tela, derretendo o rosto de Camille, bato o olho de volta em Adrien que está parado no meio da cozinha estreita, imóvel e atordoado.

— O extintor de incêndio! — grito. — Sob a pia!

Ele não reage, então me levanto atrapalhada. Slate segura meus braços, e acho que está prestes a me empurrar para baixo, mas na verdade está me ajudando a levantar. Sua preocupação e proteção está turvando meu foco, e preciso mesmo ficar alerta, então desvio o olhar.

Alma me espreita de trás do ombro de Bastian e uma cortina de cachos loiro avermelhados. O irmão de Slate não pode começar a imaginar como estou grata por sua presença esta noite.

— Adrien, extintor de incêndio! — Ainda não reage aos meus gritos, então corro na cozinha, abro a porta do armário e pego o

extintor antes de jogar a gosma branca no que restou das cortinas da cozinha. A bola de fogo atinge as estantes de livros que cercam a lareira e flamejam fileiras organizadas de lombadas antes de pular de volta por cima da tela de fogo e desaparecer pela chaminé.

Merda, merda, merda.

Bastian está com a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados, as narinas dilatadas.

— Súlfur.

— O quê? — Slate engasga quando a nuvem de fumaça aumenta e madeira estilhaça.

Bastian foca o olhar na chaminé.

— Acho que a bola de fogo foi o precursor do evento principal.

— Odeio para caralho esse Quatrefoil — Slate murmura.

— O que é súlfur? — Alma pergunta-sussurra.

— É o termo bíblico para enxofre — Bastian explica. — Também conhecido como o cheiro do Inferno.

Alma franze o nariz.

— Adorável.

Fumaça bafora da lareira, que começa a inchar outra vez, e depois a parede inteira está tremendo, e livros flamejantes estão caindo das prateleiras.

— Bastian, tire Alma daqui! — Slate urra. — E vocês dois fiquem para fora!

— Mas...

— Agora! — Depois ele se vira, me caçando com os olhos escuros. — Cadence, você também.

O quadro de Camille desmorona no chão, a moldura de madeira acertando o encosto de camurça marrom do sofá. No caminho até a porta, Bastian arranca um cobertor de lã de uma cadeira e joga

sobre a chama, efetivamente sufocando-a, mas parece tão inconsequente considerando a devastação.

E pensar que se Bastian estiver certo, este é apenas o começo.

Conforme a porta bate atrás dos nossos amigos, Slate grita para Adrien.

Adrien, que ainda está parado como uma criança perdida em um campo de guerra.

— Qual o plano, Mercier?

A casa ressoa e depois as pedras cercando a lareira voam, batendo no teto de gesso bege e paredes com lambris. Cubro a cabeça, a saraivada de destroços respinga em nós com força e rápido, mas o rugido inumano que segue arrasta meus braços para baixo na hora.

Slate acena na direção da besta de escamas verdes respirando fogo por narinas do tamanho de pires.

— Acho que *essa* é sua peça, Prof. Uma enorme cobra feia com asas.

— Uma *guivre* — suspiro. Aprendemos tudo sobre esse tipo de dragão nos *Mitos e Lendas Brumianos* semestre passado.

Isso sobressalta Adrien de seu estupor.

— Não é qualquer *guivre*. Um *guivre* demoníaco. Solta fogo do inferno.

Slate bufa.

— Certo. Porque fogo normal é para maricas.

Os olhos de Adrien estão enormes e brilhantes como bolas de gude ao olhar pela cozinha.

— Sal! Preciso de sal!

— Planejando temperar ele, Prof?

Ele encontra o moedor que deixei na beirada da bancada, pega, e tira a tampa, depois derrama flocos rosa na mão e enfia nos

bolsos antes de encher pela segunda vez. Enfim, ele vira o conteúdo do moedor nos bolsos.

A criatura vira a cabeça na nossa direção, fios gêmeos de fumaça cinza pulsando das suas narinas, embaçando os limites do seu rosto equino e chifres curvados. Aperto o extintor, direcionando a mangueira para a besta que paira sobre os destroços, olhos de fenda fixos em Adrien.

— Cadence, dê o fora daqui. — Slate está parado ao meu lado, o braço esquerdo colado no meu.

— Não.

Apesar de Adrien não desviar o olhar do *guivre*, explica:

— De acordo com Gaëlle, o sal vai imobilizar a peça tempo o suficiente para que recite o encantamento.

Encantamento? Ele conhece um feitiço contra dragões?

Não pergunto por medo de distraí-lo. Estou incrivelmente contente que tem um plano, porque meu extintor prático não vai ser muito útil contra um *guivre* que pode engolir Slate e eu, e ainda ter espaço de sobra para Adrien.

Algo estilhaça, e me viro para encontrar Slate passando uma assadeira sobre as bordas irregulares de vidro presas na esquadria acima da pia da cozinha.

— Cadence, vou ajudá-lo a conter a peça. Mas saia. *Por favor.*

— Não vou deixá-lo. — *Ou você.* Não sei por que não digo a última parte em voz alta. Por que estou brava e birrenta?

A mandíbula de Slate faz um treino inteiro com a intensidade de infelicidade que minha recusa causa. Posso ver que quer discutir mais um pouco, talvez até me enrolar nos braços e me jogar pela janela aberta. Mas seus olhos se arregalam e aí… e aí está se jogando em mim, e caímos nos azulejos, o impulso arrancando o extintor da minha mão. Apesar de proteger a parte de trás da minha

cabeça e meu cóccix com as mãos, o impacto solavanca todos os ossos do meu corpo.

Pisco, vendo fitas pálidas de fumaça passarem zunindo pelo pilar de osso, músculo e pele quente me protegendo. Aquelas eram… eram mais bolas de fogo?

Mon Dieu.

Tento me arrastar de baixo de Slate, mas não para escapar, só para garantir que está bem.

— Slate?

Ele geme, os dedos se curvando no meu cabelo. Se consegue mover os dedos, então não estão quebrados, certo?

Apesar de abafado pelo cheiro exótico do meu guarda-costas, o fedor de enxofre aumenta, depois o ar se enche com o bater de grandes asas.

O *guivre* está se movendo.

SLATE_

Tudo dói. *De novo*.

Mas tem um lado bom – Cadence está sob mim, o corpo pressionado contra o meu, a voz marcada com preocupação ao invés de hostilidade.

— Slate?

— Acho que estou morrendo. Dê a um homem seu último pedido. Me arrebate, Cadence. — Apesar de estar com as pálpebras fechadas, pressinto seu revirar de olhos.

Ela empurra meu peito de leve.

— Você não está morrendo.

— Hmm… — Quando por fim abro os olhos, vejo a cena mais adorável: bochechas rosadas e lábios curvados para cima.

— Slate, o *guivre*. Vamos. — Ela desliza de baixo de mim como um mecânico de carros em um carrinho.

Ah, sim. O dragão. Por isso o cheiro horrível e ar ridiculamente quente no recinto. Bom, o que sobrou do recinto. Adrien vai ter um trabalhão para redecorar.

A criatura ruge, e sinto as vibrações nos azulejos azuis.

Eu me agacho, e aperto os olhos na nuvem de fumaça prateada.

— Cadence, por favor. — Tento uma última vez. — Vá para a janela. Eu…

— Eu. Disse. Não. — Ela se levanta, mas se abaixa quando uma asa gigante quase arranca sua cabeça.

— Porra. — Isso faz com que eu me levante. — Prof? — falo na fumaça.

Nada. *Caralho.*

Mas depois um resmungado:

— *Dragon de merde*. — Chega nos meus ouvidos e respiro um pouco mais fácil.

Apesar de haver alguns prós nesse *dragon de merde* acabar com Mercier, os contras – tipo, se ele morrer, eu morro – superam as vantagens.

— Tem certeza sobre o sal, Prof?

— *Istor Breou* fala sobre demônios… assumirem todos os tipos de formas — murmura-ofega. — Um *guivre* é uma delas.

A fumaça dispersa. No lugar de formas e silhuetas, posso ver tudo claramente, ainda mais porque a besta conseguiu aplainar a casa abarrotada de Adrien. Brincaria sobre como está legal e zen, ainda mais com sua novíssima e desobstruída visão da névoa e estrelas, mas suspeito que me renderia um soco na garganta de Cadence.

O dragão se vira como um gato cujo rabo foi esmagado e sibila uma lufada de fogo para Adrien, soprando para trás seu cabelo bagunçado e o acendendo como um pavio. Gritando, ele bate na cabeça. Enquanto fico parado ali, tentando decidir como melhor ajudar, Cadence pega o extintor de incêndio e esguicha uma corda de fumaça branca no seu ultramoderno e fumegante corte de cabelo.

Adrien pisca, depois limpa os olhos como um homem louco.

Cadence faz uma careta.

— Desculpa. Eu, uh...

— Não tem problema. Estou bem. — Adrien *não* parece bem. Ele procura o sal que estocou nos bolsos, pega um pouco, depois joga na besta.

O *guivre* estala a cabeça para trás, mas depois avança. Adrien pula para longe do caminho, deslizando sobre os restos esbranquiçados de madeira calcinada, batendo nas minhas botas. Pego seu braço e o levanto.

— Que tal se colocarmos um círculo de sal em volta dele? Como fizemos com aquela mistura de alho para Matthias? — Cadence sugere. — Não que tenha funcionado nele…

— Primeiro precisamos fazer aquela maldita coisa ficar no lugar. — Na parede ao lado da porta da frente, que está surpreendentemente intacta, vislumbro prata – duas espadas elaboradas cruzadas.

O enxofre deve estar me deixando tonto. Estou pensando em soltá-las para lutar contra o dragão como um dos personagens fictícios favoritos de Bastian. É. Tem que ter algum efeito alucinógeno no súlfur, porque não só estou pensando em fazer isso, eu sinto como se pudesse vencer e não ser amaldiçoado. Antes que possa examinar a probabilidade de me tornar um herói épico ou um pedaço de torrada épico, corro pelo espaço aberto e arranco *Excalibur* da parede. O peso me pega de surpresa, e quase decepo meu próprio pé.

Suave.

Vou arremessar a espada para Adrien quando Cadence grita meu nome. Rodopio a tempo de ver a besta tossir uma bola de fogo gigante. Golpeio como se estivesse jogando críquete. A lâmina conecta com o orbe flamejante, que desvia e voa direto pela janela estilhaçada.

Vantagem, Slate.

Estou prestes a me gabar do golpe quando Cadence grita meu nome outra vez.

A criatura rosna e bate as asas fibrosas uma vez antes de abaixar a cabeça como um touro e me atacar com os cifres de obsidianas cobertos com navalhas.

— Não faça contato, Slate! — Cadence grita. — Vai ser amaldiçoado! Por favor!

Certo.

Puxo o braço para trás e arremesso a espada como um dardo, torcendo para acertar o cérebro da besta. A lâmina encontra carne – não bem onde estava mirando – com um barulho alto e molhado. O dragão balança a cabeça, mas *Excalibur* fica presa, pendurada na narina esquerda como um piercing gigante.

— Adrien! Cadence! O sal!

Eles se aproximam correndo. Com mãos trêmulas, Adrien tira o sal dos bolsos, coloca um pouco nas mãos de Cadence, depois pega um pouco mais. Ainda bem que encheu os bolsos com o negócio porque procurar sal nessa bagunça teria sido impossível. De costas um para o outro, fazem arcos em volta da criatura gótica até me alcançarem.

— O que fazemos agora? — Cadence pergunta.

— Gaëlle me deu uma tigela de enterro demoníaco Sumeriano.

— Não estaria no seu bolso, Prof, porque… — Inclino o queixo para os destroços ao nosso redor.

Cadence analisa a destruição, e depois corre para onde o sofá costumava ficar e se inclina, a saia preta subindo pelas meias-calças pretas arruinadas. Rápido demais, está se endireitando e virando, uma tigela de prata batida apertada contra o peito ofegante.

— É isso, Adrien?

Ele balança a cabeça como se a coluna tivesse se tornado uma mola.

Cadence volta na nossa direção, cabelo solto e esvoaçante ao redor do rosto, bochechas escurecidas por fuligem. Parece uma deusa vingativa que veio derrotar todo o mal. Fodona e comível.

O dragão espirra a espada para fora, o zunido roubando minha atenção da mulher que quase dispensei por causa de escrúpulos. Fodam-se os escrúpulos. Se o feitiço de Adrien funcionar, e eu viver mais um dia, vou fazer essa garota ser minha.

A besta solta uma bola de fogo com alvo direto em Cadence. Ela segura a tigela como um escudo. Minha respiração trava, e avanço, meu pé prendendo em alguma coisa. Caio em um joelho ao mesmo tempo que a esfera flamejante chega em Cadence. O barulho desaparece conforme medo perfura meu crânio. Urro seu nome.

Em câmera lenta, a bola de foto bate na tigela, fazendo Cadence cambalear para trás, depois ricocheteia e volta como um bumerangue para o monstro, o acertando no meio no peito escamoso. O odor de réptil queimado e ovo podre escapa da cratera brilhante.

— Puta merda. — Eu me levanto. — Não aguenta o próprio fogo.

— É isso, Adrien! — Cadence grita excitada. — É assim que você o derrota. Com fogo! O próprio fogo.

A boca de Adrien está se movendo. Eu me concentro em seus lábios, descubro que está dizendo palavras que soam como Latim. O feitiço?

— *Mori. Ad inferos daemonium. Mori. Ad inferos daemonium.*

A besta bafora, as asas erguendo como se estivesse se preparando para levantar voo.

— Prof, acho que seu feitiço…

Algo sibila, e não é o dragão. O sal se liquefaz e funde em um círculo brilhante e fumegante. Quando o véu translúcido desliza para o rosto da criatura, suas pálpebras se fecham, depois abrem, as pupilas verticais ficando mais finas. Fica enfurecida, rola o corpo longo e forte, abaixa a cabeça, depois avança direto para Cadence.

A sua pele fica branca como osso sob a pintura de guerra.

— Corra! — grito.

Ela dispara, pulando com habilidade sobre os destroços. Arranco a irmã de *Excalibur* da parede e corro na direção da besta com a arma em punho ao mesmo tempo que seus chifres curvos batem em uma parede invisível que a atira para trás.

Cadence cambaleia até parar, lábios se abrindo com respiração frenética.

— O sal funcionou! — O seu peito ergue e abaixa quase tão rápido quanto o meu.

Adrien fala o encanto mais alto. A besta agita a cabeça como se o feitiço estivesse causando dor física. Rosna e se vira para Adrien, abrindo a boca.

— Adrien, pegue! — Cadence grita, jogando a tigela como um frisbee.

Sua mira é perfeita e ainda assim ele não pega. A tigela desvia no seu corpo rígido, rodopiando como uma tampa brilhante sobre os destroços.

— Caralho! — Corro para ele e a pego.

O *guivre* cospe um jato de chamas, atravessando direto para o professor.

Pulo na frente de Adrien, o protegendo com o corpo e a tigela. Travo os cotovelos e firmo o olhar na bola de fogo que se aproxima, rezando para o Quatrefoil ter piedade.

O orbe fumegante, como os chifres do dragão antes, bate na barreira de sal invisível antes de retornar e ir direto para a besta, comendo sua asa direita. O monstro grita e urra, depois solta mais fogo, que bate na parede mágica, antes de atacar a barriga da besta. E depois sua outra asa. A fumaça fica mais densa e o lugar cheira a um churrasco pré-histórico.

Pedaço por pedaço escamoso, o *guivre* se crema. Quando a fumaça oleosa desaparece, tudo o que resta é um monte de cinzas.

Aperto os olhos, tentando ver um brilho.

— Vocês veem a folha?

As sobrancelhas de Cadence se unem.

— *Non.*

— Acho que precisa procurar pelas cinzas, Prof.

Sem dizer nada, Adrien pega a tigela das minhas mãos, cruza o anel de sal – talvez porque morreu, ou talvez porque a magia repelente não afeta o conjurador. Ele se ajoelha e coloca a tigela no chão. Como uma criança numa caixa de areia, recolhe as cinzas e as joga na tigela.

— A tampa. Tinha uma tampa. — Ele olha pela estrutura da casa com o olhar desanimado de um soldado que sobreviveu a batalha enquanto seu regimento inteiro foi derrotado. — Vou precisar dela. — Sua voz apática me enche de pena.

— Quer dizer isso? — Cadence tira uma tampa prateada em formato de cone dos destroços. Está adornada com runas e afunila em um bico que parece uma chaminé. Assente e Cadence vai até ele, mas a parede, que não afetou Adrien, a mantém para fora.

Ótimo. Não deveria chegar tão perto de uma peça que não é a dela.

Adrien se levanta para pegar a tampa, o braço passando direto pela fronteira transparente. Ele a tira da mão de Cadence, depois

retorna para a tigela e a tampa.

— *Ad inferos daemonium* — sussurra em um *loop*, até uma densa fita de fumaça carmesim sair rodopiante pela pequena chaminé.

O fedor daquela fumaça é pior do que súlfur. Pior do que dragão assado. Pior do que morte. A tigela e tampa estremecem, depois algo tilinta dentro. Adrien estica o braço e remove a tampa.

A folha do Quatrefoil brilha como tesouro pirata.

Três já foram.

Falta uma.

CADENCE_

Esgotada. Quente. Fria. Suja. Aliviada.

Estou assoberbada por todos esses sentimentos, e não um atrás do outro, mas todos de uma vez. Rodopiam por mim como um tornado, violento e exigente, aumentando as batidas do meu coração.

Conseguimos!

Ou melhor, Adrien conseguiu, e Slate e eu conseguimos sobreviver para ver outro nascer do sol. Encaramos um *guivre*. Uma besta de sangue e osso que cospe fogo. Meu novo normal levaria uma garota mais fraca a insanidade completa. Eu mesma estou a meio caminho.

E pensar que a peça remanescente do Quatrefoil é minha pra derrotar. Estremeço com mais força.

Quando a adrenalina desaparece, o que acontece tão rápido quanto um pavio apagado, meus dentes batem e um tremor de corpo todo passa por mim.

Cruzo os braços para me proteger do frio e acalmar os tremores, mas não ajuda em nada.

— O *guivre*… ? — Adrien se levanta, segurando o prato prateado. — Ele te tocou, Cadence? — Sua voz soa como o colete de cashmere – suave e meio carbonizada.

Respiro fundo e isso acalma meu tremor por um segundo e dou uma olhada nas minhas pernas.

— A-acho que não. — Apesar de estar coberta de fuligem, e ter uma dezena de fios puxados nas meias, não tem nenhuma marca de queimadura visível. Solto os braços e passo as mãos nas costas do vestido, esperando não sentir nenhum furo. Apesar que, o fogo da besta teria nos amaldiçoado? Contanto que não nos esfregássemos contra suas escamas, deveríamos estar seguros…

Certo?

— Slate? — Adrien pergunta.

Volto a atenção na direção do garoto que protegeu meu corpo, mas machucou meu coração, esperando vê-lo balançar a cabeça… *precisando* vê-lo balançar a cabeça. Quero que ele saia da minha vida e de Brume, mas não deste mundo.

Seu olhar vaga da folha do Quatrefoil no fundo da tigela de Adrien e pousa no meu rosto.

— Espero que não — fala naquele tom calmo e descuidado dele.

Pode tentar agir todo estoico, mas não é feito de pedra. Apenas pele. Ele *rouba* de inocentes.

Correção.

Ele fornica *depois* rouba.

Ainda não sei bem o que acho mais revoltante: atrair alguém antes de os trair, ou o ato de roubar em si.

Ou o fato que me apaixonei por ele.

Batidas na porta de Adrien fazem meu peito apertar. Na destruição do momento, me esqueci que tem uma cidade além das paredes desta casa. Uma cidade que deve ter testemunhado o inferno sem sentido.

Adrien empalidece por trás do verniz de poeira preta que cobre seu nariz bochechas e queixo. Sua testa está vermelha e cheia de

bolhas claras, e o cabelo na cabeça foi queimado até as raízes. Quando se vira na direção da porta, o que resta das suas mechas loiras se movem, empoeiradas, caóticas mas ainda no lugar.

— Já vou! — Ele se curva e pega a tampa do chão, depois coloca no topo da tigela, guardando o artefato amaldiçoado.

Slate se aproxima de mim, o calor do seu corpo rivalizando o que sai das entranhas da casa eviscerada.

— Acha que ouviram? Acha que sabem? — Mantenho a voz extra baixa. Apesar de não gostar dele em um nível pessoal, ainda somos parceiros, então tento manter o profissionalismo ao discutir a situação.

— Eles não ouviram a *groac'h*. Ou viram o fantasma. Talvez não ouviram ou viram dragão também.

Meus dentes batem, dessa vez, por causa dos flocos de neve deslizando pela nova claraboia de Adrien. Tremendo, procuro a área perto de onde Adrien está parado com o pai, assim como todo o resto, meu casaco desapareceu no fogo.

— Cadence? — A respiração de Slate pulsa contra minha têmpora.

Meu olhar passa entre o rosto ansioso de Geoffrey e as omoplatas unidas de Adrien.

— O quê?

— Não é verdade. O que seu pai me acusou, não é verdade.

Semicerro os olhos.

— Se espera que acredite…

— Não sou bom para você. Eu sei disso. Seu pai sabe disso. Mas de alguma maneira, você não sabe. Aceitar o que me acusaram pareceu a coisa honrada a se fazer. — Os lábios de Slate se contorcem. — *Naquela hora*. — Ele me rodeia até estarmos cara a cara, até estar obscurecendo minha visão. Sem dúvida seu plano.

— Toda essa merda de quase-morte está me fazendo reconsiderar a determinação de te manter afastada.

— Me manter afastada? — Bufo, o que faz suas sobrancelhas abaixarem. — Você me faz parecer uma perseguidora desesperada.

— Não é isso… não quis dizer… — Um suspiro, longo, baixo, cheio de frustração, escapa dele. — Gosto de você, Cadence de Morel. Muito. Demais. Tá bom? — grunhe a declaração.

Meu coração vacila nos meus pulmões antes de conseguir interromper seu cambalear maluco e se endireitar. Slate é um mentiroso.

Men-ti-ro-so.

Eu *preciso* me lembrar disso.

Eu *preciso* parar de me apaixonar por ele.

— Tudo bem — enfim falo, injetando uma boa dose de indiferença na resposta, depois desvio e começo a andar na direção da porta.

— Tudo bem? — Dessa vez, sua voz não é baixa.

Não posso evitar o pequeno sorriso que curva um canto dos meus lábios. Ele não pode ver já que estou de costas.

— Boa noite, Sr. Keene.

— Mademoiselle de Morel. — Os olhos do prefeito passam pelo meu rosto, depois mais para baixo. É tão repulsivamente desprezível que quase desejo que tivesse lutado contra o *guivre* conosco. Eu poderia o ter empurrado no caminho.

— Cadence! — A motoneve de Papa está na base dos degraus. Suas feições estão tensas e a pele pálida como neve fresca.

Desço os dois degraus, me inclino, e passo um braço em volta do seu pescoço.

— Ah, Papa. — Solto uma respiração trêmula, depois inalo seu cheiro de casa e segurança. — Ah, Papa. — repito suavemente. —

Foi tão horrível.

— *Ma chérie*. — Ele afaga meu cabelo várias vezes. — Você… você… tocou nele?

— Só as cinzas, nunca as chamas ou a peça.

Solta o rei de todos os suspiros.

— *Dieu merci*.

Deus tinha pouco a ver com isso. Slate, no entanto…

Eu me afasto de Papa, também suspirando, mas não pelos mesmos motivos. Suspiro porque Slate é confuso para caramba.

No farol da motoneve, vejo duas silhuetas se aproximarem correndo – uma com cachos pululantes, a outra com óculos grandes. Enquanto Bastian, como eu, parece que foi jogado por uma chaminé que não foi limpa na última década, Alma está toda limpa e asseada, mal tem uma mancha de fuligem no rosto marcado de lágrimas.

Ela se joga em mim, apertando com tanta força que faz uma nuvem de fuligem florescer do meu vestido preto.

— Ah *mon Dieu, mon Dieu*. Você está viva! — Seu alívio gritado quase estoura meus tímpanos.

Dou tapinhas em sua coluna trêmula.

— Você pensou que um dragãozinho fosse me matar? — murmuro para que a pequena multidão de bisbilhoteiros empacotados nos cercando não possa ouvir.

Imagino que estejam cheios de curiosidade e preocupação apesar das suas expressões serem difíceis de serem decifradas entre as máscaras cirúrgicas e a luz baixa gotejando da lua minguante.

— Dragão? — Alma ofega.

Concordo com a cabeça.

Seus olhos arregalam.

— Puta merda.

— Seu casaco *ma chérie* — Papa diz. — Onde está?

— O fogo o tomou. — Mas, surpreendentemente, não estou com frio. Talvez minha pele tenha absorvido o calor do fogo demoníaco e o armazenou. Ou talvez só tenha tanta coisa acontecendo dentro de mim que meu corpo não consegue processar o mundo externo.

Uma parede de calor pulsante aparece nas minhas costas. Uma parede que cheira a fumaça, mas também a especiarias.

— De Morel. — Uma parede que soa excessivamente inflamada. Se meu pai contou rumores falaciosos sobre Slate, suponho que tenha todo o direito de estar bravo.

Mas não sou tão rápida em dispensar o relato de Papa e confiar em Slate. Só porque quero que seja falso, não significa que é. Mas isso importa? Não planejo em voltar com Slate. Pode não ser um gigolô larápio, mas isso não altera o fato que odeia Brume e quer ir embora.

— Roland. Fico contente em ver que saiu inteiro.

— Está mesmo?

Não digo nada. Apenas mantenho os olhos em Papa e as costas para Slate.

Baixinho, acrescenta:

— Suponho que esteja contente. Afinal, sou a cola para seu trevo precioso.

Suspiro.

— Pare, Slate.

Pressinto ele ficando tenso apesar de nossos corpos não estarem conectados em nenhum ponto. É algo no ar oscilante entre nós, ou o jeito que suas respirações palpitando na minha nuca se tornaram mais leves, mais rápidas. Como queria que a Pedra de

Sangue pudesse funcionar como um detector de mentiras. Amaria mesmo saber que está dizendo a verdade.

— Adrien! — Papa grita.

Olho por cima do ombro, tomando cuidado para não cruzar com a carranca tenebrosa de Slate. Adrien, ainda segurando o prato prateado de tagine, faz o pai dar alguns passos para trás e depois desvia, abrindo um grande espaço.

— Precisamos… — Papa inclina a cabeça na direção da nossa casa.

Ele não menciona a peça ou o cofre, mas todos compreendemos. Bom, tirando a Alma, que está olhando para o prato como se contivesse o coração ensanguentado do *guivre*.

— Meu pai vai ficar aqui, lidar com a… com a destruição, e os bombeiros.

— Você está bem, filho?

— *Non*, Rainier.

A testa de Papa enruga.

— Não que algum dia tivesse duvidado da sua força e astúcia, Adrien, mas me trás um grande conforto vê-lo parado na minha frente.

— Aposto — Slate murmura baixinho. — Teria colocado um grande empecilho na Operação Quatrefoil se tivesse morrido.

Adrien ergue o pedaço de pele que costumava ter uma sobrancelha, mas agora está sem pelos na sua testa escurecida.

— Gosto do novo estilo, Prof. Festeiro atrás. Santinho na frente.

— Você é um babaca tão grande, Slate — Adrien diz, mas sorri, então talvez não esteja bravo.

Mas eu estou.

— Sabe, ser um babaca é bem broxante.

Não olho para ver o que isso faz com Slate, mas vejo o que faz com Adrien – faz seu olhar, que parecia um pouco perdido e enlouquecido, se firmar. Não sei se o que Charlotte insinuou é verdade. Não sei se Adrien tem mesmo sentimentos por mim. Ela deve ter dito por rancor.

— Papa tem uma máquina de cortar cabelos em casa. Raspei seu cabelo uma vez. Ficou bom. Fico feliz em te ajudar. A não ser que queria deixar…

— Não. Com certeza não. — Adrien passa a mão pela testa e depois mais alto. — Com certeza não quero deixar assim. Obrigado, Cadence. Aprecio sua oferta e vou aceitá-la.

— Cadence, Alma, vou levar vocês para casa. — Papa oferece, mas recuso com a cabeça.

— Preciso andar, Papa.

Alma dá um olhar desejoso para o assento da motoneve, mas no fim, enlaça o braço pelo meu. Depois que a distância entre nós e os quatro homens cresceu, fala:

— Tem tantas partes erradas nesta noite, mas agora, preciso saber… você ainda sente alguma coisa pelo Professor M, porque…

Belisco seu braço e sibilo:

— Alma, ele está logo atrás de nós.

Ao invés de mudar de assunto, muda o tom de voz.

— Ele disse seu bendito nome enquanto transava com a namorada, Cadence.

— Tenho certeza que isso acontece com várias pessoas.

— Hm, *não*. Quando você está fazendo isso com alguém, não está pensando em *outras* pessoas. Ou se está, é em silêncio. Silêncio total.

— Ele devia estar inebriado ou algo assim. Mas podemos não falar disso? — Quando solta uma bufada, claramente irritada que

não quero analisar todos os ângulos da escorregada de Adrien, acrescento: — Podemos dissecar isso quando estivermos só nós duas e todo mundo tiver ido embora, tá bom?

Ela olha por cima do ombro.

— Por que todo mundo está vindo para sua casa, a propósito? E o que tem dentro do pote de metal? Por favor, me diga que não é um órgão.

Quão bem conheço minha melhor amiga? Claro que foi nisso que pensou.

— Não é um órgão. É uma folha dourada. Uma do Quatrefoil.

Sua boca forma um O perfeito.

— E todos estão voltando para a mansão para que possamos trancá-la dentro do cofre, porque se alguém além de Adrien tocá-la, essa pessoa fica amaldiçoada.

— Estava esperando um pouco de ação esta noite. Só não sabia o quanto seria.

— Você e eu. Lá se foi perder minha virgindade…

— Ainda tem tempo. E mais, você tem dois candidatos dispostos.

Minhas bochechas esquentam tanto que fico tentada a me abanar, apesar de estar menos setenta graus do lado de fora.

— Ah meu Deus, Alma, *shh*.

Os lábios dela se fecham no sorriso mais malicioso que fica no lugar durante toda nossa caminhada pelos círculos cobertos de neve de Brume, a motoneve de Papa roncando suavemente atrás de nós.

É UMA FESTA DO PIJAMA ENORME, EXCETO QUE É TODA SONO E nada de festa.

Adrien, Alma, Bastian e eu dormirmos na casa de Morel. Alma com Cadence, Bastian comigo, no mesmo quarto que a última vez, e Adrien na suíte ao lado da de Rainier que aparentemente a enfermeira-barra-fisioterapeuta-barra-dominatrix Jaqueline usa de vez em quando.

No minuto que chegamos, Adrien e Rainier trancaram a peça no cofre. Depois Cadence foi raspar direito o cabelo do Prof, enquanto o resto de nós se retirava para os quartos, cansados demais e chocados demais para fazer qualquer outra coisa.

Eu me esfrego quatro vezes no chuveiro, mas o cheiro de dragão assado e fuligem ainda grudam em mim. Não faço ideia de como saí de toda aquela confusão ileso. Quero dizer, sim, estou dolorido para caramba e tem vários arranhões e hematomas por todo meu corpo já arranhado e com hematomas, mas por encarar um *guivre* demoníaco, estou bem inteiro.

Por estar em Brume, estou bem inteiro.

Essa cidade é assassina.

Coloco a calça de moletom e camiseta da universidade com o logo da escola que o elfo doméstico dos de Morel deixou em cima

da cama.

— Devia ter me visto encarar a besta com a espada do Adrien — conto para Bastian ao sair do banheiro, água escorrendo pela nuca dos meus cachos encharcados. — Vou mandar fazer uma placa escrita *Slate Ardoin, Matador de Dragões Extraordinário* para casa. — Golpeio o ar com uma espada invisível para recriar a imagem.

Bastian bufa. Tomou conta da cama, e também está usando uniforme de calça de moletom e camiseta cinza U de B.

— Vou acreditar em você. Tudo o que vi foi fogo e fumaça. E o telhado cedendo como se fosse feito de legos. — Ele endireita os óculos e passa uma mão pelo cabelo. — Eu meio que estava ocupado demais confortando Alma.

Ergo uma sobrancelha.

— Ah é?

Cor sobe por suas bochechas.

— Não tenha nenhuma ideia. Só coloquei o braço em volta dela e discutimos magia. — Ajusta os óculos outra vez. — Ela é... legal.

Agora é minha vez de bufar.

— Alma? Legal? Eu a colocaria mais na categoria *safada*… Não que tenha algo de errado com isso. Mas você é… — Dou de ombros. Não sei como dizer isso sem que se erice. Ele é um bebê pardal e ela é um gavião que poderia arrancar sua cabeça com uma fechada de bico. — Você é legal *demais*.

— Não existe isso de legal demais. — Ele afofa um travesseiro. — Mas chega de falar de mim. Prefiro muito mais discutir você e Cadence.

Meus pés afundam no carpete marfim grosso.

— Rainier disse a ela que durmo com as mulheres para roubar seu dinheiro e joias, então não tem nenhum *eu e Cadence*.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Sim, roubei, mas não *fodo* as mulheres que ferrei. — Posso ser um larápio ardiloso, mas não sou um babaca completo.

— Você explicou essa distinção para Cadence?

— Tentei. — Engulo a emoção na garganta. — Mas já se decidiu sobre mim.

— É porque não te conhece. Dê um tempo a ela.

Esfrego a toalha no cabelo.

— Não tenho certeza se tenho tempo.

Bastian me dá um olhar de aviso, um que diz “não pense assim”, mas como posso não pensar? A lua nova é em menos de uma semana.

— Brume te mudou. Você nunca foi do tipo copo meio vazio, e *nunca* se importou com o que as pessoas pensavam de você.

Ele está certo. Normalmente não dou a mínima sobre a opinião que alguém tem de mim.

— Quer dizer, sabia que gostava dela, mas deve gostar *mesmo* se quer tanto impressioná-la.

Afundo na beirada da cama, ainda esfregando a cabeça com a toalha.

O olhar de Bastian vai para as portas fechadas.

— Aquela Charlotte detonou mesmo o Adrien. Coitado.

— *Coitado*? Do lado de quem você está?

— Ah, agora tem *lados* ? — Bastian sorri.

— Cadence é como uma irmã para ele. Quem diabos fala o nome da irmã durante o sexo?

— Só que não é irmã dele.

— Só que ele é uma década mais velho.

— Não acabou de fazer vinte e quatro?

Faço uma carranca para Bastian, que me estuda como se fosse uma ameba sob um microscópio.

— O quê?

Inclina a cabeça para o lado.

— Você está caidinho por ela, né?

Eu avanço e pego um travesseiro, depois jogo nele. Apesar do meu míssil emplumado encontrar o alvo, não tira o sorriso crescente do rosto de Bastian.

Ele faz barulhos de beijos.

— Slate está apaixonaaaado.

— Quantos anos você tem? Cinco? — Olho para a porta da semi-suíte. — E não estou apaixonado, porra. Amor não é comigo.

Ele se senta, rindo.

— Olhe para você. Está todo nervoso. Por uma garota.

— Você pediu. — Eu me levanto com um pulo e passo um braço em volta do seu pescoço, esfregando os nós dos dedos no topo da sua cabeça.

Ainda rindo, me dá uma cotovelada na barriga, mas não solto. Seus óculos caem na cama conforme transformo seu cabelo em um ninho de rato.

— Trégua! — ofega entre duas risadas graves.

Eu o solto.

— Fracote.

Pega os óculos do edredom branco como a neve.

— Deixei você vencer.

— Claro que deixou. — Sorrindo, pego meu travesseiro, depois puxo o cobertor xadrez de marfim e creme dobrado da poltrona no canto. Jogo os dois no carpete e me deito, olhos nos cristais em forma de lágrima do candelabro. Já vi uns interiores chiques, mas um maldito candelabro de cristal dentro de um quarto…

Ridículo.

Quando voltar para Marselha, vou pendurar um desses, mas o meu vai ter o dobro do tamanho.

Bastian apaga as luzes.

— Sabe, tem espaço para duas pessoas nessa cama tamanho king.

— Estou bem, maninho. — Fecho os olhos e me concentro no vento forçando as janelas. Dormir no chão me conecta com a realidade; e mais, você não pode cair do chão. Além disso, o carpete é mais grosso do que alguns colchões de panqueca nos quais dormi ao longo dos anos.

Pequenas nuvens escuras mancham meus pensamos com a memória daquelas casas. Horríveis. Todas elas. Nenhuma sorte grande ali. Quando tiver dinheiro o suficiente que nunca falte nada para os netos de Bastian, vou fundar um programa para jovens órfãos. Talvez comprar um castelo… Tantos deles estão morrendo no campo francês porque a manutenção é muito alta. Vou reformar e encher com tudo que uma criança possa desejar ou precisar.

É… vou fazer isso… depois que tirar o anel… e tiver o dinheiro.

Conforme o sono começa a anuviar meus pensamentos, Bastian murmura:

— Gosto de quem você é quando está com Cadence. É o Slate que sempre conheci, não o que finge ser. — Ele pausa. — Você é o cara legal.

— Que porra você está dizendo? Nunca fui legal. — Só porque quero *fazer* o bem, não me faz um cara bom. Tem muita podridão dentro de mim. Mas ainda assim suas palavras fazem meu peito se inflar com calor.

— Rémy Roland — ele soa baixo meu nome de nascença. — Talvez seja quem você é de *verdade*.

Penso sobre isso por tempo demais, me pergunto quem teria sido se meus pais ainda estivessem vivos, e tivesse sido criado em Brume. Cadence e eu teríamos sido amigos? Mais que amigos?

Eu me viro de lado, socando o travesseiro para afofar, depois acabo com esses pensamentos, porque aquela criança morreu junto com os pais, e sou a fênix que se ergueu das cinzas.

Além do mais, com um nome como Rémy, com certeza teria sido um maricas.

Não um destemido.

Não um sobrevivente.

~

Uma batida alta na porta do quarto faz minhas pálpebras estalarem abertas. Luz do sol entra por uma fresta entre as cortinas. O som do chuveiro aberto e a voz de cantora estelar de Alma vem do banheiro.

— Stayin' alive, stayin' alive… ah… ah… ah…

Bastian senta-se na cama, esfregando o sono dos olhos, enquanto tropeço no cobertor para abrir a porta. Cadence está do outro lado, vestida com um suéter azul e pantufas fofas de coelho. Apesar dos círculos arroxeando a pele delicada sob os olhos, sua expressão é determinada.

Passo a mão pelo cabelo, tentando colocar um pouco de ordem no caos.

— Oi.

— Papa quer te ver no escritório.

Ah. Papa… Seria muito perguntar se me procurou por que *ela* queria me ver?

— E o que Papa quer, Papa consegue.

Suspira.

— Slate…

Ergo as mãos.

— Desculpa. Só me dê alguns minutos. Quero escovar os dentes. Depois que Alma terminar o show…

Um sorriso contorna seus lábios.

— Ela gosta mesmo de cantar.

— Gosta. — Quero perguntar se ela também canta. Aposto que tem uma voz linda considerando o quanto sua voz normal é sedutora.

Ela aponta para o corredor.

— Tem um lavabo ali. Com escovas de dentes novas e kits de barbear descartáveis. Caso queira se barbear.

Esfrego a barba por fazer de um dia, o que faz um barulho tipo abrir Velcro.

Cadence segue o movimento dos meus dedos, pupilas pretas pulsando contra o azul claro.

— O que você acha? Deveria raspar?

— Eu, uh... acho… a não ser que te incomode. — Suas bochechas enrubescem.

Vou presumir que seu rubor é um selo de aprovação. A barba vai ficar.

A sua garganta se move com uma engolida.

— É seu rosto.

— Sim, mas não preciso olhar para ele. *Você* precisa.

Se possível, fica mais desconfortável, e meu ego é estimulado por estar afetando-a.

Ela pigarreia.

— De qualquer maneira, Solange costuma deixar tudo nas gavetas e os repõe quando acabam.

A-ha.

— Então é esse o nome do seu elfo doméstico.

Um leve sorriso toca seus lábios enquanto fecho a porta atrás de mim para dar privacidade para Bastian.

— Como você está se sentindo, a propósito?

— Como se tivesse encarado um *guivre* — responde sarcástica.

— Isso é engraçado. Me sinto exatamente do mesmo jeito.

— Só que você parece que ganhou a luta.

— E você não? — Uso a oportunidade para percorrer o olhar pelas leggings cinza escuro que abraçam suas curvas e depois de volta pelo seu suéter azul bebê que realça os olhos.

— Minhas pernas estão *cobertas* com hematomas.

— Quer dizer, como meu rosto? E mãos? — Estico os dedos. Três estão em um tom de preto berinjela que realmente realçam a Pedra de Sangue. — E torso? Quer ver?

Solta uma bufada fofa.

— Podemos comparar machucados depois.

— Sua proposta não está encontrando ouvidos surdos.

Seus olhos ganham um leve brilho.

— Não era uma proposta.

— Parecia uma. — Pisco, depois me viro e desapareço dentro do lavabo rosa e branco, que, no máximo, é grande o suficiente para uma garota de seis anos.

Bato os cotovelos e joelhos nas paredes enquanto escovo os dentes e limpo a noite da pele. Tento escovar o fedor de fumaça fria dos meus cachos bagunçados, mas perdura. Depois de jogar a escova de bambu usada no pequeno cesto vermelho, molho a bagunça sobre a cabeça com um pouco de água até ficar decente o bastante. Cadence desapareceu quando finalmente reapareço no corredor. Abro a porta do quarto para dizer a Bastian que vou para

uma reunião com minha pessoa favorita, depois desço um lance de escadas.

O escritório cheira a fumaça de charuto, e vejo uma bituca no cinzeiro de cristal na mesa de Rainier. Está sentado atrás dela, folheando uma pasta de arquivo bege. Vejo as palavras PATRIMÔNIO ROLAND na aba. Não tem cadeira para eu me sentar, então paro na sua frente, braços cruzados. Apesar de pairar sobre ele na sua mesa deveria me fazer sentir empoderado, não o faz. Rainier de alguma forma consegue diminuir as pessoas das profundezas de sua cadeira de rodas.

— Vamos ao que interessa. — Empurra a pasta na minha direção. — Reuni todos os registros financeiros e renunciei meu controle sobre suas contas. Tudo o que precisa fazer é assinar na linha pontilhada.

— Achando que posso sobreviver esse negócio do Quatrefoil afinal, hm? — Abro a pasta para encontrar uma página com montantes com um número impressionante de zeros.

Um suspiro sibila por seus lábios entreabertos.

— Slate, sei que acredita que sou o diabo encarnado, mas não estou apostando contra você. — Ele se reclina mais para trás, o couro rangendo sob sua blusa de gola rolê de cashmere creme. — No entanto, quando essa maldição for derrotada, quero você longe de Brume.

— E se eu quiser ficar?

— Por que ficaria?

Para provar para sua filha que sou confiável.

— Para aprender mais sobre meu legado. Quero dizer, se isso funcionar, vou ter magia. Provavelmente vou precisar aprender como usar.

— Tenho certeza que será muito capaz de descobrir isso tudo de Marselha.

Minha mandíbula dói devido a força com que a aperto.

— Por que quer tanto que eu vá embora?

— Você sabe *exatamente* por quê. — Não pronuncia o nome da filha, no entanto ele paira no ar entre nós como o fedor de fumaça fria.

— O que exatamente você acha que planejo fazer com ela?

— A mesma coisa que faz com todas as garotas que mantém sua companhia.

— Quer dizer, extorqui-las depois de satisfazê-las várias vezes sexualmente?

Seu olhar azul se torna positivamente letal.

— Não sei onde você descobriu essa informação sobre mim, mas é mentira. Não ferro as mulheres que *fodo*.

— Você está negando?

— É claro que estou negando. — Os nós dos meus dedos estalam, mandando pequenas pontadas de fogo pelos tendões. — Não sou santo, mas não sou um gigolô amoral. Alguma vez deixei uma mulher me pagar uma refeição ou um ingresso de baile? Sim. Alguma vez ajudei uma mulher a sair de um casamento ruim por compensação material? Culpado. Mas isso não me faz o larápio babaca que você me descreveu para Cadence. — Porque estou me sentindo rancoroso e mesquinho, acrescento: — É ótimo, vindo de você. Um homem que assumiu o sobrenome da esposa e herdou todos seus bens. Quem você era antes de se tornar Monsieur de Morel, Rainier?

Se olhares pudessem matar, não estaria apenas morto; estaria enterrado a sete palmos sob concreto sólido e um arranha-céu.

A porta se abre, perturbando a tensão coalescente.

— Estou interrompendo? — Bastian pergunta.

Não tenho certeza se estava ouvindo atrás da porta ou se pressentiu que minha reunião da manhã com de Morel não seria legal, mas quaisquer que sejam seus motivos por interromper, estou agradecido por ter vindo. Mas até aí, Bastian é o tipo de cara que aparece e não vai embora, para melhor ou pior.

De Morel rosna:

— Sim. — Ao mesmo tempo que respondo:

— Não.

Quando Bastian se aproximou do meu lado, aceno para a pasta.

— Meus registros financeiros. Faça sua mágica.

Estou esperando que de Morel bata a mão sobre o arquivo, ou comece a rasgar os papéis, mas mantém os punhos nos braços da cadeira.

Bastian pega o arquivo, depois começa a folhear. Enquanto semicerra os olhos nas baboseiras legais, estudo os triângulos invertidos borrados, rascunhos de pessoas que parecem estátuas, e insetos estranhos espalhados pelo pergaminho sobre os armários-arquivos. Estou com tanta raiva que as pequenas linhas de bretão ilegíveis embaçam, e um quatrefoil aparece. Não por mágica ou algo assim, mas os espaços entre o texto estão dispostos de maneira que se alinham em quatro folhas curvadas.

Eu me aproximo.

— O que é isso? — Quando um minuto passa e de Morel ainda não respondeu, olho por cima do ombro.

Sua pele voltou ao tom normal de pálido aguado, mas o ódio em seus olhos queima mais escuro do que nunca.

— O *Kelouenn*, também conhecido como Pergaminho.

— Não deveria estar armazenado no arquivo de última geração que tem no Templo?

— Cadence te mostrou a sala de arquivo?

— Mostrou.

Infelicidade exala tão potente quanto sua colônia chique de vetiver.

— Então, o que esse pergaminho diz?

— Explica como reunir o Quatrefoil.

— Você está de gozação comigo? — Rodopio. — E não pensou em mostrar esse diagrama para nós antes de encararmos as maldições?

— Adrien, Gaëlle, e Cadence sabem o que está no *Kelouenn*. E tecnicamente, você também. Expliquei o que conseguimos compreender da tradução na noite em que apareceu usando o anel.

— Se importa se der uma olhada na tradução?

— Por quê? Acha que estou mentindo?

Cruzo os braços.

— Não. Só estou curioso.

— Confiança não é seu forte, Monsieur Roland.

— Porque me deu tantos motivos para confiar em você, de Morel?

Sua boca franze como se tivesse mordido uma cereja azeda.

— A tradução está na biblioteca. Na sala de arquivo.

— Monsieur de Morel? — Bastian desvia o olhar do arquivo. — Tenho uma pergunta sobre os bens de Slate?

— Ah tem, é?

Bastian não dá atenção para sua arrogância.

— Pode explicar os dois pagamentos que foram feitos da herança de Slate quatro anos atrás no valor de 50.000 euros para uma *Marianne Shafir*?

Maninho seria um advogado bom para caralho.

Os punhos de Rainier perderam a tensão, mas não os dedos. Todos os dez estão segurando os braços da cadeira como se fossem as coxas de uma prostituta.

— Marianne era uma professora idosa da universidade, que tinha problemas de saúde, problemas caros. Eugenia e Oscar eram bem afeiçoados a ela. Iriam querer ajudá-la. — De Morel acrescenta a última parte como se para firmar a legitimidade da doação.

— Hmm. — Bastian desliza o lábio inferior entre os dentes levemente tortos. Ofereci um tratamento completo de ortodontia a ele, mas insiste que é um charme. — A saúde é pública.

— Não todos os tipos de tratamento de câncer.

— E não podia ajudar? — Bastian acena para o escritório com a mão. — Com todo respeito, *você* não parece ter problemas com dinheiro, Monsieur de Morel.

De Morel dirige a cadeira de trás da mesa.

— Bens e dinheiro são duas coisas bem diferentes.

— Então, você está dizendo que não tem liquidez? — As sobrancelhas de Bastian enrugam por trás dos óculos.

— Sim.

— Então, não vai se importar de dar algum desses bens para Slate para compensar o dinheiro transferido da sua conta?

— Compensar? — Os olhos de Rainier esbugalham. — Ainda tem quarenta e dois milhões de euros no nome dele. E uma casa! Sem contar que uma vez que tiver magia…

— Slate? — Bastian se vira para mim. — Quer opinar?

Estou surpreso com o número, mas minha prioridade continua a ser irritar Rainier. A veia do lado do seu pescoço incha e esvazia, incha e esvazia. Pode ser um bom pai, mas é um péssimo humano.

Semicerro os olhos.

— Conte a verdade para sua filha, que mentiu sobre eu dormir com as mulheres e as ferrar, acrescente o rascunho a lápis de Gauguin do átrio, e não vou dar queixa. — Cadence pode um dia ver a luz sozinha, mas agora, ainda está sob sua sombra.

— Não é meu para dar. Pertence a minha filha. *Tudo* pertence a minha filha.

Pressinto um amargor ali. Como se tivesse preferido que a esposa fizesse *dele* o beneficiário. Estou me coçando horrores para enfiar o dedo nesse ponto dolorido – não para irritar o homem, apesar que *Dieu sait* o quanto gosto de fazer isso –, mas para compreender que tipo de mulher era a mãe da Cadence. Transferiu os bens para Cadence por motivos de impostos ou porque não confiava no marido?

— Por que não pede o desenho a ela? — Tem um tom de vanglória nessa pergunta, uma presunção, um desafio.

Ele sabe que não vou.

— Apenas conte para ela da sua *cuzisse*, e deixo para lá o assunto do empréstimo de 100 mil.

— *Cuzisse* não é uma palavra, Slate. — Escuto Cadence dizer.

Quando rodopio, está parada ali, apoiada no batente, lábios pressionados com tanta força que linhas microscópicas cercam sua boca.

— Você pode não ser um libertino inescrupuloso, mas é um babaca chantageador. — Um ciclone ganha forma atrás dos seus olhos semicerrados. — Pegue o desenho. Organize a papelada, e vou assinar. Mas depois disso, você deixa meu pai em paz.

Deleite emana de Rainier como fumaça do dragão.

— *Merci, ma chérie*.

Ela dá um olhar tão feio para o pai que faz seus ombros contorcerem.

— Slate pode ser um ladrão, mas pelo menos não é um mentiroso.

De Morel fica mais branco do que seu suéter aconchegante.

— Um… mentiroso…?

— Você espalhou rumores sobre ele. Rumores falsos.

Lentamente, suas bochechas esbranquiçadas se enchem de cor outra vez, como se estivesse aliviado, o que é estranho.

— Por favor, peça desculpas, Papa.

De Morel suspira, mas soa teatral, como se estivesse dando um espetáculo para sua amada filha.

— Sinto muito, Roland. Não estava ciente que os rumores que compartilhei com Cadence eram inventados.

Ela se afasta do batente.

— Vou voltar para os dormitórios com Alma esta noite, e vou ficar lá pelo futuro próximo. — O tom afiado de sua voz surpreende todo mundo em silêncio.

— Por quê? — de Morel gagueja.

— Porque não quero ficar aqui. — As palavras *com você* pairam no ar. Ou talvez só estejam suspensas dentro da minha cabeça.

Apesar de não querer arruinar o relacionamento de Cadence com o pai, acho que é importante que veja o homem por baixo da cashmere cara e sorrisos polidos.

— *Ma chérie*… é perigoso.

Quem deveria aparecer atrás dela neste exato momento, quem poderia colocar a mão no seu ombro além de Pintão, com sua cabeça raspada e testa empolada. O cabelo curto e marcas de queimadura o transformam, o fazem parecer mais duro, mais oficial militar do que professor petulante.

Analiso a reação de Cadence ao seu toque, espero encontrar desconforto, mas seus músculos não se contraem. Ela está

despreocupada ou ignorante?

— Não são os dormitórios que são perigosos, Papa; é toda essa maldita cidade. — Ela dá um passo ao lado, e a mão amigável de Adrien desliza pelo seu braço e para longe do seu corpo. Mal sabe que acabou de poupar os dedos do Prof de um deslocamento acidental de falange.

E Bastian pensa que sou um cara bom…

Bufo, o que chama atenção dela.

Nosso olhar encontra, e permanece fixo, conforme o pai diz:

— E se a peça aparecer quando estiver sozinha?

— Não vou estar sozinha. Vou estar com Alma. E se minha peça aparecer, vou fazer o que os outros fizeram. Ligar para os outros. Reunir a *trupe*. — O rabo de cavalo balança ao se virar.

— Ei, Cadence? — chamo.

Ela para ao lado de Adrien, olha por cima do ombro.

— Seu pai mencionou que a tradução desse pergaminho estava no porão da biblioteca. Posso ver?

Demora um momento para responder.

Estava esperando um lembrete sobre o Gauguin? Não dou a mínima para isso agora que tenho quarenta e dois milhões de dólares. Eu o citei para irritar de Morel, e porque é uma ótima peça de arte que ficaria muito boa na parede de mármore preto na frente do meu vaso Toto em casa, mas se é herança de Cadence, não vou tocá-lo.

Enfim, assente.

— Vou fazer a mala e te encontro no átrio em dez minutos. — E depois ela sai de vista. Um minuto depois, uma porta bate em algum lugar da casa gigante.

Rainier se manobra na direção da porta.

— Olha o que você fez!

— O que *eu* fiz? Tudo o que fiz foi pedir para que não mentisse, de Morel.

Ele vira a cadeira.

— Se alguma coisa acontecer com ela, é sua culpa. Agora, saia da minha casa.

— É sua casa? — Lustro a Pedra de Sangue na calça de moletom.

Um sorriso cruel ilumina suas feições aristocráticas.

— Ah, Slate…

O jeito que diz meu nome, junto com aquele sorriso, me arrepia de verdade. Juro que minha coluna formiga. Sabia que esse homem tinha esqueletos no armário, mas agora me pergunto se tem alguns que não são metafóricos.

— Esses desafios exacerbaram as emoções de vocês, dado que você e Cadence compartilharam experiências que de outra forma não teriam. Quando isso terminar, minha filha vai perceber que não tem nada em comum. E finalmente vai ver o homem que é de verdade.

Endireito os ombros.

— Quem eu sou de verdade?

— Você pode ter o nome Roland na sua certidão de nascimento, mas ainda é um ninguém, Slate.

Ele mirou na única feria que tenho que não vai cicatrizar e pressionou o dedo sujo nela. Queima para caramba.

— Alguém acordou do lado errado da cadeira de rodas.

Adrien fica olhando de Morel deslizar pelo corredor. Com a voz baixa, fala:

— Não deveria provocá-lo, Slate.

Está me dando o aviso por que também sentiu? O desejo do velhote de me eliminar?

Bastian enfia a pasta sob o braço.

— Pensou que tivesse modos, Prof? Diferente de você, não cresci em um berço de ouro.

Adrien balança a cabeça.

— Agora que é rico, não precisa mais ser um… *malandro*.

— Agora que sou rico? — Faço um barulho zombeteiro. — Já era. — Graças a meu Renoir recuperado.

— Acho que esse é um nível completamente novo de rico.

É. É um nível completamente novo.

A Pedra de Sangue lança um ponto de luz vermelha na pasta bege como se estivesse mirando para atirar. O ponto me lembra que o anel pode e vai me destruir se Cadence não derrotar a maldição final. Mas tenho completa confiança nela.

— Então, queria ver a tradução do *Kelouenn*? — Adrien acena para o pergaminho emoldurado.

— Sim. — Pego o telefone do bolso da calça e tiro algumas fotos do pergaminho envelhecido. Como o telefone sobreviveu ao show incendiário da noite passada eu não sei, mas estou grato por isso. — Quer vir conosco, Prof?

Adrien dá de ombros.

— Por que não? É melhor do que remexer nos destroços da minha casa.

Um toque de simpatia faísca por mim. Do mesmo jeito que pressinto que Rainier é podre, pressinto que Adrien não é. Ah se ele pudesse voltar com Charlotte. Ou qualquer outra garota. Não dou a mínima para quem leva para cama contanto que não seja Cadence de Morel.

CADENCE_

Antes de uma tempestade de verão, o lago suaviza como vidro e todos os insetos ficam quietos. É assim que me sinto conforme desço as escadas, minha mochila abarrotada batendo contra as costelas. Como se uma calmaria tivesse se acomodado dentro de mim, por mim. Uma calmaria que precede algo violento. Um que me deixa ansiosa e faz onda atrás de onda de arrepios quebrar na minha pele.

Alma está dando olhares preocupados na minha direção. Quando perguntei se podia ficar com ela nos dormitórios, compreendeu que algo estava errado. Suponho que adivinhou que tinha a ver com Papa, já que queria sair de casa.

Quando chegamos no átrio, Slate, Bastian, e Adrien já estão lá, usando casacos chamuscados e cobertos de cinza. Adrien está pior, com sua testa, pescoço, mãos e costas empolados. Ontem à noite, passei um gel calmante de babosa nas suas queimaduras enquanto tentava não pensar no que Charlotte disse, mas as palavras rodopiavam na minha cabeça. No lugar de me darem um friozinho na barriga, a encheram com pavor e confusão. Amo Adrien, mas já não de forma romântica.

Estive percebendo isso pouco a pouco desde que Slate trombou comigo na véspera de Ano Novo, mas a noite passada, depois de

Charlotte dizer o que disse, não importa se era verdade, me toquei que meu coração não acelerou, minhas mãos não suaram.

Não senti *nada*.

Bom, nada além de surpresa. A única pessoa que faz meu corpo responder ultimamente é o garoto irritante com os cachos pretos caóticos, a miscelânea de hematomas em vários estados de cura, e a barba por fazer que anseio por sentir roçar contra minha pele. O que está parado tão perto do desenho do Gauguin que o hálito está embaçando o vidro de proteção.

Odeio o que Papa fez com ele. Com a gente.

Pensar no meu pai amarga minha boca. Estou furiosa que difamou Slate erroneamente, furiosa porque acreditei nele, que não dei uma chance para Slate se explicar, mas tem outra coisa me incomodando. Algo que tem relação com Marianne Shafir.

Por que Papa não me disse que ela tinha câncer? Que precisava de dinheiro para o tratamento? Por que tirar da conta de Slate? Sei que Maman deixou tudo no meu nome por motivos fiscais, mas teria dado acesso a Papa ao valor que precisava. Ele devia saber disso. Claro, tinha treze anos na época, mas teria compreendido.

Depois de pegar um casaco do armário, um velho casaco vermelho de lã que não uso há um tempo porque o fofinho prateado é meu favorito, ando para onde Slate está parado, apreciando o Gauguin.

— Admirando a nova aquisição?

Ele volta aqueles olhos escuros penetrantes para mim.

— Não, Cadence. É seu.

Coloco a mochila entre os pés para vestir o casaco.

— Não mais.

— Não vou tomá-lo de você.

Franzo a testa.

— Meu cérebro está meio lento, mas não falamos disso há alguns minutos? Papa emprestou dinheiro de você; estou pagando.

— Quando pensei que pertencia ao seu pai, queria. Sou mesquinho desse jeito. Gosto de punir as pessoas por suas decisões lamentáveis. *Você*, no entanto, não tem nada a ver com isso e não deveria ser penalizada pelas péssimas escolhas de outra pessoa.

Meus dedos deslizam do último botão.

— Sinto muito, Slate. — Estudo a angulação dos seus olhos, os cantos da boca virados para baixo, a aspereza do seu queixo. — Sinto muito por ter acreditado nele.

Essas palavras fazem uma onda de emoção passarem pelo seu rosto, suavizando todos os ângulos afiados e iluminando seus olhos sombrios.

Eu me inclino para pegar a mochila, mas Slate a pega de onde está entre minhas pernas e coloca sobre o ombro, segurando-a com apenas um dedo dobrado.

— Você não precisa…

— Eu quero.

Estamos parados tão perto que posso contar cada cílio curvado, posso ver a leve palpitação do seu pulso na têmpora, posso sentir o perfume do sabonete na sua pele sob o cheiro de fumaça que gruda nele com tanto afã quanto em mim. Ele se aproxima infinitesimalmente, e meus lábios se abrem com uma respiração leve.

Estou ultrajante e irrevogavelmente atraída por este garoto. Tanto que me pergunto de verdade se magia não está envolvida. Sim, sou jovem, mas tem algo em Slate que faz todos os nervos do meu corpo ressoarem, cada centímetro da minha pele se aquecer, cada músculo contrair.

Antes que possa se aproximar mais, ergo a mão e bato contra sua camiseta quente e o coração acelerado sob ela.

Eu o afasto para trás, sussurro um pouco rouca:

— Não terminei de decifrar meus sentimentos emaranhados, Slate.

Os dedos que não estão segurando minha mochila sobem para meu rosto e afastam uma mecha de cabelo que escapou do rabo de cavalo.

— Demore quanto quiser. Não vou a lugar algum.

— Não vai?

Desliza as pontas dos dedos pela lateral do meu pescoço, pelo braço, sobre meus dedos.

— Não vou.

— Gostaria mesmo de acreditar em você.

— Então acredite.

Encaro as janelas de sua alma.

— Não te conheço bem o suficiente para isso. — Passo a ponta do indicador por sua mão, depois desço por um dedo, subo, desço por outro. — Mas estou disposta a conhecer. Só vai ter que me dar um pouco de tempo.

Suas pupilas incham, e ele engole. Alto.

— Quero aprender o seu passado, Slate. Todo ele. Até as partes ruins. Mas depois. E a sós. — Inclino a cabeça na direção da nossa audiência de três pessoas.

Quando me viro, todos desviam o olhar. Menos Adrien. Ele não tem mais sobrancelhas, mas o espaço onde costumavam ficar parece um pouco erguido. Quero tanto que aquele olhar não signifique nada mais do que curiosidade, mas estou tão afinada às suas micro expressões que pressinto sua perplexidade. Não sei se é

porque se sente como meu protetor ou é algo mais profundo. Mas não ligo em descobrir.

Começo a andar na direção deles quando escuto o ranger de pneus no mármore. Inclino a cabeça, encontro Papa olhando para mim sobre a balaustrada de ferro trabalhado. Minha garganta embarga porque eu o amo. E sei que me ama. Mas ainda estou brava com o jeito que lidou com as coisas com Slate.

A mão de Slate vaga para minha lombar. O rosto de Papa fica tão distorcido com raiva que preciso desviar o olhar porque ele está assustador. Estremeço, o que me resulta em um lento acariciar de polegar contra a base da coluna. Calor confortante escorre pela grossa lã vermelha e alivia a tensão estridente travando minhas vértebras. Sem aguentar olhar mais para o rosto de Papa, deixo Slate me guiar para longe. Depois que a porta azul se fecha com um clique atrás de nós, sorvo o ar, e de novo, a umidade fria grudando nos pulmões, adormecendo a mucosa da garganta, queimando o palato.

— Se prepare para ser assassinado, Slate — Alma cantarola.

— Não é engraçado, Alma. — Papa mentiu para me proteger de Slate. Assassinar reputações é amplamente diferente de assassinato a sangue frio.

O sorriso dela desaparece aos poucos, como sujeira derretendo sob água pressurizada.

— Hm… Era uma piada. Desculpa.

Slate dedilha a base da minha coluna outra vez enquanto andamos.

— Cadence, seu pai não pode me machucar.

— Ele tem muita influência.

— Nesta cidade, talvez, mas…

— Contanto que você esteja aqui, ele *pode* e *vai* fazer da sua vida um inferno.

Ele sorri para mim como se fosse a coisa mais boba que já ouviu.

Balanço a cabeça.

— Não acredita em mim, né?

— Acredito. — Mas seu sorriso não perde a intensidade.

— Então por que está sorrindo?

— Porque conheço o Inferno. Vivi naquela dimensão por muitos, *muitos* anos. Certo, maninho?

Bastian franze o nariz, o que faz seus óculos escorregarem. Ele os empurra de volta para cima.

— Seu papa pode fazer o pior que conseguir, Cadence. Garanto que já estive lá. Passei por isso. E *sobrevivi*.

A confiança de Slate ameniza meu medo.

— O sistema de adoção era ruim desse jeito? — Adrien pergunta conforme subimos as escadas para o Segundo Kelc'h.

Bastian balança a cabeça de um lado para o outro.

— *Nossos* lares temporários… não eram bons. Mas sei que tem algumas famílias gentis no sistema. Só não caímos nos lugares certos.

Enquanto os três começam a discutir o sistema, fico para trás com Slate.

— Por que você quer ver a tradução do *Kelouenn*?

Seu olhar desvia da parte de trás da cabeça de Bastian e pousa em mim.

— Percebi uma coisa quando estava olhando para ele no escritório do seu pai.

Franzo a testa.

— Uma coisa?

— No meio do pergaminho, quando deixa os olhos desfocarem, um quatrefoil aparece.

Eu paro.

— Sério?

— Sim. É o jeito que as palavras estão espaçadas. Aqui, deixa eu te mostrar. — Tira a mão da minha lombar para pegar o telefone do moletom, depois destrava e abre o aplicativo de fotos, selecionando uma foto do pergaminho. Aperta os olhos para a tela como se para testar que consegue ver o formato outra vez. — Aqui. — Coloca o telefone nas minhas mãos.

Fixo o olhar, mas nada acontece.

— Eu não vejo.

— Relaxe os olhos.

Desta vez, foco na imagem até minha visão embaçar. De repente, o formato quase pula em mim, e bato a mão na boca.

— *Mon Dieu!*

Os outros param de andar e se viram, já procurando por uma ameaça no entorno.

— Pessoal, vocês precisam ver isso. — Ando para onde estão parados, com o telefone virado na sua direção e explico rápido o que Slate acabou de me contar, o que acabou de me mostrar.

Adrien segura a nuca.

— Incrível…

— Uau — Bastian fala.

— Por que é tão inovador? — Alma pergunta. — Quer dizer, é legal, mas…

— Porque o texto nunca fez sentido — Adrien diz. — Mas talvez devêssemos ler de forma diferente.

Bastian tira o telefone da minha mão e aumenta a imagem.

— Você acha que só o que está escrito dentro do quatrefoil deveria ser lido?

— Ou só o que está em volta. — Slate esfrega a mandíbula, e apesar de uma enxurrada de coisas vitais estar acontecendo ao mesmo tempo, não posso evitar me ater a mais incrivelmente insignificante – o som áspero e sexy da sua barba. — Ou talvez, estou errado sobre tudo isso. Não quero criar esperanças para não dar em nada.

— O que acha que vai dizer que já não sabem? — Alma enfia as mãos nos bolsos do casaco e se move de uma bota plataforma para a outra, com certeza congelando no microvestido e novo par de meias calças que emprestei a ela, que empapam nos joelhos considerando nossa vasta diferença de altura.

— Nunca fez muito sentido. — Adrien passa uma mão pela cabeça. — Talvez agora faça.

Solto um suspiro profundo.

— Vamos torcer para Slate estar certo, e ter algo a mais no pergaminho, porque algo a mais seria muito bem-vindo.

Estudo a foto outra vez. A tinta está manchada em vários lugares, mas tem um grande borrão no meio. Dou zoom. Algo nele faz meu cérebro formigar.

Quando era mais nova, o *Kelouenn* me assustava. Até Papa me erguer e me segurar em seus braços para o pergaminho ficar na altura do meu olhar.

— Não tem nada a temer, *ma chérie*. É apenas um grande caça-palavras, como os que imprimimos e fazemos juntos, só que em um idioma diferente.

De repente, compreendo. Tinha um grande ponto vermelho cercado por palavrinhas no coração do pergaminho – a Pedra de Sangue. Não um borrão preto.

No entanto, talvez esteja misturando as coisas. Estudei tantos textos sobre história Brumiana que todos eles começaram a se misturar.

Devolvo o telefone a Slate, que o coloca no bolso. Seus dedos envolvem os meus, e voltamos a cortar a névoa densa até o Quinto Kelc'h.

Apesar dessa caça pelo Quatrefoil ser aterrorizante e brutal, pelo menos não estou sozinha.

Cadence tira uma chave mestra de bronze chique da bolsa, o arco no formato de um quatrefoil.

Ergo uma sobrancelha.

— A universidade não acredita em segurança moderna?

— Não quando o tradicional funciona. E mais, é uma parte da história. — Ela a coloca na fechadura de ferro decorada em alto relevo nas portas enormes de madeira. Quando gira, duas travas de filigrana se abrem, permitindo que deslize um longo ferrolho para o lado. — Acho que é um pouco legal.

Preciso admitir. É mesmo. É como se estivéssemos entrando em um castelo medieval, e não um prédio de uma universidade do século 21. Apesar de não ser um prédio do século 21. É um templo convertido – um dia foi um lugar para se venerar a magia; agora é um lugar para venerar conhecimento.

O tique-taque do relógio nos recebe conforme Cadence empurra a porta para abrir e acende as luzes. Cruzamos a soleira para o vasto espaço pavimentado com azulejos ocre e branco. Por algum motivo, não havia percebido durante minha visita anterior que muitos estão adornados com inscrições – nomes e datas. Alguns gastos e quase ilegíveis, outros mais novos e definidos. Como o que está sob minha bota esquerda: MARIANNE SHAFIR.

Paro e cutuco Bastian.

— Não é a mulher que estava nos meus documentos financeiros?

Ele assente.

— Quando Rainier deu meu dinheiro a ela mesmo? — Mantenho a voz baixa.

Bastian folheia a pasta, depois olha para mim.

— Quatro anos atrás. Mesmo ano que está no azulejo.

— Hm. — Não me toquei quando estávamos no escritório do de Morel, mas agora sim.

Quando o conheci, Rainier deixou implícito que me salvou do meu pai temporário filho da puta. Bastian e eu estávamos sob os "cuidados" de Vincent há quatro anos.

Ergo o olhar e pego Cadence fazendo uma careta para mim.

— Qual o problema, Slate?

— Nada. — Fico de boca fechada sobre Rainier. Tenho o dinheiro agora. Se acessou minha conta bancária antes de descobrir que estava vivo ou depois, não importa.

Bastian se agacha para examinar o azulejo de Marianne.

— Qual o motivo dos nomes e datas nestas coisas?

— São para funcionários dedicados da universidade que faleceram. — Os olhos de Cadence traçam o nome do professor sob seus pés. — As datas marcam o ano que nos deixaram.

— Tipo, aposentaram? — Bastian pergunta.

— Tipo, morreram.

As sobrancelhas dele sobem tanto que ultrapassam a armação preta dos óculos.

— O quê? — Alma pergunta.

— Nada. — Piso no azulejo com o nome de Marianne, minha coluna zumbindo um alarme. Um alarme que não quero soar, ainda.

Não até ter certeza do seu motivo para zumbir.

Alma e Cadence trocam um olhar.

— Slate? — Cadence pergunta.

— É o azulejo de Marianne. — Adrien, cujas sobrancelhas estariam unidas se não tivesse sofrido uma depilação por wyvern, semicerra os olhos para minha bota.

Alma parece confusa.

— Marianne?

— Sabe, a professora de arte? — Cadence esclarece. — A que pintou a evolução da caligrafia ao longo dos tempos?

— Eu amo aquele quadro! É uma das minhas peças de arte favoritas. Ele e a estátua da sua mãe. Como aquela velhota se chamava mesmo? A artista grafóloga? Ou era arfóloga?

Adrien sorri.

— Arfóloga? Não tinha ouvido essa. — Ele coloca a mão na cabeça, como se para passar os dedos pelo cabelo. Quando percebe que não tem, faz uma careta e esfrega a mão sobre o cabelo raspado e queimado.

— Ela morreu na mesma época que sua mãe, não foi? — Alma pergunta.

Cadence dá uma cotovelada nela.

— Desculpa. Não quis parecer tão insensível, Adrien.

— Não tem problema. E sim. O funeral dela foi uma semana depois da minha mãe.

Posso ouvir o luto em sua voz, e apesar de não querer, sinto muito por ele.

— E o da sua mãe foi quando exatamente? — Bastian pergunta.

— Junho.

A palavra aviva o alarme. O pai babaca da Cadence sabia que eu estava vivo quando “emprestou” meu dinheiro, já que Vincent já

tinha saído da minha vida em 4 de março. Lembro da data porque a comemoro todos os anos sem exceção.

— Seus pais também tem azulejos aqui, Slate.

— É? — Meu estômago revira, e revira. Afasto Rainier da cabeça – pelo momento – e procuro o chão.

— Os azulejos deles estão perto daquela estante. — Cadence aponta para um azulejo rachado portando os nomes EUGENIA e OSCAR ROLAND. Sob eles, em letras menores, está Rémy.

Meus joelhos ficam meio borrachudos.

Bom… porra.

Bastian segura meu bíceps para evitar que eu capote.

— Está bem, Slate?

— Bem pra caralho — resmungo. Não sou o garoto morto; sou Slate Ardoin.

Bastian não parece convencido. Ele continua a olhar entre o azulejo e eu.

Movo os ombros para soltar sua mão, depois estremeço para me livrar dos pequenos choques estourando pela minha coluna. *Isso não é uma lápide ou um presságio, Slate*.

Cadence deve pressentir a direção dos meus pensamentos, porque diz:

— É prova que você tem raízes nesta cidade. — Seus dentes afundam o lábio. — Que você tem todo direito de estar aqui. De ficar aqui, se quiser, não importa o que ninguém mais diga. Que você pertence a Brume.

Entre a revelação sobre Rainier e meu azulejo honorífico, sou incapaz de juntar duas palavras em uma frase. Espero que não interprete meu silêncio como reticência sobre pertencer a sua cidade. Pode não sentir como um lar, mas estou disposto a ficar por aqui um tempo.

Depois de perscrutar minha expressão por algo – confirmação que dizer a ela que ficaria não era apenas um truque para fazê-la confiar em mim outra vez – rodopia e vai na direção do alçapão do lado oposto do templo. Como se as prateleiras de livros soltassem uma exalação coletiva, sou atingido por sopros de poeira, papel mofado e incenso velho que fazem meu nariz coçar.

Bastian aperta meu pulso enquanto os outros se afastam, seus passos ressoando contra as paredes curvadas.

— Ele sabia. Quando ele *emprestou* — faz o gesto de aspas — o dinheiro, sabia sobre você.

— Você estava mesmo esperando que não soubesse?

— Deveria contar para Cadence.

É impossível que tenha ouvido seu nome, considerando que está do outro lado do tempo, ainda assim ela se vira, uma sobrancelha arqueada.

— Ainda não. Não até compreender por que ele mentiu.

Os dedos de Bastian deslizam do meu pulso conforme seguimos atrás dos outros. Ele anda com a cabeça tão inclinada para trás que espero escutar a cartilagem da sua traqueia quebrar.

— E eu que pensei que você estaria salivando pelos livros.

— Confie em mim, eu… — Ele para bruscamente ao lado da peça central embutida: o relógio. — Uau. É enorme. Muito maior do que pensei que seria. — Não se move durante um longo tempo, e depois está avançando circundando o corrimão, olhos brilhando atrás dos óculos que ficam escorregando pelo nariz.

Da última vez que vim aqui, não prestei muita atenção nele, preocupado demais com a possibilidade do meu dedo cair. Agora, uso o tempo necessário para absorver cada detalhe – os símbolos dos quatro elementos esculpidos na grossa borda de ouro, o contorno dourado do quatrefoil que cobre todo o rosto esmaltado, o

maior dos dois mostradores que vai de branco até azul marinho e o menor cravejado com constelações que lembram diamante. Por último, mas não menos importante, os ponteiros presos no disco liso de ouro no coração do relógio, um com a ponta de estrela e o outro com uma lua crescente.

— O *dihuner*! — Bastian olha a ponta de lua crescente dourada no ponteiro maior. — Pensei que estivesse parado.

Sabia que tinha esquecido de contar alguma coisa para ele.

— Tudo graças a este bebê. — Ergo o dedo com o anel.

Ele o encara, depois olha de volta para a crescente parada sobre um feixe de azul pendendo para o marinho.

— É o ponteiro da fase da lua, certo?

— Sim — Cadence diz, mordiscando o lábio.

— Cinco dias até a lua nova — Adrien anuncia.

Cinco dias…

Bastian balança a cabeça.

— Esperava simbolismo religioso, mas não tem.

Adrien está olhando para o relógio como se fosse um poço dos desejos. Minha coluna trava. *É.* Não quero pensar em poços agora. Ou nunca, a propósito.

— Porque não é um templo religioso. Pelo menos, não o tipo de religião que é popular no mundo — Adrien explica. — Durante a inquisição, os fanáticos o rotularam como o parque de diversões do diabo e proibiram as pessoas de entrarem.

— Brume tem o recorde de mais julgamentos e convicções de bruxas em toda a França. Alguns até a chamaram de Salem do Leste. — Cadence está estudando um dos elementos: um triângulo com um risco no meio. Terra? Ar?

Graças a Bastian, estou atualizado no meu simbolismo elementar.

Alma rodopia, olhando ao redor para o templo da magia.

— E pensar que você me disse que era tudo folclore. — Estremece e esfrega os braços. — Sou a única sentindo arrepios?

Bastian observa a cúpula.

— Por que não queimaram na era da caça as bruxas?

— Eles tentaram, mas parece que o fogo não pegava. — Adrien está segurando o topo da barreira de proteção de vidro. — Também tentaram destruir o relógio, mas não conseguiram nem amassar o esmalte, então isolaram o templo inteiro.

Cadence inclina a cabeça na direção do alçapão.

— Pessoal, a tradução. Podemos admirar o relógio e discutir história mais tarde.

Conforme ela abre a porta do porão, digo para Bastian:

— Você vai chorar com admiração quando ver o que tem aí embaixo.

Isso o faz se mover.

Com certeza, quando chego lá embaixo, a boca do Bastian está bem, *bem* aberta. Esqueça moscas, poderiam entrar morcegos. A antiga renda mecânica de engrenagens é impressionante. Só o tamanho faria qualquer um ficar boquiaberto.

— Vem. — Alma segura aberta a porta do tanque gelado que contém os preciosos documentos de Brume.

Cadence já está colocando as luvas especiais para pegar o volume imenso cheio de história do Quatrefoil, que coloca sobre uma das mesas. Conforme a porta fecha atrás de nós com um barulho de sucção, ela remove as luvas, as colocando sobre a capa de couro, e vai na direção de outra estante.

Quando a vejo ficar na ponta dos pés, tentando puxar uma grande caixa branca para si, vou até lá e a tiro da prateleira.

— Sabe, pedir ajuda não é um sinal de fraqueza.

— Teria pegado. Um dia.

— Não tenho dúvidas disso. Só estou te lembrando que estou aqui. Por um período indeterminado — acrescento baixo, entregando a caixa de arquivo.

Sem desviar o olhar, ela a pega, os dedos roçando sobre os meus, suaves como uma pluma. Ela se demora, o frio da sua pele se esvaindo no calor da minha. Meu corpo inteiro fica imóvel, imóvel e duro. Muito duro. Eu me angulo na direção da prateleira, porque estou formando uma tenda no moletom, e apesar de não me importar que Cadence veja o que seu toque faz comigo, prefiro não traumatizar os outros.

Eu me concentro na lombada embolorada de um livro.

Foco em pensamentos embolorados.

Devo parecer que estou com dor, porque ela arfa:

— É o anel? É minha peça…

— Não é o anel. — Eu a tranquilizo, depois repito mais alto, porque os outros pararam de conversar, então acho que estão encarando.

— Então o que é? — Sua voz está cheia de preocupação.

Olho para ela, depois para minha virilha. Segue meu olhar. Quando nossos olhos se encontram outra vez, suas bochechas se iluminam mas seus olhos também. E depois ela sorri. E já que isso não é kryptonita suficiente, morde o lábio.

— Está tentando piorar a situação? — resmungo.

Fica na ponta dos pés novamente, dessa vez para sussurrar:

— Pense no Quatrefoil, Slate. Em todos os monstros que enfrentamos.

Seu hálito mentolado esquenta a concha da minha orelha.

— Melhorou? — Ela se apoia nos calcanhares de novo, mas não antes de roçar a borda da minha mandíbula com os lábios carnudos.

Fecho os olhos, tentando desesperadamente evocar o rosto feio de Matthias. Ah, se os outros não estivessem aqui. Teria empurrado Cadence contra as prateleiras, ou a deitado na mesa e…

Ela arfa, e acho que posso ter dito meus planos safados em voz alta quando percebo que sua atenção não está em mim, mas na caixa de arquivo que abriu.

Está vazia.

— As traduções! — sussurro-grito. — As traduções desapareceram!

As pupilas de Slate vão de distendidas para o tamanho de um alfinete, junto com sua ereção.

Sim, meus olhos foram para lá. Como poderia evitar? Mas agora estão de volta no forro bege vazio da caixa.

Pelo mais curto dos segundos, me pergunto se posso ter pegado a errada, e meu olhar voa para a última prateleira, mas não tem nenhuma outra caixa.

— Você tem certeza? — Adrien está do meu lado agora, olhando para o recipiente vazio.

Não deveria me irritar que não acredita em mim, mas irrita, então a empurro em seus braços sem qualquer gentileza.

— Confira você mesmo.

A mão de Slate encontra a minha trêmula e envolve meus dedos. Não me afasto. No lugar, me inclino até mais do que apenas nossas mãos se tocarem.

— Vocês mantêm um livro de presença aqui? — Bastian pergunta.

— Não. — Meus dentes batem e não é de frio. Apesar que está *bem* frio. — Por que alguém as le-levaria?

Slate aperta minha mão, depois solta e segura meu quadril, me puxando em sua direção. O olhar de Adrien sai da caixa e vai para o ponto de contato entre os dedos protetores e possessivos de Slate e o cós da minha legging cinza.

— Poderiam estar no lugar errado? — Bastian sugere.

Olho ao redor da pequena sala estéril.

— A-acho que não. Quer dizer, tinham quase cem folhas ali dentro. É muito pa-papel para colocar no lugar errado. — O polegar de Slate desliza sob a barra do meu suéter e pousa na pele gelada, depois começa pequenas e lentas carícias.

— Quando os viu pela última vez? — A voz de Adrien é cortante como um raio.

Preciso vasculhar o cérebro. Peguei a caixa no dia que mostrei o *Istor Breou* para Slate? Não. Pensei nisso, mas não confiava nele o suficiente. Sentindo uma fenda se formar entre as sobrancelhas, digo:

— A última vez que as vi foi com sua mãe, Adrien. Estava ajudando a digitá-las. — Parece que foi ontem e ainda assim quatro anos se passaram.

Alma rodopia em uma banqueta.

— Quantas pessoas tem acesso a esta sala?

— Não muitas. Adrien, Papa, eu e uma das bibliotecárias. Mas Papa nunca vem aqui. Porquê. Sabe, cadeira de rodas.

Adrien coloca a caixa vazia na mesa.

— Quando foi a última vez que você as viu, Prof? — O polegar de Slate ainda está se movendo, ainda incitando arrepios da minha pele.

— Não desde a minha tese dois anos atrás. — Um dos seus olhos se fecha um pouco, como se estivesse se lembrando de alguma coisa.

— O quê? — pergunto.

— Faltavam algumas páginas na época. Perguntei ao seu pai sobre isso, e disse que deveria conferir no computador da minha mãe. Que poderiam estar salvas lá. Só que o computador nunca foi recuperado depois… — Ele engole, e sinto a dor da sua perda ecoar em meus ossos.

— Ela poderia ter salvado o arquivo na nuvem? — Bastian pergunta.

Adrien balança a cabeça.

— Não. A informação era muito sensível.

Alma assopra as mãos.

— Mas por que alguém roubaria traduções?

— Porque algo está escrito naquele pergaminho que alguém não quer que descubramos — Slate murmura.

Alma congela, e as mãos caem no seu colo.

— Isso significaria que alguém sabe sobre o Quatrefoil além de vocês quatro. Bom, seis com Rainier e Geoffrey.

— Nolwenn e Juda sabem. — Eu me lembro do Papa nos contando na noite depois do poço. — Ele disse que estavam com medo das maldições.

Adrien olha fixo para mim. Sei o que está pensando porque estou pensando a mesma coisa: um deles destruiu os papéis, esperando nos deter desta caçada maluca. Mas Nolwenn tem acesso a esta sala? Não é impossível…

— O teclado salva a impressão de quem entra e sai? — Bastian pergunta.

— Não. — Giro a ponta do rabo de cavalo no dedo que balança um pouco. — É só uma trava eletrônica. Nada mais.

— Tem alguma câmera?

— Tem um sistema de alarme.

As costelas de Slate inflam com um suspiro e seu polegar para.

— Não importa. Temos o pergaminho original. Precisamos ir em frente. Seguir adiante. Você e Cadence falam bretão, certo, Adrien?

Olho para o garoto me segurando, os olhos escuros que parecem pretos na brancura ao redor.

— Sei um pouco, mas nem de perto o bastante para traduzi o *Kelouenn*.

— Eu consigo — Adrien diz de supetão. — Vai demorar, mas consigo.

Tempo não é o bem que mais temos, mas perdê-lo tentando descobrir quem destruiu o trabalho árduo de Camille não vai nos ajudar.

Adrien tamborila os dedos na coxa.

— Tem uma impressora lá em cima, né?

Concordo com a cabeça.

— Precisamos aumentar a foto que Slate tirou, depois imprimir algumas cópias. Se for ilegível, voltamos para sua casa. — Estica a mão que balança como a minha, nós dois cheios de estresse e adrenalina. — Seu telefone, Slate?

Slate destrava o telefone e entrega para Adrien, que faz uma linha reta até a porta.

— E o livro de história? — Bastian pergunta. — Pode ser retirado daqui?

Mordo o lábio.

— É melhor não.

— Se importa se eu ler? — Bastian, que está sentado na banqueta ao lado de Alma, esfrega as mãos nas coxas. — Se não confia em mim…

— Eu confio em você.

— Vou ficar com ele — Alma sugere. — Sou ótima em fazer anotações.

Dou um sorriso de gratidão para minha amiga, porque sei que está ficando aqui embaixo para me tranquilizar enquanto Adrien, Slate e eu estivermos lá em cima.

Tecnicamente, Slate não é necessário para transcrever o pergaminho, já que seu conhecimento de bretão é nulo, mas quero mantê-lo ao meu lado. Eu me sinto mais segura quando está por perto. E já que minha peça ainda não apareceu…

— Não tente me deixar para trás. — Encaixa os dedos nos meus.

Meu coração solta uma batida forte.

— Não estava.

— Ótimo. — Ele segura a porta aberta para mim. — Como sempre digo, maninho, não faça nada que eu faria. — Pisca para Bastian, que resmunga algo que faz Alma rir.

Conforme a mola hidráulica fecha a porta, balanço a cabeça para Slate.

— Você é terrível.

— Indiscutivelmente. — Acena como o braço para as escadas. — Depois de você, milady.

Sorrio apesar de como o dia está péssimo, depois começo a subir, mas paro no meio do caminho para olhar para Slate. Olhar para ele de verdade. Não temos magia e ainda assim esse garoto conseguiu me enfeitiçar com seu carisma e humor… com sua luz. Poderia ter deixado a escuridão o consumir. Consumir a mim. Consumir Brume. Mas não o fez. Ele luta suas batalhas e as de todo mundo.

Desço um degrau, depois outro, até nossos rostos estarem alinhados. E depois faço algo atípico de Cadence. Seguro seus

ombros e o beijo. Ele não está esperando. Posso dizer porque sua boca está fechada, e os tendões sob a pele estão rígidos como vigas de aço. Mas logo sai do seu torpor e me vira para o lado, me prendendo na parede de pedra áspera, lábios se abrindo, língua dançando contra a minha. Sua mão pousa na parte de trás do meu crânio, se enrola no meu cabelo, arruinando o rabo de cavalo.

Não que eu dê a mínima para o rabo de cavalo.

Tudo com o que me importo é em aprofundar nossa conexão.

Talvez seja a adrenalina, ou dias de raiva acumulada, ou medo pelo que está por vir, ou apenas luxúria, mas quero tanto este garoto que dói. Meu pulso perfura as veias, músculos que nem sabia que tinha se contraem, e os hematomas e doloridos da batalha da noite passada reavivem, transformando minha pele sensível em um campo minado de pequenas explosões.

Mas isso não diminui meu ímpeto, porque o que sinto mais profundo do que qualquer dolorido ou dor é essa crescente afeição por este garoto perdido que encontrou seu caminho para casa.

SLATE_

— Slate, deveríamos…

— Que se foda. — Afago seu pescoço, que é macio como seda e cheira tão doce que me pego chupando. — Derrotamos três maldições sem nenhuma porra de tradução.

— São suas palavras favoritas, né?

Afasto uma mecha de cabelo preso nos lábios inchados.

— Peço desculpas por ser grosseiro, Cadence. Nunca cheguei na escola de etiqueta.

— Não peça desculpas pelo jeito que fala. Ou pensa. Não ligo para o que sai da sua boca contanto que não seja uma mentira. — Ela pressiona um beijo na borda da minha mandíbula. — Gosto de você como é. Boca suja e tudo. Mas precisamos mesmo subir e ajudar Adrien.

Não estou com a mínima vontade de decifrar um pergaminho comido por minhocas.

— Tenho certeza que ele está amando. — Espalmo sua lombar e arrasto seu corpo tonificado na minha virilha. — Além do mais, meu cérebro foi privado de sangue por tanto tempo que seria inútil lá em cima.

Com uma risada, ela afasta o corpo do meu.

— Talvez, mas agora não é uma boa hora para absconder com minha virgindade, Slate Ardoin.

Espera… *o quê?* Meus dedos não pulam das suas costas, mas definitivamente ficam flácidos. Diferente de outra parte da minha anatomia. Acho que não tem nenhuma chance disso acontecer enquanto estiver pressionado contra Cadence de Morel.

— Você nunca…?

— Não. — Ela engole, e depois suas bochechas formam covinhas como se as estivesse mordendo por dentro.

Passo um polegar sobre seu rubor que se intensifica, tentando acalmar seus nervos, mas polegares não são mágicos, e já que ainda não disse nada, está ficando mais ansiosa.

— E eu que pensei que bibliotecárias deveriam ser um grupo promíscuo.

Ela me graceja com um sorriso, um dos seus mais radiantes até agora, e maldição se não faz a escadaria inteira brilhar.

— Você não ficou com medo de mim agora, ficou?

— Medo. Pff. Encarei a encarnação peituda do Tubarão em um túnel preto como piche. Confie em mim, sua integridade *não* me assusta. — Deslizo o polegar pelos seus lábios. — Só espero que não esteja muito ligada a ela.

— Nem um pouco. — Sua respiração aumentou consideravelmente.

Coloco uma mão na parede e tiro meu corpo do seu. Não importa o quanto eu a queira, não vou corrompê-la em uma escadaria com meu irmão e a melhor amiga dela sentados a alguns metros de distância e Adrien Mercier no andar de cima. Não. Vou corrompê-la devagar e por inteiro, em um quarto, com nenhuma outra alma por perto.

— Vai. Preciso me acalmar. Não quero fazer o Prof se sentir inferior.

Suas sobrancelhas franzem e depois arqueiam, e bate no meu bíceps.

Faço tsc.

— Tão violenta, Mademoiselle de Morel.

— Tão arrogante, Monsieur Ardoin.

Sorrio, o que a faz responder com outro dos seus sorrisos gloriosos.

— Tudo bem. — Ela se afasta de mim, o sorriso desaparecendo, o brilho em seus olhos diminuindo. Conforme sobe as escadas, puxa o elástico do cabelo, escova com os dedos, e depois prende outra vez. Sou eu ou suas mãos estão tremendo?

Acho que não imaginei sua ansiedade, e isso gela meu sangue pulsante. Quando começo a pensar na sua peça aparecendo e eu não estando lá, subo as escadas dois degraus por vez. Eu a encontro sentada em uma grande mesa quadrada com Adrien, cabeça abaixada sobre uma cópia do *Kelouenn*, lápis a postos e riscando o papel. Eu os observo discutir possíveis significados de uma palavra em bretão.

Tento não sentir ciúmes que eles compartilham algo. Eu me lembro do que compartilhamos na escada. Endireito os ombros e me aproximo.

Posso ser útil.

Vou encontrar um jeito de ser útil.

~

Acabo sendo útil ao pegar comida e fazer cópias. Cadence e Adrien apertam os olhos para o maldito pergaminho o

dia inteiro, e mesmo quando Alma e Bastian se juntam a eles, as coisas não aceleram. Caímos nos lençóis tarde e estamos de volta à biblioteca pela manhã. No começo da tarde, pego a comida que Adrien pediu na taverna e levo de volta para a trupe. Bastian e Alma estão sentados com Adrien e Cadence, tentando consolidar as anotações do livro de história com as palavras do pergaminho traduzido.

— No livro lá embaixo, diz que o *dihuner* tinha um coração de sangue. — Alma morde a ponta do lápis. — O pergaminho menciona isso?

— Não vi nada sobre isso no texto, mas ainda tem pedaços que Cadence e eu não conseguimos traduzir.

— Quer dizer, tem a Pedra de Sangue. — Cadence acena para minha mão, que no momento está abrindo as tampas dos recipientes de charcutaria e queijo. — A pedra poderia ter sido parte do relógio?

Adrien balança a cabeça.

Pego dois cubos de queijo Emmental.

— Você descobriu como os desenhos estranhos pra caramba se encaixam no texto?

— Estão relacionados com o texto fora da forma do quatrefoil — Adrien diz.

Aparentemente, fizeram progresso enquanto estava sendo um bom garoto de entregas.

— São exemplos de maldições — fala, enquanto examino uma cópia não anotada.

Entre os borrões de tinta e palavras que parecem ter sido rabiscadas por um epilético no meio de uma convulsão, estou surpreso que conseguiram decifrar alguma coisa.

Alma vira um desenho de um corpo estatelado de cabeça para baixo.

— Não posso comer com isso na minha cara.

Bastian estuda um inseto com presas, ou é parte de um corpo? Fiz parte de algumas caças ao tesouro pervertidas, mas essa leva o prêmio por ser mais indutora de insanidade.

Ele se inclina e pega um dos papéis de Cadence, e aí estão trocando notas. Ela bate palmas animada, o que faz Bastian sorrir e anotar alguma coisa. Aparentemente, algumas pessoas estão curtindo a tarefa.

Malucos.

Meus malucos.

Quando escuto Adrien balbuciando baixo, olho para ele. Estou contente em vê-lo lendo suas anotações, porque por um momento fiquei com medo que tivesse perdido a cabeça, e como já perdeu todo o cabelo…

— Alguma coisa, Prof? — Viro o pescoço de um lado para o outro.

— Acho que encontrei uma coisa. Não sei exatamente o que significa, mas…

— Conte para nós.

— Como eu disse, a passagem por fora do quatrefoil é uma lista de pragas e maldições. Insetos, os mortos-vivos, algo sobre pedra e pó. Acho que é uma explicação da magia negra que acontecia antes do Quatrefoil ser partido. Preciso de mais tempo para compreender.

— E por dentro? — Cadence enrola o rabo de cavalo em um tipo de nó na nuca.

Adrien suspira.

— Bom, tem essa grande mancha de tinta que cobre parte do texto.

— Percebi isso mais cedo. — Cadence faz uma careta. — É estranho. Podia jurar que nem sempre esteve ali.

Olho a cópia do pergaminho.

— A tinta é de cor diferente. Mais perto do preto, enquanto o resto é marrom escuro, então provavelmente não estava.

Todos ficam boquiabertos para mim.

— O quê? Não sou daltônico, porra.

As sobrancelhas de Bastian se erguem.

— A diferença é bem sutil, mas Slate está certo. Não parece uma mancha original.

Cadence se vira para Adrien.

— Acha que podemos tirar, ou usar uma luz para ver por ela?

— Talvez, mas precisaríamos remover da moldura, o que poderia danificar.

O barulho baixo de neve caindo sobre a cúpula de vitrais se torna o único som tirando o tique constante no templo do conhecimento.

Eu me aproximo da cadeira de Cadence e inclino a cabeça sobre seu ombro, roçando sua bochecha com o queixo. Para qualquer um observando, estou fingindo interesse no texto garranchado. Mas rapidinho, meu interesse deixa de ser fingido.

— O que vocês acham disso: *A lua nova vai absconder as folhas a não ser que sejam embaladas no coração pulsante de Brume ao crepúsculo*?

— Infelizmente, não é nada revolucionário ou novo. — Adrien suspira. — Se o Quatrefoil não for reunido, as folhas desaparecem com a lua nova.

Alma mordisca a unha do dedinho.

— O que é crepúsculo mesmo?

— Uma palavra mais velha para entardecer — Adrien explica.

Os olhos de Bastian brilham.

— Mas o entardecer é dividido em três fases, então suponho, já que o relógio é astronômico, que significaria o entardecer astronômico: quando parece escuro, mas você não pode observar as estrelas a olho nu.

— Não sei como isso ajuda, considerando a névoa. — Alma aponta para a cúpula. — Não tem muita observação de estrelas acontecendo em Brume durante o inverno.

— Você não precisa ver o céu de verdade. Tudo o que precisa fazer é calcular o ângulo de depressão solar… — Bastian deixa a frase sem terminar quando percebe nosso embasbacamento coletivo. — Só vou calcular e digo o número para vocês.

Alma sorri.

— Com o que te alimentaram quando era criança? Wikipédia bytes?

— Teria que perguntar para Slate. Ele era o provedor.

— Garanti que comesse todas as coisas boas. Precisava que um de nós fosse inteligente o suficiente para sair das ruas.

Cadence inclina a cabeça para o lado para olhar para mim e envolve meu pulso com os dedos, apertando de leve.

— Já que o crepúsculo acontece todos os dias, isso significa que vocês de alguma forma podem prender as folhas todos os dias? — Bastian pergunta, de volta ao assunto.

A atenção de Cadence volta para os outros.

— Você quer dizer, individualmente?

Leio a última parte da frase em voz alta outra vez:

— *A não ser que sejam embaladas no coração pulsante de Brume ao crepúsculo.* Parece dizer que tem um jeito de prendê-las.

Adrien se empertiga.

— O que significaria que se de alguma forma falharmos em conseguir a última…

— …O que não vai acontecer. — Olho feio para ele.

— O que não vai acontecer — repete devagar. — Tudo não estaria perdido.

Bato a Pedra de Sangue na mesa.

— Você vai pode tirar o anel da minha mão gelada e morta e terminar sua caçada cruel.

Adrien tem a decência de empalidecer.

— Slate, desculpa. Não quis…

— Não tem problema, Prof. — Eu me afasto da mesa e me endireito.

— Por que morta? — Alma pergunta.

— O anel só pode sair depois que as quatro folhas forem reunidas, e isso tem que ser feito antes da lua nova — Cadence explica.

Alma inclina a cabeça para o lado, seus longos cachos deslizando pelo ombro.

— Ainda não entendo por que Slate morreria.

— Porque a Pedra de Sangue vai injetar magia negra nas minhas veias e me mutilar, assim me fazendo morrer uma lenta e excruciantemente dolorosa morte.

No minuto que as palavras saem da minha boca, Cadence arfa, e eu congelo. *Merda.* Rainier me jurou segredo. Não queria que Cadence soubesse o quanto a mãe sofreu para sair desse mundo miserável.

Silêncio se acomoda sobre a biblioteca, silêncio interrompido pelo constante soar do relógio astronômico.

Bastian se move na cadeira, puxa os fios do moletom, se mexe mais um pouco.

— Slate vai ficar bem.

Quero acreditar nisso, mas vi o que as maldições podem fazer. O corpinho da pequena Emilie vem à tona na minha mente. Fecho os olhos, mas a imagem do seu pijama rosa aguça, então puxo as pálpebras para cima e foco na página que Cadence está apertando.

— Alguma ideia sobre o berço? — Quero focar em algo além o corpo flácido da criança com quem falhei.

Cadence inclina a cabeça para cima, e sinto seu olhar azul claro perscrutar meu rosto. Não encontro seus olhos; não quero sujeitá-la a minha raiva e negatividade intensificadas.

— O livro de história disse que a floresta era o local de nascimento do Quatrefoil. E já que essa colina costumava ser parte dela antes de se tornar uma cidade, talvez seja o coração pulsante? Viu, presto atenção na aula, Professor M. — Alma pisca para Adrien.

— Ou está dentro da floresta de verdade — Cadence fala.

Bastian solta os fios do moletom.

— É uma grande floresta.

Adrien desliza o bloco de anotações de Cadence para si.

— *A lua nova vai absconder as folhas a não ser que sejam embaladas no coração pulsante de Brume ao crepúsculo.*

— E a tumba de Merlin? — *Sim*, estou começando a acreditar que Merlin era real. É preocupante.

— Não sabemos onde é — Adrien diz. — Se é que existe…

Bastian tamborila os dedos.

— Vi no mapa turístico.

Adrien balança a cabeça.

— Aquela é para os caçadores de mito.

Minhas sobrancelhas se juntam

— Cadence tem uma pintura dela em casa.

— Isso é verdade! — Ela solta um suspiro surpreso que esvoaça uma mecha do seu cabelo. — O desenho do Quatrefoil está marcado na pedra.

— Poderia ser alegórico — Adrien afirma.

— Mas também poderia ser real — Cadence contraria.

— Só que pedras não pulsam — Adrien, sempre o estraga prazeres, declara.

— Talvez pedras mágicas pulsem — falo.

— Olha, vasculhei aquela floresta e nunca encontrei seu local de enterro, ou algo remotamente parecido com uma pedra funerária estampada com quatrefoil, menos ainda uma pedra *pulsante*.

— Você é um estraga-prazeres, Prof.

— Sinto muito, Slate, mas a lua nova é em quatro dias. Só não quero que persigamos o incerto. — Ele passa a mão no ar em exasperação. — Persigamos o *mais* incerto.

Bastian tira o moletom. O cabelo está amassado em alguns lugares e espetado em outros.

— O relógio pulsa. Bom, tica. Mas é basicamente a mesma coisa.

Adrien pisca, depois bate a mão na mesa. Todos pulamos.

Balançando o dedo para Bastian, se levanta num pulo.

— Você é um gênio.

Admito que faz mais sentido do que uma pedra, mas não quero descartar minha hipótese. Quer dizer, estamos falando sobre uma caçada *mágica*. O que é mais mágico do que um velho bruxo?

Bastian segue Adrien, que já contornou a estante.

Alma estica os braços sobre a cabeça.

— Espera, B. — Seus saltos estalam nos azulejos ao correr atrás deles.

— Que fofo. — Sorrio enquanto puxo a cadeira de Cadence para trás. — Eles têm apelidos um para o outro.

Ela se levanta e me encara.

— Você não pensa mesmo que não é inteligente, né?

Franzo a testa.

— De onde saiu isso?

— Mais cedo, você disse que Bastian era o inteligente.

Coloco uma mecha castanha fugitiva atrás de sua orelha.

— Sou inteligente da vida. Isso é o suficiente para mim.

— Você é mais do que inteligente da vida, Slate.

— Não fui muita ajuda nesses últimos dias. — Minha autoestima é boa, mas a verdade é a verdade.

— Porque não consegue ficar parado tempo o bastante.

— É. Acho que tenho TDAH. — Não diagnosticado porque não é como se algum dia consultei um profissional da saúde quando era criança. — A não ser que esteja olhando para você. Aí posso sentar e encarar. E encarar.

— Não é nada bizarro. — Solta uma risada suave, depois pressiona os lábios nos meus.

O beijo é casto, mas alcança fundo e estimula meu ego.

A primeira vez que trombei com Cadence de Morel, pensei que era ingênua e mimada, interessante e dona de uma bela bunda, claro, mas bidimensional. Como estava errado. A garota é mais profunda e poderosa do que o Verdon Gorge.

Ah se eu tivesse o tempo para a levar lá…

— Vem. Vamos conferir o coração pulsante de Brume.

Afasto minha melancolia lancinante.

— Prefiro conferir o seu coração pulsante.

Ela sorri e balança a cabeça ao me arrastar pelas estantes na direção do infame *dihuner.*

CADENCE_

Os dedos de Slate continuam enlaçados com os meus conforme circundamos o *dihuner*, provando para mim que é o garoto que pensei que fosse, e não o que Papa queria que eu visse. Um garoto com um coração bondoso e fiel.

Falando de corações, as palavras de Alma deslizam de volta para minha cabeça. Aperto os olhos para discernir o meio da face do relógio de onde estou parada. Apesar de ser embutido, entre a luz solar minguante e o tamanho da antiguidade mágica, não consigo ver muito.

— Precisamos chegar mais perto — Adrien diz, pulando a balaustrada.

Bastian o segue. Depois que está do outro lado, permanece cuidadosamente no contorno de azulejos de um metro de largura circundando o aro largo e dourado.

— Não posso superar o tamanho disso. — Segura a nuca, olhos brilhando tão ardentemente quanto a constelação de topázios brancos cravejados no mostrador.

— Cadence, pode acender algumas luzes? — Adrien pergunta.

Deixando Slate parado na balaustrada, vou na direção do painel ao lado da porta e viro os interruptores remanescentes. Os feixes intensos apontados para o relógio reluzem nos detalhes em ouro, os

fazendo brilhar como o lago ao pôr do sol. Sempre achei a relíquia de sete séculos majestosa e misteriosa, mas agora, sabendo que o Quatrefoil é real, que magia é real, tem um encanto totalmente diferente.

— Ei, Slate, pode me ajudar a pular? — Alma acena para a balaustrada. — Pernas curtas. Barreira alta.

Ele a ergue como se pesasse menos do que a pequena Emilie.

Luto me engole como a água englobou a criança meros dias atrás, e estremeço. Posso estar admirada pelo Quatrefoil, mas também estou muito enjoada com o seu poder.

— Precisa de um impulso? — Slate pergunta, colocando um fim aos meus pensamentos sombrios.

Concordo com a cabeça. Ele me ergue e delicadamente me coloca do outro lado, e depois pula.

— Alguém viu algum berço? — Procuro no rosto do relógio, depois os quatro elementos esculpidos na borda exterior.

A engrenagem coroa avança entalhe por entalhe, soltando um lento *tique… tique… tique* que ecoa pela biblioteca.

Bastian se agacha.

— Talvez os berços sejam os elementos?

— Ou estejam nas voltas do Quatrefoil, ou pétalas, qualquer seja o nome disso? — Alma encara a silhueta dourada que se estende de uma borda do relógio até a outra.

— Alma pode estar certa. Talvez devêssemos colocar nossas peças nas folhas alinhadas com nosso elemento. — Adrien acena para um dos triângulos – ou o dele ou de Slate, já que não tem nenhuma linha o cortando.

Os triângulos de Ar e Terra são cortados para indicar a separação entre a terra e o céu. O meu deveria estar de cabeça

para baixo, mas todos os triângulos apontam para fora, fazendo o *dihuner* parecer uma bússola gigante.

Alma semicerra os olhos para o elemento mais perto de si.

— Como pode dizer qual elemento é qual? Todos meio que parecem iguais.

Bastian aponta para o meu e de Gaëlle.

— Duas linhas no meio deles. Terra e Ar.

— Tudo bem… mas como você sabe qual é qual?

— O que está de cabeça para baixo é Terra. O outro é Ar.

— E como você sabe qual está de cabeça para baixo?

— Ah. — Bastian esfrega a nuca. — Não tenho certeza. Adrien?

Adrien toca o triângulo que poderia potencialmente ser o dele. Quando não é atingido por um raio bizarro, eu me inclino e passo a ponta dos dedos sobre o que poderia teoricamente ser meu. O triângulo cortado emite um pulso de luz verde neon que me faz cambalear para trás. Meu cóccix bate nos azulejos.

— Cadence! — Slate grita, correndo por cima do relógio em vez de contorná-lo.

Quero falar para não pisar no relógio, mas quando supero minha surpresa, já está ajoelhado ao meu lado, virando minhas mãos como se para procurar marcas de queimadura.

— Eu estou bem. Só fui surpreendida e escorreguei.

Os olhos escuros de Slate semicerram.

— Então, o elemento não te atirou para longe?

— Não.

Ainda está examinando meus dedos.

— Prometo.

— É verdade, Slate. Olha. — Adrien andou para o lado oposto de onde estava parado quando caí, e sua mão repousa no segundo triângulo simples.

A forma brilha carmesim.

— Que legal! — Alma bate as mãos.

— Uau. — Bastian pressiona os óculos na ponte do nariz.

Um novo barulho, um tipo de rangido, soa por cima do tique constante.

— O que é isso? — sussurro. Ou talvez grito. Meu sangue bate tão alto contra os tímpanos que é difícil medir o volume da minha voz.

Apesar de não soltar as minhas mãos, Slate finalmente desvia o olhar delas e olha por cima do ombro.

— *Isso* seriam os berços — Adrien sussurra reverente.

Arranco as mãos de Slate e me levanto. Com certeza, no meio da folha alinhada com o elemento fogo, um recuo apareceu na forma e tamanho exatos da folha que recuperou depois de derrotar o *guivre*.

Pisco e encaro, depois pisco um pouco mais. E depois me inclino e pressiono as pontas dos dedos no meu símbolo. Ele acende, fazendo meu coração decolar. Inclino a cabeça para trás, encontro Slate pairando em cima de mim, braços cruzados, queixo abaixado no pescoço, olhos pretos pintados com um vívido verde esmeralda e semicerrados no ponto de contato entre meu corpo e o relógio.

— Precisamos ligar para Gaëlle — sussurro, minha voz rouca com fascínio. — E Papa.

— Também precisam pegar as peças para ver se encaixam — Alma acrescenta. — E Bastian precisa calcular o entardecer perfeito.

Eu me endireito.

— Acha que somos os primeiros a descobrir isso? — Quando minha mão se ergue do elemento, a luz se apaga na hora, e o recuo sobe, alisando até a silhueta se fundir no esmalte escuro.

Adrien solta seu elemento e se empertiga.

— Nossos pais com certeza não sabiam, porque se soubessem, não estaríamos começando do zero.

— A não ser que não possam ser cravados individualmente… — Mas me atenho a esperança que isso não seja verdade. Que a primeira geração não descobriu os berços. — Papa nunca falou sobre isso, então provavelmente não sabiam.

A menção do meu pai parece fazer os bíceps de Slate contraírem sob a camiseta.

— Então, o entardecer astronômico começa às seis e cinquenta e três hoje à noite e termina às sete e trinta. — Bastian nos mostra a tela do telefone. Não que possa ver de onde estou parada do outro lado dele.

Adrien olha para o relógio de pulso.

— É daqui duas horas.

Encaro o arco do Quatrefoil que descamba na direção do meu elemento. Encaro o lugar onde o esmalte abaixou em preparação para receber minha folha.

Uma folha que ainda não apareceu.

Uma folha que ainda tenho que merecer.

Uma batalha que vai determinar se Slate vive ou morre.

SLATE_

Adrien, Gaëlle e eu seguramos nossas peças protegidas como se fossem feitas de vidro enquanto subimos a colina. O vento está cortante esta noite, deixado ainda mais intenso pela névoa persistente. Cadence está na frente da nossa procissão a passos de lesma, segurando uma lanterna que pegou da taverna onde esperou com Alma e Bastian enquanto buscávamos nossas peças.

Ela não queria trombar com o pai. Alegou que ainda não estava pronta para vê-lo. Vai perdoá-lo um dia, suponho, apesar que eu não vou.

— Seis e quarenta e sete — Alma alerta de baixo. Bem abaixo.

Do mesmo jeito que Cadence está vários passos na minha frente.

Não queria que ela, Alma e Bastian sequer viessem, mas se provaram um monte de teimosos. Contanto que não rocem em nós, deveriam ficar bem, mas as escadarias são escorregadias para caralho. Meu coração já parou duas vezes. Uma vez, quando chegamos no topo do Terceiro Kelc'h e Cadence derrapou, por sorte caindo para frente, de joelhos. Se tivesse tombado pelas escadas, não sei o que teria feito. A segunda vez que quase tive um ataque cardíaco foi quando ouvi Gaëlle gritar:

— Minha folha! — Havia escorregado da sua mão enluvada e deslizado por dois degraus, parando a centímetros dos pés de Bastian. Não costumo gritar com mulheres, mas rugi para ela, disse para tirar as malditas luvas. E depois pedi desculpas, culpando o nervoso, que me deixou faiscando como uma tomada enfiada na água.

A última vez que me senti desse jeito, como se meu corpo estivesse enterrado em um formigueiro, foi no poço. Foco nisso enquanto subo os círculos.

Foco em como derrotei a sereia.

Quando chegamos no Quinto, solto uma respiração tensa.

— Cadence, se afaste mais — ordeno, abrindo mão de delicadezas.

Ela assente, a pele branca como a lua nas fitas de névoa se enrolando no seu corpo, e se afasta, lanterna se derramando no carpete de neve sob as botas. Está pálida desde a taverna. Ficou ainda mais pálida depois que saiu da cozinha com Nolwenn. Quando perguntei qual era o problema, alegou que a ansiedade era medo, medo pela batalha que ainda tinha que enfrentar, medo pelo que poderia acontecer quando travássemos as folhas no relógio.

Sim, me passou pela cabeça que pode desencadear um monte de coisas ruins. Falei isso para Adrien a caminho da mansão de Morel. Isso o deixou tão irrequieto que sugeriu esperar até Cadence recuperar sua peça. E quase esperamos, mas aí olhei para o anel e disse a ele que eu, pelo menos, precisava fixar minha peça.

Caso…

Quando tocamos a campainha, Rainier parecia pronto para pular da cadeira e me espancar. Mas Adrien se colocou entre nós e explicou nossa descoberta. Isso acalmou o velhote, que confessou não saber sobre os berços. Apesar de ser um mentiroso, sua boca

de peixe fora d'água me disse que não tinha mesmo a menor ideia sobre o papel do *dihuner* na caçada.

Perdido em pensamentos, não percebi que Cadence começou a andar ao meu lado. Paro tão de repente que ela também para.

— Você tem um desejo de morte? Se afaste de mim — rosno.

Primeiro, parece ofendida. Depois, seus olhos lampejam com raiva.

— Tá bom. — Sai tempestuosa na direção da biblioteca.

Não ligo se a irritar agora. Preciso que fique segura.

Quando começo a subir outra vez, perscruto a escuridão à minha volta para mapear a localização dos outros. Por sorte, todos estão se distanciando satisfatoriamente. Quando chegamos na biblioteca, Cadence está colocando a chave na fechadura. Suas mãos tremem, o que faz a chave bater. Logo, entretanto, está com a porta aberta e as luzes acesas.

Bastian se aproxima de Cadence e apoia o peso na enorme porta para aumentar a abertura.

— Seis e cinquenta e dois — Alma anuncia.

— Falta um minuto — Gaëlle sussurra, sua pele marrom claro tão acinzentada quanto o ar enevoado.

Ela passa primeiro, depois Adrien. Antes de os seguir, falo para os outros:

— Vocês fiquem aqui fora.

— O quê? — As sobrancelhas de Cadence pulam para cima. — Não! Não seja ridículo.

— Não sabemos o que está prestes a acontecer — digo.

— Estive com vocês durante todas as maldições. Não sei como isso possa ser mais perigoso.

— Estávamos lidando com uma folha por vez. Agora têm três. Quando as colocarmos no relógio, as portas do inferno podem se

abrir em cima de nós. — Quero ir até ela e tocá-la, mas até ter me livrado da folha dourada do tamanho de uma mão, mal ouso respirar na sua direção. — Por favor, não posso te ver machucada. — Só o pensamento faz uma dor lancinante atravessar meu peito.

— Ele está certo, Cadence. — A testa empolada de Adrien plissa. — Espere por nós aqui com Alma e Bastian.

Os olhos Cadence arregalam.

— Quero estar lá. Quero…

— Seis e cinquenta e quatro — Alma anuncia.

— Precisamos ir — Adrien diz. — Vamos, Slate.

Aperto os dentes.

— Não vou a lugar algum até Cadence jurar que vai ficar aqui fora.

Desvio o olhar para Bastian, e ele assente em compreensão silenciosa. Pode ser magrelo, mas é maior do que Cadence, então pode segurá-la se tentar alguma coisa.

— Tudo bem! — Raiva exala como a bruma que sempre cobre esta maldita cidade. — Tudo bem! — Ela se afasta da porta e rodopia, o feixe da lanterna fazendo zigue zague na extensão branca.

— Vamos cuidar dela — Alma acrescenta, já correndo atrás de Cadence.

Bastian olha para mim quando enfim passo por ele. Seus lábios pressionam, o pomo de Adão subindo e descendo, subindo e descendo. Pressinto que quer dizer alguma coisa, mas ou não sabe bem o quê, ou o medo comeu sua língua.

— Vai ficar tudo bem, maninho. Tudo vai ficar bem. — Talvez se disser isso o bastante, vou começar a acreditar.

Ele solta a porta depois que passei pela soleira. Fecha com um baque, me trancando com três fragmentos de uma relíquia malévola

e um relógio batendo. Enrijeço a coluna, engolindo em seco, e vou selar minha folha no seu berço, e muito provavelmente meu destino com o Quatrefoil.

Não.

Isso não é verdade.

Meu destino foi selado no dia que li o feitiço dentro do aro e coloquei o anel.

CADENCE_

Entre minha conversa com Nolwenn e os outros praticamente me enxotando da biblioteca, meu sangue ferve. Compreendo seus motivos para me deixarem de fora, e é muito provável, se não estivesse uma bola de estresse e raiva, que teria concordado placidamente que não tinha valor agregado lá dentro.

— O que tem de errado com você? — Alma pergunta, depois de me alcançar. — Você compreende que estão tentando nos proteger?

— Eu sei.

— Então por que estamos saindo tempestuosas?

— Porquê, Alma! — rosno.

— Por que o quê? — rosna de volta.

— Porque estou puta!

— Eles…

— Não com eles! — Jogo os braços no ar, o feixe da minha lanterna brilhando nas fitas de névoa, e além delas, no calcário cinza.

Sua testa franze.

— Fiz algo errado?

— Não. Não, também não é com você.

— Então com quem está puta?

— Com Papa.

Pega meu braço para me segurar no lugar.

— Você tem que perdoá-lo. Só estava tentando te proteger. Você é a garotinha dele.

— Não estou brava por causa do que disse a respeito de Slate — quero dizer, com certeza ainda irrita —, estou brava por causa do que fez com ele.

Ela franze o cenho.

— Fez com ele? O quê?

— Roubou dinheiro dele.

Seus dedos se soltam do meu braço.

— Roubou?

— No documento do fundo fiduciário, Bastian notou que tinham duas transferências feitas para Marianne Shafir para ajudar a pagar contas médicas. Aparentemente, ela tinha câncer. — Meu olhar vaga para a fachada cinza do prédio de Belas Artes onde o pergaminho está pendurado. Posso ver o canto do velino emoldurado por uma das janelas.

— Sério? Deus. Eu não sabia.

— Eu também não, então perguntei disso a Nolwenn. — Meu olhar é atraído mais para longe, para o deus da guerra de terracota de Maman fechado na varanda de vidro que sobressai do centro de artes como um olho de inseto translúcido.

— E?

— E Nolwenn perguntou onde recebi essa informação execrável. Ela disse que Marianne não tinha câncer. — Meu nariz pinica. — Papa mentiu, Alma.

— Talvez precisasse de dinheiro por um motivo vergonhoso.

— Tipo o quê?

— Um lifting de corpo todo? Estava ficando um pouco caidinha no final.

— Alma!

— O quê? É verdade.

— Você acha que fez uma cirurgia plástica de cem mil euros?

Ela morde o lábio, depois solta:

— Provavelmente não. Também parecia bem caidinha no leito de morte. Mas tenho certeza que tem uma explicação perfeitamente lógica. — A devoção de Alma a meu pai a cega para qualquer defeito que ele possa ter. Papa poderia matar alguém, e minha amiga encontraria uma desculpa válida. — Na verdade, quer saber?

— Sim. O quê?

— Talvez ele emprestou o dinheiro para ela se internar. Lembra como agiu como uma maluca no funeral da Camille, quando Geoffrey insistiu que a esposa não cometeu suicídio e disse que fora assassinada? Marianne começou soltar risada histéricas. O chefe de polícia teve que removê-la fisicamente do cemitério.

Um tremor nos ossos sobe pelas minhas pernas.

— Eu me lembro disso. Também me lembro de Adrien segurando o pai.

Foi o espetáculo mais devastador da minha vida – um filho segurando o pai, tentando aliviar seu desespero. Foi a única vez que senti algo além de repulsa por Geoffrey Keene. Talvez ele tenha amado minha mãe, mas também amou a esposa.

Talvez era possível amar duas pessoas do mesmo jeito.

Outro tremor passa por mim.

— Pensando bem, você confiaria em uma pessoa louca para se internar? Provavelmente mandaria o dinheiro direto para o hospital psiquiátrico…

Alma faz uma careta.

Eu me abraço, sentindo um frio insuportável. E nervosa. Deus, estou nervosa. Meus joelhos tremem tanto que quase cedem.

— Cadence… sou eu ou o chão está tremendo?

Minha pele fica tão escorregadia quanto a praça de paralelepípedos em volta do *Puits Fleuri* na noite que transbordou.

SLATE_

Estou acostumado a ver o relógio banhado pela luz colorida da cúpula de vidro. Mas sob a iluminação fluorescente, a monstruosidade parece ameaçadora, como uma bomba mecânica de um filme de terror steampunk. O tique é tão vagaroso quanto era mais cedo, mas ecoa pelo espaço, o ritmo fazendo meus dentes rangerem. Não posso evitar notar como aquele maldito ponteiro está perto do final do ciclo lunar.

Acalmo minha ansiedade me lembrando que Bastian, Cadence e Alma não estão aqui. Não importa o que aconteça com o relógio, pelo menos aqueles três estarão seguros.

Subimos pela balaustrada de acrílico. Gaëlle tem um pouco de dificuldade, o bolso do casaco prendendo na borda da barreira, não posso ajudá-la, já que tocar seu corpo é um condutor direto para a magia negra. Ainda assim, quando perde o equilíbrio, estico a mão em reflexo.

— Não, Slate. Eu consigo. — Puxa o casaco.

Tomamos nossos lugares em volta do *dihuner* – Gaëlle em cima com Ar, Adrien e eu frente a frente com Fogo e Água.

Adrien desembrulha a peça. Como bons estudantes, Gaëlle e eu o imitamos. A Pedra de Sangue acende, e fogo líquido é injetado em minhas veias. Aperto os dentes para evitar rosnar.

Os nós dos dedos de Gaëlle ficam brancos, como se estivesse estrangulando sua peça. Eu me pergunto se ela também sente alguma coisa.

— Com a mão livre, toque o símbolo na borda do mostrador — Adrien se agacha e coloca os dedos no triângulo representando fogo. Como antes, um brilho vermelho esparrama do símbolo.

Gaëlle pressiona os dela no triângulo cortado na sua frente e é imediatamente banhada em luz branca. Arfa com surpresa.

Minha pele formiga antes mesmo de tocar o símbolo da água. Hesito por um segundo, mas depois levo a mão para baixo. Luz azul irrompe e contorna meu braço.

As engrenagens do relógio rangem, e os recuos para as folhas do Quatrefoil descem.

Outra respiração rápida escapa dos lábios entreabertos de Gaëlle.

— Colocamos ao mesmo tempo ou separados?

— Não sei se isso importa — Adrien murmura.

— Acho que deveríamos fazer juntos. — A voz de Gaëlle é baixa.

Adrien concorda.

— No três.

Tique… tique…

— Um… — ele diz. — Dois…

Engulo, ignorando como ambos o anel e a folha parecem estar queimando pela minha pele apesar de nenhuma chama cobrir minhas mãos.

— Três!

Como uma equipe de dança sincronizada, Adrien, Gaëlle e eu esticamos nossas peças para frente. Conforme a distância entre elas e os sulcos diminui, uma atração magnética surge, puxando

meus dedos mais rápido do que gostaria. Minha folha cai no seu berço com um tilintar audível. As de Gaëlle e Adrien também. A folha mais baixa do Quatrefoil – Terra – fica vazia.

Todos recuamos, ofegando tanto quanto quando encaramos nossas maldições.

Meu olhar pula da neve movediça e corre na direção do templo.

Tiveram tremores na noite que Slate colocou o anel e iniciou o relógio. Talvez essa seja a fonte do terremoto.

— Bastian? — grito.

Ele se vira na minha direção, mas não sai do seu posto perto da entrada da biblioteca que está guardando como Cérbero.

— Abra a porta! É o relógio!

— O relógio? — Alma diz ao mesmo tempo em que ele grita de volta:

— O quê?

— A porta! Abra a porta!

Ele rodopia e avança para a maçaneta, mas antes que possa pegá-la, o chão estremece violentamente, e sua cabeça colide com a porta. O corpo ricocheteia para trás e desmorona.

— Ah *mon Dieu*! — Alma ofega, voando em sua direção.

Estou atravessando a neve atrás dela, quando o som de vidro estilhaçando seguido por um rugido inumano prega minhas botas na terra pulsante.

Papa disse que o chão tremeu quando a peça da minha mãe apareceu. Em câmera lenta, eu me viro. Meu coração, que estava

galopando, fica perfeitamente imóvel.

Estilhaços de vidro voam para longe da varanda da Belas Artes, brilhando no banho fino da lua antes de afundar no denso carpete de neve.

Não é o relógio.

É minha folha.

SLATE_

O relógio crepita, uma lufada de ar seguido por um baque metálico ressoando atrás dos mostradores.

Pulo para trás, meus músculos contraindo, as veias se enchendo de calor ácido. Faz sentido considerando que estou perto de três quartos do Quatrefoil.

As engrenagens soltam um barulho de corda e raspão, conforme o esmalte engole as folhas douradas, e nossos símbolos elementares brilham outra vez. De repente, o tique lento do relógio acelera como se tivesse acabado de cheirar um monte de cocaína.

— Cuidado! — Adrien ergue o braço direito como se estivesse usando uma varinha mágica e pudesse proteger a mim e Gaëlle de qualquer caos que esteja surgindo.

Por um monte de batimentos frenéticos, nada de novo acontece – o relógio volta a ticar em um ritmo constante enquanto meu âmago continua a espasmar, como se meus ossos estivessem se tornando tecido mole. Mas aí o anel lampeja, soltando mais luz do que os símbolos, e um ressoar distante atinge as paredes de pedra que nos cercam.

A biblioteca começa a tremer com a força de um terremoto desafiador da escala Richter. Poeira e livros caem das prateleiras

como estilhaços. Um som de algo quebrando vem da cúpula. Olho para cima vejo fissuras trincando o vidro.

— Cuidado! — Grito, pulando pela balaustrada. Estico a mão para ajudá-los a passar, mas é tarde demais. A cúpula se quebra, lâminas de vitral chovendo em nós.

Gaëlle e Adrien se ajoelham, se curvando em posição fetal com as mãos protegendo a cabeça.

Outro tremor passa pelo templo, desintegra a balaustrada, solta os pedaços remanescentes da cúpula que desabam como incisivos. Eu pulo para frente e puxo o braço de Gaëlle, deslizando-a pelos azulejos cobertos de vidro antes que seja empalada.

— Precisamos sair daqui! — Adrien grita, correndo na direção da porta.

— Gaëlle, levanta! — grito sobre o barulho.

Vejo sua boca formar as palavras, mas não as escuto com o barulho das estantes lascando.

— Vamos!

Acho que ela diz:

— Não posso.

Estou prestes a lembrá-la que derrotou um fantasma, então pode fazer qualquer coisa, quando noto o enorme estilhaço de vidro amarelo saindo da sua perna. Sangue forma uma mancha preta no jeans.

— Caralho! — Rodopio e vocifero: — Adrien!

Milagrosamente, ele me escuta e volta para trás.

Tiro o cachecol e amarro com força na sua coxa.

— Puxe.

Adrien retesa, mas faz o que peço. Quando sangue jorra junto com o vidro, sua cabeça sem pelos adquire um tom doentio de amarelo esverdeado.

Pego Gaëlle no colo e depois corro até a saída, com Adrien no meu encalço.

Outro tremor chacoalha o prédio, derrubando uma estante de carvalho. Com um baque surdo, ela colide com a porta, calçando-a fechada.

Era nossa saída.

O deus da guerra de terracota da Maman solta um urro trovejante ao irromper pela parede de vidro quebrada e se virar, os olhos sem brilho pousando em mim.

— O que diabos é isso? — Alma guincha.

— É minha peça — falo, mas depois tiro a atenção de Ares e olho para Alma, que está no meio do caminho entre mim e o corpo prostrado de Bastian. — Você pode vê-lo?

— Óbvio, né? Ele é um gigante, e está parado bem ali! — Ela corta o ar com um movimento entrecortado.

No entanto, ela não viu o dragão. Pode ver minha peça por que foi um sopro de vida em algo que já existia? Por que estou perdendo tempo ponderando isso? É uma boa coisa que pode vê-lo. Pelo menos não vai tocá-lo por engano.

A estátua dá um passo e depois outro antes de parar e soltar um rugido tão feroz que a força arranca o elástico do meu cabelo.

— Alma, ajude Bastian, e chame os outros! E o que quer que faça, fique longe da estátua, tá bom? Sob nenhuma circunstância você toca nele. Só está atrás de mim.

Quando ele avança na minha direção de novo, o que também é na direção de Alma, começo a correr para o lado, o levando na direção do prédio de humanidades. Como esperado, ele segue. Por

algum motivo, não corre, mas é tão inumanamente enorme, que suas passadas são gigantes, e logo, está se aproximando de mim.

Arma. Preciso de uma arma. Tento abrir a porta, mas está trancada.

Quando olho por cima do ombro, Ares está bem ali, brandindo a espada, pronto para me prender contra a porta como uma borboleta.

Pensei que havia sentido medo antes, mas parece que não. As garras gélidas rasgando pelo meu corpo são uma sensação inédita.

O braço de Ares flexiona, e apunhala a espada para frente, direto na minha cabeça.

— É carvalho sólido. Não tem jeito nenhum que podemos movê-la sozinhos. — Adrien inutilmente empurra a estante que bloqueia a porta da biblioteca.

— E a saída de incêndio? — arrisco.

Ele olha para o outro lado da sala, onde mais prateleiras de mil quilos caíram como dominós.

— É um templo mágico. Não tem saída de incêndio.

— Você tem que estar de sacanagem comigo. — Graças a Deus que Cadence e Bastian e Alma não estão aqui. Ainda bem que estão seguros.

A sala estremece, e livros caem. O canto afiando de um bate na minha cabeça. *Ótimo*. Não tinha mais nenhum galo.

Gaëlle respira fundo quando um livro cai em sua perna.

— Deveria ter um kit de primeiros socorros atrás do balcão de referência — Adrien me diz.

— E onde fica esse balcão de referência? — Aceno para o desastre.

Ele serpenteia pela selva de estantes caídas, mesas destruídas e luminárias oscilantes, depois se abaixa, e retorna com uma maleta de zíper adornada com uma cruz vermelha que acena como um farol.

Rasgo o jeans encharcado para expor o ferimento enquanto corre de volta para nós.

— Vamos te deixar como nova.

— Eu pari — ela arfa. — Isso é como uma picada de inseto.

Enquanto Adrien esguicha pomada antisséptica na perna de Gaëlle, temos um momento de trégua. Um momento que se alonga, e alonga.

O tremor parou, no entanto o fogo nas minhas veias não abrandou. Tiro o telefone do bolso e ligo para Cadence antes de me lembrar que seu telefone teve o mesmo destino do casaco prateado – ardeu em chamas.

Adrien começa a enrolar uma longa bandagem na perna de Gaëlle enquanto ligo para Bastian.

Toca. E toca. E toca.

Vai logo, porra! Atende, maninho!

Escuto alguém se atrapalhar e um xingamento abafado e depois enfim:

— Ah, meu Deus!

Não é o Bastian.

Pavor se acumula na minha barriga.

— Alma?

— Slate! Ah, Deus. — A voz dela oscila como se estivesse chorando. — Bastian escorregou e bateu a cabeça. Está desmaiado e…

— *O quê*? — urro.

Outro tremor me chacoalha tão violentamente que minhas costelas doem. Ou talvez não seja um tremor. Talvez seja apenas eu.

— E Cadence correu atrás da estátua.

— Atrás do *quê*? — berro.

— A estátua que a mãe dela esculpiu. Diz que é a peça dela. Tomou vida como um Golem amaldiçoado.

— Não! *Porra!* — As palavras saem de mim como um uivo lamentoso.

Adrien e Gaëlle agora estão me estudando, olhos semicerrados.

Meus músculos contraem outra vez, e o anel brilha mais forte. Ah, não. Não, não, não. Deveria saber que era a peça de Cadence fervendo meu sangue. Não o maldito relógio.

Eu a fiz ficar lá fora…

Quero destruir alguma coisa. Eu me contento com um soco forte conta a madeira que abre meu punho.

Isso é tudo minha culpa.

Deveria tê-la mantido ao meu lado. Ao invés disso… ao invés disso está lá fora, lutando sozinha.

— Bastian precisa de ajuda, e Cadence também. — A voz de Alma me dá algo em que focar além da minha ira afiada. — Pessoal, por favor, ajudem — choraminga.

— Não podemos, caralho! — Soco a estante outra vez, deixando uma mancha de sangue para trás. — Estamos presos aqui, porra. Chame uma ambulância para Bastian!

— Não temos ambulâncias em Brume. Mas vou ligar para Sylvie…

— Chame a polícia. E o departamento de bombeiros. E as malditas escoteiras!

— Tá bom, mas Cadence disse que ninguém mais pode tocar na peça.

— Não ligo, caralho! — Desligo e começo a rolar as ligações passadas para encontrar o número de Rainier. Vagamente, escuto Gaëlle dizer meu nome, mas foco no telefone. Minha mão está

tremendo tanto que ligo para meu advogado por acidente. Depois para Bastian outra vez.

Pensei que estava assustado quando tinha catorze anos e Vincent me atacou com uma faca. Pensei que estava assustado quando me levaram para o reformatório e meu colega de cela tentou arrancar a porra da minha orelha com os dentes. Pensei que estava assustado quando a *groac'h* me tinha em suas garras. Pensei que estava assustado quando soltei da mão da pequena Emilie.

— Slate? — De repente, Adrien está ao meu lado. Arranca o telefone das minhas mãos. — O que está acontecendo?

— Ligue para Rainier. — Empurro a estante que me mantém longe de Cadence com todo grama de força que possuo. Não desliza nem um centímetro.

— O que digo a ele?

Apoio o ombro no carvalho maciço com o ombro outra vez, firmo as botas nos azulejos, empurro.

— Slate? O que digo para Rainier?

Todas aquelas vezes que pensei que estava assustado? Não eram nada. Nada comparadas ao terror que me abraça agora.

Meus olhos encontram os de Adrien. Seu rosto embaça conforme digo:

— Bastian está desmaiado e Cadence está lutando pela peça… sozinha.

Eu me agacho, e a espada sibila sobre minha cabeça. Atinge a porta com um baque ensurdecedor. E depois fragmentos de alguma coisa – madeira lascada? – chovem em mim. Antes que um possa me nocautear, pulo para longe, passando sob o braço ainda erguido de Ares.

Meu oponente uiva seu descontentamento conforme me endireito e rodopio, me afastando sem desviar o olhar. Ele se vira, e apesar de ter pouca luz, noto que a lâmina da sua espada desapareceu. O que me bombardeou não eram pedaços de madeira, mas fragmentos de argila seca.

O homem pode esmigalhar. É assim que o derroto! A compreensão injeta vigor e esperança onde tinha apenas medo e desespero.

Dá um passo na minha direção, depois outro. Rezo para que os outros estejam a caminho, apesar de precisar lutar como se não estivessem vindo. Fazer minha própria sorte, como Slate me disse na primeira noite que nos conhecemos.

Ares me atacaria contra outra parede? Talvez. Mas meus órgãos sobreviveriam uma colisão frontal com um homem feito de argila endurecida? Provavelmente não.

Não. Preciso mesmo de uma arma. Por um breve momento, enquanto recuo, meu olhar foca no templo. As portas ainda estão fechadas, e apesar da lua crescente soltar o mais leve feixe de luz, posso ver a silhueta de um corpo curvado sobre outro.

Meus ossos rangem um contra o outro conforme medo bloqueia a garganta. Por que não saíram? Por que as portas estão fechadas? Se alguma coisa aconteceu com eles… Inalo com um silvo, lágrimas ardendo os olhos.

Não posso pensar nisso. Preciso me concentrar.

Então o faço.

No senhor de guerra rosnando enquanto avança até mim.

SLATE_

Por favor, Deus. Por favor.

Faço qualquer coisa.

Qualquer coisa, caralho.

Paro de roubar.

Paro de xingar.

Paro de beber e comer madeleines.

Abro mão de tudo que tenho.

Volto a viver de migalhas e doações.

Apenas mantenha Bastian e Cadence seguros.

CADENCE_

Pense, Cadence. Pense. Onde pode conseguir uma arma? Se o prédio de humanidades e o templo estão trancados, então também…

A resposta surge com tanta força que quase tropeço nos meus próprios pés. Eu me viro, recupero o equilíbrio, e corro na direção do edifício de Belas Artes, na direção da varanda destruída. Só olho por cima do ombro quando as botas trituram mais do que neve gélida. Pego um estilhaço de vidro e jogo no gigante que se aproxima de mim.

Ele bloqueia o míssil com o escudo. O vidro explode sem nem mesmo fazer uma fenda.

Madeira. Preciso de madeira. Ou metal. Algo mais duro do que vidro.

Olho em volta da neve pisoteada, mas nada remotamente útil chama minha atenção.

E aí Ares está a três passos de distância. Se não der o fora, vai me esmagar.

Rodopio e corro, o sangue pulsando no ritmo das minhas passadas.

Conheço esse prédio.

Conheço cada cantinho e recuo.

Cada objeto dentro dele.

Sei que tem alguma coisa que poderei usar.

Eu me prendo a essa confiança que está me impedindo de parar e me render.

Vou vencer isso. Assim como os outros.

Eu posso fazer isso.

As paredes e colunas oscilam para dentro e fora de foco conforme passo correndo por elas. As artes expostas borram. As linhas de texto no pergaminho de Marianne se juntam em uma longa faixa de tinta. Passos lentos ecoam atrás de mim, distantes o suficiente para que diminua minha corrida frenética e olhe para trás. O guerreiro ainda não corre. Talvez o impacto das suas botas contra o chão o faria esfarelar. Qualquer que seja o motivo da sua passada sem pressa, estou grata para caramba. Não teria chance se ele se movesse mais rápido.

Apesar de manter sua forma colossal no canto do meu olho, procuro o corredor escuro por alguma coisa… qualquer coisa. O brilho do busto de mármore me faz sobressaltar na sua direção e arrancá-lo do pedestal. O peso arrasta meus braços para baixo, me fazendo cambalear para frente.

Aperto os dentes, firmo os pés afastados e levanto o busto. Meus cotovelos gritam conforme o ergo como uma raquete de tênis. Suor escorrendo pelos lados do rosto, espero o deus de Maman se aproximar, desejando que tivesse se interessado por miniaturas e não homens maiores que a vida.

Quando está perto demais para ser confortável, com sorte perto o bastante para que o alcance, rodopio, criando o impulso que preciso desesperadamente considerando como meus braços tremem. Quando rodopio de volta, deixo o busto voar. Ele o acerta, mas nem de perto no lugar em que estava mirando.

Colide com seu tornozelo, o que imobiliza o gigante. Sua enorme cabeça marrom rosado se inclina para olhar o que eu fiz, que é explodir seu pé. Oscila, mas antes que possa cair, o que teria sido bem ideal, ele solta a espada quebrada e passa um braço gigante por uma das colunas segurando o teto abobadado. O punho de argila, que um dia tinha uma longa lâmina, estilhaça em pedaços no pé de sandália remanescente.

O prédio treme, e flocos de gesso da cor do céu flutuam para baixo. E pedaços maiores também, um tão grande que tem o corpo inteiro de um querubim, halo, nuvem e tudo.

Se o telhado ceder, ele pode morrer, mas eu também vou.

Ele solta um ressoar indignado que faz o mármore sob meus pés tremer. Travo os joelhos, mas quando o tremor fica violento demais, cambaleio até outra coluna e a abraço.

Conforme a caixa de acrílico cheia de gravetos cai com um triturar chocante, mapeio as saídas: a varanda quebrada, a porta de emergência contrafogo no final do corredor leste, a janela atrás da armadura. Não estourou, mas com um golpe de espada…

A espada!

Eu me jogo na direção da armadura, colidindo com tanta força que caímos juntas. Quando pouso, meus olhos perecem que tocam o fundo do meu crânio. Corpo chacoalhando, solto a espada antes de virar de costas e rastejar como uma barata, procurando por mudanças no corredor, mas o gigante ainda está aconchegado na coluna.

Graças a tudo que é mágico que o busto explodiu seu pé.

Eu me endireito, me sentindo mais corajosa agora que estou armada e o senhor da guerra está imobilizado. Ao avançar na sua direção, o chão para de tremer, mas o gesso ainda está caindo do teto e flutuando para baixo como neve durante uma avalanche.

— Não está se sentindo tão orgulhoso agora, né, Ares?

Sob a aba do capacete, seus olhos passam por mim. Não brilham como olhos de verdade, porque não são de verdade.

Ele não é de verdade.

Ainda assim, quando apunhalar essa espada dentro do seu peito, vou sentir satisfação de verdade.

Ele grunhe, e aí em um golpe surpreendentemente fluido para alguém feito de argila, arranca o escudo do guarda-braço e arremessa como um frisbee na minha direção.

Pulo para o lado. Minha cabeça ricocheteia no mármore, craquelando os limites da minha visão. Pisco e pisco, depois fico de quatro, nós dos dedos da mão segurando a espada doendo onde encontraram a pedra. Algo molhado e quente pinga nas minhas pálpebras, depois pelos lados do nariz.

Porcaria.

Enquanto me forço a levantar, eu limpo, sabendo que é sangue sem precisar ver a mancha carmesim.

Não importa.

É só um ferimento leve.

O escudo está destroçado a um corpo de onde caí. Os pedaços ocre aparecendo sob os gravetos que Slate confundiu com varinhas quando o dei uma excursão por este prédio.

Pensar no Slate firma minha coluna instável.

Jogo os ombros para trás e encaro o guerreiro outra vez.

— Parem, vocês dois. Parem! — O jeito que Gaëlle fala, com tanto desespero, me faz pensar que esta não é a primeira vez que tentou fazer garotos pararem de agir como garotos.

Suor escorre no meu olho. Calor e dor irradiam pelo meu torso. Meu suéter está manchado com um profundo escarlate. Estou me ensanguentando tentando mover a maldita estante.

Adrien, também, tem feridas abertas nas mãos, e uma camada de suor sobre a testa empolada. Fecha os olhos e desmorona contra o enorme móvel, parecendo totalmente derrotado.

O relógio ainda está ticando. O chão ainda está tremendo.

O telefone de Bastian ficou sem bateria há quinze minutos, então não faço ideia do que está acontecendo lá fora. Tudo o que sei é que Rainier ia mandar toda a brigada de incêndio para o Quinto.

Um baque surdo vem do outro lado da estante.

— Se afastem das portas! — grita uma voz abafada. — Estamos entrando!

Alívio e impaciência me inundam em partes iguais.

— Já não era sem tempo.

A boca de Ares se abre com outro rugido, mostrando gengivas sem dentes. Acho que se minha mãe não esculpiu, não existe. Estica a mão para a cabeça e tira o capacete como um chapéu de lego, depois joga em mim. Eu me abaixo.

— Está ficando previsível, Ares. — Analiso o resto da sua vestimenta. Além da toga e uma sandália, está sem armas.

Antes que decida tirar a roupa e me estrangular com o vestido de argila, eu me jogo nele, espada apontada direto no seu peito. Ele bate o ar, o dorso da mão pegando na lâmina, mandando ela e a mim voando para o lado. Caio de joelho, espirrando sangue sobre a pedra pálida. Minha articulação parece que deslocou, e ainda assim consigo me levantar, então deve ter ficado no lugar.

Manco até o monstro, repensando a estratégia de mirar no seu peito. Não é como se tivesse um coração para perfurar. Eu o circulo. Não tem jeito de alcançar sua cabeça para serrar o pescoço. Ele rodopia em volta da coluna, pulando em um pé só. A coluna lasca com o peso, mas surpreendentemente, continua firme.

Meu olhar fixa no pé remanescente. Segurando a espada com as duas mãos, corro para o gigante e golpeio a espada na sua panturrilha. O impacto chacoalha meus pulsos e me faz soltar uma série de palavrões, mas seguro firme. Seguro com força.

A argila abre fissuras e depois seu tornozelo quebra.

O uivo lívido de Ares reverbera pelo prédio cavernoso conforme desliza como uma lesma pela coluna, fraturas se propagam como teias de aranha pelas pernas quando conectam com a pedra.

Ele esfarela e esfarela.

Eu consegui.

Derrotei o Quatrefoil!

Eu consegui.

Lágrimas escorrem dos meus olhos, misturadas com o sangue ainda esguichando pela testa. Quero uma visão desobstruída da minha vitória, então os limpo, manchando as bochechas e colando o cabelo no crânio latejante.

A folha brilha e cai com um tilintar no meio de todos os destroços de argila. Vou até ela, depois me inclino e pego o metal quente e liso. Quero beijá-la. Quero cuspir nela. Quero pisoteá-la com as botas. Quero abraçá-la.

No final, só seguro com as duas mãos.

Um estalido trovejante soa ao meu lado. A coluna quebra no meio junto com todas as outras equilibrando o teto abaulado. E o teto… o lindo teto pintado com querubins e nuvens desmorona em cima de mim.

Lutei uma batalha contra um monstro e venci.

Não vou perder para gesso.

Corro na direção da janela ao mesmo tempo em que explode, por sorte, para fora.

Antes que possa chegar na minha escotilha de fuga, algo resvala a parte de trás da minha cabeça.

Tropeço. Meus ouvidos zunem, e a língua sente gosto de chumbo.

Pressiono as mãos no chão que estremece.

Minha folha?

Onde está minha folha?

Rastejo, as mãos raspando pelos destroços. Antes que possa ver meu prêmio, algo pesado bate na base da minha coluna, me estatela. Tento me levantar, mas o mundo gira, e gira.

Silencioso e escuro.

Flocado com pontinhos de luz.

Estrelas.

Vejo estrelas.

E depois não vejo nada.

Eu desligo o telefone. Está tudo em ordem.

Bastian vai receber tudo o que tenho quando eu morrer quando a lua se pôr, o que de acordo com ele, é as 16:43.

Acontece, que não dou a mínima para morrer. Porque se passaram quase quatro dias, e Cadence ainda está em coma. Seu rosto está coberto por cortes e arranhões. Tem um hematoma em volta de um olho e um corte atravessando a sobrancelha direita.

Milagrosamente, nenhum osso quebrado. Mas inferno, eu imploraria por ossos quebrados no lugar dessa merda inconsciente. Uma bolsa de fluidos intravenosa está pendurada sobre ela, e incontáveis máquinas bipam, o padrão nunca muda. Ela está respirando, ainda assim, mal parece viva.

Pode não ter um hospital em Brume, mas a clínica chique da universidade mais do que compensa sua ausência. Os quartos são tão novos que brilham, e os banheiros… rivalizam o meu em Marselha. Se a universidade não tem dinheiro, o motivo é este lugar. Ah se tivessem alocado dez euros do dinheiro gasto decorando esse lugar para trocar o sabonete em bastão peludo do *toilettes hommes* do meu dormitório por dispensadores de sabonete líquido.

Duas horas e trinta e seis minutos.

Você merece morrer, Rainier me disse quando Cadence foi transportada para cá.

Não discordei. Não importa que tipo de merda bizarra ele tenha feito com meu dinheiro, não importa a facilidade com a qual me deixou com os tubarões no sistema, não importa a frequência com a qual mentiu, nada disso importa.

Eu coloquei o anel. *Eu* comecei tudo isso.

E aí *a única vez* que precisava estar ao lado de Cadence, eu a forcei a ficar sozinha. E ela acabou aqui.

Quando o departamento de bombeiros derrubou a porta do templo, saí como um cavalo de corrida dopado pulando de um portão de largada. Nos degraus do templo, um paramédico estava passando a luz de uma caneta lanterna nos olhos de Bastian e fazendo perguntas a ele. Estava consciente e respondendo corretamente.

Ainda assim, pedi para listar os lares temporários que tivemos. Depois que falou todos os nomes odiosos, corri pelo gramado na direção de tal destruição que meu coração não bateu uma vez no caminho.

A varanda do Belas Artes desapareceu, milhares de cacos de vidro brilhando como diamantes na neve enquanto bombeiros vasculhavam a área com lanternas. O próprio prédio havia desmoronado, agora parecia uma ruína romana com os pilares esmagados, partes irregulares de paredes calcário cinza, e arcos do teto obstinado.

Dois homens grunhiram ao levantar uma placa do telhado de ardósia.

— Encontramos alguma coisa! — um deles gritou.

Corri para onde estavam parados. Quando os alcancei, alcancei *ela*, minha respiração travou no pulmão. Por uma eternidade, olhei

para seu corpo imóvel. E depois algo em mim estourou e avancei. Antes que meus dedos pudessem roçar na sua bochecha ensanguentada, procurar seu pulso, Adrien e um dos bombeiros prenderam meus braços e me arrastaram para trás para deixar o paramédico trabalhar. Cuspi obscenidades para eles, urrei para ser solto.

— Slate, acalme-se. Cadence iria querer que se acalmasse.

— Me acalmar? Você está de sacanagem comigo? Como diabos deveria me acalmar, Prof?

— Encontrei um pulso — o homem ajoelhado ao lado dela exclamou.

Parei de lutar e engoli a bola pontuda presa na garganta.

— Ele deveria estar tocando nela? — Adrien perguntou.

Estava prestes e explodir quando compreendi o que queria dizer. Se ela estivesse segurando a peça, ele estaria amaldiçoado.

— Agora é tarde demais — murmurei.

Eles soltaram as pernas dela, depois trouxeram uma maca e estiraram seu corpo imóvel. Seu casaco vermelho estava branco com gesso triturado, as leggings escuras com sangue, e os dedos flácidos, sem nenhuma folha dourada.

— Ela poderia ter colocado nos bolsos? — Adrien perguntou.

Resvalei em ambos. Vazios.

Queria acompanhar os bombeiros para onde quer que estivessem levando Cadence, mas Adrien inclinou a cabeça para o monte de vidro, neve e pedra.

— Precisamos encontrar.

Passamos horas, Adrien e eu, de joelhos. Em algum momento, Bastian e Alma se juntaram a nós, apesar de ter rosnado para eles se afastarem, não o fizeram.

O sol estava nascendo quando finalmente desistimos, meu atestado de morte assinado e selado.

Mas, como disse, não importa.

Contanto que Cadence sobreviva…

Rainier se aproxima de mim agora, uma gentileza estranha na voz.

— Tem um acesso ao telhado neste prédio. Abre para as pedras lá embaixo.

Seus olhos azuis, tantos tons mais escuros que os da filha, vão para a janela abaulada com uma paisagem do lago gélido e coberto por névoa. É uma vista tão diferente do seu escritório. Talvez porque a clínica está no Quarto, e a mansão dele – mansão da *Cadence* – está no círculo mais baixo desta cidade.

— Se fosse você, subiria lá e pularia.

Inalo uma respiração entrecortada.

— O mundo vai se livrar de mim breve o bastante, de Morel.

Seus olhos lampejam.

— Ah, nunca é breve o bastante.

Ele não está errado.

Sua voz fica suave outra vez, tranquilizante.

— Faria isso agora, Roland, enquanto ainda está no controle. Porque mais tarde, quando o veneno estiver no seu organismo, e estiver se contorcendo de dor, vai desejar ter feito isso.

Faz sentido. Não tem nada pior do que perder o controle.

Subo as escadas, o bater das botas ecoando no concreto, e empurro para abrir a porta pesada do telhado. Neve rodopia no vento, redemoinhos de açúcar granulado aos meus pés. O ar açoita meu cabelo conforme atravesso o concreto congelado. Seguro a respiração até chegar na beirada.

A névoa desenrola como nuvens ao vento, dando um vislumbre das pedras afiadas na margem arenosa abaixo. Seria fácil dar um passo para fora. Significaria que eu decido como serão meus últimos momentos, não algum veneno cruel no meu sangue. Significaria nada mais de dor. Nada mais de nada.

Eu me inclino para frente.

Mas depois dou um passo para trás, covarde demais para tirar minha própria vida. Ou talvez seja um lutador demais. E sei que Bastian nunca vai me perdoar se não ficar até o último segundo.

Ossos frios como espinhos de gelo, volto para o lado de Cadence.

Rainier foi embora.

Eu me sento na cadeira de plástico transparente ao lado da cama, acidentalmente batendo o dedo com o anel contra o braço. Dor sobe pelo meu braço a partir do mais novo ferimento. O que Bastian me deu ontem.

O dia depois de Cadence… depois dela… perder a consciência, Bastian, junto com Adrien, Alma e Gaëlle se debruçaram sobre os documentos recuperados da biblioteca. O templo levou uma surra, mas ainda estava de pé, orgulhoso e sem cúpula no coração de Brume.

No dia seguinte, Bastian rastejou pelo relógio astronômico como um inseto, a procura de alguma coisa. Eu não sabia o que. Talvez um abridor de garrafas feito para tirar Pedras de Sangue de anéis. Não encontrou nada.

E ontem, veio até mim com um cortador de metal industrial que nem amassou o aro dourado. Em uma última tentativa desesperada, fechou o cortador no meu dedo. Vamos apenas dizer que parecia que os dentes afiados como agulha da *groac'h* tiveram filhos com o fogo tóxico do *guivre*. Sangue espirrou para todos os lados. Osso

triturou como bolachas secas. E depois, porque até a mais nojenta das bagunças precisava de uma cereja de bolo, Bastian vomitou. Com certeza classificado em um dos *5 Momentos Mais Estranhos da Vida Miserável de Slate Ardoin*.

Anticlimático, meu maldito dedo não foi decepado.

Ao invés disso, diante de nossos olhos chocados, minha pele e osso e curaram. O que deveria ter sido uma amputação selvagem se tornou nada além de um roxo feio.

O anel me amaldiçoou, me amaldiçoou de jeito.

Segurando a guarda de proteção da cama médica, estudo o lindo rosto de Cadence, tão imóvel, tão pálido. O rosto de um anjo. Estico o braço e envolvo meus dedos quentes nos seus gélidos.

— Volte — sussurro. — Por favor, princesa, volte.

As máquinas bipam no mesmo ritmo constante que fizeram desde que foi ligada a elas.

— Volte para mim, Cadence.

Suas pálpebras oscilam, mas permanecem fechadas. Fizeram muito isso, então não prendo a respiração.

Puxo o colarinho do suéter.

Preciso de ar.

Saio do quarto, quase trombo com Nolwenn.

Seu rosto está marcado com uma centena de rugas a mais do que a última vez que a vi.

Aceno para o quarto de Cadence.

— Ela… está na mesma.

Nolwenn assente.

— Foi você que vim ver, Marselha.

— Eu?

—Ela dá um passo mais perto e sussurra:

— É importante.

Suspiro e passo uma mão pelo cabelo.

— Tudo bem.

Não tem ninguém na sala de espera deste andar, apenas um punhado de poltronas vazias. Uma enfermeira estudante está trabalhando atrás do balcão, com fones de ouvido e balançando a cabeça. Olha para cima quando entramos na sala, mas Nolwenn a dispensa com um aceno. Vamos para o canto mais longe do balcão. Nolwenn senta-se, cruza as pernas, dá tapinhas no cabelo loiro fofo, e limpa a garganta. Ela me dá um sorriso rápido, e vejo que tem batom nos dentes.

Estou ponderando se conto para ela ou não, mas sou brutalmente interrompido por uma confissão que cola meus lábios fechados.

— Fui eu que te mandei para longe de Brume.

Não sei o que estava esperando que dissesse, mas não era isso.

Encontro a voz.

— Então, o mistério de como fui parar nos lares temporários finalmente está resolvido. — A ironia que encontro um desfecho minutos antes de estou fadado a morrer não se perde em mim. — Você sabe como aquela porra foi horrível?

Ela hesita como se a tivesse dado um tapa.

— Sinto muito, Marselha. Na época, pensamos que qualquer coisa seria melhor do que ficar aqui. Não fazíamos ideia do que você poderia passar. Sinto muito mesmo. — Entre o roxo manchando seus olhos e o vermelho que os cerca, parece que sente mesmo.

Uma faísca de raiva passa por mim, depois se acalma em indiferença fria. Não importa mais. Nenhuma porra importa mais.

Mesmo assim, pergunto:

— Por quê?

— Amandine me pediu.

Meu corpo todo parece oco.

— Amandine de Morel? Mãe da Cadence?

— Sim. — Coloca uma mão no cabelo capacete outra vez.

— Então Rainier sabia a porra do tempo todo onde eu estava…

Não é uma pergunta, mas deve pensar que é, porque balança a cabeça e responde:

— Não.

Seguro os joelhos e dor irradia da minha falange machucada.

— Eu não entendo.

Ela brinca com o fecho retangular da bolsa, abrindo e fechando.

— Você era um bebê. Mas também o único Roland vivo. Se tivesse ficado na cidade, Amandine estava convencida… — Seu olhar vaga por todos os centímetros do espaço deserto. — Estava convencida que ele tentaria reunir o Quatrefoil outra vez, não importava sua idade.

— Quem é *ele*?

Ergue uma sobrancelha desenhada.

— Você disse que *ele* teria tentando reunir o Quatrefoil outra vez. Quem é ele? — Quero ouvi-la dizer.

Ela solta o fecho dourado para fechar e abraça a bolsa contra o peito, o olhar vagando pela sala de espera vazia outra vez.

— Rainier — sussurra.

O nome ecoa como um tiro dentro do meu crânio latejante. Fecho os dedos em punhos, relaxo, fecho outra vez.

— Amandine te pediu para me esconder dele?

— Sim.

Fico feliz de ver que minha intuição ainda não me enganou.

— Por que me contar agora?

Ela olha a Pedra de Sangue.

— Vivi com esse segredo durante dezessete anos. E depois vivi com a culpa de ter perdido você. Não sei se os outros te contaram, mas meu filho foi amaldiçoado. Quando aconteceu, quando começou a agir… — Uma lágrima serpenteia pela sua bochecha, se perde em uma das rugas. — Ele consumiu todos os meus pensamentos. Todos meus minutos. Depois que o mandei embora, tentei localizá-lo, mas tinha desaparecido… sem deixar rastro. — A voz dela fica mais leve, o luto mais pesado. — Espero que possa me perdoar.

Não respondo, ocupado demais planejando como vou levar de Morel comigo quando eu for. Posso ser a escória, mas um homem temido pela própria esposa… não existem palavras para descrever esse tipo de pessoa. Eu me levanto e ando, de um lado para o outro, para frente e para trás.

Nolwenn funga, seguindo minha marcha frenética com os olhos brilhantes.

— Marselha?

— Sabia que não podia confiar nele.

— Nele? Foi tudo minha culpa.

— Você tentou me salvar. Me levar para longe *dele*.

— E falhei. — Inala profundamente, como se para acalmar a mágoa, mas mais lágrimas escorrem. Aperta os olhos fechados. — Você encontrou seu caminho de volta para casa.

— Não. Ele me encontrou.

Compreendo neste momento, que apesar de ter alegado me tirar das garras de Vincent, pode não ter tido nenhuma conexão com isso. Que quando emprestou meu dinheiro para aquela bruaca Marianne, poderia não saber que estava vivo. Não que essas coisas sejam significantes no momento.

Nolwenn segura minha manga, efetivamente me parando.

— Marselha, você não pode dizer para ele que sabe. Não pode dizer nada. Tenho netos.

Puta merda. Ela acha que ele poderia machucar as crianças?

— E ele tem uma filha que venera o chão em que pisa — acrescenta em uma voz baixa.

— Não pisa muito, se me perguntar. A não ser que esteja fingindo a deficiência.

— Não. É real. — Limpa uma bochecha, depois a outra. — Promete guardar meu segredo?

Aceitar derrota sem lutar vai contra todas as fibras do meu ser, mas tem tanto terror nos olhos castanhos de Nolwenn. E não quero ser a causa disso.

Esfrego as mãos no rosto e solto um suspiro pesado.

— Tudo bem. Mas depois que morrer, você tem que jurar que vai cuidar de Cadence como se fosse sua neta, Nolwenn.

— Juro pelo Quatrefoil que vou.

É algum tipo de piada doentia?

— Pelo Quatrefoil?

— Desculpa. É que… o dizer está arraigado em mim.

É bom que levar os atos vis de Rainier para o túmulo me mereça umas malditas asas de anjo.

~

Quando volto da minha caminhada meia hora antes da lua se pôr, o quarto de Cadence na clínica está lotado. Adrien está parado na janela, embaçando o vidro com a respiração lenta, encarando o cinza que escurece. Gaëlle se inclina contra a parede sob a tv pendurada, cabeça para trás, olhos fechados. Alma senta-se na cama, bochecha descansando no ombro de Cadence. Bastian

ocupa a cadeira fantasma Kartell no canto, tocando na tela do telefone.

Todos se viram quando entro, os rostos esculpidos em granito.

Desvio o olhar.

— Calculei errado, Slate. A lua nova acaba às 16:47.

Ihul. Tenho quatro minutos extras.

— Talvez isso nos dê tempo para…

— Para o quê, Bastian? — Não quero soar como um babaca.

Ele engole, o pomo de Adão balançando no pescoço.

— Talvez pudéssemos…

— Deixa pra lá. Só deixa pra lá, porra.

A porta se abre para dentro, e a médica entra. Ergue uma sobrancelha para a quantidade de pessoas no quarto, mas não pede para ninguém sair. Depois foca em mim e sorri.

— Ah. Está na hora de uma vacina antirrábica, Monsieur Ardoin. Estava preocupada que estava tentando me evitar.

Não tem jeito nenhum no mundo que vou tomar uma injeção antes de morrer. Nenhum. Jeito.

— Venho amanhã.

— Encontraram aquele cachorro? — Ela olha de mim para Adrien. — O… o que era mesmo?

— Um pastor alemão-pug — respondo apático. Nem me faz sorrir mais…

Adrien cruza os braços.

— Encontramos. E sacrificamos.

— Ótimo. — A médica balança a cabeça, a trança prateada pousando sobre o jaleco branco. — Estava para te ligar, Adrien. Sobre aquele filhote.

Adrien começa a se mover em um par de sapatos tão brilhantes que devem ser do seu guarda-roupa pós-*guivre*.

— Adoraria mesmo suas opiniões sobre raças, e…

— Doutora? — Eu a interrompo. — Pode nos dizer se tem alguma novidade com Cadence?

Suas bochechas se iluminam. Ela afasta Alma gentilmente do colchão, olha para as máquinas e rola por algumas informações em um tablet que tira do pé da cama. Aponta uma luz nos olhos de Cadence e toca em algo na tela do tablet.

— Por enquanto, nenhuma mudança. Mas, como disse há alguns dias, está respirando sozinha, não apresenta sinais de lesão cerebral, e nenhum sinal de infecção.

E também, nenhum sinal de vida.

— É uma garota forte. Vai sair dessa. — A médica coloca o tablet de volta no pé da cama. — Preciso ver como estão os outros pacientes, e depois vou para casa. Se algo notável acontecer, uma das enfermeiras vai me contatar imediatamente, e eu vou contatar vocês.

— Obrigado, Sylvie — Adrien diz baixo.

Ela sorri ao sair, e depois o quarto fica em silêncio exceto pelo *bipe-bipe-bipe* das máquinas.

Olho para o meu Daytona: 16:25. Vinte e cinco minutos até Slate Ardoin não existir mais.

— Podem me dar um pouco de privacidade com Cadence? — Estudo o saco plástico enrugado de soro, me recusando a olhar para qualquer um deles. Eu me recuso a ver pena em seus olhos.

Todos saem relutantes.

Eu me sento na cama de Cadence, enlaço nossos dedos, e digo pela centésima vez:

— Sinto muito.

Ela não responde.

Pouso o olhar no céu escurecendo, mas tudo o que vejo é meu reflexo no vidro. Estou pálido e tenso e pareço bem patético. Luto se acumulou em meus olhos e arrastou os cantos da minha boca para baixo.

Luto por perder Cadence. Por abandonar Bastian. Por deixar esta vida.

Isso que deu fazer minha própria sorte.

O peito de Cadence sobe e desce em silêncio. Constante.

— Sabe, princesa, me sentiria bem melhor sobre esta noite se você abrisse esses lindos olhos seus e me desse um beijo de despedida.

Suas pálpebras oscilam. Quero esperar que vão fazer mais do que isso, mas sei que milagres não acontecem.

Abro os lábios para falar outra vez quando seus dedos espasmam.

As palavras que estava prestes a proferir morrem na minha respiração acelerada.

Suas pálpebras tremem, depois se erguem, e vejo as joias mais preciosas – os olhos água-marinha de Cadence de Morel.

— Slate? — Sua voz está quebrada, rouca.

Meu coração expande tão de repente que acho que posso machucar as costelas. Meu último desejo se realizou. Não só está acordada, como se lembra de mim. Eu me inclino, passo os braços entre os fios e tubos e seguro o rosto dela nas mãos.

— Graças a Deus.

Ela ergue uma mão, roça os nós dos dedos na minha barba de uma semana.

Engulo a emoção que tomou conta da minha garganta.

— Como senti sua falta, Mademoiselle de Morel.

— Esperaria que sim. — Seu sorriso acende algo em mim. Algo que dói, porque está prestes a se extinguir.

Eu me inclino para frente e roço sua pele machucada e pálida com meus lábios – sua testa, bochechas, queixo, nariz – antes de terminar com um beijo suave em sua boca.

As máquinas bipam foram do ritmo como se ligadas no meu próprio pulso.

De repente, a porta do quarto se abre, e a enfermeira estudante corre para o lado da cama.

— Mademoiselle de Morel! — Quando vê que Cadence está acordada, seus olhos se arregalam com alívio. — Bem-vinda de volta. Como está se sentindo?

— Bem. — Cadence sorri para mim, e a imagem me tira o fôlego. — Mais do que bem.

A enfermeira reseta as máquinas.

— Deixe-me chamar a médica. Vai querer ver você.

Quando a porta se fecha, o sorriso de Cadence aumenta.

— Nós conseguimos. Derrotamos o Quatrefoil.

Engulo uma pontada afiada na garganta. Entro na onda, ou a corrijo? Não quero chateá-la.

Não tenho chance de decidir, porque seu olhar encontra a Pedra de Sangue, e seu rosto vai de pálido a branco como osso.

— Slate, por que ainda está usando o anel?

Limpo a garganta.

— Isso… Bom… Não importa. Tudo o que importa é que você está viva e seu cérebro está funcionando.

— Tire. Derrotamos o Quatrefoil. Tire.

— Cadence…

Ela senta-se, as respirações saindo cada vez mais rápidas, fazendo as máquinas enlouquecerem.

— Ares esfarelou. Peguei a folha. Eu a *peguei*.

— Cadence, está tudo bem…

— Consegui minha peça, Slate. Eu a ganhei!

As máquinas bipam de novo.

— Procuramos por ela. — Desvio o olhar, aliso uma dobra no lençol que cobre seu corpo.

A porta se abre outra vez.

— Pode nos dar um maldito minuto. — ralho.

A enfermeira congela no meio do caminho até a cama de Cadence.

— Eu só ia desligar as máquinas.

— Tudo bem. Desligue-as.

Ela o faz, depois afasta o equipamento até a parede.

— Se você está chateando a paciente, então vou ter que pedir que saia.

Os olhos de Cadence faíscam.

— Ele não está me chateando!

A enfermeira pisca antes de sair. Provavelmente vai ligar para Rainier. Filho da puta do Rainier, que vai ter uma vida inteira com Cadence quando tive um punhado de segundos. Minha língua coça para revelar tudo o que Nolwenn disse, mas penso nos gêmeos de Gaëlle, que ainda não conheci, no seu enteado, que conheci. Não vou trai-la ou eles, mas é bom que mantenha sua parte do acordo ou vou assombrar seu traseiro como Matthias assombrou a nora.

— Slate, quanto tempo faz que estou na clínica? Quanto tempo falta antes da lua nova?

Antes que possa responder que já se levantou e logo vai se pôr, a trupe inteira do Quatrefoil entra no quarto – Adrien, Gaëlle, Alma, Bastian.

— Alma! — Ela arranca o acesso do braço e sai da cama para dar um abraço de um braço só na amiga antes de voltar para o meu lado. — Estava com a folha antes… antes… — Coloca uma mão no cabelo bagunçado. — Precisamos encontrá-la. Ainda deve estar lá. — Vira o pescoço para a esquerda e para a direita, de certo procurando pelos sapatos. — Eu me lembro onde derrubei.

— Procuramos por todo lugar. — Adrien esfrega o queixo, com o olhar baixo.

— Não devem ter procurado por *todo lugar* — Cadence ralha.

Meus olhos vão para o relógio. Pela primeira vez, espero que os cálculos de Bastian estejam errados. Mas nunca estão.

Ele olha pra mim, os olhos vermelhos e inchados atrás dos óculos. Desde a nossa tentativa frustrada de remover meu dedo ontem, tem chorado e parado como um bebê.

— A lua se põe em oito minutos, Cadence.

— A lua se põe? Eu não… — Os olhos dela vão para a janela, para o céu monótono e escuro, depois para minha mão, e enfim para meu rosto. — Eu estava com a folha. Estava com ela. Isso não pode estar acontecendo.

— Princesa — começo.

Um soluço escapa dela. Beijo sua testa.

Oito minutos, porra.

Talvez sete agora.

Isso parece a noite em que nos conhecemos. Quando fizeram contagem regressiva dos segundos para o ano novo. Agora, estamos fazendo contagem regressiva dos minutos até a lua nova.

— Eu... — Limpo a garganta. — Preciso ir. — Limpo a garganta outra vez e depois me levanto.

Apesar de querer ir até Bastian, para que possa dar um último abraço e sermão encorajador, e depois até Cadence, para que

possa marcar sua boca com a minha, não me desvio da minha trajetória para fora.

Não quero que ninguém me veja sofrer.

Não quero que sua última memória de mim seja maculada por mim implorando por piedade.

Paro no portal. Sem me virar, profiro o nome de Bastian, seguido pelas palavras que disse a ele tantas vezes que provavelmente vai mandar gravar na minha lápide:

— Não faça nada que eu faria.

Merda. Vou ter uma lápide ou a data da morte de Rémy Roland será alterada para se encaixar na minha nova narrativa?

Saio do quarto, as botas batendo no linóleo. Quase atropelo a doutora quando dobro a esquina e me jogo na escadaria. Desço dois degraus de cada vez até estar no térreo, empurrando a porta corta fogo aberta e cambaleando para frente na escuridão branca.

Apertando os olhos fechados, cerro os dentes e espero para o queimar torturante que Rainier me garantiu que viria.

Neve cai nas minhas pálpebras fechadas. Uma coruja pia em uma árvore não tão distante. Um motor ronca.

— Slate? — A voz do de Morel ecoa na noite frígida.

— Veio me ver retorcer de dor, de Morel? — Eu me viro para onde está sentado como um maldito rei incapacitado na sua motoneve, acelerando, apesar do farol estar apagado.

Não quero mesmo que a última coisa que eu veja seja sua cara presunçosa, então me viro e fecho os olhos e espero a dor.

E espero.

E espero.

Ela não vem.

Abro um olho para ver se morri sem perceber.

A parede de pedra da clínica ainda está ali, uma mancha pálida contra a noite, e a pilha de bitucas de cigarro também está no cinzeiro cromado ao lado da porta, e o ronco da motoneve também.

É difícil acreditar, mas Bastian não deveria estar no seu melhor momento.

Ergo a mão para xingar a Pedra de Sangue amaldiçoada por arrastar o momento. A pedra rubi é um bordô opaco, a cor da garrafa de vinho que deixei para trás na cripta de Amandine.

Amandine, que tentou me salvar.

— Você estragou muitas coisas, Slate. — O motor ronca mais alto.

Engulo em seco, os dedos frios, adormecidos pelo medo e geada.

Molares rangendo, me volto para encarar Rainier. Quero empurrá-lo de sua motoneve, arrastar seu traseiro flácido até o telhado e o empurrar de lá. Mas penso na Cadence. Não posso fazer isso com ela.

— Ela acabou de acordar. Sua filha acabou de acordar.

Ele congela, o dedo soltando o acelerador. O motor ainda ronca, mas não é mais como se Rainier estivesse prestes a me atropelar com sua moto preta chique.

Os nós dos meus dedos parecem rijos. Estico os dedos para alongá-los e fazer o sangue correr, não importa quão sem sentido seja. O aro abaixa no meu dedo, depois a pedra pesada o arrasta para baixo.

Pela articulação.

Pela unha.

E para a neve.

EPÍLOGO: CADENCE_

— Slate! — grito conforme empurro a porta da clínica para abrir. — Slate!

Meus olhos precisam de um segundo para se ajustarem a escuridão, para ver seu corpo largo, seus ombros curvados, o pescoço abaulado, o rosto abaixado. Perto dele está Papa na sua motoneve.

— Slate! — Pulo na neve, descalça, meu fino pijama de hospital esvoaçando. Seis passos rápidos, e os alcanço. — Como ousa sair daquele jeito! — Empurro seu ombro. — Como ousa, Slate Ardoin.

Não quero chorar, mas lágrimas escorrem por minhas bochechas. Estou prestes a perder um garoto por quem me importo tanto que não posso imaginá-lo não existindo. Não sendo parte da minha vida.

Suas mãos limpam minhas bochechas molhadas.

— Cadence… — Sua voz é suave. O tom de alguém prestes a se desculpar. A dizer adeus.

— Vamos encontrar um jeito, Slate. Vou encontrar um jeito de te salvar — coaxo. — Certo, Papa? Vamos encontrar um jeito.

Meu pai permanece tão mudo e imóvel quanto a estátua da minha mãe antes do Quatrefoil animá-la.

— Cadence… — Slate limpa minhas lágrimas outra vez antes de pousar as mãos de cada lado do meu rosto e me puxar tão perto que nossos narizes trombam.

— Você disse que temos que fazer nossa própria sorte. Sair correndo para morrer sozinho – bom, com Papa – não é fazer sua própria sorte. É desistir. Não vou deixar que desista. Vou…

— Cadence — fala meu nome com mais força.

Fungo.

— O quê?

— O anel saiu.

Pisco.

— O quê?

— O anel saiu.

Puxo a cabeça para trás.

— O quê?

— O anel saiu.

— Ouvi da primeira vez.

— Então por que fica repetindo *o quê*?

Quero bater nele por ser tão maliciosamente insolente. Quero beijá-lo por ser tão maliciosamente lindo, dentro e fora.

— *Como* o anel saiu?

— Abaixei a mão assim. — Dobra o pulso até os dedos estarem apontando para a neve. — E *voilà*.

Os batimentos do meu coração se acalmam, depois trovejam quando vejo uma mancha escura na expansão branca pisoteada. Não me abaixo para pegar. Não ouso tocá-lo.

Volto o olhar para Slate, roçando cada centímetro do seu rosto com a ponta dos dedos.

— Alguma coisa dói?

— Pela primeira vez, porra nenhuma.

— Papa! Ouviu isso? O anel saiu. — Novas lágrimas surgem em meus olhos. — Isso significa que ele não vai ser envenenado? Significa que vai viver?

Slate fuzila meu pai com um olhar cerrado que meu pai reciproca. Preciso fazer os dois gostarem um do outro. Ou pelo menos se aturarem.

Chamam meu nome. O de Slate também. E aí os outros estão nos cercando. Quando veem o dedo nu de Slate, as bocas se abrem.

— *Como*? — Gaëlle toca a base do pescoço como se procurando o conforto do seu cachecol. — Como tirou?

— Ele só escorregou — Slate explica.

— Sem te matar… — Bastian se maravilha, os olhos tão vermelhos e inchados que quase tocam as lentes dos óculos.

Adrien encara o anel amaldiçoado manchando a neve.

— Acha que saiu porque travamos as folhas nos berços, Rainier?

As mãos de Papa deslizam do guidão da motoneve e pousam em seu colo.

— Ora, sim. — Sua testa alisa. — *Esse* deve ser o motivo. — Seu alívio é tão forte que é palpável.

Sorrio para ele, depois para Slate, que está observando Papa outra vez.

— Você vai viver. — Puxo o rosto de Slate para baixo. — Você vai viver!

Seus olhos focam nos meus, e a inclinação deles aumenta.

— Ouviu isso, de Morel? Vou viver.

— Ouvi.

Adrien solta um suspiro ríspido.

— Precisamos pegar o anel antes que outra pessoa o pegue.

— Não vai aderir ao dedo de ninguém além do nosso. E nenhum de nós vai colocá-lo, né? — Gaëlle dá um olhar afiado para Slate.

Ele ergue as mãos no ar.

— Não, porra.

— Ainda assim não podemos deixar aqui. — Adrien se inclina e o tira da neve. Depois de colocá-lo no bolso, esfrega as mãos na calça como que para livrar os dedos de alguma magia residual sórdida.

Pressiono os lábios contra os de Slate antes de sussurrar:

— Você está vivo. — Porque ainda mal posso acreditar.

— Estou. E quer saber? Acho que vou ficar por aqui. — Ele me ergue tão de repente que solto um gritinho agudo.

Ou talvez é Alma que solta. Está sorrindo de orelha a orelha enquanto Bastian chora. O pobre rapaz deve estar em choque.

Engancho um braço no pescoço de Slate conforme me leva de volta para clínica.

— Apesar de gostar da roupa, princesa, é muito inapropriada para o inverno de Brume.

Minhas bochechas molhadas doem de tanto sorrir.

— Você vai mesmo ficar?

Ele se inclina até a nuvem branca como leite do seu hálito aquecer meus lábios.

— Vou mesmo.

AGRADECIMENTOS_

Katie:

Tenho muita sorte de ter algumas das amigas escritoras mais incríveis no planeta – as melhores parceiras de crítica, as melhores amigas literárias, as melhores amigas em geral. Quero agradecer todas vocês, por se importarem o bastante para serem honestas mesmo quando doía e por nunca me deixarem desistir.

Mas no que diz respeito a *Sangue Cruel*, a pessoa que mais quero agradecer é minha coautora, Olivia: Obrigada por ter fé em mim e minha escrita. Obrigada pela paciência e compreensão quando atrasei as coisas. Obrigada por sempre trazer entusiasmo para este projeto, mesmo nos momentos mais confusos. Obrigada por nunca me fazer sentir que não estava apta ao trabalho. Obrigada por fazer escrever parecer como uma aventura outra vez. Foi maluca, confusa e louca. Mas muito divertida. Estou honrada por ter meu nome ao lado do seu neste livro. Estou muito pronta para fazer de novo!

Olivia:

Eu amo chegar nesta parte em um livro, porque significa que consegui algo que me dispus a fazer: completar um novo livro.

Apesar de ter muitas pessoas para agradecer por me ajudar a terminar o trabalho, como nossa editora fabulosa, Krystal, que é implicante até o milionésimo grau – te amamos por isso, prometo – e nossa talentosa capista Monika – outra capa maravilhosa, tem uma pessoa que merece minha eterna gratidão, e é ninguém menos que minha coautora extraordinária e amiga, Katie.

Obrigada por me aturar e minha ECO (edição compulsiva obsessiva)

Obrigada por escrever cenas que me fizeram rir tanto que a tela do meu computador embaçou.

Obrigada por nossas intermináveis, e quero mesmo dizer intermináveis, sessões de *brainstorming* que levaram a todas as reviravoltas que você leitor, pode não ter antecipado, porque nós, autoras, com certeza não o fizemos.

Esse foi um projeto superdivertido, e o primeiro de muitos juntas.

Caro leitor, obrigada por nos acompanhar com nossa trupe do Quatrefoil. Espero que tenham gostado das aventuras deles tanto quanto nós.

SOBRE AS AUTORAS_

OLIVIA WILDENSTEIN

Olivia cresceu em Nova York e se formou em literatura pela Brown University. Depois de criar joias durante alguns anos, Wildenstein trocou as ferramentas pela vida de escritora, o que fez mais sentido dado seu diploma.

KATIE HAYOZ

Katie cresceu em Racine, WI, onde desenvolveu um irreversível sotaque nasalado e um vício por livros com um toque mais obscuro. Apesar de ter uma queda pelo paranormal, ela devora uma variedade de livros, junto com pipoca e balas de alcaçuz. Consome os três em grandes quantidades. Por sorte, os livros não se acumulam nos seus quadris.

OUTRAS OBRAS EM PORTUGUÊS_

OLIVIA WILDENSTEIN

Série Anjos de Elysium

Pluma

Celestial

Estrela

CONTENTS

Untitled
Glossário

1. Slate
2. Cadence
3. Slate
4. Cadence
5. Slate
6. Cadence
7. Slate
8. Cadence
9. Slate
10. Cadence
11. Slate
12. Cadence
13. Slate
14. Cadence
15. Slate
16. Cadence
17. Slate
18. Cadence
19. Slate
20. Cadence
21. Slate
22. Cadence
23. Slate
24. Cadence
25. Slate

26. Cadence
27. Slate
28. Cadence
29. Slate
30. Cadence
31. Slate
32. Cadence
33. Slate
34. Cadence
35. Slate
36. Cadence
37. Slate
38. Cadence
39. Slate
40. Cadence
41. Slate
42. Cadence
43. Slate
44. Cadence
45. Slate
46. Cadence
47. Slate
48. Cadence
49. Slate
50. Cadence
51. Slate
52. Cadence
53. Slate
54. Cadence
55. Slate
56. Cadence
57. Slate

Epílogo: Cadence

Agradecimentos
Sobre as autoras
Outras obras em português